



Zeca Machado

A CHAVE
DOS MUNDOS

Zhoarrsstriss e Ürrmhiorr





A Chave dos Mundos

Zhoarrsstriss e Ürrmhiorr

Livro 4

Zeca Machado

A Chave dos Mundos
Zhoarrsstriss e Ürrmhiorr

Livro 4



Créditos

Ilustração de Capa:

Rodrigo J. Ramos

Ilustrações Internas:

Zeca Machado

Prejeto Gráfico:

Zeca Machado

Diagramação e Arte Finalização:

Zeca Machado

Revisão:

Carine Ribeiro

2ª edição - 2018

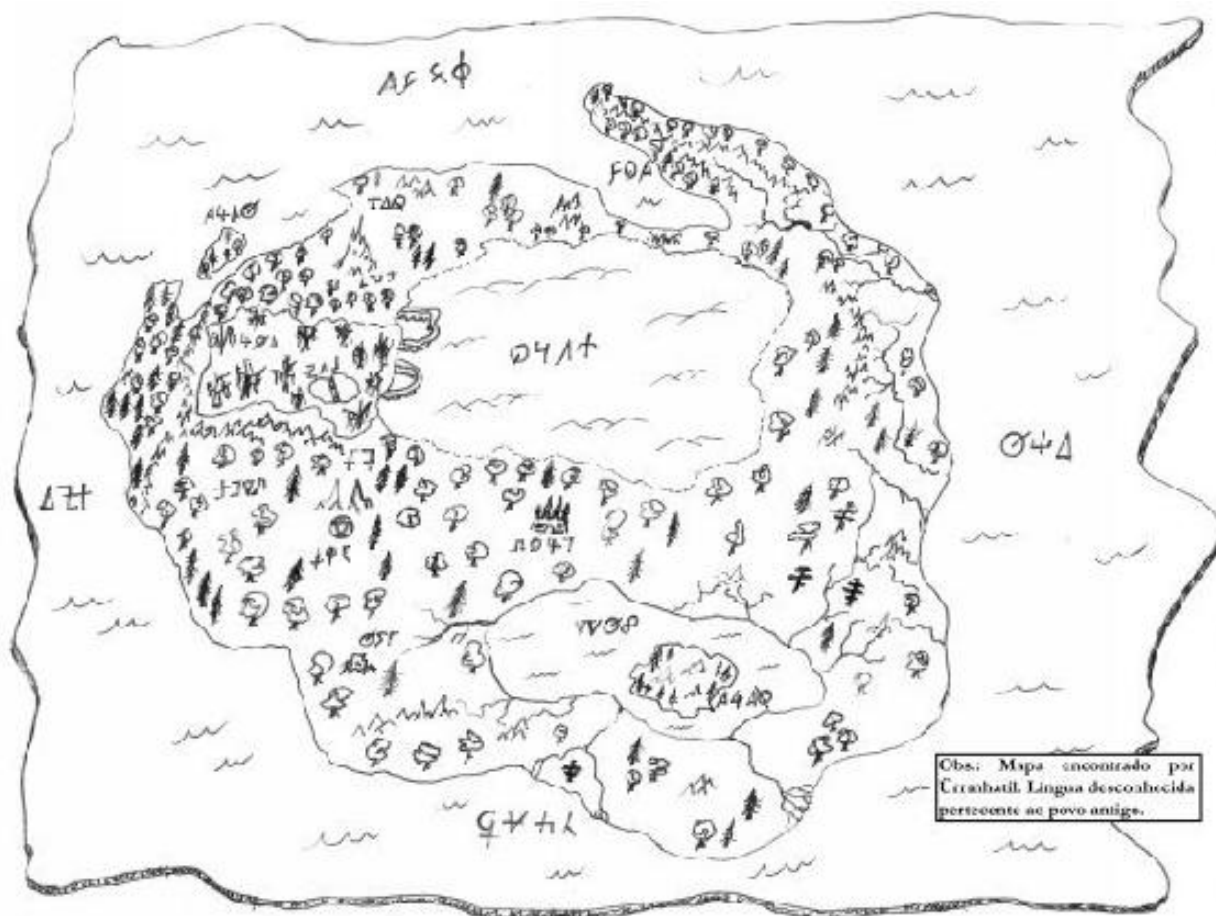
Machado, Zeca, 1966 -
M149c A Chave dos Mundos - Zhoarrsstriiss e Ürmhiorr/ José Carlos
de Sousa Machado - Belo Horizonte, Chave dos Mundos Editora,
2017, 272p (Hexalogia Fantástica; vol 04) 14 X 21 cm
ISBN: 978-85-911763-3-5
1.Literatura Brasileira-Ficção. 2-Literatura Fantástica.
I.Título
CDD-898.3
CDU-821.134.3(81)

É terminantemente proibida a reprodução integral ou parcial desta obra sem a autorização por escrito dos representantes legais, pois fere à Lei de Direitos Autorais.

Todos os direitos desta edição reservados à:

Chave dos Mundos - Editora
Rua Matias Barbosa, nº 90 / 104
Floresta - Belo Horizonte - MG
CEP: 31015-160

Aos escritores que compartilham comigo da aventura de
explorar os caminhos da imaginação e mostrar essa
aventura a todos aqueles que se permitem viajar
nas páginas de um livro.



Narhen, Ishiá e seus companheiros emergiram ao lado de uma parede rochosa, em uma clareira cercada por árvores.

Eles se viraram para o local de onde surgiram a tempo de ver o portal terminar de se fechar. Não havia nenhum vestígio de que ali algum dia existiu uma passagem.

A temperatura era bastante agradável e fresca, havendo muita umidade no ar, completamente diferente daquela deixada no mundo dos dragões, e uma neblina envolvia as árvores do tronco à copa.

– Será o alvorecer ou o entardecer se aproximando? – perguntou Mhirfun.

– Ainda não sei dizer. – respondeu Galler.

Olharam em todas as direções e se viram cercados por uma parede de rocha e grossas árvores, que impediam de enxergar muito além.

– Para onde devemos seguir? – Narhen perguntou para si mesma em voz alta.

– Que tal para cima? – disse Grendhel – Talvez seja possível determinar uma maneira mais fácil de sairmos dessa floresta.

– Zarthrus! – chamou Ishiá. – O que o está preocupando, pequenino?

– O que? Desculpe-me. Estava observando essa floresta. Há alguma coisa muito familiar aqui, e não sei dizer o que é. Não me recordo de nenhuma dessas árvores. Apenas posso garantir que são muito, mas muito velhas.

– Que tal nossa amiga águia fazer um voo de reconhecimento? – perguntou Narhen.

– Não seria arriscado? Não sabemos se existe algum perigo no ar. – respondeu Ishiá.

– Não creio que existam outros dragões por aqui, mas pensando bem, talvez seja prudente aguardarmos um pouco mais.

Enquanto conversavam, Grendhel e Galler se aproximaram da parede rochosa e juntos começaram a escalar.

Sem muita dificuldade, chegaram ao topo da pequena elevação.

Não demorou muito e o lobo surgiu logo atrás, acompanhado por Mhirfun.

– Como chegou até aqui? – perguntou Grendhel.

– Acompanhei o lobo pela borda da rocha e encontramos uma trilha que nos trouxe até aqui.

– Não devemos ser tão precipitados da próxima vez. – disse Galler sorrindo.

– Não querem subir? Temos uma grande vista daqui de cima. – disse Grendhel.

– Basta seguir pela lateral da rocha e encontrarão uma trilha. – completou o anão.

Com poucas batidas de asas, a águia estava pousada junto a eles, enquanto o restante seguiu o conselho de Mhirfun.

– Que visão magnífica! – disse Ishiá – Lembra-me o amanhecer de Farthorn.

– Realmente é um amanhecer. – disse Galler – Vejam aqueles pássaros. Estão despertando para o dia.

De todos os lados, podiam ouvir a variada melodia das aves.

Revoadas de pequenas aves surgiam em diversos pontos da mata e, em poucos instantes, uma imensa nuvem de seres alados faziam manobras pelo céu.

– Pelo visto, teremos de atravessar por entre as árvores. – disse Mhirfun – Não encontrei nenhuma trilha mais fácil.

– Está enganado. Olhe! – falou Galler – Existe uma estreita faixa onde as árvores são mais esparsas.

Mhirfun forçou os olhos na direção indicada pelo elfo.

– Somente a visão de um elfo poderia encontrar esse caminho. – concluiu ele.

– Narhen, precisamos unir nossas mentes e determinar a direção que devemos seguir.

Narhen concordou com a cabeça e, juntas, se sentaram de frente uma para a outra.

Em suas formas astrais, se encontraram com o ser prateado e lhe perguntaram qual o caminho deveriam seguir até o item que buscavam. O Dragão voou acima das árvores e, em seguida, ao longo de um campo florido que se uniu a um vale entre duas montanhas gêmeas. Então o ser prateado voltou sua cabeça para o céu, onde observou uma diferente formação de estrelas.

Três pequenas estrelas formavam um triângulo com os três lados iguais, com uma das arestas voltada para baixo. Acima das duas estrelas da parte de cima, havia outras duas mais distantes, que, ligadas à estrela da aresta de baixo, formavam um triângulo ainda maior ao redor do outro. Abaixo e ainda mais distante que a distância entre as estrelas superiores, havia outra bem mais brilhante, que se posicionava entre os topos das duas montanhas.

Nesse ponto, a visão se desfez e as duas retornaram.

– Devemos atravessar essa floresta e seguir para um vale entre duas montanhas gêmeas. – declarou Narhen.

– Devemos nos guiar por um agrupamento de estrelas. – concluiu Ishiá.

Levantaram e desceram pela trilha em direção ao caminho que Galler lhes mostrara.

– Estranho. – disse Zarthrus – Não tinha percebido nenhuma passagem entre as árvores quando subi pela trilha. Mas vejam: existe uma trilha relativamente larga para todos nós.

– Também não tinha visto antes. – disse Mhirfun.

– Bem, mas agora que a descobrimos, já temos como sair dessa floresta. – concluiu Narhen.

Caminharam sem problemas. A trilha parecia ter sido feita por alguém.

Enquanto seguiam, Galler percebeu algo curioso:

– Narhen. Olhe!

– O que foi, Galler? O que encontrou?

– Veja. Essa terra é fresca. Foi revolvida faz muito pouco tempo.

– Tem certeza? Não vimos nem ouvimos nada que fosse capaz disso.

– Talvez você tenha razão e eu tenha me enganado. Se algo ocorresse eu saberia.

Os dois alcançaram o restante do grupo, mas não comentaram sobre a suspeita de Galler. Não havia nada que a provasse.

Depois de várias horas de caminhada, quando o sol estava no seu ápice, chegaram às margens de um córrego em uma pequena clareira, onde decidiram que era hora de descansar.

A mata era antiga e úmida.

– Enquanto descansam, vou dar uma volta. – disse Zarthrus.

– Não creio que seja uma boa ideia. – disse Grendhel – Não sabemos nada sobre esse mundo.

– Sei de sua preocupação, mas fique tranquilo. Sinto que essa floresta não nos quer mal. Além disso, tenho a sensação de que estou de volta para casa. Sei que é estranho, pois nunca estive aqui. Não conte para ninguém. Irei rápido e voltarei depressa, antes que sintam minha falta.

– Não, Zarth...

Antes que Grendhel completasse a frase, o gnomo já havia desaparecido.

Todos comeram e se ajeitaram para um breve descanso, afinal, desde que saíram do mundo dos dragões ainda não haviam parado.

O lugar era muito tranquilo e, depois de algumas horas, estavam refeitos e prontos para continuar.

– Essa mata, juntamente com a melodia dos pássaros, nos convida a dormir. – disse Ishiá.

– Tem razão, mas precisamos continuar. – disse Narhen – O sol nesse mundo não corre tão lento quanto no mundo dos dragões. Assemelha-se mais ao nosso mundo. O que, para mim, parece que está passando rápido demais.

– Isso porque nos acostumamos aos dias do mundo dos dragões. Levará algum tempo até nos acostumarmos novamente. – falou Galler.

– Sei que tem razão, mas devemos deixar de conversa e seguir em frente. Ainda temos muito que caminhar.

– Não podemos ainda. – disse Grendhel.

– Por quê? – perguntou Ishiá.

– Zarthrus não está conosco. – respondeu ele.

– Ele saiu sozinho? Por que não o impediu? – perguntou Narhen com irritação em sua voz.

– Eu tentei persuadi-lo a ficar, mas...

– Por que não nos chamou? Sabe que não devemos nos arriscar sozinhos. – continuou Narhen.

– Eu tentei, mas quando dei por mim ele já tinha desaparecido.

– Você tinha de ter nos avisado.

– Calma, Narhen. – disse Ishiá – Grendhel não tem culpa.

– Ele não podia ter nos avisado somente agora. Zarthrus pode estar em perigo e não temos a menor ideia de onde esteja.

– Narhen – disse Galler – sua irmã tem razão. Todos estamos preocupados com Zarthrus, mas não existe alguém melhor do que ele para percorrer entre as árvores.

– Mesmo assim, Grendhel tinha de nos ter avisado.

– Você conhece o gnomo. – disse Grendhel, zangado – Sabe muito bem que quando põe algo na cabeça, ninguém mais consegue tirar.

– Precisamos ir atrás dele. – falou Narhen.

– Narhen – disse Galler – Tenha calma. Não podemos nos afastar daqui, ele pode retornar. Além disso, nem mesmo o lobo seria capaz de encontrar sua pista. Devemos esperar.

– Se está tão preocupada – falou Grendhel, muito irritado –, sobre o seu pingente. Quem sabe ele escuta e vem depressa.

– Tenha calma, Grendhel. – falou Ishiá – Narhen está nervosa e preocupada com Zarthrus.

– Todos nós estamos, e nem por isso estamos nos ofendendo. – respondeu ele, antes de sair em direção ao limite da clareira.

– Que história é essa de pingente? – Galler perguntou assim que viu a jovem levar a mão ao pingente de madeira pendurado em seu pescoço.

– Nada. Não é nada.

– Creio que estamos todos no mesmo barco. Penso que não devemos ter segredos entre nós.

– É que Zarthrus me pediu para nunca revelar.

– Se é assim, como Grendhel sabe?

– Está bem. Vou contar-lhes, mas, quando retornarmos ao nosso mundo, devem jurar nunca revelar isso a ninguém.

– Tem nossa palavra. – disseram.

– Quando conheci Zarthrus, ele estava preso em uma gaiola de ferro, longe do chão. Depois que eu e meu pai o soltamos, nos tornamos amigos. Durante nossas viagens, ele me deu esse pingente e disse que se algum dia estivesse em um grande apuro, que deveria soprar o pingente que ele viria de imediato me ajudar. Mas eu somente deveria soprá-lo se realmente fosse algo grave. Depois que eu, meu pai e Grendhel atravessamos a ponte de pedra que ligava Zarhok a Farthorn, eu fui ferida por um dos pelos das aranhas gigantes e estive à beira da morte. Em meus devaneios, tentei pedir ajuda a Zarthrus, mas não tive forças. Grendhel percebeu o que eu queria e soprou o pingente por mim, sem saber o que iria acontecer. Zarthrus surgiu e me salvou. Foi dessa forma que Grendhel tomou conhecimento sobre o pingente. Ele prometeu que não contaria a ninguém até agora.

– Mestra Narhen, não se irrite com mestre Grendhel. Tenho certeza de que está tão preocupado quanto qualquer um de nós.

Narhen respirou fundo e se acalmou.

– Vocês têm razão. Fui muito dura com ele.

Ela se levantou de onde estava para caminhar até o amigo zangado, mas no momento que se ergueu, viu um vulto se afastar por entre as árvores.

– Zarthrus, é você?

Nada. Nenhuma resposta.

– O que foi que viu? – perguntou Galler.

– Não sei dizer. Pareceu-me um vulto de um ser pequeno como Zarthrus, mas talvez tenha sido apenas meus olhos me pregando uma peça.

Narhen voltou a caminhar, se afastando de Galler.

Grendhel estava sentado de costas para o grupo a cerca de cinquenta metros e ela já havia percorrido a metade do caminho quando surgiram de todos os lados seres tão pequenos quanto o gnomo, que os cercaram.

Eles estavam armados com armas estranhas e não pareciam nada amigáveis.

Narhen instintivamente levou a mão ao cabo de sua espada, mas antes que conseguisse tocá-lo, dois dos pequenos seres surgiram à sua frente, rápidos como raios.

– Está bem. Não tocarei na espada.

Grendhel foi cercado ainda sentado e assim permaneceu.

O lobo ameaçou correr em direção à Narhen, mas um dos seres disparou sua arma, atingindo-o na lateral do corpo.

O animal deu dois passos e tombou.

– NÃO! – gritou Narhen, virando-se ao ouvir o amigo resmungar e cair.

Nem bem viu o amigo deitado, sentiu algo gelado atingir suas costas e cobrir imediatamente seu corpo.

Sua mente se enevoou e instintivamente tentou pegar o pingente, mas seu braço não respondeu. Suas pernas perderam o apoio ao mesmo tempo em que sua visão se escureceu e ela mergulhou no mundo das trevas.

Lentamente sua audição começou a captar alguns sons distantes e desconexos.

Por mais que tentasse, não conseguia mexer nenhum músculo em seu corpo.

Então, com muito esforço, conseguiu entreabrir os olhos, mas viu apenas borrões.

Gradativamente sua visão voltou e, junto a ela, conseguiu decifrar os sons à sua volta.

– Narhen! Você está bem? Acorde.

Alguém a estava chamando.

– Vamos, Narhen. Abra os olhos.

Era Galler que a chamava.

– O que... Onde...

– Tenha calma. Respire lenta e profundamente que o efeito da droga se dispersará mais depressa.

Ela fez como o elfo pedira, e pouco a pouco foi conseguindo maior controle sobre si mesma.

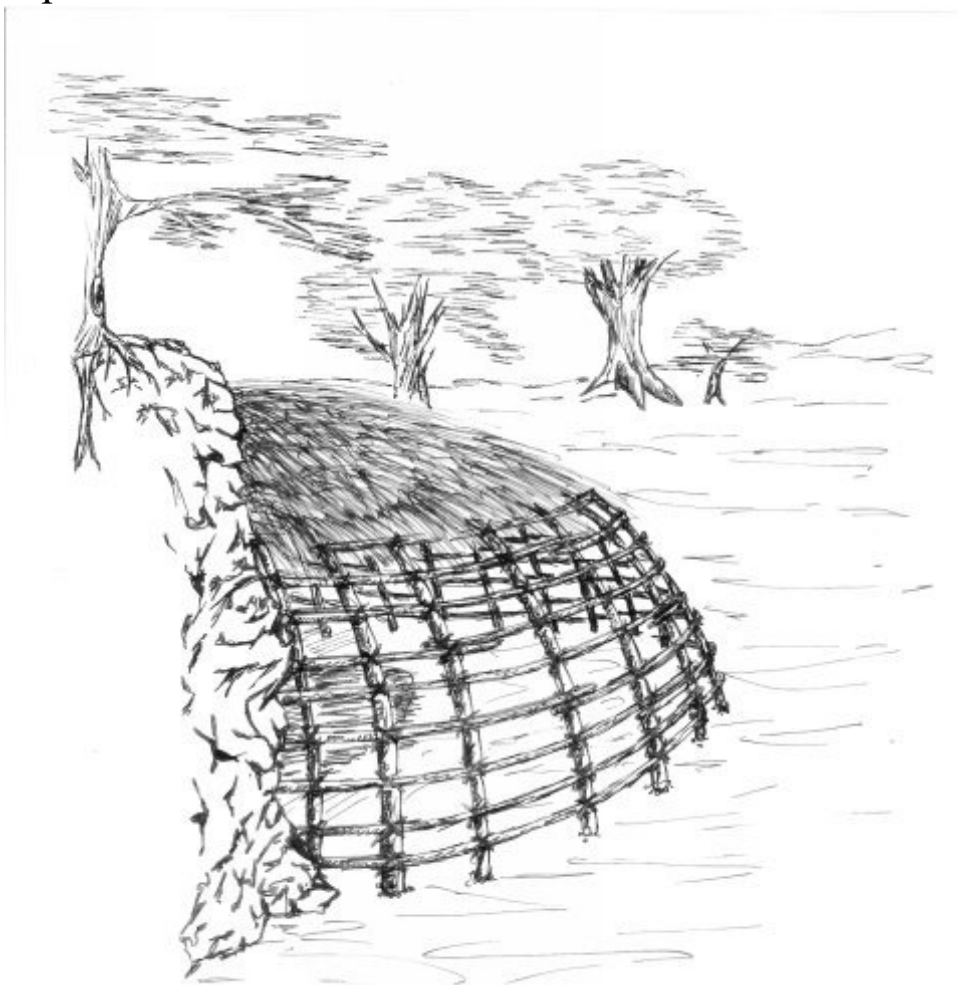
– Onde estamos? Como estão os outros? O lobo?

– Tenha calma. Estão bem. Estão retornando do sono da mesma forma que você. O lobo tentou protegê-la e foi o primeiro a ser atingido. Eles pensaram que ele iria atacar e o imobilizaram. Quando você gritou e se virou para ajudá-lo, tiveram a mesma impressão, e também a colocaram desacordada. O mesmo ocorreu com Grendhel e Mhirfun. E, pelo que pude perceber, antes que qualquer um de nós fizesse qualquer tentativa em se defender, resolveram colocar todos nós para dormir. Depois nos transportaram para outro lugar. Não sei onde estamos. Mas com certeza não estamos mais na floresta.

– E Zarthrus? Também foi capturado?

– Ele não está conosco. Ou está prisioneiro em outro ponto ou ainda não foi descoberto. De qualquer forma, não tenho notícias dele. Também a águia não está aqui.

- O que será que aconteceu com nossos amigos?
- Não creio que tenham lhes acontecido algo de mau. Devemos aguardar com paciência. Talvez eles possam até nos ajudar a sair dessa situação.
- Assim espero.



Eles estavam presos em uma grande tenda de madeira, semelhante a uma grande gaiola, onde não se localizava a porta. No centro, uma única coluna ajudava na sustentação da abóbada. Na parte superior da armação havia uma cobertura de folhas trançadas que os protegia das intempéries. A parte lateral da grande barraca era aberta e vários homenzinhos armados a cercavam e observavam constantemente toda a movimentação em seu interior. Eles vestiam uma espécie de armadura de batalha com adornos nas costas.

- Onde estão nossas armas e pertences? – perguntou Narhen.
- Eles devem tê-los apreendido.

Galler e Narhen passaram então à tarefa de auxiliar aos outros a acordar.

Quando todos já estavam despertos, perceberam uma agitação do lado de fora.

Uma comitiva seguia abrindo caminho entre os guerreiros armados. Suas vestimentas eram mais vistosas que as dos outros. Parecia que o comandante finalmente viria ter com seus prisioneiros. Quando ele parou finalmente do lado de

fora do cercado, também trajava uma armadura. Assim que retirou seu elmo de batalha, perceberam que se tratava de uma pequena mulher.

Na verdade, todos os guerreiros eram pequenas mulheres.

Ela pronunciou algumas palavras estranhas. Como não houve resposta, ela as repetiu. O Grupo se olhou sem entender nada. Então pronunciou o que parecia ser palavras em vários idiomas diferentes, mas que, mesmo assim, eram incompreensíveis para eles.

Nitidamente zangada, virou-se e se afastou cercada por suas guerreiras. Pouco depois, outras seis se aproximaram trazendo bandejas com comida e uma jarra em cada uma delas.

Elas as colocaram no chão através das aberturas e se afastaram.

– Bem, ao menos nos trouxeram comida. – disse Grendhel.

– Será que devemos comer? – perguntou Ishiá.

– Ou é isso ou morremos de fome. – constatou Galler – Levaram todos os nossos pertences, inclusive a comida.

Sem pedir permissão, o lobo aproximou-se de uma das bandejas e a cheirou, em seguida abocanhou parte do conteúdo e comeu.

– Bem, se não temos outra escolha... – disse Grendhel aproximando-se de outra bandeja.

Todos os outros fizeram o mesmo.

– Essa comida é muito saborosa. – disse Ishiá.

– Ishiá – perguntou Narhen –, tem notícia da águia?

– Ela está bem e livre. Está pousada em uma árvore próxima.

– A mantenha escondida até que precisemos de sua ajuda.

Cada um comeu o conteúdo de sua bandeja e bebeu um líquido cremoso com perfume de flores e frutas, mas que no final deixou um sabor estranho na boca.

– Esse sabor no final me traz alguma lembrança, mas não sei o que é. – disse Narhen divagando.

– Gostaria de saber o que aconteceu com o gnomo. – lamentou Mhirfun.

– Todos nós, meu amigo. – disse Grendhel – Mas ninguém mais que eu.

– Não se culpe, mestre Grendhel. Quando o mestre Zarthrus coloca algo na cabeça, ninguém consegue remover. Lembra-se de quando chegamos à borda da floresta no mundo dos dragões? Estávamos de sentinela quando ele ouviu o Izmhur se aproximando no meio da mata e não pude fazer nada para impedi-lo de ir sozinho.

– Eu bem sei como aquele gnomo é cabeça-dura.

– Vejam! – apontou Narhen – O que pensei que fossem adornos nas costas, na verdade são asas.

Todos olharam a tempo de ver algumas guerreiras chegarem voando, trazendo consigo outras feridas.

– O que será que está acontecendo? – disse ela, perguntando a si mesma.

– Deve estar ocorrendo uma batalha. – respondeu Galler – Viemos cair bem no meio dela.

Passado mais algum tempo, a comandante daquele regimento retornou com seu séquito de guarda-costas.

Como da vez anterior, ela pronunciou algumas palavras:

– Quem são vocês? O que querem invadindo nossas florestas? Qual a intenção de Ürrmhatil ao mandá-los nos espionar? Será que ele pensa que poderia nos iludir?

Todos se olharam e perceberam a gravidade dos acontecimentos.

– **R**espondam! Ou preferem ser condenados sem sequer dizer uma palavra?

– Desculpe-nos! – disse Ishiá. Mas não sabemos do que está falando e não conhecemos esse Ürrmhatil de quem fala.

– Não pensem que essas simples palavras podem me enganar. Digam de uma vez qual a intenção que tinham ao invadir nossas florestas.

– O que dizemos é a pura verdade. – disse Galler.

As guerreiras que acompanhavam a líder viraram suas estranhas armas para o elfo, mas foram impedidas por um gesto de sua superiora.

– Silêncio. A pergunta não foi dirigida a nenhum dos serviçais. – disse a guerreira que estava ao lado direito da comandante – Não se atrevam a pronunciar outra palavra sem permissão.

– Então, o que mais dirão para tentar me ludibriar? – disse a líder.

– Meu nome é Narhen. Nunca ouvimos falar sobre Ürrmhatil. E eles não são nossos serviçais, e sim nossos companheiros e amigos.

Houve um burburinho entre as guerreiras ao ouvirem aquelas declarações.

– SILÊNCIO! – ordenou a líder – Que absurdo é esse? Como podem dizer que esses inferiores são seus amigos e ainda mais companheiros?

– Não somos desse mundo! – continuou Narhen – Em nosso mundo, homens e mulheres vivem lado a lado e formam famílias.

– Que loucura é essa agora?

– Essa é minha irmã, Ishiá, e seu companheiro, Grendhel. Somos humanos. Esses são Galler, o elfo, meu companheiro e Mhirfun, o anão, nosso amigo.

– E esse animal? Independentemente de que mundo vieram, aprisionar um animal é um dos maiores crimes em nosso mundo. Mesmo que venha a acreditar no que diz, não poderão passar impunes por esse crime.

– Ele não é nosso prisioneiro. É nosso amigo e meu guardião. Está conosco por livre vontade e nos protege da mesma forma que nós a ele.

Mentalmente, Narhen chamou o lobo para sentar-se a seu lado.

Com um olhar para sua irmã, a fez entender que deveria chamar a águia, e assim Ishiá o fez.

– Essa ave também é nossa companheira e a guardiã de minha irmã. – continuou Narhen – Ela, como o lobo, nos auxilia em nossa jornada pelos mundos.

– Ave? Creio que você esteja com algum problema. – disse a comandante – Não há nenhuma ave aqui com vocês.

Nesse instante, a águia pousou na armação da grande gaiola e soltou um de seus piados fortes.

Em seguida, mergulhou em direção ao solo, pousando ao lado de Ishiá.

Os olhos da comandante se arregalaram, assim como os de suas guerreiras.

– De onde ela surgiu?

– Tanto ela quanto o lobo são livres para irem quando quiserem, mas estão sempre ao nosso lado por saberem que suas ajudas nos são muito importantes. Eles estão sempre perto de nós.

– Devem estar mentindo. – disse a líder – De algum modo devem ter domesticado esses animais e os fizeram dependentes de vocês, forçando-os a obedecer.

– Isso não é verdade. – negou Ishiá.

Nisso, chegou voando outra pequenina mulher alada:

– Majestade! Majestade! Preciso falar-lhe.

– Não pode esperar, Zoíísther?

– Não, majestade. É urgente.

O grupo entendeu então que não se tratava de uma simples comandante.

– Eu retornarei em breve para continuarmos nossa conversa. – disse e se afastou.

– Então é uma rainha! – disse Grendhel em voz baixa.

– Silêncio! – disse Galler a Grendhel e a Mhirfun – Não falem até que tudo esteja esclarecido.

Com um aceno de cabeça, eles concordaram enquanto a rainha retornava.

– Quem são vocês? – perguntou ela novamente.

– Já disse. Somos viajantes de outro mundo. – respondeu Narhen.

– Existe outro membro em seu grupo?

– Zarthrus! – disse Narhen de sobressalto – Sabem dele? Onde ele está? Está ferido?

– Não o temos, se é o que deseja saber. Muito menos sabemos seu estado de saúde ou sua localização.

– Mas ao menos o viram?

– Não.

– Então como sabem de sua existência?

– Me chamo Zhoarrsstriia, sou a rainha de meu povo, e essa é Zoíísther, nossa sacerdotisa. Ela trouxe-me uma informação que era necessária ser

comprovada.

– Desculpe, mas não estamos entendendo. – disse Narhen.

– Entenderá. Há muitos séculos, havia paz nesse mundo. Nós vivíamos em harmonia com a floresta e todos os seres que nela viviam. Um dia, surgiram seres estranhos a esse mundo: aranhas gigantes, que, apesar de não parecer, eram portadoras de certa inteligência. Elas surgiram do deserto e no início não nos incomodaram, mas isso não durou. Por várias vezes tentaram invadir as florestas e tivemos confrontos terríveis e muitas mortes dos dois lados. Por fim, encontramos uma maneira de vencer. Porém, se utilizássemos da nova arma, mataríamos todas elas, e não queríamos isso. Nosso desejo era que elas fossem embora de vez e nunca mais retornassem. Quando elas perceberam que não sobreviveriam, resolveram se render e retornaram para o deserto, e lá permaneceram por muitos e muitos anos. Em nosso povo, somente o lado feminino detém o poder, tanto para governar quanto para guerrear. O lado masculino é destinado às outras tarefas, e somente podem se unir a nós quando resolvemos que é chegada a hora de procriarmos. Quando nascem as crianças, se forem meninos, serão entregues ao pai para que os eduquem de forma a continuar a nos servir e nunca mais serão vistos como filhos por nós. Em troca, lhes damos proteção. Se for menina, nós a criaremos para se tornarem líderes e guerreiras, e aos progenitores não é dado o direito de criá-las. Porém, há alguns anos, os homens se rebelaram pensando que teriam algum direito na nossa sociedade, destruindo novamente a paz. Eles pegaram em armas e nos desafiaram. Como perceberam que não poderiam nos vencer, se uniram às aranhas e, desde então, tentam nos destruir. Em sua última tentativa, raptaram minha filha, e a estão mantendo prisioneira na esperança de que nós nos rendêssemos. Desde então, já capturamos vários de seus espiões em nossas florestas. Ürmhatil nos envia espiões para verificar nossa localização e a situação de nossos exércitos com a desculpa de que estamos mantendo seu filho prisioneiro.

– E estão? – perguntou Narhen.

– Isso é mentira. Se o tivesse, já o teria entregado em troca de minha filha.

– Majestade, e o que isso tem a ver conosco? – perguntou Ishiá.

– Antes que os conflitos entre nossas classes começasse, Zoíísthiar, nossa antiga sacerdotisa e mãe de Zoíísther, previu que nossa sociedade entraria em uma guerra muito longa e que apenas a ajuda de um grupo de seis viajantes ajudaria a trazer novamente a paz.

– Mas porque pensa que somos nós? – perguntou Narhen.

– Por que, segundo a profecia de Zoíísthiar, eram seis viajantes, e com eles estariam um protetor da terra e outro do ar.

Estava claro mais uma vez que o destino imposto pelos deuses era o de intervir no fluxo de eventos daquele mundo.

Zarthrus havia vagado por vários minutos pelas matas quando decidiu retornar aos seus amigos.

Mas, apesar de ter uma excelente memória e nunca ter se perdido, nem mesmo quando ainda era criança, dessa vez essa floresta lhe pregara essa peça: não conseguia encontrar o caminho de volta. Estava realmente e completamente perdido.

Ele tentou por horas a fio e não obteve sucesso.

Apesar de perdido, o gnomo não perdeu sua curiosidade e, ao se aproximar de um regato para saciar a sede, encontrou uma pequena e linda flor. Ela se parecia com as raras dentes de dragão do mundo anterior, porém não brilhava, e suas pétalas continham listras em um tom vermelho arroxeadado que partiam do centro até a extremidade.

Havia um leve perfume no ar, e Zarthrus aproximou-se para verificar se era a flor que o exalava.

Assim que a cheirou, sua mente rodopiou e o gnomo mergulhou em um sono profundo.



Quando finalmente abriu os olhos, percebeu uma grande movimentação à sua volta.

Sua visão embaçada por uma névoa densa foi aos poucos clareando.

Os sons desconexos que chegavam aos seus ouvidos se tornaram mais claros e conseguiu entender as frases.

– Veja, Ürrmhatil, ele está acordando.

– Vamos, abra a boca. Beba mais um pouco.

A cada gole de uma mistura estranha, as palavras ouvidas se tornavam mais claras à sua mente.

– O que aconteceu? Onde estou?

– Tenha calma. Nós o encontramos desacordado ao lado de uma Ghoris, uma flor do sono. Se não o tivéssemos encontrado, não sei por quanto tempo ainda permaneceria dormindo. Talvez nem mesmo voltasse a acordar.

– Quem são vocês? É minha imaginação ou vocês realmente têm asas?

– Não é sua imaginação. Nós temos asas. Como poderia um ninfo da floresta não ter asas?

– Ninfo?

– Sim. Meu nome é Ürrmhatil, e sou o líder dos rebeldes.

– Desculpe-me, mas acho que continuo perdido. Por que rebeldes?

– Nós, ninfos, sempre fomos tratados como escravos pela casta dominante, as ninfas. Elas sempre nos usaram para os trabalhos pesados, para as coletas e cultivos de fungos e para os serviços sujos. Intitulam-se mais inteligentes e capazes que nós, o que não é verdade. Não se juntam a nós, exceto quando desejam procriar. Se nascer uma menina, somos afastados dela e, se for menino, tratam-no quase como lixo e nos entregam para que se torne mais um de seus serviçais. Qualquer relação entre nós e elas é severamente proibida, e nós somos severamente punidos. Elas não entendem que ambos precisamos uns dos outros, não como senhores e escravos, mas como companheiros. Poderíamos ser um povo muito mais feliz e unido. Existe um sentimento que, apesar de elas não admitirem, é muito mais poderoso do que qualquer força. Pode até demorar, mas um dia ele chega, e não conseguimos mais retirá-lo de dentro de nós. Meu filho, Ürrmhiorr, se apaixonou justamente por Zhoarrsstriss, filha de Zhoarrsstriia, a rainha das ninfas da floresta. Esse amor foi correspondido e ambos passaram a se encontrar escondidos na floresta. A rainha descobriu e puniu meu filho sem nenhuma piedade, e o manteve preso por algum tempo para que ele esquecesse sua filha, mas o amor é mais forte que o tempo. Quando saiu da prisão, eles se reencontraram e perceberam que o sentimento de ambos apenas aumentou. Eles decidiram então fugir para o mais longe que pudessem e lá viver seu amor. A rainha descobriu e o prendeu novamente. Ela o mantém preso e incomunicável desde esse dia. Sua crueldade é tanta que mantém até sua filha prisioneira, temendo que ela contagie outros com aquele sentimento. Como desculpa, ela nos acusa de manter sua filha prisioneira para que entregue seu trono.

– E isso é verdade?

– Não. Nós não mantemos nenhum prisioneiro, nem mesmo quando capturamos alguma das guerreiras ninfas. Se ela estiver gozando de plena saúde e desejar ir embora, nós a fazemos dormir e a levamos para locais distantes de nosso acampamento, para que não consiga dar nossa localização. Se estiver ferida, nós a tratamos antes de libertá-la, isso se for de sua vontade.

– Alguma ninfa já decidiu ficar?

– Várias. Apenas muito poucas quiseram retornar para a tirania de Zhoarrsstriia. Algumas que resolveram viver em paz conosco tentaram retornar na esperança de influenciar outras a nosso favor, mas foram descobertas e eliminadas para expurgar essa ideia.

– Gostaria de conhecer seu acampamento.

– Eu o levarei. Mas diga-me como posso chamá-lo. Posso ver também que não é um ninfo e não pertence a essas florestas. Poderia dizer de onde vem?

– Desculpe minha indelicadeza. Meu nome é Zarthrus. Sou um gnomo e venho de outro mundo.

Ao ouvir aquelas palavras, os olhos de Ürrmhatil se arregalaram e suas pernas bambearam, fazendo com que caísse sentado em um pequeno banco.

– O que foi? Parece-me que viu um espírito!

– Vo... Você é um g... gnomo?

– Desde que nasci! – disse sorrindo – O que tem demais em ser um? Eu não me assustei por você ser um ninfo da floresta.

– Você não entende.

– Não, mas tenho certeza que irá me explicar.

Depois de refeito do susto e de esvaziar uma jarra que estava sobre a mesa Ürrmhatil disse:

– Sou eu quem deve estar tendo alucinações.

– Vamos. Diga de uma vez. Você está me deixando muito preocupado.

– Não se preocupe. – disse sorrindo – Você não corre nenhum risco.

– Bem, isso me tranquiliza. Mas, por favor, acabe de vez com essa agonia.

– Fazem muitos milhares de anos desde que o último gnomo deixou esse mundo.

– O que? Os gnomos já habitaram esse mundo? – perguntou espantado enquanto saltava de seu banco.

Essa revelação deixou Zarthrus tão atônito quanto a Ürrmhatil ao saber quem ele era.

Qual seria a ligação dos gnomos com esse mundo?

Majestade! – disse Narhen – Em nosso mundo não existe distinção entre homens e mulheres quanto às suas qualidades. Portanto, peço-lhe que nossos amigos possam dirigir-lhe a palavra, sem que isso lhe cause alguma ofensa. Estamos em uma jornada e cada um de nós foi escolhido devido suas qualidades.

Zhoarrsstriia olhou para os três com desdém.

– Não sei em que seres inferiores poderiam nos ajudar, mas como não pertencem a esse mundo, abrirei uma exceção. Porém, não deverão dirigir-se diretamente a mim. Permitirei que falem a vocês para que me transmitam sua opinião.

Galler fez uma reverencia em concordância e aproximou-se do ouvido de Narhen.

– Majestade, nós lhe agradecemos. E talvez no futuro possa nos permitir falar-lhe diretamente, quando nos conhecer melhor. – repetiu ela o que Galler lhe disse.

– Não creio que isso acontecerá.

As atitudes de superioridade da rainha faziam o sangue de Narhen ferver, mas era preciso que não perdesse a paciência.

– Majestade – disse Ishiá –, em que poderíamos ajudá-la?

– A única forma de trazer paz novamente a esse mundo é fazer com que os ninfos abandonem sua rebeldia e se submetam a nós como sempre foi. Apenas dessa forma essa guerra terminará.

– Ninfos? A senhora disse ninfos? – perguntou Narhen.

– Sim. Ninfos da floresta.

– E vocês seriam...?

– Ora, não está claro? Somos ninfas da floresta.

– Desculpe-me minha surpresa, majestade. Em meu mundo também existem ninfas, mas da água.

– Ninfas da água! Estranho... Se não estou enganada, uma vez, quando era muito nova, escutei uma história antiga de um reino de ninfas que viviam na água. Era uma lenda sobre um povo muito antigo que vivia nesse mundo. Mas não me

recordo dos detalhes dessa história. Era uma história para crianças sem muita importância.

– Majestade, sou uma sacerdotisa e gostaria, se possível, de conhecer essa história. – disse Ishiá.

– Se gosta de histórias, não vejo qualquer problema. Mas não sei se alguém mais a conhece.

– Eu a conheço, majestade. – disse a sacerdotisa Zoííster – Se me permitir, poderia contar-lhes a história completa.

– Se assim deseja, dou-lhe minha permissão.

A rainha virou-se para se afastar, mas retornou em seguida:

– Eu ainda não estou convencida de quem sejam, portanto, devem ficar onde estão até que eu chegue a uma conclusão.

– Nem mesmo nossos amigos animais poderão sair? – perguntou Narhen – Peço-lhe que os deixe sair para procurar nosso outro amigo desaparecido.

A rainha a olhou profundamente.

– Em nosso mundo, manter um animal preso é o mais grave dos crimes. Eles e somente eles poderão deixar esse acampamento. Mas saibam que essas florestas são perigosas, e somente quem as conhece muito bem consegue caminhar através dela sem se perder.

A rainha virou-se e seguiu para seus aposentos sem dizer mais nenhuma palavra.

– O que desejam saber? – perguntou Zoííster – Depois poderiam me falar sobre seu mundo?

– Claro! – disse Ishiá – Será um prazer. Mas primeiro conte-nos a história que sua rainha comentou.

– Desde milênios, essa história era contada a todas as crianças, porém faz algumas centenas de anos que as ninfas não mais se interessaram por elas. Somente as sacerdotisas ainda mantêm o conhecimento sobre as lendas antigas. A lenda diz o seguinte: “Há muito tempo, antes mesmo das ninfas da terra habitarem esse mundo, existia um povo que detinha um conhecimento muito grande sobre todas as coisas. Era um povo orgulhoso e que não gostava de se misturar com os outros povos e, por isso, viviam dentro das águas. Eram as ninfas da água.

“Naquela época, tanto as ninfas quanto os ninfos da água viviam juntos. Eles dividiam todos os seus direitos e deveres de forma igual, mas não formavam casais: assim como nós, apenas se juntavam em pares para procriar, porque, como eram orgulhosos, não ousavam permitir que um companheiro ou companheira indicasse o que devia ser feito – até mesmo o trono era dividido e composto por uma ninfa rainha e um ninfo rei. Por serem muito antigos, de tempos em tempos alguém de outro povo vinha até eles para que o ajudassem com algum problema.

“Um dia, porém, surgiu um pequeno casal no reino das ninfas, para que os ajudassem a resolver um dilema: eles eram irmãos gêmeos, e em sua sociedade nunca antes haviam nascido gêmeos. Na sociedade dos pequeninos, o filho mais velho era quem governaria a casa e herdaria toda a fortuna que os pais tivessem guardado até o dia em que o filho se unisse a uma companheira. Devido a isso, e pensando no sofrimento do segundo filho, os pais apenas tinham outro filho quando o primeiro já tivesse montado sua própria família. Acontece que, quando aquelas duas crianças nasceram, a mãe não resistiu e morreu no parto e um acidente tirou a vida da única pessoa que a auxiliou no nascimento dos filhos e que saberia dizer quem tinha nascido primeiro. Nem mesmo o pai sabia dizer quem seria o primogênito. Ele tinha uma grande fortuna, mas os filhos não queriam dividir entre eles. Depois de muitos anos de discussão, o pai que já não sabia mais o que fazer, pois amava ambos com a mesma intensidade, e acabou por definhando e morrer. Porém, antes de morrer, solicitou aos dois que procurassem alguém com maior sabedoria que ele para que pudesse solucionar aquela situação. Os filhos então resolveram procurar pelos reis ninfos.

“Ao exporem suas indagações, os reis ouviram os relatos e pediram algum tempo para analisar todos os fatos. O caso era complicado, pois a sociedade dos pequeninos estava dividida e o favorecimento de qualquer um dos lados geraria insatisfação. Durante vários meses, os reis ninfos meditaram sobre o caso e não encontraram resposta, e o atraso em responder fez com que a sociedade dos pequeninos e dos outros povos começasse a duvidar da sabedoria e capacidade do reino das águas. A crise chegou a um ponto tal que os reis começaram a discutir entre si, um acusando o outro da incapacidade da resolução do caso. Todo o reino das águas se dividiu, indo os ninfos para outro ponto no mundo e se afastando das ninfas.”

“Com o passar dos anos, os irmãos continuaram a disputar a herança e a disputa se agravou, até que um dia o irmão matou acidentalmente a irmã. Depois que a tragédia ocorreu, a racionalidade retornou a ele, fazendo com que percebesse que o maior dos tesouros que possuía já não mais existia: sua irmã, a única ligação que havia com sua família. A vida de discussões já não mais existia e ele estava velho demais para encontrar uma companheira e constituir sua própria família. De que adiantava ter aquela fortuna se não havia mais ninguém com quem a compartilhar? Por fim, ele se tornou cada vez mais só, até que a solidão e a tristeza venceram e ele deixou de existir. Temendo a maldição dos irmãos, ninguém da sociedade ousou tocar na herança amaldiçoada, que foi enterrada e abandonada.

“Os ninfos, apesar de orgulhosos, tentaram inúmeras vezes reatar com as ninfas, mas elas o rejeitaram, até que eles não mais retornaram e desapareceram para sempre. Quando elas deram conta do mal que causaram a seu próprio povo, já

era tarde demais. Seu povo estava fadado à extinção. Elas estavam envelhecendo e não havia mais nenhum ninfos para procriarem. Então, como última maneira de sobreviverem, buscaram ajuda em sua magia poderosa, porém nem mesmo ela seria capaz de fazer uma ninfa procriar com outra. Era necessária a presença de um macho. Quando pensavam que não mais sobreviveriam, descobriram que utilizando da magia e de um macho de outra raça poderiam procriar, mas somente filhas nasciam. Estavam condenadas a se unir com parceiros de outros povos por toda a eternidade.”

A sacerdotisa permaneceu em silêncio por alguns instantes.

– Agora entendo! – disse Narhen – As ninfas da água deixaram esse mundo na esperança de encontrar algum ser que lhes proporcionasse uma vida normal. Nessa procura chegaram ao nosso mundo. Talvez ainda existam outras ninfas nos mundos que visitaremos.

– O que foi, Zoííster? Por que essa tristeza? – perguntou Ishiá.

– Desculpe-me, mas creio que nosso povo caminha para o mesmo destino das ninfas da água. Os ninfos, obrigados a nos servir durante séculos, acabaram por se rebelar e agora estão afastados de nós.

– Por que não tentam mudar essa situação? – perguntou Narhen.

– Praticamente todas as crianças ninfas são criadas e educadas para serem conscientes de que são mais importantes, inteligentes e fortes que os ninfos.

– Não consigo entender esse pensamento! – disse Ishiá. Como podem pensar dessa forma se sabem que para permanecerem vivas dependem da união com eles?

– Tomando o exemplo das ninfas das águas que permaneceram no trono enquanto os ninfos se afastaram, as ninfas da terra interpretaram que eles foram afastados do reino por serem inferiores às fêmeas. Devido ao orgulho que tinham, não quiseram se subjugar e desapareceram. Durante algumas gerações de reinado em nosso povo, quando ainda compartilhávamos o trono, nossos reis ninfos morreram pouco depois de que seus primogênitos nasceram. Por obra do destino, todos os bebês eram ninfas. Devido a isso, as ninfas governantes assumiram que elas eram superiores a eles e passaram a não mais compartilhar o trono. As ninfas restantes na população passaram também a se espelhar nas governantes, e assim essa cultura surgiu. Existem muito poucas ninfas que não concordam com essa atitude. São principalmente as ligadas ao sacerdócio, como eu.

– E pelo jeito, a princesa. – disse Ishiá.

– Minha mãe já havia me mostrado os males que essa separação causa. Por várias vezes, ela tentou mostrar isso à rainha, mas apenas recebeu desprezo. Quando a princesa nasceu, eu já estava em meu caminho ao sacerdócio. Por ser nova, a rainha permitiu que eu ajudasse no cuidado de sua filha, pensando que ainda não houvesse sido contaminada com os pensamentos de minha mãe. De fato

eu estava mais propensa às ideias da rainha, porém, pouco depois que me tornei sacerdotisa, minha mãe foi condenada por conspirar contra o povo. Antes de morrer, ela contou-me a história das ninfas da água e me mostrou a verdade sobre o que estava acontecendo. A princesa ainda era muito jovem e, como seria a sucessora ao trono, achei que se conseguisse lhe revelar a verdade. Talvez quando se tornasse rainha, conseguisse mudar essa situação.

– Pelo jeito conseguiu. – disse Narhen.

– Em parte, e na verdade, minha influência foi muito pequena. Quem realmente mudou o pensamento da princesa foi o amor que surgiu em seu coração. Era um sentimento tão grande que ela chegou a imprudentemente desafiar a mãe. A rainha mandou prender o jovem Ürrmhiorr por várias luas, na esperança de que a princesa o esquecesse. A rainha disse para a filha que desconhecia o paradeiro do jovem, que provavelmente ele havia desaparecido porque apenas queria brincar com os sentimentos dela e que, por ser um covarde, fugiu de sua punição. Quando a mãe acreditou que a filha não mais pensava no jovem ninfo, mandou libertá-lo, sob a condição de que nunca mais deveria se deixar ser visto pela princesa.

“Durante algum tempo, ele obedeceu, mas fatalmente um dia eles se reencontraram. Ele contou-lhe tudo o que havia passado e que apenas o amor que sentia por ela o manteve vivo. Eles tramaram fugir, mas estavam para ser descobertos quando eu intervim. Com a certeza de que não poderiam viver o amor que sentiam um pelo outro nessas terras, decidiram fugir para muito longe até que sua mãe eventualmente deixasse o trono. Por ser sua filha e sucessora natural, assumiria o trono assim que retornasse. Ela tencionava mudar a lei e refazer nossa sociedade.

“Através de meus conhecimentos, os orientei sobre como deveriam proceder, e combinei de, depois que fugissem, encontrá-los em um ponto determinado da floresta. Eles fugiram e, sem demonstrar suspeita, fui ao encontro dos dois como combinado, mas algo aconteceu com eles e desapareceram. A rainha acusou Ürrmhiorr de ter sequestrado sua filha e começou a inclusive torturar os ninfos para que contassem a verdade. Ürrmhatil, o pai de Ürrmhiorr, se rebelou quando, não mais suportando as ofensas, teve seu filho mais jovem morto na tentativa de uma confissão. Os ninfos deixaram essas terras e foram se abrigar na floresta. A rainha então declarou guerra contra os ninfos até que sua filha fosse devolvida.”

– Então os ninfos estão apenas se defendendo? – perguntou Narhen.

– Sim.

– A situação está muito complicada. – disse Ishiá – não sei como ajudar, mas temos de fazer algo.

– Antes – disse Galler em sussurro –, temos que conseguir sair daqui.

As irmãs olharam para Zoíísther, buscando ver a reação da sacerdotisa em relação ao elfo.

– Não se preocupem. Podem dirigir a palavra a mim quando quiserem, mas apenas quando estivermos sozinhos. Do contrário serão repreendidos.

– Obrigado! – respondeu ele – Precisamos encontrar Zarthrus. Apenas ele pode andar nessas florestas tão rápido quanto as ninfas.

– Sabem o paradeiro de seu amigo?

– Não. Ele desapareceu na floresta antes de sermos capturados.

– Então poderá ficar perdido para sempre. As árvores da floresta antiga costumam pregar peças nos invasores.

– Elas se movem e modificam as orientações de um desavisado! – concluiu Galler.

– Sim. Como sabe? – a sacerdotisa pareceu surpresa.

– A terra remexida que vimos no caminho até o riacho. – lembrou Narhen.

– Isso mesmo. Foram as árvores. Por isso não ouvimos ninguém revolvendo a terra. – constatou Galler.

– A menos que alguém encontre seu amigo, ele permanecerá na mata enquanto as árvores quiserem brincar com ele. Nós apenas não nos perdemos porque voamos entre elas sem pisar no chão.

Uma sensação ruim tomou conta de Narhen e Grendhel.

– Mestres Narhen e Grendhel, não se preocupem. As árvores podem até enganá-lo por algum tempo, mas tenho certeza que não conseguirão enganar um gnomo por muito tempo.

– Você disse gnomo?

– Sim. – disse Narhen – Nosso amigo Zarthrus é um gnomo.

– Pelos deuses! Como isso é possível?

A expressão de espanto de Zoíísther deixou a todos preocupados. O que o fato de Zarthrus ser um gnomo acarretaria?

Ürrmhatil seguiu para fora de sua tenda em companhia de Zarthrus.

Eles seguiram até um pequeno monte de terra no meio de uma clareira sob as árvores.

– Meus irmãos, venham! – disse ele – Aproximem-se. Hoje temos um grande motivo para nos alegrar.

Zarthrus continuava sem entender, mas sabia que Ürrmhatil falava dele.

– A profecia está começando a se revelar.

– Profecia? Mas que profecia? – disse o gnomo.

– Aqui, bem ao meu lado, está a prova de que falo a verdade. Ele é um gnomo.

O povo explodiu em alegria enquanto Zarthrus arregalava os olhos espantado com aquela atitude.

– Devemos comemorar! Tragam cerveja doce.

– Por favor, não ponha mais perguntas em minha cabeça. Eu preciso que me conte o que está acontecendo.

– Está bem. Como lhe contei anteriormente, estamos em confronto com nosso próprio povo. Acontece que há muitos anos uma sacerdotisa profetizou que nosso povo passaria por uma crise muito grande e que iria praticamente se destruir. Hoje somos apenas uma pequena, muito pequena, parte do que já fomos. Muitos morreram nessa luta. Bem, a profecia dizia que um filho que há muito tempo havia desaparecido iria retornar e com ele viria a ajuda necessária para reerguer nosso mundo. Os gnomos habitavam esse mundo muito antes das ninfas da terra surgirem. Dizem que era um povo pacífico e feliz, que gostava da riqueza e de pedras, mas também que, sem levantar um dedo, participaram do desaparecimento das ninfas da água. Os gnomos também desapareceram misteriosamente. Agora, você, um filho há muito desaparecido, retornou, como a profecia disse. Você devolverá a paz a esse mundo.

– Mas... o que eu terei de fazer?

– Bem, isso a profecia não diz.

Os deuses novamente estavam indicando o destino que deveriam seguir, mas desta vez o gnomo estava sozinho. Ele precisava da ajuda de seus amigos. Mas onde estariam?

Zoíísther esclareceu as dúvidas do grupo em relação ao gnomo.

– Então, pelo que nos disse, os gnomos já habitaram esse mundo e foi através deles que começou a divisão e queda do império das ninfas da água. – disse Narhen.

– Não penso que eles sejam os responsáveis. – disse Ishiá – O povo das águas já estava dividido, mesmo vivendo juntos. A meu ver, a questão dos gnomos foi apenas uma desculpa que o povo, ou parte dele, esperava para que a divisão ocorresse. Mas, mesmo com o grande conhecimento que dispunham, não conseguiram enxergar o prejuízo que imporiam neles próprios.

– Tem outra coisa! – disse Zoíísther – Outra profecia.

– Existe outra profecia além da que sua rainha nos contou? – perguntou Ishiá.

– Bem, foram duas sacerdotisas que previram, porém, analisando os acontecimentos, penso que ambas são a mesma, apenas vista de ângulos diferentes.

– Conte-nos, por favor.

– A primeira foi profetizada há alguns milhares de anos, quando uma crise entre a casta das ninfas e dos serviçais surgiu. Algumas ninfas desafiaram a tradição e enfrentaram a rainha e o conselho, juntamente com alguns serviçais, para que pudessem viver juntos como companheiros. Nem mesmo o fato de quererem abandonar o reino e viver longe daqui resolveu a crise. A corte não podia admitir que ninfas vivessem em companhia dos serviçais, não importando o local onde estivessem. Imaginaram que, se abrissem alguma exceção, logo outros iriam seguir o mesmo caminho e o império se enfraqueceria. Houve uma batalha onde todos os dissidentes foram condenados à morte. Nessa época, uma sacerdotisa profetizou que um filho que há muito tempo deixara sua morada e desaparecera, retornaria à sua pátria e traria consigo a paz. A segunda profecia se deu quando minha mãe já estava para morrer. Eu estava auxiliando a princesa e senti que ela precisava me falar com urgência. Fui até sua cela e a encontrei em transe. Ela relatou: “Seis viajantes de um lugar muito distante acompanhados de um protetor da terra e outro do ar chegarão a essas terras. Eles ajudarão a afastar o mal e reconstruir o equilíbrio entre o povo ninfo. Todos são um. E como um encontrarão aqueles que se perderam e os trarão de volta para casa, para uma nova vida”. Para mim, a primeira profecia se refere ao gnomo e, como vocês estão juntos, penso que ambas são duas partes de uma única.

– É somente isso? – perguntou Ishiá – Sabe quem são os que se perderam?

– Não. Até poucas horas atrás, pensava que esta profecia fosse um delírio de minha mãe em sua agonia de morte, mas agora penso que tem a ver com os ninfos, com a reunião de nosso povo.

– Precisamos encontrar uma maneira de encontrar Zarthrus. – disse Galler.

– Algo me diz que não demorará muito até estarmos novamente juntos! – exclamou Narhen.

– O problema é o que faremos quando nos encontrarmos. – concluiu Grendhel.

– Bem, a profecia disse que devemos ser um. – respondeu Ishiá, esperançosa – Juntos, encontraremos a resposta.

– Zoííster – chamou Narhen –, por favor, não conte ainda sobre quem é nosso amigo para sua rainha. Precisamos localizá-lo e tenho a impressão de que a rainha não ficará feliz em saber de quem se trata o último membro de nossa equipe. Além disso, precisamos sair desse local. Não teremos condições de ajudar daqui.

– Talvez a rainha consinta que fiquem sob minha responsabilidade. Irei solicitar-lhe.

A sacerdotisa virou-se, mas Narhen a chamou novamente.

– Zoíísther, antes de prosseguirmos, preciso que me responda uma dúvida.

– Pois pergunte!

– Qual seu sentimento em relação aos ninfos?

– Se a resposta que deseja é saber se me relacionaria com um ninfo como companheiro, a resposta é sim. Apesar de viver aqui, meu coração está em outro local, da mesma forma que outro coração bate em sintonia com o meu e posso sentir sua presença aqui. Sujeito-me a viver separada de quem amo na esperança de conseguir mostrar a verdade a outras ninfas.

– Obrigada! Terá nossa ajuda.

Zoíísther virou-se e se afastou em direção ao local onde se encontrava a rainha.

As guerreiras responsáveis pelo guarda dos viajantes voltaram a se aproximar, cercando novamente a grande gaiola.

– Ela foi sincera no que disse!

– Como pode ter tanta certeza? – perguntou Grendhel.

– Simples. Além de meu próprio sentimento, o dragão de meu bracelete está me dizendo que podemos confiar na sacerdotisa.

Eles olharam e viram um leve brilho nos olhos do dragão no braço de Narhen.

– Ürrmhatil, preciso mesmo encontrar meus amigos. Talvez juntos consigamos encontrar uma solução para essa crise.

– Não será fácil. Essa floresta vive nos pregando peças. Somente quem vive nela consegue andar tranquilo sem que as árvores os enganem.

– Como disse? As árvores os enganam? O que quer dizer com isso?

– Exatamente o que disse. Essa floresta é muito antiga e as árvores daqui têm vontade própria. Até mesmo nós, que já habitamos aqui por várias gerações, ainda somos surpreendidos por elas. Somente não nos perdemos por que conseguimos voar e encontrar pontos de referência diferentes das árvores.

– Mas como é que uma árvore pode enganar alguém se elas estão ancoradas no chão?

– Hahaha! Ancoradas no chão? Essas árvores? Hahaha!

– Não entendi o motivo da piada!

– As árvores da floresta de Panthok têm vontade própria e, se decidirem mudar de lugar, elas mudarão.

– Está me dizendo que elas se locomovem? Isso explica porque não consegui encontrar o caminho de volta e me perdi. Elas mudaram de lugar e me enganaram.

– Parece que se divertem assim. Mas não se engane: da mesma maneira que são brincalhonas, se sentirem ameaçadas ou se fizer algo que as deixe zangadas, podem se tornar perigosas.

– Tomarei cuidado.

– Quanto a seus amigos, como são? Talvez consigamos encontrá-los.

– Nenhum de nós pertence a esse mundo. E o menor deles tem no mínimo duas vezes e meia o seu tamanho.

– Você viaja em companhia de gigantes?

– Não. Em companhia de homens, elfos e anões. Além de dois animais: um lobo e uma águia.

– Vocês mantêm animais cativos? Isso em nosso mundo é um crime hediondo e severas punições são destinadas aos culpados.

– Não, meu amigo. Esses animais são livres e selvagens. Eles se comprometeram com os deuses em nos ajudar. E, de certa forma, são guardiões das

mulheres do grupo.

– O que são mulheres?

– Da mesma forma que em seu povo existem os ninfos e ninfas, existem os homens e as mulheres. Nosso grupo é formado por duas mulheres: Narhen e Ishiá. Temos também Grendhel, o homem; Galler, o elfo e Mhirfun, o anão. E, é claro, eu, um gnomo.

– Então são seis em seu grupo.

– Sim, se não contar com os animais.

– Agora não tenho mais dúvidas: são vocês que foram enviados pelos deuses para trazer a paz novamente a esse mundo.

– Como tem tanta certeza?

– Devido a uma segunda profecia.

Ürrmhatil contou-lhe o que sabia sobre a segunda profecia.

– Tenho uma dúvida! – disse Zarthrus – Se em seu mundo os ninfos são considerados inferiores e não participam das decisões de seu povo, como é que tem tanto conhecimento sobre essas profecias?

– Porque uma sacerdotisa me contou.

Zarthrus olhou-o com uma grande interrogação no rosto.

– Está bem! – disse Ürrmhatil – Como já lhe falei, nós nos rebelamos contra a maneira que somos tratados dentro do povo ninfo, mas não são todos que nos tratam assim. Existem outras ninfas além das que vivem entre nós, que aceitaram lutar contra a casta dominante. Elas perceberam que somos todos um único povo e merecemos os mesmos direitos. Elas também desejam compartilhar com um companheiro o maior de todos os sentimentos. Dentre essas, existe uma que, embora não viva aqui, tem seu coração ao meu lado, assim como o meu está com ela.

– É a sacerdotisa!

– Sim. Ela arrisca sua vida constantemente na esperança de conseguir mudar o pensamento de outras ninfas em nosso favor.

– Mas se for descoberta poderá ser morta!

– É verdade. Tentei persuadi-la a deixar as ninfas e vir viver comigo aqui na floresta, mas ela disse que tinha esperança de mostrar a verdade para suas irmãs.

– Por ser uma sacerdotisa, ela vive próxima à rainha. O risco é ainda maior.

– Ela sabe disso. A única coisa que posso fazer é continuar nossa luta aqui enquanto ela nos ajuda de lá e orar aos deuses para que não permitam que algo de mau lhe aconteça. Mas deixemos essa conversa para outra hora. Precisamos encontrar seus amigos. Saberá me dizer ao menos a direção que tomavam?

– Bem, chegamos a esse mundo junto a uma elevação rochosa no meio da floresta, um pouco antes do alvorecer, e seguimos para o sudeste por uma trilha em

linha reta. Nossa intenção era chegar ao vale aos pés de duas montanhas gêmeas.

– Conheço essa rocha e, se o que disse estiver correto, o que, a julgar pela direção onde foi encontrado, parece estar, temos uma região por onde começar. Mas saiba que podem ter sido capturados pelas ninfas. Elas estão constantemente nessa região. Normalmente é lá que deixamos as ninfas que não desejam permanecer conosco.

Ishiá e Narhen aproximaram do centro da grande gaiola.

– Precisamos encontrar Zarthrus! – disse Narhen para a irmã.

– É verdade, mas não podem nos ver em meditação. Não sabemos que reação elas teriam. Podem achar que lhes queremos mal.

– Por que não deitam? – disse Grendhel – Parecerá que estão descansando. Eu e Galler ficaremos aos seus lados e se alguém se aproximar nós as chamaremos.

– Narhen, esconda o bracelete do dragão antes da meditação. – disse Galler – Ele sempre brilha quando fazem isso e não queremos chamar a atenção.

– Obrigada por me lembrar.

As irmãs se acomodaram junto à coluna central e seus companheiros se sentaram aos seus lados conforme o combinado.

Mhirfun, um pouco mais afastado, servia os restos de um peixe para a águia e o lobo caminhou e se deitou entre as gêmeas, atento a todos os movimentos ao seu redor.

Assim que mergulharam no mundo astral, pediram ao dragão que lhes mostrasse o local onde se encontrava Zarthrus.

O ser prateado subiu em espiral, voando lentamente, depois mergulhou por dentro dos círculos formados por seu corpo, onde Narhen e Ishiá se encontravam, e as arrastou através da gaiola e depois por sobre a floresta. Enquanto voavam, perceberam o tamanho do acampamento das ninfas da floresta e a grande movimentação em relação à defesa de seu território. Parecia que um grupo de batedoras se dispersara em uma determinada direção à procura de algo.

Seguiram em frente em grande velocidade, saindo da direção para onde as batedoras se dirigiam.

Olharam ao fundo e perceberam no horizonte as montanhas gêmeas onde teriam de ir para alcançar seu objetivo nesse mundo.

O dragão diminuiu sua velocidade e voltaram a perceber novas movimentações na floresta abaixo. Logo depois estavam sobrevoando um acampamento ainda maior que aquele de onde saíram.

Com um mergulho, o dragão se dirigiu à entrada do acampamento.

Nesse ponto perceberam que se tratava do local onde se encontravam os ninfos da terra, porém havia mais: viram várias ninfas participando juntamente com os ninfos das atividades de manutenção do acampamento. Elas estavam sorrindo sem esboçar nenhum rancor por aquela situação.

O dragão se aproximou do centro do acampamento, onde havia uma grande tenda.

Em seguida, se enrodilhou no ar sobre ela.

– É aqui que devemos descer. – afirmou Narhen.

As formas astrais das irmãs desceram através do tecido da tenda e perceberam dois pequenos seres conversando sentados junto a uma pequena mesa. Um deles era o pequeno amigo.

Não havia grillhões em suas mãos ou pernas. Estava claro que fora mais bem recebido pelos ninfos que o restante do grupo pelas ninfas.

Elas se posicionaram às costas do pequeno ser alado, ficando de frente para o gnomo.

– Vamos! – pediu Ishiá – Já sabemos onde ele se encontra e que goza de boa saúde. Não quero me arriscar a sermos desmascaradas pelas ninfas.

– Não! Só mais um pouco. Quero ouvir sobre o que estão conversando.

A contragosto, Ishiá aceitou.

Elas ouviram o ser de asas contar sobre as profecias, seu envolvimento com a sacerdotisa e o risco que ela corria ao escolher viver junto às ninfas, principalmente ao lado da rainha.

Depois ouviram o gnomo dizer o local por onde entraram naquele mundo.

Então, inesperadamente ouviram:

“Narhen! Ishiá! Devem retornar, a rainha está se aproximando”.

– Vamos! – clamou Ishiá – Não podemos ficar mais tempo.

– Eu queria encontrar uma maneira de me comunicar com Zarthrus.

– Ele não pode nos ver em nossa forma astral.

– Mas...

Então Ishiá pegou nas mãos da irmã para levá-la novamente ao encontro do dragão.

Nesse momento, ouviram o barulho de uma caneca caindo sobre a mesa e perceberam os olhos arregalados de Zarthrus em sua direção.

– Nar... Ishi...

– Zarthrus! – chamou Ürrmhatil – O que aconteceu? Não está se sentindo bem?

Não houve resposta.

– “Zarthrus, está nos vendo?”

O gnomo acenou com a cabeça sem conseguir tirar os olhos daquela visão.

– “Saiba que estamos bem. As ninfas da floresta nos mantêm prisioneiros em sua aldeia, mas precisamos nos agrupar novamente. Precisamos ir. Encontraremos um meio de nos reunirmos.”

A imagem se desfez como uma névoa.

Ürrmhatil virou-se na direção onde o gnomo olhava fixamente, mas não viu nada.

– O que aconteceu, meu amigo, para que ficasse desse jeito?

– Não é necessário enviar ninguém para procurar meus amigos. Estão com as ninfas da floresta. – disse ele.

– Como pode ter certeza?

– Não importa como. Mas estão lá. Eles estão sendo mantidos prisioneiros e não têm permissão para deixar o acampamento. Preciso encontrar um meio de me juntar a eles.

– Retornem! A rainha está se aproximando.

– Onde estão as mulheres? – disse ela em voz alta.

– Elas estão... – Grendhel tentava ganhar tempo.

– SILÊNCIO! NENHUM INFERIOR TEM PERMISSÃO DE FALAR! – gritou uma das guardas, apontando-lhe sua arma.

O sangue de Grendhel ferveu imediatamente. Ele fechou o punho em seu cinto, mas respirou fundo e deixou o sentimento de raiva se esvaír.

Apesar de constrangedor, o incidente permitiu o tempo necessário para que as irmãs retornassem de sua viagem astral.

– Rainha, estamos aqui! Estávamos descansando. – disse Ishiá – O que deseja de nós?

– Se o que dizem é verdade e não pertencem a esse mundo e não estão aqui para nos espionar a pedido dos ninfos da floresta, quero que ajudem a encontrar minha filha para que possamos trazê-la de volta.

– Se quer nossa ajuda, como bons anfitriões, terá de nos tratar, a todos, com o respeito que devem a qualquer hospede. – falou Narhen.

Todos se espantaram com a maneira como Narhen havia falado, inclusive seu próprio grupo. Apenas Grendhel esboçou um leve sorriso.

– Como se atreve a falar desse jeito com a rainha? – questionou a guarda.

– Temos condições de localizar sua filha, mesmo sem nunca tê-la visto. Mas se quer nossa ajuda e, eu sei que precisa, terá de nos tratar com respeito. Não somos de seu mundo e não devemos ser tratados com se já vivêssemos sob o julgo de suas tradições por toda nossa existência.

– Ora, sua...

A rainha ergueu a mão e silenciou sua acompanhante.

– Poderia ser morta pelo que acabou de dizer.

– Mas não serei, e nem meus amigos, pois sabe que a profecia está se realizando e não quer ser a culpada por estragar os planos dos deuses.

A rainha a fitou com os olhos faiscando.

– Rainha, você tem uma escolha a fazer: ou nos trata como aliados na busca pela paz e pelo retorno de sua filha ou se livra de nós e assume a culpa pela destruição definitiva desse mundo. Se nos aceitar como aliados, terá de dar a todos nós, sem exceções, liberdade para falar e transitar. Em troca, não lhe faltaremos com o respeito de que merece e faremos de tudo ao nosso alcance para ajudar a esse mundo, mesmo que isso ponha em risco nossas próprias vidas. – concluiu Narhen.

O barulho de inúmeras vozes falando em sussurro crescia a cada instante.

– SILÊNCIO! – gritou a rainha – Preciso pensar.

Um silêncio mórbido se seguiu, pois nenhuma das ninfas ousaria enfrentar a ira da monarca.

– O que teria para provar que posso confiar em vocês? Que não irão me enganar no futuro?

– Não temos nada, majestade, além de nossa palavra e nossa honra.

Durante vários instantes a rainha os observou como que lendo a verdade em suas almas.

– Terão minha confiança e poderão caminhar livremente pelo acampamento, mas a cada decisão que tomarem, deverão me comunicar imediatamente antes de seguir em frente.

– Majestade! – chamou Galler.

A Rainha virou-se para ele.

– Fale!

– Em respeito à suas tradições, apenas lhe dirigiremos a palavra quando for muito urgente ou se permitir que falemos.

A rainha apenas concordou com um movimento de cabeça.

Quando estava para sair, Narhen disse:

– Majestade, precisamos de nossos pertences e nossas armas.

– Para que precisaria de suas armas?

– Não conhecemos os perigos de seu mundo e não queremos estar despreparados caso eles nos surjam à frente. Também precisamos encontrar o último de nossos membros, pois todos somos um só. Se permitir que Zoííster possa nos acompanhar, terá sempre um relatório de nossas ações.

– Tem minha permissão. Zoííster os acompanhará. Também permito que tenham seus pertences de volta.

A rainha e seu séquito partiram novamente e as grades da grande gaiola foram abertas para o grupo.

– Sua atitude insensata poderia ter nos causado grande perda. – disse Ishiá – O que deu em você para enfrentar a rainha daquela forma?

– Não, minha irmã. Minha atitude pode até ter sido precipitada, mas de forma alguma foi insensata. Tínhamos a profecia em nosso favor.

– Eu, por outro lado, estava imaginando por quanto tempo mais você iria suportar esse tratamento. – disse Grendhel com um sorriso.

– Você me conhece bem, meu amigo.

– E estou com você até o fim.

– Realmente sua abordagem foi precisa. – confirmou Galler – Mas saiba que seremos vigiados constantemente.

– Não tenho dúvidas disso, mas agora poderemos encontrar uma forma de trazer Zarthrus de volta ao grupo.

Passados vários minutos, um grupo de ninfas acompanhadas por Zoíísther entraram no recinto onde o grupo se encontrava.

– Aqui estão seus pertences. – informou a sacerdotisa.

E, virando-se para as ninfas, a sacerdotisa ordenou:

– Deixem-nos.

Assim que todas se foram, ela se virou para Narhen:

– Como pôde tratar a rainha daquela forma?

– Vejo que as notícias correm tão rapidamente aqui quanto em nosso mundo.
– disse sorrindo.

– Esse é o assunto em todos os cantos. Não fazem alarde, mas não conseguem entender como a rainha permitiu que a tratassem daquela forma. Você tocou em um vespeiro com as mãos limpas.

– Não havia outra forma, a menos que quiséssemos nos tornar seus escravos. Já estamos parados por tempo demais e temos nossa própria tarefa a ser cumprida.

Zoíísther a olhou, pensativa.

– Não se preocupe. Nossa tarefa diz respeito aos deuses e não às criaturas.

– E qual seria essa tarefa?

– Bem, a julgar pelo que nos contou, uma delas é ajudar a trazer equilíbrio a esse mundo.

– E qual seria a outra?

Dessa vez foi Narhen que a analisou.

– Se ainda não me acha digna de confiança, por favor, guarde seu segredo. – disse a sacerdotisa.

– Está bem! Vou contar-lhe. Algo me diz que podemos confiar em você.

O grupo se aproximou e as irmãs contaram o grande mal que estava agindo em seu mundo de origem e que parte da tarefa era encontrar nos mundos irmãos uma maneira de fechar as portas para esses mundos, para que o mal não os alcançasse.

– Então vocês também são sacerdotisas.

– Ishiá é.

– Não se iluda. Embora tenha atravessado por outros caminhos diferentes aos de sua irmã, seu destino foi traçado muito antes de seu nascimento. Você é tão sacerdotisa quanto sua irmã. Não é apenas o estudo que nos leva ao encontro do sagrado.

Aquela foi a primeira vez que Narhen pensara a respeito, pois se via apenas como guerreira.

– Zoíísther – chamou Ishiá –, sabemos onde nosso amigo se encontra.

– E onde seria?

– Ele está com os ninfos na floresta.

– Como podem ter certeza? Foram mantidos presos o tempo todo. A menos que já soubessem de sua localização.

– Apenas tomamos conhecimento de sua localização pouco tempo antes de a rainha vir falar conosco.

– Mas como isso é possível?

– Da mesma forma que encontramos nosso amigo, também podemos tentar encontrar o paradeiro da princesa e de seu amado. – disse Ishiá – Mas para isso necessitamos estar com o grupo completo e de um local livre de olhares curiosos.

– Eu encontrarei esse lugar, mas conte-me como descobriram seu paradeiro.

– Nós o encontramos no acampamento dos ninfos em companhia de um conhecido seu, Ürrmhatil, mas creio que podemos dizer que é bem mais que apenas um conhecido. Não acha que está se arriscando demais com essa vida dupla?

– O que sabem sobre Ürrmhatil? Como ficaram sabendo sobre mim? Vocês vieram a serviço dos ninfos?

– Tenha calma, Zoíísther, não temos a menor intenção de prejudicá-la. Nem a você, nem a ninguém. E não. Não estamos a serviço de ninguém, exceto dos deuses. – falou Narhen.

– Apenas quisemos mostrar-lhe que temos condições de conseguir muitas informações, mesmo sem sair daqui. – disse Ishiá.

– Depois que encontrar um local para nos abrigar, lhe contaremos todos os detalhes. – concluiu Narhen.

– Está bem! Vou encontrar um local seguro onde poderão ficar.

Assim que a sacerdotisa saiu, Galler disse:

– Vocês a assustaram!

– Apenas com o intuito de reforçar sua confiança em nós. – respondeu Narhen.

– Tomem cuidado com o reforço que fizerem. Um animal pode se tornar muito perigoso caso se sinta acuado.

– Teremos maior cautela. – prometeu Narhen – Agora vejamos se todos os nossos pertences retornaram.

Narhen pegou sua bolsa e retirou as gemas dos olhos dos dragões.

– Elas não devem ter dado valor às gemas.

Todos verificaram e notaram que nada estava faltando.

Pouco depois Zoííster retornou.

– Por favor, sigam-me. Creio que encontrei um local apropriado para vocês.

O grupo a seguiu sob os olhares das ninfas guerreiras e, embora atentos a qualquer eventualidade, permaneciam como se não percebessem que estavam sendo observados.

Zoííster os levou até a periferia do acampamento, onde encontraram uma grande caverna.

– Aqui vocês terão a privacidade que desejam. Essa caverna tem apenas uma entrada, tornando praticamente impossível alguém entrar sem ser visto.

– Precisamos de uma porta para essa caverna. – pediu Narhen – Poderia providenciar?

– O que querem esconder?

– Nada. Apenas não queremos assustar ninguém.

– Não entendi!

– Narhen, deixe-me explicar. – disse Ishiá – Eu e minha irmã temos uma capacidade especial. Podemos nos unir mentalmente e fazer nossas formas astrais viajar a outros lugares em busca de nossos objetivos. Foi dessa forma que descobrimos onde nosso amigo está. Ainda não conhecemos toda a nossa capacidade, pois tem relativamente pouco tempo que nos reencontramos.

– Se reencontraram?

Ishiá e Narhen contaram parte de sua história para a sacerdotisa.

– Então foi o chamado dos deuses que as levou uma ao encontro da outra e devido à distância que as separava não puderam desenvolver toda sua capacidade.

– Sim. E a cada dia descobrimos novas possibilidades.

– Além disso, temos outros amigos que nos dão forças para concluirmos nossas tarefas. – completou Narhen.

– Outros amigos? Não são apenas esses?

Narhen mostrou-lhe as gemas dos dragões.

– Na verdade são as consciências deles que nos acompanham.

– Onde estavam essas gemas? Não estavam no meio de seus pertences e não carregavam nada consigo enquanto permaneceram na gaiola!

– Como? Vocês não as viram quando vasculharam nossas coisas?

– Não. Mas agora que está dizendo, lembro-me de ter achado estranho carregarem duas pequenas rochas em cada uma de suas bolsas.

– Então o que viram foram apenas duas rochas sem valor. – concluiu Narhen.

– Zoíísther – perguntou Galler –, quando vasculharam nossas bolsas, estavam à procura de algo que lhes dessem alguma vantagem sobre os ninfos?

– Em primeiro lugar, procurávamos algo que nos dissesse quem são, mas não nego que esse também era o objetivo.

– Isso explica por que as gemas se mostraram como um pequeno par de rochas sem valor. – entendeu Ishiá.

– Continuo sem entender.

– Essas gemas são especiais. Nelas estão contidas as consciências de seres que prezavam a justiça acima de qualquer coisa. Eram seres de grande magia e que nunca permitiriam que sua força fosse utilizada para prejudicar outras criaturas.

– E que seres são esses?

– Dragões! – respondeu Ishiá – O mundo anterior no qual passamos era o lar dessas criaturas. Apesar de todo o seu poder, foram iludidos pelas sombras e por pouco não se extinguiram. Graças à sua grande magia, conseguiram proteger seus ovos contra um feitiço que era tão poderoso que exterminou a todos os que já haviam nascido. A magia protegeu sua ninhada por milênios, até que chegamos a seu mundo e conseguimos destruir a fonte do feitiço. Com o mal destruído, os filhotes dos dragões nasceram e estão novamente seguindo para o seu lugar de direito.

– Então vocês vieram para cá porque existe um grande feitiço que está destruindo esse mundo e precisam detê-lo?

– Por tudo o que nos contou, devemos tentar reverter um grande mal que existe aqui. Mas não me parece ser algum feitiço, e sim um sentimento que está cegando um povo e o está levando à destruição: a arrogância. – afirmou Ishiá – O mesmo que ocorreu com as ninfas da água e as levou à ruína também está acontecendo com vocês, ninfas da floresta. Não em sua totalidade, pois uma parte, como você, por exemplo, já despertou para isso e vem tentando modificar essa situação, porém, se não obtiver ajuda, não conseguirá mudá-la a tempo.

– E o que podemos fazer? A única que poderia mudar essa situação é Zhoarrsstriss que está desaparecida e não sabemos nem mesmo se continua viva.

– Por que diz ser ela a única que poderia mudar essa situação? – perguntou Narhen.

– Lembra-se quando lhes contei que ela seria a sucessora legítima de sua mãe? A palavra de uma rainha ninfa é lei e, mesmo que o conselho não aprove, todas as ninfas a acatarão. Ela não teria um reinado tranquilo, pois haveria conspirações para tentar dissuadi-la a mudar de opinião, mas tenho certeza que com o apoio certo a semente da união seria plantada e um dia floresceria.

– Mas pode garantir que ela estaria engajada a efetuar essa mudança? – Insistiu Ishiá.

– Sim! O amor correspondido entre ela e Ürrmhiorr é a maior garantia.

– Então está decidido. – disse Narhen – Esse é o nosso primeiro objetivo. Encontrar a princesa e, se estiver viva, o que devemos rogar aos deuses para que esteja, resgatá-la.

– Concordo, mas antes ainda precisamos que Zarthrus esteja conosco. – lembrou Galler.

– Em breve ele estará. – disse Narhen – Ele sabe onde estamos e não tardará a vir nos encontrar.

– Como pode ter tanta certeza? – perguntou Grendhel.

– De alguma forma, ele pôde nos ver e ouvir enquanto estávamos em nossa forma astral. – contou Ishiá – Nós dissemos a ele onde estávamos.

– Mas será muito arriscado para qualquer um se aproximar desse acampamento. – Lembrou Zoíísther.

– Não se preocupe. – disse Narhen – Ninguém é melhor que um gnomo quando não quer ser visto. Ele encontrará um meio e virá até nós.

Durante os dois dias seguintes, Zoíísther contou-lhes tudo o que podia a respeito de seu mundo. Falou sobre os animais, plantas, mostrou-lhe mapas de diversas regiões e contou-lhes sobre outros seres que também o habitavam.

Desde o dia em que saíram da gaiola, não mais encontraram com a rainha, mas com certeza ela sabia de todos os passos que o grupo dera em companhia de Zoíísther.

A sacerdotisa, por sua vez, fez seus relatórios diários à rainha, mas achou melhor omitir alguns fatos, como a possibilidade das irmãs poderem localizar o acampamento dos ninfos através de suas formas astrais.

Na noite do terceiro dia, já no fim das explicações da sacerdotisa e acertos para as ações do dia seguinte, ouviram um raspar de garganta em uma das paredes internas da caverna, na direção em que o lobo dormia.

Todos olharam depressa na direção. Quem poderia ter passado despercebido e entrado na caverna?

Sentado em um pequeno banco estava o gnomo, alisando a cabeça do animal.

– Zarthrus! – exclamaram.

– Que todos estejam gozando de plena saúde! – exclamou ele em reverência.

– Você é o gnomo? – perguntou Zoíísther.

– E você deve ser a sacerdotisa.

– Sou.

– Seu... hã... amigo... soube descrevê-la muito bem. Ele pediu para dizer que sente sua falta.

O rosto da pequena ninfa ficou mais vermelho que o por do sol no inverno.

– Oh, me desculpe. Não queria deixá-la constrangida.

– Não tem problema. Também sinto a falta dele.

– Ele é um bom amigo.

– Zarthrus! – disse Narhen –, como chegou até aqui sem ser visto? Existem guardas e vigias por toda parte.

– Ora! Não existe lugar onde um gnomo livre possa entrar sem ser visto. Poderia me alimentar na mesma mesa repleta de ninfas que nenhuma delas me viria, a menos que eu quisesse.

– Venha! Junte-se a nós. Temos muito a conversar.

O gnomo se uniu em torno da pequena mesa e contou e ouviu tudo o que ocorrera desde que se separaram.

– Você não tem jeito. – disse ele para Narhen quando ouviu sobre a maneira como agira com a rainha e deixaram a gaiola – Quando põe algo na cabeça é mais difícil de mudar de ideia que eu. Mas tenho de admitir: embora jogando com poucas peças nas mãos, soube usar muito bem o momento em nosso favor. Agora me respondam: quando e como descobriram que podiam se comunicar através de suas formas astrais?

– Nós não sabíamos, foi completamente inesperado. – disse Ishiá.

– Vocês quase me fizeram engasgar com minha cerveja quando surgiram daquela maneira!

– Você disse cerveja?! – falou Mhirfun – Já faz muito tempo que não coloco uma em minha boca. Acho até que já esqueci seu maravilhoso gosto.

– Sim, uma das mais saborosas que já experimentei.

– Vocês gostam de cerveja? – perguntou a sacerdotisa – Nós, as ninfas, produzimos cervejas de frutas e cereais maravilhosas. Amanhã trarei um pouco para que experimentem.

– Se isso acontecer, serei eternamente grato. – afirmou o anão.

Depois de mais algumas horas de conversa a sacerdotisa disse:

– Bem, já passou da hora de me recolher. Fiquei por muito mais tempo que queria. Amanhã, bem cedo, antes de vir, terei de dar meu relato à rainha. Não sei como dar a notícia sobre Zarthrus a ela.

– Não dê. – orientou Narhen – Zarthrus, por favor, quero que se mantenha escondido até que o momento seja mais oportuno.

– Qual seria seu plano? – perguntou Galler.

– Ainda não tenho um, mas teríamos um elemento surpresa para o caso de precisarmos.

– Concordo! – disse o gnomo.

– Sacerdotisa, vá agora. Amanhã lhe contaremos o que conversarmos aqui. Não queremos levantar nenhuma suspeita. Certo?

Zoíísther concordou com a cabeça e saiu da caverna.

Nem bem se viu do lado de fora e percebeu vários pares de olhos a observando.

“Como será que o gnomo conseguiu passar por essas guardas sem ser visto?” Pensou.

– Zarthrus – ralhou Narhen –, você tinha me prometido que não iria sair novamente sozinho.

– Eu sei e peço desculpas por isso, mas de certa forma foi bom isso ter acontecido, pois agora conhecemos as duas faces dessa guerra e eu descobri uma parte da origem de meu povo. Antes de habitar o mundo em que vivemos hoje, habitávamos aqui, nessas florestas. Era por isso que tive a impressão de estar voltando para casa.

– Zoíísther nos contou.

– Ela contou que foi o meu povo o responsável pelo desaparecimento das ninfas da água?

– Vocês não foram os responsáveis. – disse Ishiá – Vocês foram usados como desculpa para algo que a arrogância daquele povo já estava causando neles próprios.

– Não se sinta culpado, meu amigo. – aconselhou Grendhel – Mesmo que tenha sido através de vocês que aquilo tenha acontecido, estamos aqui para ajudar a corrigir outro problema semelhante.

– E vocês já têm uma ideia de como fazer isso?

– Zoíísther nos disse que a única maneira seria encontrar e resgatar a princesa, onde quer que ela esteja. – respondeu Narhen.

– E pelo jeito ainda não sabem.

– Não. Estávamos esperando você para nos ajudar. A rainha acusa os ninfos de sequestrar sua filha. Você tem alguma informação a esse respeito?

– Não existem prisões entre os ninfos. Quando capturam alguma guerreira ninfa, eles dedicam-lhe cuidados se forem necessários e, depois de restabelecida, fica à sua escolha retornar para sua vida junto às outras ninfas ou passar a viver em família junto aos ninfos. Os ninfos também acusam a rainha de manter o filho de Ürrmhatil prisioneiro e sem contato. Sabem se é verdade?

– Segundo o que Zoíísther nos disse, ele não é prisioneiro da rainha. – informou Galler – Creio que algo mais grave tenha acontecido.

– Também penso assim. – disse Grendhel – Se a princesa estivesse com os ninfos e junto ao filho de Ürrmhatil, os ninfos já teriam deixado essas terras em busca de um local onde pudessem viver em paz. E se a rainha tivesse Ürrmhiorr em suas mãos, já o teria usado para forçar o pai a se entregar e terminar com essa rebelião.

– Esse é o meu pensamento também. – concordou Narhen – Precisamos localizar o paradeiro dos dois. Algo me diz que estão vivos e juntos. Ishiá, agora que Zarthrus está entre nós novamente, devemos unir nossas mentes às consciências dos dragões e tentar localizá-los.

– Narhen, não deve fazer isso agora. – disse Galler – Nós tivemos um longo dia e vocês precisarão de toda sua energia.

– Galler tem razão. – disse Zarthrus – Embora não sinta necessidade de dormir, também necessito recuperar minha energia. Esses dois dias foram bastante cansativos.

– O que aconteceu nesse período? – perguntou Narhen.

– Eu retornei para casa. Mas deixemos essa conversa para depois. Preciso retornar para a floresta e vocês descansar. Amanhã retornarei nas primeiras horas da noite e então contarei o que me ocorreu. Tenham todos bons sonhos.

O gnomo fez uma reverência e, rápido como um raio, se virou e partiu tão silencioso quanto uma sombra.

– O que será que ele quis dizer com retornei para casa? – perguntou Narhen.

– Amanhã saberemos. – concluiu Ishiá.

No dia seguinte, logo no início da noite, o gnomo entrou silencioso como sempre:

– O que deixou a rainha tão zangada?

Todos no grupo, exceto Narhen, se assustaram com a aparição inesperada.

– Pelos deuses! – exclamou Mhirfun – Eu não consigo me acostumar com essa sua maneira de surgir.

– Não podia fazer muito alarde de meu retorno.

– Como conseguiu passar pelas guardas de sentinela? – perguntou Zoííster.

– Estavam de sentinela? Para mim parecia que dormiam.

“Será algum feitiço?” Pensou a sacerdotisa.

– Estava te esperando. – Narhen interrompeu a conversa – Quanto à sua pergunta, a rainha deseja resultados. Ela quer encontrar sua filha o mais rápido possível e veio saber o que faremos para ajudar a localizá-la.

– O que disse a ela?

– Que estamos trabalhando nesse assunto e ainda aguardando notícias do último de nosso grupo.

– Já contou à sacerdotisa sobre como vamos trabalhar?

– Em parte.

Zoííster olhou-os curiosa.

– Nós precisaremos de sua ajuda para que ninguém entre nessa caverna enquanto estivermos concentrados. Não podemos ser interrompidos.

– E como farão essa “viagem astral”?

– Lembra-se das gemas que falei? Elas aumentarão nossas capacidades, e assim, talvez consigamos encontrar os dois desaparecidos.

– Está bem, mas se a rainha retornar, não poderei impedi-la de entrar na caverna.

– Se for apenas ela, creio que teremos o tempo necessário. – disse Ishiá.

– É um risco que teremos de correr. – completou Narhen.

– Vou dar a ordem para as guardas na entrada.

A sacerdotisa saiu e não tardou a retornar.

– Ninguém entrará, exceto a rainha.

–Todos peguem suas gemas e tomem seus lugares no círculo. Zoíísther, por favor, fique atenta para alguma eventualidade.

O grupo sentou-se em círculo em torno das irmãs, que se sentaram uma em frente à outra com suas quatro gemas posicionadas juntas no chão entre elas. O lobo tomou seu lugar sentado às costas de Narhen e a águia às costas de Ishiá.

Zoíísther nunca havia presenciado uma cena como aquela: a energia que desprendia do grupo era quase palpável, os olhos dos animais reluziam com o brilho das gemas. Ela pôde perceber os braceletes nos braços das jovens brilhando em prata, azul e dourado.

A sacerdotisa ergueu o braço em direção ao grupo e sentiu que uma barreira de energia se expandia ao seu redor, como uma proteção invisível. Apesar do que via, percebeu que se mantinha calma. Em seu coração desejava participar daquela coligação.

Narhen e Ishiá se viram unidas ao dragão prateado deslizando em grande velocidade por sobre a floresta antiga. Em pouco tempo alcançaram a linha divisória das árvores seguindo na direção que parecia ser o noroeste de onde estavam. Ao longe viram as montanhas gêmeas, às quais deveriam ir quando os primeiros passos em direção à paz tivessem ocorrido.

Seguiram e passaram à esquerda das montanhas, de onde puderam observar o vale entre elas. O dragão voava rápido e a paisagem se mostrava mutante. As árvores ficaram esparsas e deram lugar a campos que, por sua vez, foram sucedidos por regiões desérticas e, por fim, por vales rochosos com muito pouca vegetação.

Através dos olhos do dragão, visualizaram detalhes familiares. Manchas esbranquiçadas formavam círculos ao redor de aberturas entre as rochas.



Estavam entrando no domínio das grandes aranhas.

Ao chegar ao centro da região, em um local mais elevado, avistaram uma abertura na rocha bem maior que as outras, assim como a mancha que a circundava. O dragão mergulhou e, pouco depois, estavam atravessando por um túnel coberto de teias que seguia para o interior da rocha. Chegaram a um grande salão onde, no centro, sobre uma grande rocha, estava a aranha líder, uma aranha imensa. A ponta de seus pelos tinha uma coloração dourada e estava cercada por várias outras aranhas menores.

Ao redor do grande salão havia varias outras passagens. O dragão voou ao redor e entrou através de uma delas. Em pouco tempo chegaram ao final do túnel. Lá encontraram, em uma cela fechada por uma rede de teias, os dois jovens ninfas da floresta, aconchegados um ao outro. Porque as aranhas os mantinham ali?

O ser prateado se separou das formas astrais das irmãs.

Elas se aproximaram dos pequenos seres e perceberam que, apesar de maltratados, permaneciam vivos.

– Precisamos tentar contato, como fizemos com Zarthrus. – sugeriu Narhen.

– Mas não sabemos como foi conseguimos fazer aquilo.

– Se me lembro, foi no momento em que me tocou para que voltássemos ao acampamento.

Narhen então ergueu a mão e Ishiá, achando que a tentativa valeria a pena, a segurou.

Na escuridão da caverna surgiu um brilho e as duas formas femininas se fizeram visíveis.

– Acordem! – chamou Narhen.

Os dois jovens, acostumados ao silêncio, logo acordaram e se assustaram com aquela aparição.

A princesa ameaçou gritar, mas Ishiá pediu-lhe silêncio e o jovem tapou-lhe a boca.

– Quem... O que são vocês? – perguntou o jovem confuso.

– Não tenham medo! Meu nome é Narhen, e ela é minha irmã, Ishiá. Estamos aqui para ajudá-los.

– O que estão vendo são nossas formas astrais. – completou Ishiá. – Zoííster nos pediu para encontrá-los. Por favor, nos digam o que aconteceu e porque estão aqui.

Os jovens estavam incrédulos com aquela aparição.

– Sabemos que vocês tinham combinado fugir para um local distante onde pudessem viver seu amor e que Zoííster os estava ajudando. – disse Narhen.

– Nós tínhamos combinado nos encontrar na floresta em um local longe dos acampamentos dos ninfos e das ninfas. – respondeu Ürrmhiorr – Zhoarrsstriss chegou primeiro e ficou me aguardando. Quando me aproximava, escutei seu grito. Essas malditas aranhas a encontraram e a cercaram. Eu me apressei para ajudá-la, mas eram muitas e fomos capturados. Pensei que fôssemos morrer quando vi as presas de uma delas se aproximar, mas então uma das aranhas a impediu. Ela dizia que a rainha iria nos querer vivos.

– Você ouviu a aranha falando? – perguntou Narhen surpresa.

– Sim. Essas aranhas falam de uma maneira estranha, mas é possível entendê-las. Depois, ela mandou nos embrulhar. Nesse momento, senti uma picada dolorida e fiquei desacordado. Quando acordei, estava deitado no chão aos pés da rainha aranha, mas não me recordo do que falava. Minha cabeça ainda girava sob o efeito do veneno.

– Eu me lembro. – foi a vez de Zhoarrsstriss falar – Ela disse que enquanto permanecêssemos vivos o povo ninfo não ousaria atacá-las. Elas nos têm mantido prisioneiros desde então.

– Essas aranhas são bastante espertas. – concluiu Narhen.

– O que farão para nos tirar daqui? – perguntou a princesa.

– Nessa forma, não temos como ajudá-los. – respondeu Narhen – Precisaremos trazer reforços. Elas são muitas.

Os olhos da princesa se encheram de lágrimas.

– Tenha fé, princesa. – Ishiá dizia, consolando a ninfa cativa – Agora que os encontramos, encontraremos uma forma de resgatá-los.

De repente, Narhen ouviu algo silencioso se aproximar.

– Estão vindo! – alertou – Precisamos ir. Não sei o que fariam a vocês se nos vissem aqui. Sejam fortes por um pouco mais de tempo. Logo viremos libertá-los.

As visões se desfizeram como fumaça e a caverna mergulhou mais uma vez na penumbra.

– Sssssss! Com quem esstar a falar? Sssssss!

– Com... Com ninguém. – respondeu a princesa.

– Estávamos apenas conversando. – completou Ürrmhiorr.

– Sssssss! Não adianta tentar fugir. Sssssss! Ninguém essscapar de nosssasss teiasss! Sssssss!

– Não estamos tentando fugir, mas sentimos falta de nossa família.

– Sssssss! Desissstam, nunca maisss retornarão para sssuasss casasss. Sssssss!

O ser monstruoso de muitos olhos se virou e se afastou, retornando para o lugar de onde saíra.

A princesa começou a chorar.

– Tenha calma, meu amor. Agora que nos encontraram, virão nos libertar.

– Tenho medo de que não consigam. Não existe uma forma de entrarem aqui sem se denunciarem. Existem muitas armadilhas. Se tentarem, serão capturados ou mortos.

– Temos que ter esperança. Tenha fé. Eles vão nos tirar daqui.

Narhen e Ishiá ainda estavam presentes em suas formas astrais e presenciaram a cena.

– Irmã, devemos voltar! – disse Ishiá – Não há nada que podemos fazer por agora.

– Eu sei, mas devemos encontrar uma forma de resgatá-los com vida.

As duas deixaram a caverna e novamente se uniram ao ser prateado. Em poucos instantes, estavam de volta aos seus corpos no acampamento das ninfas.

Assim que suas mentes se equilibraram novamente, perceberam inúmeras armas apontadas para o grupo e para a sacerdotisa, com a rainha das ninfas as encarando.

– É melhor terem uma boa explicação para isso, do contrário nenhum de vocês deixará essa caverna com vida! – esbravejou a rainha.

Todos estavam esgotados e qualquer tentativa de defesa seria facilmente impedida.

– Encontramos sua filha! – disse Narhen.

Aquelas palavras fizeram os olhos da rainha se abrir e os lábios de Zoííster esboçar um sorriso.

– “Graças aos deuses!” Pensou a sacerdotisa.

– Vamos! – ordenou a rainha – Digam de uma vez! O que os malditos ninfos fizeram com minha filha?

– Ela não está com os ninfos. Assim com o filho de Ürrmhatil não está com ninfas.

– Não me interessa o seu paradeiro. A única coisa que me importa é encontrar minha filha.

– Infelizmente, majestade, a vida de ambos está sob o mesmo perigo e o salvamento de um deles pode levar a morte dos dois. – explicou Ishiá.

– O que querem dizer com isso?

– Precisamos descansar. – continuou Ishiá – Gastamos muita energia nessa busca.

– Pois não terão descanso até me dizer tudo o que sabem.

– Mortas, elas não terão valia. – mencionou Galler.

– SILÊNCIO! Um ser inferior não pode se dirigir à rainha.

– É possível que a rainha das ninfas não cumpra suas próprias palavras? – provocou o elfo.

Antes que uma das guardas disparasse sua arma, a rainha perguntou:

– O que quer dizer com isso?

– Vossa alteza nos dera autorização para dirigir-lhe a palavra quando necessário.

– Lembro que, em suas próprias palavras, não iria falar até que eu permitisse.

– Disse também que somente se o assunto fosse muito urgente. E esse é de extrema gravidade.

– Do que se trata?

– De sua exigência para que Narhen e Ishiá lhe deem todas as informações nesse momento. O fato é que estão exaustas e se não permitir que ambas descansem irá exaurir o restante de energia de ambas, tornando graves suas condições. Talvez nem mesmo resistam, e desconhece o quanto é importante que se restabeleçam. Nenhum de nós tentará qualquer ação sem antes lhe comunicar.

– Como posso confiar em vocês se me escondem fatos importantes?

– Se tivéssemos dito que utilizaríamos forças místicas para tentar localizar sua filha, iria nos permitir?

– Não!

– Porém saiba que em nenhum momento ousamos pensar em traí-la. Se deixá-las descansar, obterá toda a informação que deseja sem causar-lhes danos.

A rainha os observou por alguns instantes.

– Está bem! Deixarei que descansem, mas nenhum de vocês poderá deixar essa caverna. Nem mesmo você, Zoíísther. Até que me provem o contrário, será tratada como prisioneira e receberá todas as penalidades cabíveis. Quando estiverem descansados, deverá mandar me avisar.

A rainha virou-se e saiu da caverna, deixando várias de suas guerreiras fechando a passagem.

– Obrigada, Galler! – agradeceram as gêmeas.

– Zarthrus, por favor, poderia preparar um pouco de sua mistura revitalizadora para elas? – pediu Grendhel.

O gnomo tratou de se apressar, enquanto Mhirfun foi tratar dos animais, dando-lhes água e comida.

– O que aconteceu enquanto meditávamos? – perguntou Galler.

– Vocês permaneceram naquela posição por cerca de duas horas. – respondeu Zoíísther – Eu estava preocupada pela demora e tentei me aproximar, mas uma barreira de energia me impediu. Foi quando a rainha entrou com suas guerreiras e me surpreendeu. Ela me exigiu uma explicação, mas não aceitou nada do que disse a ela. Ela viu o gnomo e me chamou de traidora por tê-lo mantido escondido.

– O que disse a seu respeito?

– Nada, apenas disse que era o último de seu grupo e que não o estava escondendo. Que ele chegara sozinho enquanto conversávamos, mas ela disse que era impossível alguém ter passado pelas guerreiras sem ser visto.

– Disse a ela que Zarthrus é um gnomo?

– Não.

– Então ainda temos essa surpresa. Agora, me dê licença, mas todos nós precisamos descansar.

– Vá. Os chamarei apenas se for muito necessário.

O grupo se acomodou, deixando a sacerdotisa perdida em seus pensamentos.

Após algumas horas, a rainha foi chamada.

– O que vocês têm a me dizer?

– Majestade, antes gostaria de contar-lhe o motivo pelo qual fomos enviados a esse mundo. – disse Narhen.

– Que sejam breves. O assunto mais importante para mim é minha filha.

Narhen e Ishiá relataram de forma resumida tudo o que lhes ocorrera desde o nascimento, da mesma forma que lhes foi contado. Depois lhe contou sobre a sombra crescente no mundo natal e da tarefa que havia sido imposta a elas. Descreveram sobre a viagem ao mundo dos dragões e da luta para restabelecer o equilíbrio destruindo a magia das sombras até a chegada ao mundo das ninfas e serem capturadas por elas.

– Então o grupo de vocês foi indicado pelos seus deuses e é composto por quatro de suas raças!

– Na verdade, os únicos escolhidos fomos eu e minha irmã. – disse Ishiá – Os outros se uniram espontaneamente por confiarem em nós.

– E quais são as cinco raças existentes em seu mundo?

– Somos humanos, elfos, anões, ninfas da água e gnomos. – respondeu Narhen.

– Ninfas da água e gnomos? – perguntou espantada – Vocês pensam que podem zombar de minha inteligência? Essas raças são originárias desse mundo e já não existem mais. Zoííster contou-lhes sobre elas e pretendem usar essas informações para me enganar.

– Desculpe-me, majestade, mas é a vossa alteza que não deseja a verdade não acreditando no que dizemos. – apontou Ishiá.

– Como ousa falar-me dessa forma?

– Não queremos ofendê-la, majestade. – continuou Narhen – Mas o que dizemos é a mais pura verdade e a prova disso é o último de nossos companheiros que agora se uniu novamente a nós. Zarthrus é um gnomos.

A rainha levantou-se de seu assento e um grande burburinho se formou entre sua guarda.

– SILÊNCIO!

Zarthrus se aproximou e fez-lhe uma grande reverência, levando seu nariz a meio caminho do chão.

– Você é de fato um gnomo?

– Sim, majestade. Sou!

Novamente o burburinho ameaçou surgir, mas com um gesto a rainha o fez parar.

– Quando chegamos a esse mundo, senti algo estranho. – disse – Mesmo eu nunca tendo posto meus pés nesse chão, algo aqui me parecia muito familiar. Era como se eu tivesse retornado para minha casa. As árvores me acolhiam de uma forma diferente. Eu não resisti e me separei de meu grupo, pois tinha de descobrir o porquê daquele sentimento. Vaguei por vários caminhos até que encontrei no centro da floresta antiga um conjunto de grandes e árvores. As mais antigas de todas. Elas me contaram todo o passado de meu povo e agora eu sei o motivo pelo qual deixamos esse mundo: vergonha.

– Vergonha? De que?

– Meu povo sentia vergonha de ter sido ele o causador da discórdia entre os ninfos da água, pela dissolução e separação de seu povo e, por fim, de sua destruição. Por esse motivo, atravessaram a passagem para um mundo onde pudessem recomeçar sem o peso daquela responsabilidade. Esse assunto foi retirado de nossa memória e eu não sabia dele até chegar aqui. Acredito que, mesmo sem saber, minha escolha de ter vindo nessa jornada tem haver com esse fato.

– O que quer dizer com isso?

– Ainda não sei, mas tenho a certeza de que no momento certo terei a informação de que preciso, mas sinto que tem a ver com o mesmo assunto.

– Bem, você é um gnomo que retornou a seu mundo original, então a profecia parece realmente estar se concretizando. Existe algo mais que queiram me contar ou podemos passar para o assunto de meu maior interesse?

– Majestade – disse Ishiá –, eu sou uma sacerdotisa e cresci estudando sobre as artes místicas. Minha irmã seguiu um caminho diferente, para no final nos encontrarmos novamente. Acontece que, para desempenharmos as tarefas indicadas pelos deuses, recebemos um dom especial. Quando unidas, podemos libertar nossas formas astrais e assim viajar por longas distâncias na velocidade de nossos pensamentos. Aprendemos que, utilizando a energia de todo o grupo, teríamos mais força para ir ainda mais longe. Foi no meio de uma de nossas viagens astrais que vossa alteza nos encontrou. Zoííster acreditou em nós e permitiu que procurássemos por sua filha, e foi o que fizemos.

– Você a encontraram? Onde os ninfos a estão mantendo presa?

– Sim, nós a encontramos e ela está bem, mas não foram os ninfos que a capturaram. Nós também encontramos o jovem Ürrmhiorr.

– Não me interessa saber dele!

– Ao contrário, vossa alteza deve saber que ele recebeu o mesmo destino de sua filha justamente por amá-la e tentar protegê-la.

– O que quer dizer?

– Que eles foram capturados pelas Aranothoias – explicou Narhen –, as aranhas gigantes.

– Impossível! Elas deixaram a floresta há muitos anos e juraram não retornar aqui. Elas sabem que, se viessem aqui novamente, liberaríamos uma arma fatal a todas elas.

– É justamente por isso que estão mantendo os dois jovens vivos. Caso percebam que algum mal recairá sobre elas, os bens mais preciosos dos ninfos e das ninfas terão o mesmo destino. Elas pretendem se apropriar da floresta, como tentaram no passado, e sabem que, tendo seus filhos como escudo, não tentarão impedi-las.

– Esses monstros! Devíamos tê-las destruído logo na primeira vez, mas fomos condescendentes e agora sofreremos por isso. Precisamos invadir o reino das aranhas e libertar minha filha.

– Não, majestade. – disse Narhen – Qualquer ataque direto poria em risco a vida dos jovens. Teremos de arquitetar um plano muito bem estruturado para resgatá-los.

– Não me importa o destino do outro. Meu único empenho será retirar minha filha ilesa. Toda ação que fizermos será para o salvamento exclusivo de minha filha.

– Para nós, ambas as vidas têm o mesmo valor, portanto nossas ações serão efetivas para o salvamento de ambas e nada menos que isso.

– Vocês farão como eu ordenar.

– Engana-se. Estamos aqui para ajudar e não para acatar ordens sem sentido ou que venham ferir nossa consciência.

– Atreve-se a me enfrentar?

– E vossa alteza atreve-se a enfrentar a ira dos deuses?

Os olhos da rainha faiscavam, mas Narhen permanecia com sua postura inalterada.

– Eu poderia mantê-los presos até que resolvessem obedecer-me.

– E assim arriscaria a vida de sua filha, pois não sabe onde ela está e por quanto tempo mais suportaria o cativeiro. Tenha certeza que, embora não queira admitir, ela apenas o suportou até agora devido ao sentimento que compartilha com o jovem. Se algo acontecer a qualquer um dos dois, o outro não resistirá.

– Não diga asneiras.

– Gostaria de saber o motivo pelo qual odeia tanto os ninfos. Não acredito que esse sentimento de ódio seja fruto de uma tradição cultural.

As palavras de Narhen atingiram diretamente o coração da rainha e ela sentiu como que seu corpo tivesse ficado transparente e sua alma pudesse ser vista com facilidade, revelando tudo que a muito estava enterrado.

– O que... quer dizer com isso? O que pensa que sabe sobre mim?

– Nada, majestade. Apenas sei que não é o ódio que deve nos guiar e sim o mais nobre dos sentimentos. – respondeu a jovem com delicadeza.

A rainha foi pega de surpresa e se sentia como um animal acuado prestes a enfrentar seu destino.

– A princípio faremos como disseram, mas saibam que se algo acontecer à minha filha, todos vocês sofrerão as consequências.

Ao dizer isso, a rainha virou-se e saiu apressada, sem dizer mais nenhuma palavra, levando consigo todas as guerreiras ninfas.

– Você perdeu o juízo? – disse Ishiá – Quer colocar nossa missão em risco? Você enfrentou a rainha e quase pôs tudo a perder!

– Tenha calma, minha irmã. Não podemos ser fracos e nem nos submeter à vontade de um tirano. Nossa tarefa não está completamente ameaçada.

– Mas,...

– Ishiá, apesar de arriscado, tenho que concordar com Narhen. – disse Galler – Devemos fazer o possível para salvaguardar todas as vidas e essas, em especial, podem vir a mudar a relação entre o povo ninfo. Não podemos deixar que a rainha nos obrigue a fazer algo do qual nos arrependemos mais tarde.

– Mas quem pode garantir que ela não se vingará no futuro?

– Não podemos! – respondeu Narhen – Devemos estar sempre preparados para uma eventualidade.

– Você continua a me surpreender – disse Galler a Narhen – A maneira como conduziu a discussão deixou a rainha sem reação.

– Existe algo no passado da rainha que deixou seu coração duro como uma rocha. Talvez se descobríssemos o que é...

– Existem coisas enterradas e que não devem ser expostas novamente. – cortou-lhe Ishiá.

– Mas, talvez, essas coisas enterradas possam nos ajudar a resolver problemas futuros. Preciso descobrir de que se trata. Algo me diz que nos será de grande valia.

– Seria apenas curiosidade ou a esperança de encontrar algum deslize cometido por ela?

– Talvez ambos!

– Creio que vocês estejam se arriscando demais. – opinou Zoííster – Não agradará à rainha que vocês revirem seu passado. Ela é cruel com seus inimigos e creio que vocês não estejam classificados como amigos.

– É possível. Mas acredito que poderemos contornar a situação caso isso ocorra.

– E o que pretende fazer para seguir sua dúvida? A rainha não lhe contará nada, nem mesmo se forçada.

– Não tenho essa intenção. Deixemos essa conversa para depois. Agora devemos tentar encontrar um meio para libertar a princesa Zhoarrsstriss e Ürrmhiorr de sua cela de teias.

– Zoííster, sua aparência não está nada boa. – disse Ishiá – Tenho a impressão de que não dorme há vários dias.

– É verdade. Não consegui dormir pensando nas palavras da rainha.

– Então vá descansar. Não tomaremos nenhuma atitude sem você.

– Está bem!

A sacerdotisa deixou a caverna e seguiu para seus aposentos.

Enquanto caminhava, não viu nenhuma das guardas de confiança da rainha.

A situação estava cada vez mais estranha. A líder das ninfas devia estar planejando alguma coisa, talvez desejasse que o grupo tentasse fugir e assim ter uma prova de sua desconfiança. Era preciso retornar e avisar a eles para que não caíssem em uma emboscada.

A sacerdotisa parou e se virou para a caverna, mas percebeu um movimento com o canto dos olhos.

Ela estava sendo vigiada e, se retornasse para a caverna naquele momento, seria capturada e mantida presa. E, de qualquer forma, não poderia avisar seus amigos.

Ela suspirou e virou-se novamente em direção aos seus aposentos orando para que não deixassem o interior da caverna.

Alguns instantes mais tarde, o lobo saiu pela abertura, se espreguiçou e se deitou bem na entrada.

Poucos instantes depois, foi a vez da águia deixar a caverna e voar para o meio das árvores.

Mais alguns minutos e...

– Lá estão. – disse Ishiá enxergando pelos olhos da águia – Você tinha razão, Galler, ao dizer para não sairmos. Existe um grande número de guerreiras escondidas ao redor da caverna.

– A rainha está procurando uma maneira de dizer que não somos confiáveis e nos manter prisioneiros. – disse Narhen – Mas não lhe daremos essa oportunidade.

Narhen então liberou seu amigo canino para explorar a floresta e Ishiá fez o mesmo com a ave que voou por sobre as copas das árvores.

– Bem, já que não podemos sair, devemos pensar em uma maneira de tentar libertar os dois do domínio das aranhas.

Narhen e Ishiá contaram todos os detalhes que se lembravam da caverna onde se encontravam.

– Bem, esta é a situação dos jovens ninfos. – disse Narhen.

– Se não se esqueceram de nenhum detalhe, não será fácil retirá-los com segurança. – concluiu Galler.

– Não haverá segurança nem mesmo para nós. – afirmou Grendhel.

– Eu preferia ter de lutar com vários Izmhur do que ter de enfrentar uma daquelas aranhas dentro de sua toca. – falou Mhirfun.

– Não ter de enfrentar nenhum dos dois seria o mais sensato. – concluiu Zarthrus.

– Devem manter a calma e o medo controlado. – aconselhou Galler – Precisamos encontrar uma solução para o problema.

– Um anão não tem medo de nada. – disse Mhirfun – Ele pode no máximo ter receio de um combate.

Todos sorriram.

– Não se preocupe, meu pequeno amigo. – disse Grendhel – Se você for muito baixo para atingir a cabeça de uma delas, eu o levantarei.

– Ora, mestre Grendhel. Em certas horas é bem melhor ser pequeno, pois temos uma visão melhor do que vem do alto.

O grupo discutiu por várias horas sem encontrar uma solução definitiva.

– Creio que o melhor local para uma tentativa de resgate seria o respiradouro da caverna. – disse Galler – Pelo que disseram, através dele entra certa quantidade de luz. Provavelmente sua passagem está comprometida por uma boa quantidade de teia.

– Também concordo. – disse Grendhel – Será muito melhor se não enfrentarmos aqueles monstros diretamente, mas precisamos de mais informações, como, por exemplo: como é essa passagem? É grande o suficiente para um de nós passar? Existem muitas aranhas na abertura pelo lado de fora? E o quanto teremos de descer para alcançarmos os jovens?

– Será necessária outra viagem até lá para descobrirmos. – disse Narhen.

– Talvez não, minha irmã. Talvez exista outra forma.

– Como?

– Na primeira vez não conhecíamos nem a princesa nem o jovem, mas agora já os conhecemos e sabemos sua localização. Creio que podemos utilizar da mesma técnica que utilizei para encontrá-la.

– E qual seria?
– A bacia de água.
– Mas sempre que se comunicou comigo, eu também estava próxima da água.
– Sim, é verdade, mas apenas para nos comunicar. Ainda assim, eu pude ver uma grande parte de sua viagem e até consegui avisá-la de um perigo enquanto dormia.

– Então porque não me falou que podia fazer essas coisas?

– Eu falei. Enquanto estávamos no elevado das sacerdotisas, na cidade esquecida. O problema de utilizarmos dessa técnica é que precisamos conhecer o objeto de busca. Quando não se conhece os objetivos, podemos ficar perdidos por muito tempo na busca gastando muita energia, muitas vezes sem sucesso.

– Então, o que estamos esperando?

– Precisamos de uma bacia com água e teremos de esperar até que Zoííster esteja conosco. Gostaria que ela participasse também.

– Tudo bem. Mas podemos praticar um pouco antes que ela chegue?

– Podemos!

As duas se aproximaram de uma pequena tigela sobre a mesa e nela depositaram a água de uma jarra, enchendo-a até a borda.

– O que tem em mente?

– Nada muito importante. Poderia me dizer se podemos enxergar o passado com essa técnica?

– É possível. Espere: não me diga que quer vasculhar o passado da rainha! Ainda não retirou essa ideia da cabeça?

– Eu sinto que ela esconde algo muito importante e quero saber do que se trata.

– Mas...

– Eu preciso de sua ajuda. Não sei como fazer isso sozinha. Prometo que não usarei o que descobirmos para qualquer ato que julgue incorreto.

– Se me dá sua palavra, então a ajudarei.

Durante o restante da manhã até mais da metade da tarde as duas praticaram a vidência no espelho da água. Conseguiram ver muitas coisas, mas nenhuma significativa em relação à rainha.

– Devemos descansar. – disse Ishiá – Além disso, tenho fome e sede. Amanhã continuaremos.

A contragosto, Narhen aceitou.

Logo depois Zoííster entrou pela caverna.

– Desculpe-me pelo atraso, mas fui convidada a comparecer perante a rainha. Ela queria saber do que mais vocês eram capazes. Graças aos deuses vocês não

tentaram sair da caverna. Havia um grande número de guerreiras os vigiando. Pensei em avisá-los, mas se o fizesse seria presa.

– A rainha ainda não confia em nós. – disse Ishiá.

– E o que disse ela? – perguntou Narhen.

– Nada. Porque, na verdade, vocês não me disseram nada. Portanto, não menti. Creio que ela não me deu muito crédito, no entanto.

– Talvez possamos reverter essa impressão. – disse Ishiá.

– Como?

– Amanhã, você chamará a rainha aqui. Eu, Narhen e você tentaremos visualizar o local onde a princesa se encontra e você mesma relatará o que ver. O que acha.

– Como pensa fazer isso?

– Sabe utilizar do espelho da água?

– Sim. Eu já tentei essa técnica, mas não consegui nenhuma informação.

– Agora será mais fácil, pois utilizaremos a energia de nós três.

– Está bem. Eu a chamarei. Mas vocês têm mais alguma informação?

– Venha! Vamos lhe contar o que discutimos.

O grupo se sentou e, durante o restante do tempo daquele dia, conversaram sobre as possibilidades do salvamento.

Apesar de entretida na conversa, a rainha não saía da mente de Narhen.

Qual seria o segredo que ela escondia?

Na manhã seguinte, a rainha entrou pela caverna em companhia de Zoííster.

– O que vocês têm a me dizer?

– Majestade – disse Ishiá –, como uma forma de amenizar a desconfiança que há em relação a nós, gostaríamos que fosse sua própria sacerdotisa quem lhe passasse as informações a respeito de sua filha. Pretendemos utilizar de uma técnica de visão, na qual Zoííster pudesse lhe passar diretamente o que ver. Já tomamos conhecimento de que ela conhece essa técnica, o que nos ajudará a concluirmos nosso intento.

– Zoííster já me falara a respeito, porém não é meu desejo que as informações me sejam passadas por intermédio de alguém. Pretendo eu mesma ver o que se passa com minha filha.

– Entendemos sua situação, mas o fato de Zoííster ser uma sacerdotisa irá nos ajudar, pois já está familiarizada com essa técnica e com as energias envolvidas.

– Tenho conhecimento sobre esse fato, porém, segundo ela própria, existe a possibilidade de minha participação. Portanto, também farei parte do processo.

– Está bem, majestade. – aceitou Ishiá – Se crê que isso a deixará mais segura das ações que deverão ser tomadas, que assim seja.

– Porém – acrescentou Narhen – tenha consciência de que nossa atitude será a de buscar meios para ajudar à sua filha e ao jovem que está com ela. Em momento nenhum permitiremos que utilize dessa situação para encontrar uma forma de destruir seus inimigos.

– Quero apenas encontrar e ver com meus próprios olhos a situação de minha filha. Tem minha palavra de que não farei o que disse.

– Majestade, temos necessidade de alguns itens para o processo. – solicitou Ishiá – Precisamos de uma bacia de pedra e de água pura para enchê-la.

– Por que uma bacia de pedra? Não serviria uma de madeira?

– Minha irmã tem ligação ao elemento terra e eu ao elemento água. A junção de nossos elementos facilitará a concentração de nossas energias.

– Será providenciado.

Com um gesto, ordenou que buscassem o que havia sido pedido.

– Como ninfa da floresta, meu elemento é a madeira. – disse Zoííster – Permitem que eu junte meu elemento ao de vocês?

– Isso será uma honra. – sorriu Ishiá.

Ao ouvir a permissão, a sacerdotisa pediu licença à rainha e saiu em busca do que precisava.

Passados vários minutos, algumas guerreiras trouxeram uma grande bacia esculpida em um bloco de cristal com coloração semelhante ao topázio. Era uma peça maravilhosa, com ricos entalhes à sua volta.

Em seguida, a água foi depositada em seu interior.

Zoííster prendeu em uma das laterais da bacia um pequeno arco de uma madeira de coloração avermelhada, de forma que os três elementos mantivessem contato.

As quatro se posicionaram em torno da bacia, ficando Narhen de frente para Ishiá e as outras duas posicionadas entre elas.

As jovens retiraram suas gemas dos dragões, colocando-as ao lado da bacia, de forma que cada uma delas parecia separar e unir as participantes ao mesmo tempo.

– Que gemas são essas? – perguntou a rainha – Onde as conseguiram? Não estavam em meio aos seus pertences.

– Desculpe, majestade, mas estavam. – Ishiá respondeu calmamente – Não são gemas comuns. Nós as chamamos de olhos dos dragões. Se alguém de coração puro as encontrar, verá sua beleza e poderá utilizar de seus poderes para ajudar a outros, mas se quem as encontrar tiver a intenção de utilizá-las para prejudicar alguém, verá apenas rocha bruta e sem valor. Quando nos encontraram, pensaram que éramos espiões dos ninfos e vasculharam nossas coisas na esperança de encontrar algo que lhes desse alguma vantagem sobre eles, por isso não as encontraram.

A rainha ouviu, mas não deu prosseguimento à fala.

– Todos devem colocar as mãos nas laterais da bacia e, majestade, deve fazer tudo o que lhe pedirmos. O que provavelmente verá não será de seu agrado e é preciso que mantenha a calma. Concorda?

– Está bem!

– Uma vez iniciado o processo, permaneceremos unidos mentalmente, embora possamos ouvir o que está acontecendo à nossa volta assim como nos fazer ser ouvidas. Não deve tentar quebrar o elo mental. Pode ser perigoso.

– Deixemos de conversa e comecemos de uma vez. – concluiu a rainha.

Dadas as explicações, Galler, Grendhel, Mhirfun e Zarthrus se sentaram de costas em torno das quatro figuras femininas, segurando suas gemas, cada uma em

uma mão.

As três sacerdotisas abriram suas mentes e imediatamente as gemas responderam brilhando.

Por ser feita de um cristal semitransparente, o brilho das gemas atravessou a parede da bacia, causando efeito na água.

A rainha observava as três figuras à sua frente imersas em suas consciências, sem nada sentir.

“O que estará acontecendo? Não vejo nada!” Pensou ela.

De repente, os brilhos na superfície da água pareceram dançar, embora a água estivesse completamente estável, chamando a atenção da monarca.

A rainha olhou, então, fixamente para o espelho da água e as luzes que piscavam silenciosas, foram aos poucos formando um turbilhão.

A água límpida e transparente começou a assumir um aspecto leitoso e depois ficou escura como uma noite sem estrelas.

A rainha não conseguia mais retirar os olhos.

Uma imagem borrada surgiu e pouco a pouco tornou-se nítida.

– Majestade – falou Ishiá – Eis a montanha onde se encontra sua filha.

Era uma grande montanha rochosa e sem vegetação. Estava coberta pelo tecido branco produzido pelas aranhas.

Havia inúmeros buracos de todos os tamanhos. Com certeza havia uma aranha para cada um deles. A imagem deslizava para o alto da montanha e depois penetrou por uma grande abertura na rocha. O túnel por onde passavam era grande suficiente para que Galler pudesse caminhar tranquilamente por ele sem ter de se abaixar.

Chegaram ao grande salão no interior e lá encontraram a imensa rainha das aranhas com seus inúmeros olhos e seus pelos negros de pontas douradas.

A visão seguiu em frente e avançou para uma abertura um pouco mais estreita e acima no grande salão.

O túnel era completamente coberto de teias, de forma que não se via a rocha.

Mais à frente, uma luminosidade tênue chamou sua atenção.

Chegaram a uma cortina de teias e atrás dela a rainha viu uma pequena ninfa ajoelhada e chorando.

– Minha filha!

A rainha quis correr para abraçá-la, mas seu corpo estava a muitas léguas de distância.

– Ela não poderá ouvi-la, majestade. – disse Zoííster.

Nisso, vindo do fundo, surgiu o jovem ninfo trazendo algo nas mãos.

Ele se ajoelhou junto da princesa e lhe disse:

– Minha amada, não chore. Beba um pouco de água. Irá acalmar-te.

– Porque ainda não veio ninguém em nosso socorro? Não suporto mais essa prisão.

– Não se desespere. Lembra-se do que a visão nos disse. Devemos ter fé e aguardar.

A princesa bebeu da água das mãos do jovem e depois deitou-se encolhida junto a ele, que a acariciava, tentando acalmá-la.

Os olhos do jovem vasculhavam o ar com grande dúvida.

Será mesmo que tiveram aquela visão? Será que realmente virá alguém para resgatá-los? Ou foi tudo uma ilusão causada pelo desespero?

Não. Ele devia acreditar. A ajuda viria e eles precisavam ser fortes e suportar.

– Minha amada – disse o jovem niffo enquanto a erguia e a abraçava –, não podemos desistir. Tenho certeza de que estão se mobilizando para buscá-la. Em breve estará fora dessa masmorra imunda e poderá ser novamente feliz.

– Por que diz dessa forma? Que virão me buscar, como se isso também não fosse acontecer a você?

– Quando a ajuda chegar, você deverá ser a primeira a ser salva e, se algo acontecer a mim, deve seguir em frente sem olhar para trás. Você deve viver e governar seu povo.

– Não me interessará viver se algo lhe acontecer. Saiba que se morrer, nada mais me importará e a vida também deixará meu corpo.

Sem nenhum dos dois dizer mais qualquer palavra, permaneceram abraçados.

A visão da rainha tornou-se embaçada e a água refletiu outra imagem em seguida.

Podia-se ver outra jovem ninfa semelhante à princesa, mas com os cabelos de uma cor mais escura. Ela se vestia com roupas elegantes e belas, seus cabelos longos. De sua franja, saíam duas tranças que se uniam na parte de trás de sua cabeça. Era a princesa, atual rainha das ninfas.

A jovem estava em uma pequena clareira na floresta e olhava inquieta à procura de algo. De repente, aparece um belo niffo. Suas roupas eram modestas, mas sua aparência era ativa e doce ao mesmo tempo. Ele fez um ruído e a jovem se voltou para ele e correu aos seus braços com um largo sorriso. Eles se beijaram e se abraçaram com amor. O encontro havia ocorrido para que combinassem a fuga do reino das ninfas, para onde pudessem desfrutar de seus sentimentos.

Novamente a visão se alterou e viram a jovem deslizando furtivamente entre as árvores. Estava seguindo alguém. Pouco à frente encontrava-se seu objetivo, o belo jovem com quem estivera abraçada jurando seu amor. Ele desconhecia sua presença e seguia tranquilo.

Pouco depois, o jovem se encontrou com outra jovem ninfa e a abraçou com paixão. Eles riam enquanto o jovem contava-lhe os planos que havia feito com a

primeira. De como ela era ingênua em acreditar naquele plano. A outra para quem o ninfo contava os detalhes era a irmã mais nova da princesa. Com sua inveja e ambição, jogava com os sentimentos da própria irmã, querendo no final humilhá-la perante as ninfas da nobreza para assumir o trono destinado a ela. Para a humilhada, caberia o exílio eterno.

À medida que via e ouvia, um desespero tomou conta de seu coração e o amor que anteriormente sentia se tornou ódio mortal.

Tomada pela loucura, avançou sobre a irmã com sua espada em punho, sem dar-lhe tempo de defesa, matando-a. Ao ver aquela cena, o jovem tentou fugir, mas a princesa o interceptou e também o matou.

Depois disso a rainha ajoelhou e chorou copiosamente.

Ela jurou nunca mais ser enganada novamente.

– Rainha! – chamou Zoííster.

– Majestade! – ecoou Ishiá.

A rainha novamente ordenou seus pensamentos e teve certeza de que o segredo que guardara no local mais fundo de sua alma havia sido exposto.

Ao olhar em volta, viu as três sacerdotisas olhando para ela.

– Majestade – disse Ishiá com delicadeza –, não pense no passado. Precisamos nos concentrar no presente e em sua filha para que encontremos uma forma de ajudá-la.

Com os olhos molhados e o coração batendo tal qual os tambores que anunciavam uma batalha, ela disse:

– Exijo que mantenham segredo do que viram. Essas lembranças não dizem respeito a mais ninguém senão a mim.

– Não se preocupe, majestade. – assegurou Ishiá – Nosso único objetivo é ajudá-la no resgate dos jovens.

– Já disse. Meu único objetivo é salvar minha filha. Não me importa o que venha acontecer com o outro. É preferível que uma ilusão seja destruída logo no início ao invés de deixá-la causar danos pelo resto da vida.

– E qual seria a ilusão, majestade? – perguntou Narhen – O fato de lutar e arriscar tudo à sua volta para viver um sentimento puro ou trancar esse sentimento no canto mais escuro da alma na esperança de que ele seja apagado, mas com a consciência de que é impossível, pois ele continua a nos dar prova de que está mais vivo do nunca?

– O que você pensa que sabe não me interessa. O sentimento que me amaldiçoou por toda minha vida já não existe mais. Ele se desintegrou no fogo do ódio que brotou em meu coração pela traição que tentaram desferir contra mim.

– Está errada, majestade. Esse sentimento não desapareceu. Ele no máximo se manteve calado esperando que entendesse o que aconteceu e superasse. Mas

continua vivo e forte.

– Você não sabe nada sobre mim e meus sentimentos.

– É verdade. Não sei nada sobre a senhora, mas quanto ao amor, eu o conheço desde meu nascimento. Vossa alteza sofreu uma traição e sofreu amargamente a cada dia de sua existência. Agora diz que a única coisa que importa é salvar sua filha. Se o que diz é verdade, não sente nada por ela, pois está querendo infringi-la o mesmo rancor e sofrimento pelo qual passou.

– CALADA! Você não sabe do que está falando. Não conhece o sentimento de uma mãe por uma filha.

– Mais uma vez se engana. Posso afirmar que conheço muito mais do que pensa. Quando éramos bebês, minha família foi dividida e separada. Meu pai cuidou de mim com todo o amor. Eu cresci sem conhecer minha mãe e irmã. Mas, em meu coração, sabia que algo ainda iria acontecer. O mesmo aconteceu com minha mãe e irmã. Embora estivéssemos muito longe, o sentimento de nossos pais nunca se apagou e por isso nunca perderam a esperança de que iriam se encontrar novamente, o que de fato aconteceu e a chama do amor que sentiam um pelo outro se mostrou mais viva que nunca.

– Isso não aconteceria em meu mundo.

– Esse sentimento não pertence exclusivamente ao meu mundo. Ele está presente em tudo e em todos os lugares, basta que permita que ele se mostre.

– Não podemos lutar contra um povo e sua crença.

– Não podemos lutar contra a força da correnteza de um rio, mas podemos mudar sua direção de forma a não causar prejuízos e irrigar a terra para que ela se torne mais fecunda.

– Não se muda algo tão forte de uma hora para a outra.

– Sim, é verdade. Mas se perseverarmos, pouco a pouco, no final poderemos transformar um mundo.

As palavras de Narhen entraram pelos ouvidos da rainha e a tocaram fundo.

– Encontrem uma forma para resgatar minha filha. – disse ela finalmente, enquanto se retirava da caverna seguida por seu séquito.

Durante alguns instantes ninguém ousou dizer uma única palavra.

Narhen havia conseguido bem mais do que descobrir o segredo que a rainha carregava pela vida. Ela sabia que conseguira produzir uma fissura na pedra que envolvia o coração da regente. Agora bastava apenas esperar para que o sentimento sepultado há tantos anos pudesse agir como a menor das sementes e voltasse a germinar, rompendo lentamente a rocha para alcançar a luz.

Logo no início da tarde, a rainha retornou com sua altivez e postura habituais.

– Encontraram alguma outra informação para nos ajudar?

– Sim, majestade. – respondeu Zoíísther – Encontramos.

– Pelo menos acreditamos que encontramos. – completou Narhen.

– O que quer dizer com isso?

– Depois de analisarmos todas as passagens que enxergamos, a passagem de ar sobre a cela da princesa nos pareceu a forma menos perigosa para alcançá-los. É através dela que a luz penetra até onde estão.

– E onde fica essa passagem?

– Na parte mais alta da montanha, bem acima da rainha aranha. – disse Ishiá

– Mas toda a montanha está coberta por teias. Ninguém conseguirá caminhar até lá sem ser detectado.

– Isso não será problema. Basta que voemos diretamente sobre a montanha.

– Não é tão simples assim. – disse Narhen. – Existem inúmeras outras aberturas na parte superior da montanha e apenas uma dá passagem para a cela. As outras são tocas com certeza habitadas. É necessário identificar qual é a passagem verdadeira logo na primeira tentativa. Além disso, teremos de cortar as teias que impedem a passagem sem alertar às aranhas. O menor dos movimentos nas teias pode ser captado por elas.

– Quanto a isso, minhas guerreiras se incumbirão. Nenhum daqueles seres malditos que fizeram minha filha prisioneira será perdoado. Irão se arrepender do que fizeram e não terei piedade.

O ódio reluzia nos olhos e nas palavras da monarca.

– Majestade! – disse Galler.

– O que quer?

– Gostaria de pedir-lhe para não deixar seus sentimentos interferirem em sua razão e seu julgamento. Apesar do que fizeram, são seres vivos. Antes de uma atitude mais grave deveríamos procurar entender as razões que as levaram a isso.

– Ousa dizer como devo conduzir meu reino?

– Não tenho essa intenção, Majestade. Tenho plena consciência de sua capacidade. Apenas peço que não deixe sua emoção controlá-la. Com toda certeza, as aranhas estão mantendo os jovens vivos como proteção, temendo ser atacadas. E, se agem assim, mostram que tem inteligência. Não são simples animais.

– Não são simples animais, são monstros! E, como monstros, devem ser eliminados. Assim que minha filha estiver a salvo, darei um fim definitivo a essa história. Essas aranhas se arrependerão do dia em que decidiram vir para essa terra.

– Majestade – implorou Ishiá –, por favor, ao menos pense no que Galler disse. Também em nosso mundo...

– Chega! Não me interessa nada que têm a dizer sobre seu mundo. Devemos nos concentrar no plano de salvar minha filha.

Vendo que uma discussão não levaria a nada, concordaram.

Horas se passaram e já era noite quando a rainha e sua sacerdotisa deixaram o local.

– Zarthurs!

– O que foi, Narhen?

– Saberia encontrar novamente o acampamento dos ninfos?

– Creio que sim! O que tem em mente?

– Ürrmhatil deve saber o que se passa com seu filho e dos planos da rainha. Mas, para isso, terá de ir durante a noite e retornar antes do nascer do sol para não levantarmos suspeitas.

– Posso tentar. Acredito que minhas novas amigas me ajudarão a não me perder.

– Então vá, e retorne o mais rápido possível.

O gnomo fez uma reverência e caminhou até uma sombra próxima à entrada da caverna para em seguida disparar como um raio para fora. Nenhum alarme soou, portanto ninguém deve tê-lo visto.

– Penso que todos nós devemos descansar agora. – disse Galler – Amanhã precisaremos decidir qual será a melhor estratégia para salvar os dois jovens de forma a causar o menor número de baixas em ambos os lados.

– Concordo! – falou Narhen – Apesar de a rainha querer destruir as aranhas, também não gostaria que isso acontecesse. Acredito que as aranhas também não pertencem a esse mundo. Devem ter sido iludidas pelas sombras a passar pelo portal para enfraquecer esse mundo, assim como o feitiço no mundo dos dragões e as aranhas de nosso próprio mundo.

Na manhã seguinte, junto aos primeiros raios de sol, a rainha ninfa atravessou a entrada da caverna, encontrando alguns ainda deitados.

Narhen olhou em volta e não avistou Zarthrus. Pelo jeito ele não conseguira voltar a tempo.

A rainha também deu falta do gnomo.

– Falta um membro de sua equipe! Onde está o gnomo? Por que não está com vocês?

– Bom dia, majestade! – disse Narhen assim que terminou de espreguiçar – Espero que sua noite tenha sido tranquila.

– Não se faça de desentendida. Não perguntarei novamente. Quero saber onde ele está.

– Estou aqui! – disse surgindo bem no meio das guardas da rainha, deixando todas elas sem entender como ele havia feito aquilo.

– Por que deixou essa caverna? Não tinha permissão para sair!

– Majestade – disse Narhen –, desconhecia-me o fato de sermos prisioneiros! Pensei que sua escolha havia sido nos ter como aliados ao nos libertar da gaiola.

A rainha foi pega de surpresa, mas não perdeu sua postura.

– Se me lembro, disse que não tomariam qualquer atitude sem antes me comunicar.

– E não tomamos. A menos que levar um amigo para dar uma volta seja de suma importância. – disse Zarthrus, com um sorriso irônico.

A rainha virou o rosto e viu o lobo chegar de sua caminhada noturna. O mesmo sorriso foi compartilhado por Narhen e Grendhel.

A rainha voltou-se novamente para o grupo e disse, controlando sua irritação:

– O que decidiram? Conseguiram mais informações?

– Não. – disse Narhen – É fato que devemos encontrar uma maneira de identificar de forma precisa a passagem correta, mas existem dois outros fatores. Como faremos para nos aproximar sem sermos vistos e como cortar as teias sem dar sinal de nossa presença.

– Não será necessária a presença de vocês. Eu e minhas guerreiras nos incumbiremos do resgate. Basta que nos informe a localização exata da passagem e deixe o resto por nossa conta.

– Com todo respeito, majestade, mas creio que ainda não tenha percebido a extensão do problema. Deve contar com toda e qualquer ajuda para essa incursão. E não digo apenas a nossa. Deve contar com a ajuda dos ninfos.

Novamente ouviram o espanto causado entre as guardas da rainha, através de palavras como: “O que?”, “Que absurdo!”, “Com quem ela pensa que está falando?”, “Como se atreve a propor isso à rainha?”, “A rainha não irá perdoá-la!”.

– SILÊNCIO! – ordenou – O que pensa que aqueles seres inferiores e incapazes poderiam fazer para nos ajudar em uma batalha?

– Desculpe-me, majestade, mas pelo que me consta, foram seres inferiores que fizeram um levante contra sua forma de governo e se mantêm em pé de igualdade com sua tropa, mesmo sem ter as mesmas armas.

– Ora sua...

– Prefere deixar o orgulho tomar conta de sua vida e arriscar a botar todo o plano por água abaixo do que pedir uma trégua para que ambos possam se ajudar a enfrentar essa guerra?

Quanto mais Narhen falava, mais as guerreiras da rainha se espantavam, aumentando o barulho no interior da caverna.

– BASTA! Sua insolente, se não mudar sua maneira de falar se arrependerá de ter vindo a esse mundo.

– Majestade – disse Ishiá –, não é nosso desejo desafiar sua autoridade, mas o que Narhen diz faz sentido. Nós duas, em nossas formas astrais, quando localizamos sua filha, atravessamos por locais que não lhe foram mostrados quando visualizou através da bacia de cristal. O perigo é muito maior que pensa. Sabemos que suas guerreiras são vigorosas e leais, mas peço-lhe que reconsidere o que minha irmã falou. Toda ajuda que tiver pode não ser suficiente para o que deseja. As aranhas estão em um número muito grande.

– Majestade – falou Narhen – peço desculpas pela maneira como falei. Minha intenção é apenas ajudar a resgatar esses jovens, como disse minha irmã. Ainda não está a par de tudo e desconhece a dimensão das forças do inimigo. Uma trégua e aliança com os ninfos podem, além de proporcionar sucesso ao resgate, terminar de vez com a desavença entre seu povo. Peço apenas que pondere sobre o que eu disse.

A rainha voltou-se para suas guerreiras.

– Saíam todas vocês. Não me deixam pensar com todo o barulho que fazem.

Assim que as guerreiras saíram, voltou-se novamente para o grupo.

– O que me pedem vai contra tudo o que meu povo acredita. Contra toda a cultura na qual meu povo se edificou. Se eu ceder a isso e permitir trabalhar em conjunto com os ninfos, como pensa que me verão? Perderão o respeito e novos levantes serão formados.

– Não retiro a possibilidade do que fala, mas sua cultura já está sendo questionada por parte de seu povo. Não falo apenas dos ninfos, mas também de ninfas que decidiram abandonar a maneira na qual viviam e se juntar a eles por livre e espontânea escolha. Sua cultura foi baseada em outra que já se encontrava decadente, tanto que se extinguiu. Nenhum povo pode viver separado. Se os deuses os criaram e se necessitam um do outro para sobreviverem, por que então deixar um sentimento os separar?

– Não posso mudar as leis que regem meu povo e muito menos a forma que escolheram para viver.

– Concorde quanto à forma em que escolheram para viver, mas quanto às leis, eu discordo, pois não é a rainha que tem o poder de criar ou modificar leis que

venham conduzir o povo com maior satisfação e equilíbrio?

– Eu nunca permitiria que um ninfo sequer imaginasse em se igualar a mim.

– Não peço isso, majestade. Porém, penso que se permitir que o próprio povo escolha a forma que deseja viver, poderá lhe trazer ainda mais respeito. Muitos, inclusive sua filha, já fizeram sua escolha. Não tardará para que uma separação ocorra de maneira definitiva, e com certeza os que escolherem permanecer sozinhos estarão fadados ao fim.

– Isso não acontecerá, desde que eu acabe de vez com os líderes dessa desordem. Fazendo isso, o restante retornará à sua vida normal.

– Acredita mesmo nisso? Quanto tempo pensa que demorará até outro assumir o lugar do primeiro? Quanto mais de guerras seu povo suportará? A cada batalha ambos os lados perdem, e mais cedo ou mais tarde a destruição virá em definitivo.

A rainha ficou em silêncio analisando tudo o que escutara. Narhen, apesar de insolente, disse coisas que ninguém antes ousara falar, mas que no fundo a rainha concordava.

– Se o que disse a respeito dos perigos que iremos enfrentar for mesmo verdade, devo meditar sobre cada palavra que disse. Talvez uma trégua possa realmente nos ajudar com essa situação.

Ao dizer isso, a rainha tornou a se retirar.

– Temi por sua vida! – disse Zoííster – Mas, pelo que vejo, conseguiu bem mais que eu e minha mãe em todos os anos que vivemos ao lado da rainha. Pela primeira vez em minha vida vi alguém colocar uma dúvida em sua cabeça. Ainda não acredito que ela vá acatar suas palavras, mas já é um começo.

Narhen sorriu.

– Ishiá, obrigada por intervir naquele momento. Estava com tanta raiva que não medi minhas palavras.

– Irmã, estamos todos unidos na tarefa que nos foi destinada. Apenas peço que não deixe a raiva tomar conta de sua mente.

– Ei! – lembrou Grendhel – Creio que estamos nos demorando demais nesse assunto. Precisamos definir um plano para o caso da rainha aceitar a trégua, mas devemos encontrar um plano alternativo para o caso do orgulho falar mais alto.

O grupo ouviu os conselhos de Grendhel e repassaram todos os passos que deveriam ser tomados para que o resgate acontecesse.

Durante o restante do dia e dos outros dois que se seguiram, a rainha não retornou.

O grupo aproveitou e saiu da caverna em companhia de Zoííster para finalmente conhecer o acampamento das ninfas e a extensão de seu poderio.

Antes do alvorecer do terceiro dia, a rainha entrou na caverna em companhia apenas de sua sacerdotisa, acordando a todos.

– Creio que já tiveram tempo suficiente para verificar e analisar todas as hipóteses desse resgate. Quero que me digam tudo o que sabem e o que planejaram.

– Majestade, analisamos todos os pontos que visualizamos e verificamos algumas situações. – disse Narhen – As aranhas estão localizadas em uma área rochosa muito distante daqui. Para chegarmos até lá, de maneira mais direta, temos de atravessar uma grande área desértica.

– Elas estão habitando em Thoriuzir, as montanhas da perdição. – falou a sacerdotisa enquanto desenrolava um grande mapa – A montanha da aranha rainha está localizada a sudeste.

– Então está próxima a Aghor. – disse a rainha.

– E o que seria Aghor? – perguntaram.

– É um grande pântano. – respondeu Zoííster – Ele se estende desde a floresta antiga e contorna o deserto Thuiyri até as grandes montanhas de Thoriuzir. Muitos já entraram em seu território, mas poucos e loucos foram os que saíram. Por isso o chamamos de pântano da ilusão e agonia.

– Seguir por Thoriuzir também não é encorajador. – disse a rainha – As aranhas escolheram bem onde montar suas fortificações. Serão muitos dias de viagem por um local completamente seco e sem vida. Minhas guerreiras estarão muito debilitadas quando finalmente alcançarmos a base das montanhas e tenho certeza de que as aranhas não esperarão até que nossas forças tenham se restabelecido.

– Deve haver outro caminho! – disse Narhen – As aranhas gostam de lugares secos, mas necessitam de água para viver. Elas atravessaram o deserto ou o pântano carregando a princesa e seu companheiro até a prisão onde se encontram. Se atravessaram e sobreviveram, é porque conhecem um caminho alternativo. Precisamos descobri-lo.

– Isso nunca saberemos. – disse a rainha – A menos que consigamos capturar uma das aranhas com vida e a forçar a nos revelar o segredo, teremos de escolher qual dos dois caminhos deveremos seguir. Como disse anteriormente, poucos de meu povo conseguiram retornar vivos dessa viagem, mas devido à insanidade, não podemos confiar em uma única de suas palavras.

– Majestade – perguntou Ishiá –, será que nem mesmo entre os ninfos haveria alguém que nos pudesse ajudar?

– O que perguntou não passa de um absurdo. Pensa que aqueles inferiores teriam maior conhecimento que nós?

– Talvez... – pensou Zoííster em voz alta.

– O que disse? – perguntou a monarca.
– Nada. – pensei em voz alta.
– Então exponha-nos a sua dúvida. Precisamos de todas as ideias, mesmo que tolas.

A sacerdotisa ficou estática. Seus pensamentos fervilhavam e em seu coração ela encontrou a resposta. A princesa e seu companheiro precisavam ser salvos para conseguirem mudar a consciência do povo ninfos, acabando de vez com a separação, mesmo que ela tivesse de entregar sua vida para que isso acontecesse.

Zoíísther olhou para as irmãs e seu olhar revelou sua intenção, mas antes que alguma delas pudesse fazer algo ela disse.

– Existe alguém que esteve além das montanhas e retornou a salvo.
– Impossível.
– O que eu digo é verdade.

– Nunca tive conhecimento de que alguém tivesse alcançado êxito nessa jornada.

– Não importa o que venha a acontecer comigo depois do que eu disser, pois as vidas da princesa e do jovem são mais importantes que a minha própria.

– Do que está falando? – disse a rainha, zangando-se – Que segredo você esconde?

– Não será mais segredo.

A sacerdotisa levou as mãos ao pescoço e retirou de dentro de suas roupas um colar com uma pequena gema cor de rosa na forma de uma gota.

– Essa pedra somente é encontrada em um vale existente depois das montanhas Thoriuzir. É um vale rico e fértil, repleto de florestas e campos, rios e cachoeiras.

– Como sabe sobre isso? Como foi que conseguiu essa gema?

– Tanto a informação quanto a gema vieram da mesma fonte. De alguém que deseja o melhor para nosso povo mesmo tendo sido rejeitado por quase toda sua vida.

– DIGA DE UMA VEZ! – Gritou a rainha.

– Ürrmhatil. O líder dos revoltosos. Foi ele que me deu essa gema há vários anos.

– E por que ele lhe daria essa gema e lhe contaria essas mentiras? – perguntou a rainha, temendo ouvir a resposta.

– Por que nos amamos. Ele é o companheiro que escolhi para minha vida, embora estejamos separados muito tempo.

– Então é você quem nos trai, revelando nossos esforços para derrotá-los?

– Não, majestade. Em momento algum eu a traí ou traí meu povo. Ele me entregou essa gema e me contou sobre o local no último dia que nos encontramos

há vários anos.

– TRAI DORA! – gritou a rainha erguendo sua espada contra a sacerdotisa – Eu a tratei com uma de minha família e foi assim que retribui.

– MAJESTADE, PARE! – Gritou Narhen, com seu grito detendo o movimento da espada – Pretende matar a única esperança de salvar sua filha?

– Essa impura não merece viver.

– Não vejo em que ela tenha lhe traído. Zoííster teve todas as oportunidades de deixá-la para viver junto a quem escolheu, mas continua aqui tentando encontrar uma forma de libertar sua filha.

– Ela está aqui para descobrir meus planos e avisar meus inimigos. É por isso que não temos tido sucesso.

– É mentira. Eu nunca...

– CALE-SE, IMUNDA.

– Majestade, por favor, deixe que ela fale. – pediu Ishiá.

– Não quero escutar mais nenhuma mentira saindo dessa boca.

– Use de seu bom senso. – falou Narhen – Deixe-a falar e depois julgue se é ou não mentira.

A rainha olhou-as com os olhos vermelhos de ódio.

– Então fale. Mas não pense que me enganará novamente.

Com os olhos cheios de lágrimas a sacerdotisa falou.

– Eu nunca transmiti nenhuma informação para os ninfos. Eu tive inúmeras oportunidades para isso, mas, por respeito, eu jamais o faria. Por toda minha vida, desde que vim morar na corte com minha mãe, aprendi sobre nossa cultura e como a grande maioria das ninfas a julgava correta. Nas caminhadas pelo reino com a corte, passei a observar a forma como nosso povo dividido era tratado. Às ninfas era destinada a glória, nunca eram castigadas não importando o mal que estivessem praticando, mas os ninfos recebiam apenas humilhação. Eles se resignavam e trabalhavam com afinco, mas bastava um pequeno erro, um pequeno descuido e eram severamente punidos. Passei a enxergar a crueldade de minhas irmãs e até mesmo as minhas atitudes anteriores a isso e me senti como o pior dos seres. Certo dia, minha mãe, que sabia exatamente o que se passava em meu coração, me mostrou a verdade. Mostrou-me a totalidade do mal que estávamos infringindo ao nosso povo e que se continuássemos a agir dessa forma nossa civilização iria desaparecer da mesma forma que a das ninfas da água. Passei a dar muito mais atenção às palavras de minha mãe e às suas atitudes. Percebi o quão grande ninfa ela era. Ela era admirada por todos, tanto ninfas quanto ninfos, por que apesar de todo conhecimento que detinha não se julgava superior a ninguém. Apesar de exigir o melhor trabalho, nunca castigava os erros. Ela, através da palavra e do exemplo, mostrava a beleza de um trabalho bem feito. A partir daí decidi que

minhas atitudes deveriam mudar. Nessa época passei a conviver com a princesa e comecei a amá-la como se fosse uma irmã mais nova.

– Foi você quem fez com que ela se rebelasse contra mim.

– Não! Nunca tentei mudar a maneira de qualquer pessoa, pois acredito que devam descobrir a verdade por seus próprios olhos. Eu apenas agi como minha própria mãe em relação a todos. É certo que a princesa me observava e me perguntou inúmeras vezes por que eu agia daquela forma em relação aos ninfos, pois foi dito para todas as crianças ninfas que os ninfos eram inferiores e que não deveriam tolerar nenhum erro que cometessem. Com o passar do tempo, ela mesma percebeu o grande mal que fazia e resolveu mudar. Ela se dirigiu muitas vezes à vossa presença com o intuito de conversar, mas vossa alteza a ameaçava castigá-la se voltasse a tocar nesse assunto.

– Ela deveria estar se preparando para assumir o governo de um povo da forma como manda nossas leis e não da forma que via.

– Foi então que, durante um passeio, conheceu Ürrmhiorr e se apaixonou. O amor de ambos surgiu assim que seus olhares se cruzaram. Quando vossa alteza prendeu o jovem na tentativa de que o sentimento de ambos desaparecesse, foi a primeira vez que vi Ürrmhatil. O sentimento surgiu em nossos corações da mesma forma que nos dois jovens. Quando seu filho foi finalmente solto, ele me chamou para deixar o reino para que vivêssemos nosso amor em liberdade. Os ninfos já estavam prontos a se rebelar há algum tempo, mas estavam esperando que Ürrmhiorr fosse libertado para abandonar o reino.

– Então você é uma traidora e ajudou eles a tramarem seus planos.

– Não, majestade. A principal culpada pelos rebeldes é vossa alteza.

– O que? O que quer dizer com isso?

– Minha mãe era uma diplomata entre as ninfas e ninfos. Por inúmeras vezes ela conseguiu acalmar os ninfos que estavam prestes a pegar em armas na tentativa de alcançar algum respeito. Ela conseguia mostrar a eles que isso apenas aumentaria o conflito, que se quisessem fazer algo nesse sentido, deveria ser sem violência. Muitas ninfas passaram a apoiar os ninfos. Quando vossa alteza mandou matar as três ninfas que resolveram assumir seus companheiros, os ninfos novamente se enfureceram e minha mãe, na tentativa de trazer paz novamente, foi chamada de traidora e morta por seu comando. Essa atitude de matar alguém que estava defendendo a paz foi o que levou os ninfos a se rebelarem.

– Mas eles não se rebelaram nessa época. Ainda demorou alguns anos.

– Sim, é verdade. Ürrmhatil deixou o reino em busca de um lugar onde pudessem viver sua liberdade longe da crueldade da corte. Esse foi o tempo que ele demorou para encontrar, mesmo se arriscando a não retornar vivo. Mas graças aos deuses ele conseguiu. E, como prova, me deu essa gema. Como pode ver,

majestade, foram suas atitudes que causaram a revolta, e apenas um ninfo tem o conhecimento para levá-la em socorro de sua filha.

– Encontrarei outro meio. Não me sujeitarei a ser guiada por alguém inferior.

– Majestade – disse Narhen –, então é melhor que encontre rápido esse outro meio. Não sabemos por quanto tempo mais os jovens suportarão o cativoiro.

– Além do que, embora suas guerreiras sejam valorosas, seu número é muito inferior ao das aranhas. – lembrou Ishiá.

A rainha virou-se para sair e disse:

– Vocês ficarão nessa caverna até que eu decida sobre esse assunto. Todos. – disse olhando para a sacerdotisa – Qualquer um que tentar sair será considerado traidor e será executado.

A rainha deixou a caverna e suas guerreiras permaneceram na entrada como uma muralha viva.

– Espero que ela reflita e que seu bom senso a conduza para a decisão certa. – disse Galler.

– Todos nós esperamos. – concluiu Ishiá.

A dúvida e incerteza iriam perdurar até o retorno da monarca.

– Narhen – chamou Zarthrus –, precisamos deixar Ürrmhatil a par do que está acontecendo.

– Eu penso o mesmo, mas agora é muito arriscado.

– Eu poderia facilmente passar pelas guerreiras e...

– Não. Se a rainha retornar no tempo em que estiver fora, poderá ser desastroso para todos nós. Não! Devemos esperar até que ela tome sua decisão.

– Mestre Zarthrus, eu não gosto de me sentir prisioneiro, mas mestra Narhen tem razão.

– É isso mesmo, Zarthrus. – disse Grendhel – Você estará arriscando todos os nossos pescoços.

– Está bem. Não irei. Nem por isso precisamos deixar de avisá-los.

– O que tem em mente? – perguntou Ishiá.

– Bem, segundo as próprias leis das ninfas, os animais são livres e elas não podem impedi-los de sair. Eles podem levar uma mensagem.

– Não sei. – disse Galler – Alguma coisa me diz que não daria certo. Embora elas os considerem como seres livres, quando fomos capturados também o fizeram com o lobo. Pensam que nós os forçamos, ou melhor, os adestramos. Não creio que verão com bons olhos a saída de algum deles.

– Tenho de concordar com você. – disse Narhen – Não acredito que venham a feri-los, mas podem separá-los de nós. Devemos aguardar. Caso a rainha não se decida, então, tomaremos nossas providências.

Relutante, o gnomo concordou.

O tempo passou e o final do dia seguinte não trouxe nenhuma resposta da monarca.

Por volta da metade do segundo dia, Mhirfun aproximou-se de Narhen.

– Mestra Narhen, gostaria que visse algo.

A maneira como o anão disse aguçou sua curiosidade.

Galler e Ishiá ameaçaram segui-la, mas com um sinal pediu para que aguardassem.

O anão caminhou até o fundo da caverna onde havia uma pequena câmara lateral, semelhante a um pequeno corredor que não levava a lugar algum.

O lugar era úmido e, se não fosse por uma pequena lamparina, não poderiam ver suas próprias mãos em frente ao rosto.

– O que deseja que eu veja?

Mhirfun apontou para o fundo da câmara.

– Não estou entendendo. Não vejo nada naquele lugar.

– Eu também não tinha percebido até hoje na parte da manhã.

Narhen caminhou até lá e, ao chegar ao fundo, passando por cima de uma poça de água, verificou que atrás de uma rocha havia uma passagem estreita e escura.

Por essa passagem, entrava uma brisa fresca e constante.

– Até onde será que vai?

– Não sei. Não quis explorá-la antes de lhe mostrar, mas creio que deve chegar até a floresta.

– Venha. Retornemos ao outros.

A jovem e o anão se aproximaram dos outros e contaram a descoberta.

– Como você descobriu a passagem? – perguntou Galler.

– Já há algum tempo eu estava curioso em saber por que a fumaça de nossas fogueiras não enchia a caverna, da mesma forma que o ar aqui dentro não se tornava pesado. De início pensei que, quando a fumaça quente saia próxima ao teto, o ar retornava por baixo para preencher o lugar, mas hoje na parte da manhã percebi que no fundo da caverna não havia fumaça, então, deveria existir outra entrada para o ar. Quanto mais me aproximava do fundo da caverna, percebia o ar mais puro. Quando cheguei à entrada da câmara, percebi uma leve corrente de ar e não tive mais dúvidas. Com o auxílio de uma lamparina, rapidamente encontrei a abertura atrás da rocha. Era um pouco mais estreita, mas com um pouco de jeito consegui aumentar a passagem sem muito ruído.

– Precisamos descobrir onde a passagem nos levará. – disse Grendhel.

– Mas não podemos arriscar que a rainha retorne e não encontre algum de nós. – disse Galler.

– É um risco que temos de correr. – disse Narhen – Zarthrus, você é o menor e o mais ágil. Poderia atravessar pela abertura e retornar para nos informar?

– Qualquer coisa é melhor do que ficar parado feito uma rocha nessa caverna.

– Mas lembre-se: não deve se arriscar demais e deve retornar assim que souber até onde a passagem leva.

– Pode deixar. Retornarei com as respostas.

– Então vá. Não perca tempo e tome bastante cuidado.

O gnomo levantou-se num salto e seguiu Mhirfun até o local indicado.

Pouco tempo depois, a luz de sua lamparina desapareceu no interior da passagem.

O grupo aguardou apreensivo pelo regresso do gnomo e da rainha.

Algumas horas se passaram sem resposta.

De repente, do lado de fora da entrada da caverna, ouviu-se certo burburinho. A rainha acabara de retornar e junto a ela suas guerreiras com armas em punho. A apreensão tomou conta de Narhen e dos outros. Zarthrus ainda não retornara e logo a esperança de que ela não percebesse se foi.

– Onde está o gnomo? – perguntou ela.

Silêncio. Que desculpas dariam?

– Eu fiz uma pergunta. Onde está o gnomo?

Narhen tomou fôlego para responder.

– Aqui! – surgiu a voz conhecida de Zarthrus vinda do fundo da caverna.

– O que estava fazendo?

– Provavelmente tentando cavar uma passagem através da rocha com minhas mãos.

– Pensei... Não importa. Quero que me digam a localização do acampamento dos rebeldes.

– Pelo visto não encontrou outra forma de chegar até a montanha das aranhas! – disse Narhen.

– Não! Mas vocês me dirão onde é o acampamento dos rebeldes e farei com que me levem até lá.

– Fará? – perguntou a sacerdotisa. Ainda acredita que tem algum poder sobre os ninfos?

– Eles dirão o que quero quando seu líder estiver sobre meu controle.

– Estás enganada, majestade. – disse Ishiá – Enquanto acreditar que o poder reside na força de sua espada, não conseguirá uma única vitória concreta.

– Não me interessa saber o que pensa, apenas a localização dos ninfos.

– Não os conhecemos, mas nem por isso utilizaremos de traição. – disse Narhen – Não conhecemos a localização do acampamento e, mesmo que soubéssemos, não lhe entregaríamos essa informação.

A ira da rainha estava cada vez maior e o bracelete do dragão estava tão quente que parecia que iria queimar o braço de Narhen.

A jovem respirou fundo e procurou frear seus instintos, mantendo a mente clara.

– Majestade, peço que reflita. Nenhum de nós conhece o acampamento, pois segundo suas próprias informações, eles sempre mudam sua localização.

E ao dizer isso, lançou um olhar para o gnomo, que entendeu o recado e sorratamente se esquivou para o fundo escuro da caverna, desaparecendo.

A jovem disse mais algumas palavras tentando trazer a rainha à razão e trazendo as atenções para ela.

– Chega de conversa. – disse a rainha – O gnomo é amigo das árvores e poderá obter essa informação... ONDE ELE ESTÁ?

As guardas da rainha voltaram-se para o local onde ele estava há poucos instantes, mas ele desaparecera.

– MALDIÇÃO! Onde ele está? – perguntou ela com os olhos vermelhos de ódio.

– Como podemos saber, majestade? – disse Narhen com ar irônico – Estamos todos cercados por suas armas e ele estava aqui nesse instante.

– PROCUREM-NO!

Várias das guerreiras acenderam pequenas tochas e entraram pela caverna e foram até a câmara no fundo e não encontraram nada, nem mesmo a abertura atrás da rocha.

– VOCÊS SÃO UMAS INCOMPETENTES! – gritou a rainha com elas – Como é que o deixaram sair sem se dar conta?

A monarca estava completamente furiosa.

Pegou sua espada e a levou até o pescoço da sacerdotisa.

– Você me dirá como encontrar aqueles malditos ou sua cabeça rolará pelo chão.

Zoííster fechou os olhos e respirou profundamente acalmando sua mente e coração.

– Se me matar é realmente seu desejo, que assim seja. Mas tenha certeza de que, da mesma forma que não traí as ninfas, também não trairei meu coração. Será com grande pesar que deixarei esse mundo, mas rogo aos deuses que a perdoem por seus atos impensados.

A rainha não esperava aquela atitude. Pensava que o medo de morrer a faria falar, mas se enganara. O sentimento da sacerdotisa por Ürrmhatil era mais forte que a própria vontade de viver.

Antes que a ira da rainha retomassem o controle, Ishiá interveio:

– Majestade, por favor, pense. Está agindo sem a razão que condiz a uma monarca. Não deixe que esse sentimento a devore. Juntos poderemos encontrar uma maneira de socorrer sua filha, mas não deixe que sua raiva destrua talvez a única forma de conseguirmos.

As palavras de Ishiá surtiram algum efeito e a rainha gradativamente baixou sua arma.

– Majestade – disse Narhen –, ao invés de lutar, por que não tenta um acordo com os ninfos? Pode ser benéfico para ambas as partes.

– Não negociarei com rebeldes.

– Veja: essa luta entre vocês já dura muito tempo. Já é hora de parar. Permita que decidam por conta própria e assumam o risco por isso.

– O que quer dizer?

– Sua sociedade não admite que formem casais permanentes, então permita que se assim decidirem, partam para onde não voltem a ter notícias deles e assumam o risco por essa partida. Dessa forma, os que resolverem permanecer viverão da forma que sempre viveram, mantendo a hierarquia e os costumes de sua cultura.

– Se agir dessa forma, estarei sendo fraca perante meu povo.

– Se agir dessa forma, estará sendo uma verdadeira rainha que pensa em seu povo, e não uma déspota – concluiu Narhen.

– Mas... E se todo meu povo assim desejar?

– Então não seria hora de mudar? – questionou Ishiá – Tudo muda o tempo todo. Só depende de nós acompanharmos a mudanças e nos adaptar a elas.

– Mas, como rainha, não posso deixar que certas situações mudem, para que meu povo não sofra com isso.

– Desculpe-me, mas uma rainha não deve governar em busca da harmonia e felicidade de seu povo? – perguntou Narhen – Dê uma chance a seu povo para tomar essa decisão.

– Por favor, majestade, reflita sobre isso e verá que é a melhor maneira de terminar com essa guerra. – falou Ishiá.

– Se decidir fazer um acordo com os ninfos, como é que iremos comunicá-los sobre isso? – perguntou a rainha.

– Eu ajudarei! – disse Zarthrus saindo do fundo da caverna.

– Como? Você...

– Não importa! Se der sua palavra que não fará nada de mal contra Ürrmhatil e que nenhuma ação será efetuada na tentativa de aprisioná-lo ou pior e que ele e quem o acompanhar tenha passe livre para entrar e sair, mesmo que o acordo não seja realizado, eu ajudarei.

– Você está pedindo demais. Poderia prendê-lo e obrigá-lo a nos levar até eles.

– Engana-se. Não conseguiria me manter preso e, mesmo que conseguisse, saiba que minhas amigas não estão satisfeitas com a forma que tem agido. Elas disseram que essa floresta era um lugar de paz e alegria, mas que nos últimos anos suas incursões têm causado desequilíbrio na floresta. Creio que deva pensar com a razão, antes que as árvores a obriguem a deixar essa floresta que sempre foi o lar de seu povo.

As palavras de Zarthrus fizeram a monarca prender a respiração por alguns instantes.

– Vou pensar no que falou!

– Tenho outra condição.

– E qual seria?

– Você deixará de nos ameaçar com suas armas. Não é obrigada a gostar de nós, mas não mais nos tratará como prisioneiros e poderemos sair quando nos der vontade. Estamos aqui tentando ajudar e não merecemos esse tratamento.

– Vou pensar.

– Pense rápido. Creio que não deseje que suas anfitriãs a impeçam de retornar ao seu lar.

– Está me ameaçando?

– Não. Estou apenas comunicando o que ouvi das árvores.

A rainha deixou a caverna junto com a maioria de suas guerreiras.

– Zarthrus, meu pequeno amigo! – disse Grendhel sorrindo – Nunca pensei encontrar tamanha força em alguém de seu tamanho.

– Obrigado!

– Zarthrus – chamou Narhen –, é verdade o que disse sobre as árvores expulsarem as ninfas da floresta?

– Bem, não foi exatamente isso o que disseram, mas a rainha não precisa saber.

Muitos risos ocorreram no interior da caverna.

A rainha se apressava para encontrar com seu conselho.

As palavras do gnomo marcavam uma mudança de rumo naqueles eventos e o que fosse decidido depois poderia realmente levar as ninfas ao equilíbrio ou à desgraça.

A floresta existia desde o início dos tempos, acreditava-se que desde muito antes dos gnomos originais e até mesmo das ninfas da água.

Apesar de em outros locais as árvores se acomodarem e fincarem suas raízes tão profundas na terra a ponto de perder sua capacidade de se locomover sobre o solo, na floresta antiga as árvores eram livres e deslizavam por toda a área de acordo com seu desejo.

Essas árvores tinham um temperamento brincalhão e zombeteiro, mas se alguém ameaçasse a tranquilidade ou o equilíbrio da floresta, elas poderiam se tornar bastante perigosas.

Havia uma lenda que dizia que, quando as ninfas da água surgiram naquele mundo, escolheram o mundo aquático para se estabelecer, ficando assim distante das árvores. Mesmo assim, mantinham certo relacionamento com elas, pois habitavam rios e lagos em todas as regiões.

Com o surgimento dos gnomos, um povo feliz que adorava os campos, as árvores rapidamente se tornaram suas companheiras e passaram a se divertir juntos. Foi a eles que escolheram ensinar sua fala e compartilhar seus conhecimentos. Quando os gnomos deixaram esse mundo, as árvores decidiram que não falariam com outro povo, e assim o fizeram desde então.

Como todo o povo ninfo, a rainha também conhecia o temperamento das árvores da floresta antiga.

As palavras ditas por Zarthrus a deixaram preocupada. Ela não conseguia entender o que estava fazendo de mal que estivesse afetando o equilíbrio da floresta. Desavenças entre seu povo existiam desde o surgimento, e aquele povo já havia passado por inúmeras guerras entre si. Aquelas palavras não faziam sentido, mas, mesmo assim, ele era da raça antiga e conseguia se comunicar com as árvores.

As palavras do gnomo a levaram a outra conclusão: as árvores haviam tomado o partido dos ninfos, pois de outra forma suas guerreiras já os teriam encontrado.

Não eram palavras simples, e era necessário que todo o conselho se reunisse o mais rápido possível para a decisão mais correta.

– Preciso sair dessa caverna! – disse Grendhel – Preciso sentir novamente o sol em meu rosto.

– Mas as guardas do lado de fora poderão interpretar como tentativa de fuga. – lembrou Ishiá.

– Zoííster – disse Galler –, poderia perguntar às guardas quais são as suas ordens? Assim deixaremos de ter dúvidas de como agir.

A sacerdotisa aproximou-se de uma das guerreiras na entrada da caverna e pouco instantes depois retornou.

– Nesse momento, a rainha não está nos obrigando a ficar presos na caverna, porém, ao sairmos, seremos acompanhados de perto por suas guerreiras.

– Uma escolta é muito melhor que uma prisão. – disse Grendhel.

– Até eu, que sou acostumado a permanecer por tempos indeterminados no interior dos túneis no ventre das montanhas, estou sentindo falta do sol. – disse Mhirfun – Creio que me acostumei com o ar sob o céu!

– Então, o que estamos esperando? – perguntou Narhen – Vamos antes que a rainha mude novamente de ideia.

– Será muito bom poder sair. – disse Zoííster – Existem outros mapas e alguns utensílios que desejo pegar em minha cabana.

– Eu irei com você! – disse Ishiá – Para o caso de precisar de ajuda.

– Será um prazer e uma honra a sua presença em minha casa, mas creio que será um pouco apertada para você.

– Não tem problema. Caso isso ocorra, eu a aguardarei do lado de fora.

– Não irei com vocês. – disse Narhen com um riso irônico no rosto – Não quero deixar esses inferiores sozinhos. Podem arrumar alguma confusão.

Nem bem deixaram a caverna e os animais desapareceram sob e sobre as árvores.

A tarde já se encaminhava para o fim e as primeiras estrelas já podiam ser vistas.

– Também não permanecerei com vocês. – disse Zarthrus – Essa noite dormirei na floresta.

E, virando-se para suas guardas, disse:

– Se desejarem, podem me acompanhar, mas saibam que não facilitarei para que me acompanhem.

Ao dizer isso deu três passos e imergiu entre as árvores.

As ninfas destinadas a acompanhá-lo o perderam antes mesmo da primeira árvore e se olharam desapontadas.

Narhen olhou para os companheiros e percebeu que todos já esperavam aquela reação por parte do gnomo.

– Amanhã será um novo e agradável dia. – disse ela enquanto admirava o céu e as últimas revoadas dos pássaros.

Nos dia seguinte e no outro não obtiveram nenhuma notícia da rainha.

Aquela ociosidade já estava os deixando nervosos e apreensivos, tanto que Narhen solicitou para que arranjasse uma área onde pudessem voltar a treinar com suas armas.

Apesar das ninfas terem muita agilidade, rapidamente um grande círculo foi formado ao redor da área de treino, onde constantemente apostavam em quem sairia vencedor.

Os movimentos executados se assemelhavam a uma dança perigosa, mas o cuidado era grande para que ninguém se ferisse.

Somente o Zarthrus não participou do treinamento. Preferiu assistir tão admirado quanto as ninfas.

– Você continua em forma. – disse ele a Narhen.

– E você não lembra em nada aquela jovem que começou essa jornada. – disse para Ishiá – Seus movimentos estão quase tão leves quantos os de sua irmã.

– Obrigada!

– Mesmo Grendhel não parece ter perdido a forma. – continuou.

– Não é bem verdade. – disse o jovem – Mas confesso que me surpreendi com os resultados.

– É verdade. – falou Galler – Na verdade, seus movimentos estão melhores do que os da última luta que tivemos. Será difícil encontrar algum homem que se iguale em uma luta.

– Isso sendo dito por um elfo, eu só tenho a agradecer.

– Não fique muito convencido. – disse Narhen sorrindo – Apesar de ter melhorado, ainda falta muito para me vencer.

– Não se preocupe. Ainda vou chegar lá.

– Então, entre na fila. – disse Galler – Já faz muito tempo que tento alcançá-la.

De repente algo lhes chamou a atenção e se voltaram para a origem.

O grande círculo de ninfas se abriu e, pela abertura, vinha a rainha seguida por seu conselho, seis ninfas com a pele enrugada e os cabelos longos, lisos e completamente brancos. Todas vestiam túnicas, mas em cores diferentes. Azul, amarelo, vermelho, verde, alaranjado e violeta. A rainha trajava branco e dourado.

– Vejo que estão se divertindo! – disse ela.

– Libertando os membros que já não suportavam ficar parados. – respondeu Narhen.

– O que decidiu, majestade? – perguntou Ishiá.

– Voltemos até a caverna e lá conversaremos!

Ao dizer isso se virou e se dirigiu para lá com seus seguidores.

As ninfas deixaram a arena e seguiram para suas tarefas.

Chegando ao local, entraram os sete membros da corte e, em seguida, cinco dos seis viajantes.

– Vejo que seu grupo não está completo. O gnomo resolveu dar uma voltinha pela floresta?

– Engana-se, majestade!

A rainha virou-se e o viu sentado em uma rocha logo atrás dela. Os olhos da monarca faiscaram. “Como?”

– Estou ansioso por saber sua resposta! – exclamou ele.

– Você me pediu garantias de proteção e passe livre para que possam vir negociar, porém que garantias me darão de que não aproveitarão o momento para nos atacar?

– No momento tem apenas a minha, mas se concordar em tentar o acordo em breve, trarei a resposta dos ninfos.

– Se não tenho outra opção...

– Então irei imediatamente em busca da resposta.

Zarthrus ergueu-se para sair.

– Espere, Zarthrus. – disse Narhen – Talvez fosse melhor que esse encontro ocorra em outro local, longe de qualquer um dos acampamentos. Assim nenhum dos lados se sentirá ameaçado.

– Dúvida de minhas garantias? – disse a rainha irritada.

– Majestade, por favor, tenha calma! Não estou duvidando. Sei que uma rainha tem apenas uma palavra. Apenas penso que se o encontro ocorrer em algum lugar fora de ambos os acampamentos, onde nenhum dos dois grupos conheça a localização, seja mais tranquilo por ser neutro.

– Bem, talvez tenha razão. Onde sugere?

– Se sugerisse agora, deixaria de ser neutro. Disse esboçando um sorriso.

– Então, que seja assim. Diga ao líder dos ninfos que tem minha palavra que nada acontecerá ou impedirá a ele e seus acompanhantes por parte das ninfas durante o período de trégua. Espero que possa ter as mesmas garantias.

– Eu o informarei e trarei sua resposta o mais breve possível.

Em seguida, o gnomo deixou a caverna e atravessou os primeiros arbustos do caminho tão rápido quanto um raio.

– Aguardarei notícias. Assim que ele retornar, enviem um aviso por uma de minhas guerreiras.

Assim que a rainha saiu, todos se voltaram para Narhen.

– Por que disse para que o encontro ocorresse fora dos acampamentos? – perguntou Ishiá.

– O bracelete do dragão me avisou para ter cautela quanto a esse encontro e o fato de ser aqui o encontro não me agrada.

– E qual local sugeriria? – perguntou Grendhel – Não conhecemos nada nesse mundo.

– O bracelete do dragão também me mostrou um lugar. Não sei o porquê, mas tenho a impressão de ser seguro.

– Poderia me dizer que local seria esse? – perguntou a sacerdotisa.

– Ainda não. Por favor, não pense que se trata de desconfiança. Mas em breve todos saberão.

A dúvida pairou sobre todos.

– Bem, se a conversa por agora terminou, deixe-me sair. Quero aproveitar o sol enquanto ainda é possível. – disse Grendhel – Além disso, quero ver se Mhirfun ainda se lembra de como é manejar um machado.

– Ora, mestre Grendhel! Eu manejo um machado desde quando ainda era um bebê em meu berço, e isso é muito antes de seu pai ter nascido. Vamos lá fora que eu mostrarei o quão ágil um anão pode ser.

Sorrindo, todos saíram e retornaram para o local de treinamento.

Enquanto caminhavam, Ishiá tocou a mente da irmã.

– “Narhen! Narhen!”

– “Ishiá?”

– “Sim, sou eu, minha irmã. Qual foi o lugar que o bracelete mostrou?”

– “Lembra-se de quando chegamos a esse mundo?”

– “Sim. Na formação rochosa no meio da floresta. Será lá?”

– “Não. Quando chegamos, nos unimos para visualizar o local onde encontraríamos o item desse mundo. O bracelete me mostrou o vale entre as montanhas gêmeas com as estrelas acima. É lá que o encontro deve ocorrer.”

– “Mas por quê?”

– “Também não sei. Apenas sei que será o local mais seguro.”

– “Se é assim, teremos de aguardar até o retorno de Zarthrus.”

A ligação mental se desfez e elas chegaram à arena de treinos.

Grendhel e Mhirfun não tardaram a começar sua luta.

No início começaram devagar, mas o ritmo foi aumentando e Grendhel percebeu que a estatura de um anão em nada atrapalhava sua agilidade.

A altura do anão no início parecia uma desvantagem, mas mostrou-se o contrário: suas pernas eram curtas e robustas como duas colunas de pedra. Apesar dos golpes que Grendhel desferia, Mhirfun suportava com facilidade.

Eles não lutavam com suas armas, pois embora Mhirfun tivesse falado em uma ocasião que seu machado era forte o suficiente para suportar a arma élfica, eles preferiram evitar que alguma das armas fosse danificada.

Eles estavam lutando com machados de pedra e isso acabava equilibrando os lutadores, porque, mesmo que Grendhel fosse mais ágil que o anão, a arma era bem mais pesada que a sua verdadeira, diminuindo seus movimentos e exigindo mais força para erguê-lo. Por outro lado, Mhirfun foi acostumado desde criança a carregar muito mais peso que ele próprio, e o seu machado era mais pesado que o de pedra, dando-lhe a impressão que segurava um pequeno galho.

Apesar disso, a luta foi incrível, com saltos e cambalhotas que geravam bravos entre as ninfas, apreciadoras de boa luta, mesmo eles sendo considerados seres inferiores.

De certa forma, o treinamento serviu para amenizar o sentimento de repulsa que as ninfas nutriam pelos homens. Embora a rainha não dirigisse a palavra diretamente para eles, com as guerreiras isso começou a mudar. Primeiro uma, depois outras se aproximaram para conversar a respeito das lutas, pegando informações sobre alguns movimentos e dando conselhos sobre outros.

A noite chegou e todos voltaram para a caverna, dessa vez acompanhados apenas por duas guerreiras, que se posicionaram uma em cada lado da entrada, com a incumbência de avisar a rainha do retorno do gnomo.

No meio da manhã seguinte, parte das ninfas estava entretida em suas obrigações e outra parte acompanhava os treinamentos de Narhen, Ishiá e do restante do grupo.

Narhen treinava com Grendhel e Mhirfun ao mesmo tempo, enquanto Ishiá praticava com Galler.

A águia estava pousada em uma árvore próxima e o lobo, deitado ao sol na fronteira da arena de treinamento, junto às duas ninfas que tinham a função de avisar a rainha do retorno do gnomo, quando uma voz surgiu de um elevado bem próximo a eles.

– Vejo que ainda não se cansaram do treino.

Ao ouvirem essas palavras, as ninfas se voltaram e viram o gnomo agachado sobre a elevação.

Por mais que tentassem, não conseguiam entender como aquele ser conseguia passar por elas sem ser visto.

Galler e Ishiá pararam a luta para vê-lo.

Narhen, porém, já acostumada àquelas aparições, aproveitou o momento de distração de Mhirfun e o desarmou, e por pouco não fez o mesmo com Grendhel, que se desviou e se defendeu.

Porém, o reflexo de Grendhel não foi suficiente, pois a jovem com mais dois movimentos retirou a espada de sua mão.

Quando os oponentes estavam ambos desarmados, ela virou a lâmina para o solo e, juntando as mãos sobre o cabo, fez uma reverência para os oponentes.

– Seu reflexo está ainda melhor, assim como sua concentração. – disse para Grendhel.

– É, mas ainda muito longe de você.

– Zarthrus, não pensei que retornasse antes da tarde!

– Não foi difícil encontrar o acampamentos dos ninfos. Precisamos conversar. Ürrmhatil ficou curioso por saber onde será o encontro.

– Logo saberá.

Narhen se virou para as guerreiras, que saíram de imediato para comunicar o regresso do gnomo à sua rainha.

– Vamos! Devemos retornar para a caverna. Em breve a rainha estará conosco.

E, virando-se para outra guerreira, a pediu para chamar Zoíísther.

Pouco tempo depois que o grupo chegou à caverna, a sacerdotisa chegou e, logo depois, foi a vez da rainha e suas conselheiras.

– Qual é a resposta dos ninfos? Provavelmente se recusaram ao encontro por medo.

– Engana-se, majestade. Percebo que vossa alteza não conhece completamente o povo que governa ou governou. – respondeu Zarthrus – Ürrmhatil queria vir de imediato, pois para ele o mais importante é a situação de seu filho, mas achou interessante o fato do encontro ocorrer em local neutro. Acredito que, como ele, vossa alteza também esteja curiosa por saber onde se dará o encontro.

– E onde será?

– Eu lhes direi no momento certo. – disse Narhen.

– Não confia em mim? – perguntou a rainha.

– Não se trata de confiança majestade, mas seria injusto apenas um dos lados saber o local.

– E como pretende informar aos dois ao mesmo tempo?

– Zoíísther, trouxe o mapa?

– Sim, aqui está.

Narhen o abriu sobre a pequena mesa.

– Onde estamos? Qual é nossa localização?

– Aqui. Nessa região.

– O que é essa marca?

– É Thori Hanün, a rocha solitária. É a uma pequena elevação rochosa que existe no meio da floresta.

Mentalmente, Ishiá conversava com Narhen.

– “Deve ser por onde chegamos a esse mundo!” – disse ela.

– “Também creio que seja.”

– “Mas você disse que não seria lá.”

– “E não será!”

– Então... Encontrou algum lugar de seu agrado para o encontro? – perguntou a rainha.

– Sim. Essa formação rochosa será o lugar. Quanto tempo daqui até lá?

– Como não voam, em passos rápidos, talvez um dia.

– Zarthrus, pode pedir às suas amigas que nos facilitem o trajeto?

– Sim. Creio que elas não se oporão.

– Então, se concordar, devemos partir para lá amanhã ao nascer do dia. Zarthus levará uma mensagem para o líder dos ninfos para informá-lo de que nos encontraremos lá no final do dia.

– Ótimo! Assim poderei deixar alguns preparativos para minha ausência e outros para a nossa viagem. Tem mais alguma coisa que queiram me dizer?

– No momento, não.

– Então, as deixarei para os seus preparativos.

A rainha deixou o local, seguida pelo conselho.

– Narhen, não entendi. – perguntou Ishiá – Por que disse que seria lá?

– Meu instinto diz para não confiar completamente na rainha. Zoííster, por favor, o que é esse desenho entre essas montanhas?

– Esse é Ashior Zhiü, indica o solo sagrado para o povo ninfo. É nesse local que o povo se reúne para homenagear aos nossos deuses.

– Se é sagrado, nesse local não existem lutas. Certo?

– Sim. Seria uma ofensa aos deuses. Por que pergunta?

Por que será nesse local que ocorrerá o encontro entre os líderes ninfos.

– Mas você disse à rainha...

– E tenho certeza de que ela manterá o acordo da trégua, mas penso que nesse momento, está encarregando algumas de suas guerreiras para se dirigirem para o local indicado. Elas deverão se manter invisíveis e, depois que sairmos, seguirão os ninfos para descobrirem o local do acampamento.

– Você acredita que a rainha seria capaz disso?

– Responda você. Conhece-a bem mais tempo que nós.

A sacerdotisa ficou em silêncio e baixou a cabeça concordando.

– Zarthus, você deve pedir às árvores que liberem um caminho rápido para que possamos atingir o vale dos deuses com facilidade. E deve seguir com Ürmhatil e seu conselho para esse mesmo ponto. Certifique-se de que ninguém mais os siga. Devemos estar nesse local no final da tarde de amanhã.

– Pode deixar.

O gnomo deixou a caverna em direção à floresta.

– Também nós devemos nos preparar para a viagem. Creio que não retornaremos mais a esse acampamento. De lá sairemos para o resgate dos jovens.

Os preparativos foram rápidos e no início da noite tudo estava pronto.

– Agora devemos descansar, amanhã teremos uma longa caminhada. – disse Galler.

Quando a rainha e sua comitiva se aproximaram da caverna, encontraram o grupo de viajantes do lado de fora à sua espera, assim como Zoííster.

– Estão prontos? – perguntou a monarca.

– Sim, majestade. – disse Narhen – Podemos seguir. Zarthrus iria solicitar às árvores que facilitassem o caminho. E, ao que parece, elas assim o fizeram. Veja! Elas abriram uma passagem.

– Então sigamos rápidos. Será uma longa caminhada para vocês.

Narhen e Ishiá seguiram ao lado da rainha.

O lobo seguia alguns metros à frente enquanto a águia seguia pousada no poleiro preso às costas de Mhirfun.

Após algum tempo de caminhada pela trilha que serpenteava entre as árvores a rainha disse:

– Estranho! Parece-me que estamos indo na direção contrária.

– É verdade, majestade. – disse Narhen – Essa noite tive um sonho, e nele um deus me disse que não deveria seguir para o ponto combinado ontem. Disse que alguém tramava contra o restabelecimento da ordem e, que se fôssemos para lá, uma guerra seria travada e o equilíbrio desse mundo estaria condenado para todo o sempre. Ele me mostrou outro local. Disse que lá seria seguro e onde seria dado o primeiro passo para a paz.

– Mas deveria ter me avisado antes de sairmos.

– Me desculpe, pensei que não se importaria, por ser a paz e o equilíbrio desse mundo um de seus maiores desejos.

A rainha percebeu o tom irônico, mas não havia como contra argumentar.

– E posso saber qual seria esse novo local?

– É o vale dos deuses. – disse Zoííster.

Os olhos da rainha faiscaram ao perceber que havia sido enganada desde o início, e que todos os preparativos do dia anterior foram em vão.

Como Narhen antecipara, ela havia enviado dez de suas melhores guerreiras para o local do primeiro encontro, onde permaneceriam escondidas até o final da reunião com os ninfos, quando os seguiriam a certa distância até o local do acampamento.

Naquele momento, ela teria de seguir com o grupo e não teria como avisar suas guerreiras da mudança de local.

– Porque escolheu o vale dos deuses? – perguntou.

– Não fui eu, majestade. Foram os próprios deuses. Disseram-me que se tratava de um local sagrado para vocês, o que foi confirmado por Zoííster.

– Mas e o gnomo? Ele sabe das mudanças de plano?

– Sim, majestade. Eu e minha irmã conseguimos comunicar-lhe mentalmente. Ele nos encontrará no vale dos deuses.

– Não gosto disso. Tenho a impressão de que estão me levando em direção à garganta do monstro.

– Majestade, quantas vezes precisamos dizer que não temos intenção de prejudicar-lhe? – disse Ishiá.

– Precisa confiar em nós, mas se não confia, tem toda a liberdade de retornar ao seu acampamento. – disse Narhen – Não ergueremos um único dedo na tentativa de impedi-la. Saiba que seguiremos para o local do encontro e junto com os ninfos iremos até a toca das aranhas para libertar os jovens.

– Darei um voto de confiança, mas saiba que se me enganarem, meu exército os caçará e os destruirá, não importando se são ou não enviados dos deuses.

– Tem nossa palavra de que não agiremos dessa forma.

A partir daí se concentraram na jornada, e no início da tarde atravessaram o limite da floresta e entraram em uma grande área de campos com poucas e espaçadas árvores.

De lá puderam admirar as grandes montanhas gêmeas, onde, em seus pés, se localizava o vale dos deuses. Embora o céu estivesse limpo, grandes nuvens envolviam as montanhas, logo abaixo de seus picos. Mesmo com o sol brilhando podiam ver o conjunto de estrelas apontando a direção do vale.

A caminhada não foi tão fácil quanto na trilha entre as árvores, mas até o final do dia chegariam ao vale e no local de encontro.

Ao chegarem, foram recepcionados por Zarthrus em cima de uma coluna de rocha.

– Fizeram uma boa viagem?

A rainha levou a mão ao cabo de sua espada como se esperasse um ataque, e o movimento foi repetido por suas seguidoras.

– Tenha calma, majestade. Esqueceu que declarou trégua? Além disso, os ninfos ainda não chegaram. Vim na frente para recepcioná-los.

A rainha recuou lentamente sua mão e todas as outras a seguiram.

– Mas não será necessário esperar por muito mais tempo. Já estão chegando.

Todos se viraram para o local onde Zarthrus olhava e viram cerca de oito seres alados voando na direção onde estavam.

– Majestade! – disse o líder do grupo ao se aproximar.

– Até que enfim chegou. – disse Zarthrus – Estava observando os dois grupos e apostando comigo mesmo qual seria o primeiro a chegar.

– Não sabia que um gnomo era tão rápido. Você desapareceu de nossos olhos tão rápido que, se não soubéssemos o destino, estaríamos voando em círculos até agora.

– Bem, deixe-me apresentá-los! – chamou Zarthrus – Essas são Narhen e Ishiá e esses são Galler, Mhirfun e Grendhel e, é claro, esse é Ürrmhatil, o líder dos ninfos. Creio que o restante não necessite de apresentações. – completou olhando para a sacerdotisa.

– Deixemos a conversa para depois. – disse Narhen – Precisamos montar nosso acampamento e nos alimentar, pois não paramos o dia todo. Depois disso nos reuniremos.

No centro do vale dos deuses havia um grande pátio triangular feito de grandes blocos de pedra. Dois dos vértices do triângulo apontava para as montanhas gêmeas, mas o terceiro indicava uma colina onde, em seu topo, havia uma grande construção.

No centro do pátio havia um círculo com dois blocos de pedra em ângulo, ambos voltados para a construção no topo da colina.

Cada um dos grupos montou seu acampamento em um dos vértices.

Enquanto Ishiá, Grendhel e Mhirfun preparavam o alimento, Narhen e Galler foram dar uma volta por aquela construção antiga.

No entorno do grande pátio havia inúmeras colunas, mas nenhuma delas era muito maior que a altura do elfo.

Na maioria delas estavam entalhados símbolos que ambos associaram ao culto dos deuses ninfos, além de temas relacionados às tarefas do dia a dia destinados a cada uma das classes daquela civilização. Nas outras, algumas poucas colunas mais afastadas do pátio, no sentido da construção no topo da colina e cobertas completamente por ervas, era quase impossível distinguir os desenhos.

Narhen pegou sua adaga e raspou a erva.

Aos poucos, os entalhes foram sendo expostos e a cena que viram era completamente diferente das outras.

Havia cenas de famílias ninfas, onde o pai e mãe compartilhavam a educação dos filhos e das tarefas cotidianas.

Ficou claro para eles que aquelas colunas eram bem mais antigas que as outras, de um tempo anterior à separação de funções.

Quanto mais se afastavam do pátio e se aproximavam do templo isso ficava mais claro.

Havia um padrão no posicionamento das colunas.

O pátio era triangular, porém dois de seus vértices eram mais próximos que o terceiro, e faziam a ligação às montanhas gêmeas. O prolongamento das linhas dos vértices das montanhas ligava-se às colunas mais afastadas e ambas seguiam em direção à construção, se juntando no exato local onde havia uma coluna tombada.

Olhando do alto, era possível perceber que a união com a linha que ligava as montanhas e as geradas pelo prolongamento das colunas formava-se um triângulo com um dos vértices bem mais longo que os outros, se assemelhando à formação das estrelas acima de suas cabeças.

Na verdade, no passado, o desenho do pátio era idêntico à formação das estrelas, mas foi modificado de acordo com a mudança cultural sofrida por aquele

povo.

Narhen e Galler limpam a coluna tombada da erva que a cobria e, se ainda restava alguma dúvida da tarefa que lhes foi destinada para aquele mundo, essa naquele momento se desfez.

Eles retornaram para o grupo e contaram suas observações, mas não demorou e foram chamados a participar da reunião junto com os outros dois grupos.

– Já era hora de começarmos essa conversa. – disse a rainha – Embora eu creia que não chegaremos a lugar algum.

– Se apenas consegue pensar dessa forma não deveria ter vindo, porque com ou sem a ajuda das ninfas, nós iremos em busca dos jovens e depois de um novo lugar onde possamos viver em paz. . – disse Ürmhatil – E qualquer um que aceite nossa maneira de enxergar a vida será bem vindo.

– Ninguém irá acompanhá-lo nessa loucura. O povo ninfo sempre habitou a floresta antiga e não conseguirá viver longe dela.

– Nos adaptaremos.

– Parem! – disse Narhen – Não estamos aqui para discutir o que farão de suas vidas no futuro. Precisamos encontrar um meio de invadir o cativeiro e libertar seus prisioneiros.

– Tem razão. – concordou Ürmhatil – Esse foi o motivo pelo qual aceitamos o encontro.

– Os jovens estão presos em uma caverna em Thoriuzir, que também é a toca da rainha das aranhas. – disse Narhen – Mas creio que Zarthrus já o tenha colocado a par disso.

Ürmhatil concordou com um aceno de cabeça.

– Bem – continuou Narhen –, o problema é que para chegarmos a Thoriuzir teremos de escolher entre dois caminhos: o deserto ou o pântano, e todos já sabem das consequências de se aventurar em qualquer um deles. Precisamos chegar íntegros às montanhas para que possamos fazer frente às aranhas.

– Mesmo que consigamos chegar às montanhas com plena força, sozinhas, nenhuma das partes conseguiria enfrentar o inimigo. – completou Ishiá – O povo ninfo pode ser feroz em suas lutas, mas o número do inimigo supera em muito cada uma das partes sozinhas.

– Para que tenhamos uma chance de sucesso, é preciso que os ninfos e ninfas trabalhem conjuntamente – disse Narhen.

– Sabemos que as ninfas estão mais bem armadas que os ninfos, porém temos conhecimento de que não são indefesos – disse Ishiá – Além do fato de terem um número maior de contingente e de existirem várias guerreiras que decidiram viver com vocês.

– Também tomamos conhecimento que você, Ürrmhatil, teve sucesso onde vários perderam suas vidas ou suas mentes. – disse Narhen – Que você foi o primeiro dos ninfos da floresta a chegar até além das montanhas e retornar em segurança. Precisamos que nos guie até lá para juntos conseguirmos resgatar seu filho e a princesa.

– Esse discurso está muito bom. – disse Ürrmhatil – Mas para que isso ocorra, temos algumas exigências.

– Quem você pensa que é para exigir algo? – esbravejou a rainha – Não passa de um inferior que deseja o poder.

– Posso a seus olhos ser inferior, mas não do restante de nosso povo. Não desejo poder algum. A única coisa que quero é deixar de ser humilhado por qualquer tirano que, na desculpa de seguir uma tradição, humilha e martiriza parte de seu povo quando se sente entediado.

– Ora seu...

– Majestade – disse Narhen –, não é o momento para colocar suas diferenças sobre a mesa. Precisamos encontrar um acordo que venha a favorecer aos jovens em primeiro lugar.

– Acho bom que “vossa majestade” modere suas palavras se realmente deseja ter forças para resgatar sua filha. – disse Ürrmhatil.

A rainha exalava ódio.

– Precisamos nos acalmar. – disse Ishiá – Não podermos perder o objetivo desse encontro. Não sabemos por quanto tempo mais eles irão resistir ao cativeiro.

– Vocês têm razão. – continuou Ürrmhatil – Vocês estão bem informadas. Como Zoíísther deve ter lhes contado, eu realmente já estive além das montanhas e retornei. E é para lá que desejo mudar com meu povo e quem mais desejar viver em paz, tendo a liberdade de escolher se deseja ou não constituir uma família.

– Como conseguiu chegar até lá? – perguntou Galler.

– Há muitos anos, quando ainda era bastante jovem, encontrei um mapa antigo. Não era um mapa do povo ninfo. Suspeito que de alguma raça que hoje já não existe mais. Embora eu sonhasse em encontrar um local onde prosperasse a paz, não conseguia acumular a coragem suficiente para empreender a viagem. Como você disse, muitos outros ninfos pereceram ao tentar. Quando meu filho se apaixonou pela princesa e foi preso por isso, meu coração sofreu a cada dia a infelicidade daquele amor proibido. Quando ele finalmente foi solto, eu novamente peguei o mapa em minhas mãos e decidi que era necessário encontrar outro local para viver. Os ninfos já não suportavam mais a escravidão. Eu deixei meu povo e parti sozinho nessa jornada. No caminho de ida, encontrei muitos vestígios das aranhas, mas percebi que se dirigiam para as montanhas e resolvi não verificar. Meu intuito era encontrar um local para recomeçar nova vida. Não procurava

confronto. Segui meu caminho e encontrei o local que procurava. Durante o regresso, perdi o mapa, mas para mim ele já não era importante, porque todos os seus mínimos detalhes estavam gravados em minha mente. Quando retornei, soube da morte da grande sacerdotisa, mãe de Zoísthér, do desaparecimento de meu filho e da princesa e da revolta eminente. Procurei descobrir se meu filho havia sido preso novamente, mas não consegui respostas. Orei aos deuses para que estivessem bem e, enquanto aguardava conseguir alguma informação sobre os jovens, tentava acalmar meu povo. Foi quando percebi que, se continuássemos no local onde estávamos, uma luta feroz iria acontecer, o que de fato ocorreu, e todos os revoltosos ninfos e ninfas foram executados. Consegui convencer à maioria que existia outro meio, que deveríamos fugir e abandonar aquela região. Foi quando deixamos o povoado e nos mudamos para a floresta. Fomos caçados, mas a floresta antiga nos ajudou. Estávamos apenas aguardando por notícias dos desaparecidos e de mais algumas ninfas que desejavam se mudar conosco quando encontramos o gnomo inconsciente na floresta. E agora aqui estamos.

– Então não tem nada com o que possa nos ajudar. – disse a rainha – Se não tem o mapa, não tem serventia para nós.

– Majestade – disse Narhen –, sei o que pensa sobre os ninfos e que não deseja ser conduzida por eles, mas Ürrmhatil é o mapa, e sem ele terá de escolher entre o deserto ou o pântano.

– A única exigência que fazemos para levá-los à Thoriuzir é que, após resgataremos os jovens, a corte nos deixe em paz. Que parem de nos perseguir e a qualquer um que escolha outra vida. Em troca, terá toda a floresta antiga e nenhum revoltoso em seus pés. Da mesma forma, se algum ninfo desejar ficar e se submeter à corte, será por sua livre escolha. Se aceitar isso, nunca mais ouvirá a nosso respeito e poderá até apagar qualquer referência nossa de sua cultura.

– Os ninfos lutarão ao nosso lado para o resgate? – perguntou Narhen.

– É verdade. – disse a rainha – Quem me garante que não aproveitarão da proteção das guerreiras para atravessar pelos perigos e que quando estiverem do outro lado nos abandonarão para lutarmos sozinhas?

– Terá a minha palavra. – disse Ürrmhatil.

– A palavra de um ninfo não tem valia para a corte.

– Pois será a única garantia que terá. – disse ele irritado – Nunca quebrei um acordo e não será esse o primeiro.

– Mas eu preciso de algo a mais. Sua dita amada será mantida prisioneira nas prisões do palácio. A magia do palácio não permitirá que fuja ou que seja resgatada. Se não cumprirem o acordo, ela será executada e a culpa será exclusivamente sua. Terá que viver com essa culpa por todo o restante de seus dias.

– Não. – disse Ürrmhatil – Não permitirei que a mantenha presa ou a maltrate. Dessa forma não teremos acordo.

– Ürrmhatil – disse Zoíísther –, tenho confiança no amor que sente por mim e sei que não me abandonará.

– Rainha – disse Ürrmhatil –, deve dar sua palavra de que quando isso terminar permitirá que Zoíísther saia comigo de seu reino e sigamos o caminho que escolhermos.

– Se cumprir com sua palavra, poderá levar essa traidora com você para onde bem entender, desde que nunca mais tenha notícias de vocês.

– Ürrmhatil – lembrou Zarthrus –, nós também estamos envolvidos e não permitiremos que nenhum dos lados esqueça o acordo, não importa o que tenhamos de fazer para lembrá-los.

– Agora precisamos definir o que será necessário e quando estaremos prontos para partir. – disse Narhen.

Embora o acordo tivesse sido feito, em sua mente a rainha arquitetava um plano para impedir que Ürrmhatil, Zoíísther ou qualquer outro ninfo que não aceitasse se submeter deixasse com vida a floresta antiga uma vez que obtivessem sucesso no resgate da princesa.

No dia seguinte, os últimos acertos foram combinados e foi feito um juramento mágico pelo qual tanto os ninfos quanto as ninfas se comprometiam em uma ajuda mútua para o sucesso da missão. Nenhum ato de violência ou humilhação seria permitido até o final da trégua, quando cada parte tomaria seu caminho.

Era necessário que cada um dos líderes retornasse aos seus comandados e determinasse o necessário para a grande viagem.

A sacerdotisa foi levada de volta ao povoado das ninfas e seria mantida presa nas prisões mágicas do castelo até o retorno da monarca ao seu reino. Somente assim teria chance de ser libertada.

Ürrmhatil partiu com grande aperto no coração. Ele faria de tudo para que a missão se cumprisse, porque sabia que, se as aranhas vencessem, ela estaria fadada a viver pelo resto de sua vida naquela prisão. Além do que, não confiava plenamente na palavra da rainha.

Narhen, Ishiá e o restante do grupo decidiram permanecer no local onde se encontravam, pois, este havia sido definido como o ponto de origem para a grande jornada dentro de dois dias.

Elas alegaram que atrasariam o retorno da rainha para os preparativos, o que não deixava de ser verdade, porém também queriam descobrir um pouco mais a respeito da história dos ninfos através das colunas e da construção na colina.

Afinal, foi naquele ponto que a visão indicara o local do segundo item para o Uòhrik, e queriam tentar encontrá-lo antes de seguirem para o combate.

Após ter deixado o vale dos deuses, a rainha chegou a pensar em deixar uma de suas guerreiras para seguir os ninfos até seu acampamento, mas no fim desistiu, pois com certeza Ürrmhatil não deixaria para trás qualquer um que estivesse sob seu comando. Ele aproveitaria essa oportunidade para deixar essas terras para sempre.

Depois que os dois grupos partiram, as irmãs se reuniram com seus amigos e terminaram de contar o que tinham descoberto naquele pátio.

– Então esse foi o motivo pelo qual decidiram ficar! – disse Galler.

– Não apenas esse. – retrucou Narhen – Também queremos ver se encontramos uma das partes que viemos buscar para a chave dos mundos. Tenho a impressão de que ela se encontra naquela construção.

– Então, o que estamos esperando? – perguntou Mhirfun – Vamos procurá-la.

– É verdade, temos um dia e meio de prazo até que os ninfos retornem.

– Creio que não devemos fazer isso. – disse Ishiá – É como se estivéssemos pegando algo que não nos pertence.

– Mas ela pertence aos deuses. – disse Narhen – Foi devido aos desejos dos deuses que Nhorik nos entregou o Uòhrik e pelo mesmo desejo estamos viajando através dos mundos para completá-lo. Não estamos roubando nada.

– Eu concordo com o que disse, mas não me sinto confortável por isso. Além disso, quando entramos no mundo dos dragões conseguimos visualizar o que deviríamos buscar. Nesse, ainda não sabemos o que é. Será como procurar por uma única nuvem em um dia tempestuoso.

– Concordo com Ishiá! – afirmou Galler – Vocês precisam primeiro descobrir o que viemos buscar antes de vasculharmos esse local.

– Talvez tenham razão. – disse Narhen – Precisamos saber o que procurar.

– Vocês devem se unir e descobrir qual objeto é esse, e rápido, antes do retorno dos guerreiros. – concluiu Grendhel – Ele pode nos ser muito importante no final da batalha que está por começar.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Narhen.

– Foi um pensamento ruim do qual não me orgulho, mas se as aranhas vencerem essa batalha não teremos outra alternativa senão fugir desse mundo.

– Você fala em abandonar nossos novos amigos e as outras criaturas desse mundo sob as presas das aranhas? – disse Narhen irritada – Não acredito que ouvi você dizer isso.

– Narhen, se acalme. – disse Galler – Também não gosto do que Grendhel disse, mas ele está certo. Se não tivermos mais escolhas, devemos deixar esse mundo para concluir nossa missão. Existem outros mundos que também devem ser salvos. Além do que, mesmo que vençamos essa batalha, não sabemos como a rainha reagirá após o acordo ter sido cumprido. Precisamos de uma alternativa.

– Narhen – disse Grendhel –, você é minha amiga e já convivo há bastante tempo com você para saber a importância que dá às suas amizades. Não disse isso para deixá-la aborrecida.

– Se me conhece como diz, sabe que não posso abandonar nenhum deles. Ou destruo o mal que os coage ou morrerei tentando. Se os deuses ainda me consideram digna para cumprir a tarefa que nos deram, permitirão que eu tenha força suficiente para cumpri-la também aqui, nesse mundo.

– Sim. Eu sei. Desculpe-me, minha amiga, por ter dito isso. O que decidir fazer, saiba que estarei com você.

– Estaremos todos juntos! – concluiu Mhirfun.

Vendo que os ânimos se acalmaram, Ishiá chamou a irmã.

– Narhen! Venha! Vamos encontrar qual o item que devemos procurar.

A jovem respirou profundamente e caminhou até Ishiá.

Sentaram-se no chão, uma em frente à outra, e deram as mãos.

Assim que suas mentes ficaram limpas, os três braceletes que carregavam começaram a brilhar e a névoa de energia voltou a envolvê-las.

Elas novamente mergulharam no mundo astral e lá encontraram seu amigo prateado as aguardando como de costume.

– “Dragão” – clamavam as duas como se fossem uma única mente –, “precisamos de sua ajuda. Os deuses nos enviaram a esse mundo para buscar outro objeto para compor a chave dos mundos, mas como poderemos encontrá-lo se não sabemos como ele é? Viemos até o local que nos foi indicado, mas encontramos apenas pedras. Poderia nos mostrar o objeto e onde podemos encontrá-lo?”

Da boca do ser prateado saiu uma fumaça e as irmãs foram envolvidas por ela.

A mente de ambas fluiu e imagens se formaram.

Elas visualizaram as montanhas das aranhas e depois mergulharam na grande toca coberta de teias da rainha.

A imagem se modificou e viram os dois jovens encolhidos em um canto de sua cela.

Depois a imagem modificou novamente, e se viram de volta ao pátio dos deuses, e os dois jovens estavam na extremidade mais longa do grande triângulo, junto à coluna que estava novamente de pé. Atrás deles, se encontravam o restante de seu povo. Não estavam separados em ninfos e ninfas, mas juntos como um único povo. Os jovens ninfos subiram ao ar, pairando acima de uma das colunas, e então uniram seus corpos em um abraço e beijo. De seus corpos surgiram dois pontos dourados que subiram acima de suas cabeças e se uniram, tornando-se uma única luz dourada.

A mente das irmãs se tornou turva antes de clarear e, ao abrir os olhos, viram que estavam de volta aos seus corpos.

– Então...? – perguntou Grendhel – Descobriram mais alguma coisa? Já sabem como é o objeto que temos de procurar?

– Sim! – disse Ishiá – E também onde ele está.

– E o que teremos de fazer para consegui-lo. – completou Narhen.

– E o que é que teremos de fazer? – perguntou Zarthrus.

– Vencer a batalha contra as aranhas! – respondeu Ishiá.

– Como assim? – perguntou Grendhel – Não é aqui o local de suas visões?

– Sim, é aqui! – responderam.

– Mas o objeto não está aqui. – disse Narhen – Está dividido em duas partes que estão com os jovens. Precisamos resgatá-los e trazê-los aqui. Somente com a união dos dois e do povo niffo as duas partes se juntarão no objeto que precisamos.

– Então não temos escolha – disse Grendhel – É nossa obrigação acabar com essa rixa. Mas o que me preocupa é a rainha. Ela não cederá com facilidade.

– Teremos uma luta muito mais difícil do que com as aranhas! – disse Ishiá.

– Isso se conseguirmos vencê-las. – concluiu Narhen.

– Está duvidando que consiga? — perguntou Galler – Não se esqueça de que os deuses lhes confiaram essas missões por saberem que são capazes de cumpri-la. Não deve duvidar em momento algum. Tenha certeza de que estamos todos com vocês e faremos o que for necessário para obter o sucesso.

– Tem razão, meu amado. Mas a missão não é apenas minha e de minha irmã, é de todos nós.

– E, se um de nós fracassar, todos fracassarão. – disse Zarthrus.

– Então, mestres – disse Mhirfun –, que não deixemos o fracasso nos alcançar.

– Estão certos. – concluiu Narhen – No final, a rainha terá de aceitar.

Com a confiança renovada, o grupo se levantou e partiu para explorar a construção.

Ao se aproximarem da coluna caída, Narhen disse:

– Venham! Ajudem-me a erguer novamente essa coluna.

Todos participaram e levaram pouco tempo para encaixar as partes quebradas de forma correta.

– A rainha terá uma surpresa quando perceber que essa coluna está novamente de pé. – disse Ishiá.

Após descansar e comer algo, o grupo seguiu em direção ao topo da colina.

Havia dois estreitos caminhos cobertos com pedras que partiam do centro, em frente à construção no pé da colina, e subiam pelas laterais até ligar novamente bem em frente à sua entrada.

Ninguém passara por aquela trilha já fazia muito tempo, pois o mato e arbustos cresciam entre as pedras no chão.

Quanto mais se aproximavam, mais percebiam a grandiosidade da estrutura que, como o caminho que percorreram, dava sinais de estar abandonada há muito tempo.

Ervas cobriam grande parte da construção e, em alguns lugares, raízes atravessavam as rachaduras na rocha.

Passaram por um grande arco parcialmente destruído e entraram em um grande salão a céu aberto.

Na verdade, a construção se limitava a isso: um grande pátio elíptico cercado por grandes paredes de rocha trabalhada, tanto por fora quanto por dentro, o que reforçou a ideia de aquele lugar ser um templo.

Na parte interna, inúmeras colunas mantinham um estreito caminho coberto ao redor de toda a estrutura, muitas delas quebradas e tombadas.

Entre cada vão das colunas, em frente a entalhes na parede, pedestais continham estátuas de, possivelmente, reis e rainhas ninfas, mas nem todas em perfeito estado. O tempo é impiedoso até com a rocha.

No outro lado da entrada do templo, em um ponto mais elevado, havia um trono, também entalhado na rocha. E era maior do que se esperava para comportar ninfos.

Os olhos de Galler deram a resposta.

– É um trono duplo! Embora seja um único trono, existem dois assentos. Os antigos reis desse povo deveriam estar sempre juntos, caso contrário o trono seria grande demais para apenas um deles.

– É provável que tenham abandonado esse local quando decidiram separar o povo – disse Narhen – Essa estrutura lembra a todo instante que ninfos e ninfas devem agir como um único povo, e não duas partes separadas. Quando as rainhas assumiram o poder, esse local deve tê-las intimidado e, por isso, foi abandonado.

– É preciso que voltem a ser um só. – disse Ishiá – Caso contrário, o tempo os destruirá como fez com a rocha.

Eles admiraram a construção por mais algum tempo e depois retornaram ao pátio dos deuses.

No início da tarde do dia seguinte, enquanto o grupo descansava sobre a sombra de uma árvore próxima, Ishiá recebeu um contato mental da águia e, logo em seguida, todos ouviram o seu piado.

– Eles estão chegando! – disse ela – Dois grandes grupos de ninfos surgiram de dois pontos diferentes da floresta e se dirigem para cá.

– Grandes quanto? – perguntaram Narhen e Grendhel ao mesmo tempo.

– Cada grupo é tão numeroso quanto um grande enxame de abelhas. E, na velocidade em que se deslocam, chegarão juntos aqui.

Nisso Zarthus correu, subiu ao topo de uma rocha à margem do pátio e gritou:

– Já posso vê-los! Realmente são dois grandes exércitos, e se aproximam rápido.

Todos levantaram e seguiram para junto do gnomo.

Pouco tempo se passou e todos já conseguiam ver as duas grandes manchas que se deslocavam acima do solo. A rainha voava à frente de suas guerreiras, assim como Ürrmhatil guiava os seus. Quando finalmente chegaram, os dois grupos se mantiveram separados.

A rainha trajava um uniforme de batalha branco e dourado, e suas guerreiras, vestidas todas iguais de vermelho e dourado, com exceção de algumas na classificação hierárquica.

Do lado dos ninfos não existia ostentação e, embora não houvesse um uniforme que indicasse os comandos, todos sabiam qual era sua função e a quem deveriam seguir.

No meio dos ninfos, encontravam-se inúmeras ninfas trajando seus uniformes de batalha, os mesmo usados pelas guerreiras da rainha. A escolha por parte delas já havia sido feita e estavam ali para lutar pelos mesmos direitos dos companheiros que escolheram.

– Estão todos aqui? – perguntou Narhen.

– Não! – respondeu Ürrmhatil – parte dos ninfos e algumas ninfas que aguardam por seus rebentos e várias crianças ninfas ficaram no acampamento e aguardarão nosso retorno para buscá-los ao final da batalha. Não arriscaríamos suas vidas em vão.

Aquela atitude pegou a rainha de surpresa, pois acreditava que ele se aproveitaria do grande número de guerreiros para auxiliá-los na travessia.

– Pensei que não teria mais nenhum de vocês perambulando por minha floresta depois dessa batalha.

– Vossa alteza está mantendo presa alguém por quem tenho grande interesse em resgatar.

– Pelo que me consta, essa floresta não pertence a nenhum povo. – lembrou Zarthrus – Creio que as árvores desconheçam que pertencem às ninfas.

Os olhos da rainha faiscaram de ódio, mas ela soube manter a aparência de tranquilidade, como se as palavras do gnomo não tivessem significado.

Sem responder ao gnomo, ela dirigiu-se para as irmãs:

– De que mais precisamos para que essa viagem aconteça?

– Bem, Majestade – disse Narhen –, quem pode nos dizer é Ürrmhatil. Penso que devamos nos reunir para definir os preparativos finais.

E, indicando o centro do pátio, seguiram as irmãs e seus companheiros juntamente com a rainha e suas comandantes, e Ürrmhatil, com seus auxiliares de comando.

Durante o restante da tarde e parte da noite discutiram como deveriam agir durante toda a viagem.

A rainha não conseguiu persuadir ao líder dos ninfos a lhe dar todas as informações que queria a respeito dos caminhos. Sua intenção era não se mostrar subordinada a ele perante suas tropas. Por seu orgulho, aquilo seria uma humilhação sem tamanho.

Ürrmhatil, por sua vez, não tinha a menor intenção de aliviá-la a esse respeito. Queria mostrar a todos que até mesmo a grande rainha das ninfas precisava de ajuda e que seria ele, um ninfo tido como inferior, quem a conduziria ao destino.

Por fim, e vendo que a discussão não levaria a nada, Narhen se interpôs e sugeriu que o líder dos ninfos lhe dissesse o que deveria ser feito e que ela passaria a informação às ninfas.

Não era exatamente o que Ürrmhatil queria, mas no final teria o mesmo efeito. Sendo assim, ele concordou.

Terminada a reunião, seguiram para seus locais de descanso, pois deveriam partir logo depois do próximo alvorecer.

A única informação que o líder dos ninfos adiantou era que deveriam seguir margeando a floresta em direção ao pântano, até o ponto onde as quatro regiões se uniam. A floresta, o campo, o pântano e o deserto.

Quando o alvorecer se anunciou, uma corneta de chifre soou e várias outras soaram em sequência por ambos os acampamentos.

Em poucos instantes, a calma que reinava entre as barracas cedeu lugar à agitação, onde havia ninfas e ninfos atarefados em desmontar o acampamento e em preparar o alimento que comeriam antes de partir.

O mesmo ocorreu entre o grupo das irmãs, com exceção de que, como Zarthrus não dormia, já havia preparado um desjejum especial para dar energia a seus companheiros, imaginando como deveria ser a jornada que iria começar. Nem mesmo os companheiros animais foram esquecidos.

Poucos minutos após o sol surgir, outra corneta soou do lado das ninfas, e rapidamente o grande regimento vermelho e dourado estava em formação pronto para partir.

Do lado dos ninfos não havia organização aparente e não agiam com o sincronismo das guerreiras, mas alguns minutos mais tarde também estavam prontos.

Percebendo que Ürmhatil se dirigia para os estrangeiros, a rainha tratou de seguir na mesma direção e, junto a ela, uma de suas generais. Ela não queria perder uma única oportunidade de conhecer os planos do líder dos ninfos e encontrar uma falha neles. Falha que poderia utilizar mais tarde a seu favor.

– A viagem até a junção da floresta, pântano e deserto não é longa para nós, que temos asas, mas creio que vocês terão maior dificuldade. Não conheço a velocidade com a qual se deslocam, mas precisamos chegar a nosso destino ainda até o final da manhã. Nesse trajeto, não devemos encontrar nenhum perigo, mas com certeza encontrarão alguns obstáculos, portanto, estou destacando esse grupo para acompanhá-los e auxiliá-los até chegarmos lá. Estão entre os mais fortes ninfos, mas infelizmente a distância é muito longa para que sejam carregados.

– Agradecemos a atenção. – respondeu Narhen – Com certeza não seremos tão rápido quanto vocês, mas nos esforçaremos ao máximo para não atrasá-los.

– Então chegou a hora de partirmos. Dê o sinal. – disse Ürmhatil a uma ninfa que o acompanhava.

Ela ergueu um pequeno chifre retorcido e emitiu três notas que foram seguidas por gritos de todo o pelotão dos ninfos.

– Devem seguir sempre naquela direção. E sejam rápidos. – disse Ürrmhatil a Narhen.

Em seguida, se ergueu aos céus e foi acompanhado por todos os outros ninfos.

– Irmã – disse Narhen –, sei que não costuma correr, mas terá de se superar dessa vez. Mas, caso necessite, avise, que diminuiremos a velocidade.

– Não se preocupe. Se precisar, eu aviso.

Narhen olhou para todos os outros companheiros:

– Todos prontos? Então vamos!

Seguidos pelos ninfos, o grupo começou a correr na direção indicada por Ürrmhatil.

Por sobre suas cabeças, o grande enxame de ninfos e ninfas passava em duas fileiras.

A quantidade de guerreiros era tão grande que demorou alguns minutos até que os dois grupos tivessem passado completamente. O exército dos ninfos acabou se mostrando maior que o outro, além do fato de existir um grande número de ninfas em seu meio.

Apesar de ficar admirada com o tamanho dos exércitos, Narhen pensava se teriam número suficiente para fazer frente às aranhas. Qual seria a arma que os ninfos tinham que as aranhas temiam tanto a ponto de manter dois prisioneiros importantes como proteção? Ela então achou melhor deixar de divagar e se concentrar no percurso e na corrida. Não queria se distrair e sofrer algum acidente.

O lobo corria um pouco à frente do grupo, enquanto a águia voava ao alto.

Depois de algum tempo, Ishiá perguntou:

– Não estão cansados?

– Não! – respondeu Narhen – Mas, se quiser, podemos parar por alguns minutos.

– Não é isso. Não reparou que ninguém demonstra cansaço, mesmo na velocidade que estamos correndo?

– Não, mas agora que disse...

– Pensei que ninguém iria reparar. – disse Zarthrus.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Galler.

– Gostaram da fruta que comeram hoje cedo?

– Eu achei o gosto um pouco estranho, mas era bastante doce e succulenta. – respondeu Grendhel. O que era, afinal?

– Essa fruta pertence ao mundo dos dragões. Em uma de minhas excursões com os aldeões, me mostraram essa fruta e falaram de suas propriedades em

relação à resistência e energia proporcionadas por ela. Me explicaram que eram consumidas apenas quando tinham de fazer grande esforço ou longas vigílias, porque retirava por muito tempo o sono de quem as comia. Como havia muitas em locais que eles não alcançavam, eu as colhi e guardei. Imaginei que seriam úteis, como estão sendo. Eu dei a vocês juntamente com a minha mistura revigorante e o resultado está melhor do que eu esperava.

– Teve uma grande ideia. – concluiu Ishiá.

Continuaram a correr por mais algumas horas, até que uma grande abertura no solo, onde corria no fundo um pequeno rio, os impedia de prosseguir.

Foi a vez dos ninfos os auxiliarem na travessia.

Foram necessários cinco ninfos dos oito que os acompanhavam para carregar cada um deles. Os outros três se encarregavam de transportar o restante de seus pertences. Mais uma vez, a estrutura do poleiro da águia que Mhirfun criara, porém agora confeccionada com a madeira leve e resistente do mundo dos dragões, foi utilizada para ajudar na travessia do lobo.

Pouco tempo depois retomaram o trajeto em passo acelerado, uma vez que, depois da fenda, o terreno era muito irregular para manterem uma corrida. Chegaram a um ponto no alto de uma chapada, de onde já conseguiam visualizar a região do reencontro. O pântano, a floresta e o cerrado se mesclavam, mas era nítida a divisão do grande deserto à direita.

Após um breve vislumbre da região, Narhen olhou para Ishiá, que entendeu o significado e, com um sorriso, voltou a correr. Era um grande declive, mas a resistência e energia produzida pelo alimento de Zarthrus os instigou a correr ainda mais rápido, numa brincadeira onde testavam a velocidade uns dos outros. Até mesmo Galler, que não dava muita importância para essa disputa, foi desafiado, porém, devido à agilidade, leveza e velocidade naturais dos elfos, não chegou a ser ameaçado. Eles corriam e se divertiam como se não se lembrassem de que seguiam para uma batalha.

Correram sem parar por mais algumas horas e, antes que o sol chegasse a zênite, alcançaram o local de encontro.

A região era uma mescla de todas as regiões.

O deserto constantemente tentava invadir o campo, mas várias árvores se mantinham como uma barreira para impedir seu avanço.

Precisaram de cuidado para atravessar, pois abaixo da fina camada de areia e grama, o terreno era encharcado, onde havia poços de areia movediça, mostrando que o pântano estava próximo.

Após atravessarem pelo corredor que existia entre os exércitos, chegaram finalmente onde estavam seus líderes.

– Vejo que me enganei e que são bastante resistentes e rápidos. – disse Ürrmhatil – Pensei que demorariam mais a chegar.

– Eles correm como o vento. – disse um dos ninfos acompanhantes. Se não fosse pela fenda de Zingger, teríamos chegado antes.

– É bom que já tenham chegado. Devem comer algo. Temos pouco tempo para descanso.

– Por onde seguiremos daqui? – perguntou Galler.

– Teremos de entrar no pântano e seguir por ele durante algum tempo. Esse trecho do deserto é perigoso para qualquer criatura que voe ou caminhe.

– Perigoso? – perguntou Narhen.

– Nessa faixa de ligação entre o pântano e o deserto existe um pouco de umidade junto ao solo, mas ela é o lar de vermes da areia que capturam e devoram qualquer viajante descuidado. Para vocês, eles não parecerão tão grandes quanto para nós, mas são numerosos e surgem sem o menor aviso. Quanto a voar pelo deserto, nós ninfos não suportaríamos os ventos quentes e extremamente secos. Em pouco tempo perderíamos nossa energia e seríamos obrigados a pousar, ficando à mercê dos vermes.

– Então voarão sobre o pântano? – perguntou Grendhel.

– Também não podemos. Veja! Aquela névoa sobre as árvores são também muito perigosas. A inalar significa perder o sentido instantaneamente. Se sobrevivermos à queda, teremos perdido nossa mente. Quando deixei o povo ninfo, sai em companhia de outros quatro. Pensamos em voar pelo deserto, mas em pouco tempo descobrimos que não suportaríamos o calor e retornamos. Como a faixa próxima ao pântano continha mais umidade, resolvemos seguir a pé. Caminhamos bem por muito tempo, mas de repente, e sem aviso, um de meus companheiros que vinha atrás começou a gritar. Viramos-nos para ele e o vimos sendo arrastado para dentro da areia. Ele tentou voar, mas havia algo o prendendo. Sem pensar, nos dirigimos para ajudá-lo, mas outro de meus companheiros foi capturado. Sem poder fazer nada, nos afastamos do solo. Do alto, vimos alguns vermes envolvendo o corpo já sem vida do primeiro e em seguida do outro, levando-os para baixo. Com grande tristeza no coração, nós três restantes resolvemos nos afastar do deserto e voar junto às árvores abaixo da névoa. Assim que o primeiro dos três alcançou a copa, interrompeu seu voo e caiu inconsciente. Não teria sobrevivido se eu e o outro não tivéssemos conseguido alcançá-lo antes de atingir o solo. Depois de várias horas seu corpo acordou, mas sua mente permaneceu no mundo dos sonhos. Ele perdera completamente a razão. Depois de muita discussão, decidimos que Bholimmer, o outro que, como eu, estava bem, deveria retornar e levar consigo nosso amigo demente. Eu tentaria continuar e, se percebesse que não conseguiria, retornaria. Bholimmer se despediu de mim como se aquela fosse a última vez que

nos encontraríamos. Eu mesmo pensei que morreria na tentativa, mas precisava encontrar um local para que meu povo vivesse livre. Como não podia voar e nem caminhar pelo deserto, ou mesmo voar sobre as árvores, tentei voar um pouco abaixo da copa, mas isso também se mostrou impossível, porque existiam muitas trepadeiras e cipós. A única opção seria caminhar.

Ürmhatil parou para beber um pouco de água e respirou profundamente antes de prosseguir.

– A região é muito alagada e com muitos poços de areia movediça. Então, procurei voar junto ao chão indo de árvore em árvore, até que, ao pousar em um tronco, fui atacado por uma serpente

e por pura sorte seu bote não me atingiu. Com o susto, caí da árvore, mas invés de me molhar ou ficar preso em algum poço, atingi uma faixa de terra firme. Era uma estreita faixa que seguia para o meio do pântano. Achei melhor segui-la e o caminho se mostrou fácil. Fiquei atento a tudo à minha volta. Ninguém havia retornado dali e informado sobre os possíveis perigos. Vaguei por vários dias até que sai novamente da área alagada, retornando ao deserto. A trilha que seguia entrou e saiu do deserto por várias vezes e, seguindo por esse caminho, finalmente cheguei a Thoriuzir.

– Quando chegou às montanhas encontrou algum vestígio das aranhas? – perguntou Narhen.

– Sim, por todos os lados, mas nas montanhas era mais fácil me locomover e procurei me afastar sem chamar a atenção para mim. Penso que nosso maior problema não seja as grandes aranhas, mas seus filhotes pequenos. São quase invisíveis na rocha, e muito ágeis.

– Creio que, assim como nós, as aranhas não pertençam a esse mundo. – mencionou Galler.

– Também creio nisso. – concordou Ürmhatil – Depois que deixei as montanhas, continuando com minha busca, encontrei vestígios de outra raça nas proximidades de Thoriuzir, e em lugar algum vi qualquer coisa a respeito dela. Foi em uma das ruínas que perdi o mapa que mostrava o caminho até a floresta antiga. Agora, deixemos para continuar essa conversa depois, ainda teremos de caminhar muito antes que o dia termine, e vocês já descansaram o bastante.

– Teremos de seguir primeiro pelo deserto? – perguntou Mhirfun – Tivemos uma experiência com vermes de areia em outro mundo e não gostaria de passar por isso novamente.

– Não. O mapa me mostrou um caminho seguro. Devemos continuar caminhando na mesma direção que vieram e entrar cada vez mais no pântano. Precisamos encontrar a trilha dos mais velhos. É assim que eu a chamei. Vamos.

A rainha observava de certa distância e sem dar nenhuma opinião. Sua mente estava em conflito, uma vez que, ao mesmo tempo em que queria que o plano de Ürmhatil desse errado e todos o culpassem, sabia que se isso ocorresse jamais reencontraria sua filha.



Ürmhatil informou ao grupo das irmãs e à ninfa que o acompanhava de que era preciso informar à rainha que deveriam caminhar em fila e nunca sair do caminho e, em seguida, tomou o rumo do pântano acompanhado pelas irmãs e seus companheiros.

A cada momento ele parava e verificava os pontos de referência em sua mente e seguia por caminhos que somente ele enxergava.

Era uma trilha estreita e sinuosa, onde em alguns lugares havia crescido arbustos espinhosos, que precisaram ser retirados do caminho.

Chegaram às margens de uma grande lâmina de água tão lisa quanto um espelho, onde Ürmhatil fez sinal para que todos parassem.

– O que foi, Ürmhatil? – perguntou Narhen – Algo errado?

– É estranho, nesse local deveria haver uma ponte de pedra, mas não a encontro.

Olharam e não viram sequer uma folha na superfície da água.

– Tem certeza de que é aqui?

– Tenho. Veja essas duas rochas atrás de mim. É a indicação do local.

– Não existe outra forma de atravessarmos? – perguntou Grendhel – Talvez possamos dar a volta.

– É muito arriscado. Havia no mapa informações de perigos mortais fora da trilha

– Ora, isso é uma perda de tempo! – disse a rainha – Vamos voar sobre a água.

– Não podemos. No mapa existiam informações claras indicando que a única forma segura de atravessar seria caminhando sobre as águas.

– Bobagem! – disse a rainha.

E fez sinal para que uma de suas guerreiras voasse sobre as águas.

– Majestade – disse Ishiá –, por favor, escute o que Ürrmhatil disse.

Mas a rainha não deu a mínima atenção.

A guerreira ergueu-se alguns centímetros acima do solo e voou em direção ao lago.

Foi necessário que ela se afastasse apenas poucos metros da margem e a águia que os acompanhava pousada na armação nas costas de Mhirfun soltou um grande pio.

Por meio de sua ligação mental, Ishiá pôde ver através dos olhos da ave um bando de outros pássaros semelhantes a corvos que partiram dos galhos das árvores nas margens, voando direto para a guerreira ninfa.

– Majestade! – disse Ishiá – Ela será atacada. Mande-a voltar!

A guerreira percebeu a movimentação e os gritos dos pássaros vindo em sua direção e parou. Então, ouviu um grito.

– VOLTE!

Não foi preciso mandar outra vez. Ela virou-se e voou o mais rápido que podia, mas os pássaros voavam muito rápido e mergulharam sobre ela antes que alcançasse novamente a margem.

Galler e Narhen pegaram seus arcos e prepararam para disparar quando Ishiá disse:

– Não disparem as flechas!

Nesse instante, a águia alçou voo em direção à guerreira, que tentava se desviar dos ataques.

Por ser bem maior que as outras aves e por elas não esperarem um ataque, recuaram.

Não demoraram a se reagrupar para novo ataque, mas foi tempo suficiente para que a guerreira e a águia conseguissem chegar junto aos outros.

Os pássaros investiram maciçamente sobre eles, mas dessa vez foram recebidos por guerreiros armados.

Vários foram atingidos e caíram nas águas antes do bando recuar.

– Eles se foram! – disse Mhirfun.

– Temos de encontrar outro meio para a travessia. – apontou Grendhel.

– Mas terá de ser seguro. – Narhen completou – Vejam!

Todos olharam para o lago e viram as aves que foram abatidas em voo sendo atacadas e devoradas por seres que habitavam o fundo das águas.

– Pelo visto, também não poderemos ir pela água. – Grendhel concluiu.

– Precisamos encontrar a ponte de pedra! – exclamou Ürrmhatil.

Depois que todos os pássaros tinham sido devorados e as águas voltaram a se acalmar, os olhos de Galler deram a resposta para a primeira pergunta.

– A ponte de pedra está sob as águas. Alguma coisa aconteceu e a levou para lá.

– Não é o que penso. – refletiu Ürrmhatil – Ao que me parece, se me lembro bem, quando passei por aqui da outra vez, as águas estavam mais baixas. A meu ver, alguma coisa fez as águas subirem.

– Então, se não podemos mais contar com a ponte, teremos de encontrar outro meio. – concluiu Narhen.

– Ürrmhatil –, você disse que havia muitos perigos fora da trilha, mas se continuarmos na trilha, creio que teremos passagem segura. – disse Grendhel.

– Mas como, se a ponte está sob as águas?

– Veja! Aquele pássaro não foi devorado. Ele ainda está vivo.

– Sim, mas é uma questão de tempo.

– Não percebe? Ele está na água, mas exatamente sobre as pedras da ponte. Não creio que seja atacado enquanto permanecer sobre elas.

– Não podemos ter certeza. – disse Narhen, preocupada.

– Podemos! – Grendhel respondeu enquanto caminhava em direção à margem.

Pegou então um galho longo e tentou alcançar o pássaro, que se assustou e bateu as asas, tentando fugir. Mas esse movimento o fez sair de cima das pedras e, nesse momento, foi atacado e devorado.

O jovem largou o galho e respirou fundo.

– Não faça isso, Grendhel – pediu Ishiá – É loucura! Você será atacado!

– Não serei. Algo me diz que estou certo. Além disso, não temos muitas escolhas. Tenho de tentar.

– Espere! – pediu Ürrmhatil – Não faça isso. Mesmo que esteja certo, não poderemos atravessar. As pedras estão muito fundas para meu povo.

– Se eu estiver certo, encontraremos uma forma para vocês atravessarem.

Grendhel virou-se para as águas enquanto Narhen, Galler e Ishiá prepararam seus arcos na tentativa de defendê-lo.

Ele se abaixou na margem e esticou uma das pernas na esperança de alcançar o fundo, mas apenas a ponta do pé entrou na água.

– É uma ilusão! – alertou Grendhel.

Ele ficou novamente de pé e deu um passo em direção à água.

Todos se surpreenderam quando ele deu alguns passos apenas com parte das botas abaixo da superfície da água.

Quando Grendhel se distanciou cerca de cinco metros da margem, a ponte de pedras surgiu à sua frente.

– Aí está a nossa passagem! – disse ele.

– Que passagem? – perguntou Narhen.

– Vocês não estão vendo a ponte de pedras?

– Não! Para nós, você está caminhando no ar.

– Daqui onde estou eu a vejo completa, de margem a margem.

– Mas não entendo! – desabafou Ürrmhatil – Quando passei da outra vez, ela não estava invisível.

– Deve ser alguma magia antiga para que apenas quem conhecesse o caminho pudesse seguir por ele.

Sem perder mais tempo, Narhen pisou no mesmo local onde Grendhel havia pisado e seguiu caminhado sobre as águas.

Ao chegar junto do amigo ela disse:

– Teve mais uma de suas boas ideias.

– Foi apenas um golpe de sorte!

– Venham todos! Sigam o mesmo caminho que fizemos. Tomem cuidado, pois a passagem junto à margem é estreita e deverão passar um por vez.

Mhirfun foi o próximo e, com ele, pousada no poleiro, foi a águia.

Galler pegou o lobo nos braços e o seguiu. Este, por sua vez, foi seguido por Zarthrus.

Quando Ürrmhatil mostrou a intenção de que seria o próximo, a rainha tomou a frente. Seria ela a próxima. Ela não caminharia atrás de nenhum ninfo. Ürrmhatil, percebendo sua intenção, sorriu e cedeu a passagem para ela, seguindo atrás.

O local era largo o suficiente para que quatro homens caminhassem lado a lado, mas devido ao tamanho dos ninfos, cabiam de oito a nove lado a lado. Um a um os ninfos foram atravessando a passagem invisível, chegando à plataforma acima da água e se agrupando em regimentos mistos. Durante toda a travessia, tanto os pássaros negros quanto os seres das águas se mostravam presentes, prontos para qualquer descuido. Apesar do clima tenso, chegaram em segurança à outra margem.

Foram necessários vários minutos até que todo o exército concluísse a travessia. O clima no local se mostrou ainda mais tenebroso e pesado que na margem anterior. Árvores mortas cobertas por musgos e uma atmosfera úmida e gelada, acompanhada por uma neblina espessa, completavam o quadro.

A primeira noite no pântano já se pronunciava e a sensação de estarem sendo observados era grande.

Tudo indicava que a noite seria longa.

O grande exército se acomodou em uma grande área descampada do outro lado da ponte.

Na parte central foi instalada a tenda destinada à rainha, outra, a Ürrmhatil. Havia também um espaço reservado aos viajantes. Entre eles, havia uma fogueira e várias outras na periferia do acampamento.

Depois de alimentados, prepararam-se para dormir, e as sentinelas foram designadas.

Assim mesmo não era fácil pegar no sono. Ruídos e gritos estranhos eram ouvidos de todos os lados.

Com o avançar da noite um vento frio e perverso chegou até eles. O lobo dormia próximo à Narhen. De repente, o bracelete do dragão a acordou. Os olhos de rubi e as narinas de âmbar brilhavam intensamente. Ela ergueu-se de imediato com sua espada em punho. Ao mesmo tempo, o lobo ergueu-se em suas patas com os pelos arrepiados, as orelhas recolhidas e com suas presas à mostra.

Entretanto, Galler já estava de pé.

– O que está acontecendo? – perguntou ela.

– Ainda não sei, mas acordei com a sensação de que algo está para acontecer.
– respondeu ele.

– Onde está Zart...

Mas antes de concluir a pergunta, ouviram um grito vindo da periferia.

– ACORDEM! ESTAMOS SOB ATAQUE!

Era Zarthrus quem gritara e corria na direção de onde se encontravam.

Narhen e Galler também gritaram em alerta e correram na direção do gnomo. Grendhel, Mhirfun e Ishiá, que acordaram de sobressalto, pegaram suas armas e correram em direção aos amigos. Então, vários outros gritos foram ouvidos, mas gritos de medo e de dor.

Narhen e o elfo chegaram ao perímetro, enquanto vários guerreiros corriam na direção contrária.

A neblina dificultava enxergar, mas ela conseguiu ver alguns ninfos serem erguidos do solo e arrastados para dentro do pântano enquanto seus gritos morriam com eles.

Então, algo roçou a lateral de seu pé. Por instinto saltou para o lado, evitando ser agarrada. Galler desferiu um golpe certo com a espada élfica, que cortou um dos braços da criatura. A surpresa de ambos foi grande quando perceberam que não se tratava de animais, mas de plantas. Os longos braços eram as raízes das árvores que aprisionavam os guerreiros e os arrastava para debaixo da terra barrenta.

As raízes vinham de todos os lados, se arrastando silenciosamente como serpentes. As armas dos ninfos, com exceção das pequenas espadas, não surtiavam efeito sobre elas, que, em sequência, os capturava. Mesmo as espadas ninfas não causavam grandes danos às raízes mais grossas. Alguns, ao se perceberem encurralados, tentavam desesperadamente se afastar do solo, mas a neblina adormecera suas asas, eliminando a chance de escaparem.

De repente, ouviram um gemido próximo. Uma das patas do lobo tinha sido alcançada e presa por uma raiz. Ele mordia seu captor, mas de nada adiantava. Continuava a ser arrastado em direção à escuridão. Tanto Narhen quanto Galler perceberam o risco que o animal corria, mas estavam sob o ataque das raízes, e não conseguiam socorrê-lo.

No momento em que outra raiz chegou até ele e o ergueu, Narhen e Galler pensaram que seria seu fim, mas o machado de Grendhel atingiu seu alvo e libertou o companheiro.

– Saia daqui, meu amigo, seus dentes não são muito eficazes contra essas plantas. – disse Narhen mentalmente ao lobo, que se afastou para o centro do acampamento.

Os dois exércitos lutavam juntos tentando expulsar as plantas, mas não obtinham muito sucesso, ao contrário dos viajantes, que utilizando de suas armas maiores e mais afiadas, cortavam as raízes com maior facilidade. Até mesmo a pequena espada de prata de Zarthrus se mostrava mais eficiente que as dos ninfos.

Mesmo assim, o esforço era grande e a exaustão estava próxima. Precisavam encontrar uma forma de afastar as raízes, caso contrário, todos morreriam.

Foi então que inesperadamente veio a solução:

Uma raiz se aproximou de Mhirfun. Para se defender, ele a golpeou com seu machado, mas a atingiu com a lateral da arma e a arremessou para o lado invés de cortá-la. O impulso arremessou a raiz ao encontro de uma das fogueiras. Ao atingir o fogo, ela se recolheu de volta ao frio do pântano.

Ele se lembrou imediatamente do início da jornada, quando foram atacados por plantas na parte sombria de Farthorn.

– O FOGO! – gritou – Peguem uma tocha e ponham fogo nas raízes.

Os guerreiros, independentemente de qual exército fossem, não questionaram a ordem e imediatamente o seguiram, e a informação foi passada como um relâmpago de ninfo em ninfo.

E, aos poucos, conseguiram libertar os companheiros que ainda se encontravam aprisionados pelas plantas, fazendo-as recuar de volta à escuridão.

Um grito de vitória soou por todos ao mesmo tempo.

Antes que todos se animassem demais com a vitória e se esquecessem das plantas, Narhen gritou:

– Ainda não é hora de comemorar. Precisamos defender o acampamento. Façam um círculo de fogo em volta e não deixem nenhuma abertura.

Todos se encarregaram da tarefa, e pouco tempo depois uma imensa fogueira circular estava formada ao redor de todo o acampamento.

Depois disso, homenagearam os mortos e comemoraram juntos, não importando se eram ninfos ou ninfas.

O sono não retornou, e aguardaram com ansiedade o retorno do dia.

Com o alvorecer se aproximando, a neblina começou a dissipar e algumas últimas estrelas ainda puderam ser vistas.

Apesar da alegria da vitória, a única que se manteve distante apenas observando foi a rainha.

Ürrmhatil os havia conduzido ao caminho correto e, apesar de a ponte estar invisível, com a ajuda de um dos viajantes conseguiram atravessar o lago em segurança. Porém ela, por seu orgulho, colocara a vida de uma de suas guerreiras em risco antes disso. Além disso, o líder dos ninfos, assim como ela, participou da luta contra as plantas, mas era ele quem estava nas bocas das ninfas, pois salvara um grande número de guerreiras do abraço das raízes.

Aquela situação deveria mudar. Caso contrário, no final da jornada, ele poderia conseguir muita força entre as ninfas e poderia ser ela a exilada de seu reino.

Até o final da batalha com as aranhas, Ürrmhatil deveria morrer.

Narhen discretamente a observava à distância, imaginando e prevendo o que se passava em sua cabeça. A rainha olhou diretamente para Narhen, como se soubesse que estava sendo observada, e entrou em sua barraca.

– O que está acontecendo? – perguntou Galler.

– Ainda nada, mas não confio na rainha. Ela está tramando algo e tenho certeza de que em breve saberemos. Temos de ficar atentos.

Quando o sol surgiu, todo o acampamento já havia sido desmontado e os guerreiros aguardavam a ordem para seguir. Ishiá, Narhen e seu grupo tomaram seu lugar na frente do exército, assim como a rainha e Ürrmhatil. Novamente se puseram em marcha, mas não antes de reafirmarem que ninguém deveria sair do caminho, sob nenhuma hipótese.

Enquanto caminhavam, o terreno foi se modificando, passando de alagado à terra firme e rochosa à medida que subia. As árvores se tornaram esparsas e

menores. Depois, voltou a descer, e aos poucos o solo se tornou mais arenoso.

Na segunda parte da tarde do segundo dia estavam novamente se aproximando das areias do deserto.

– Irmã, precisamos encontrar um local de descanso. – disse Ishiá – Caminhamos sem parar o dia todo. Além disso, nossos odres já se encontram bastante leves. Não demorará para estarem completamente vazios.

– Não! – ordenou a rainha – Precisamos seguir o máximo que pudermos antes que a noite volte. Minha filha já está presa há muito tempo e precisamos nos esforçar para socorrê-la o mais rápido possível.

– Se seu exército não descansar, se tornará um adversário fraco para as aranhas. – lembrou Narhen – E tenho certeza de que não é essa sua intenção. Sabemos que quer muito retirá-la do cativeiro, mas se não estivermos prontos para a luta quando ela vier, de que adiantará nosso esforço?

– A rainha tem razão! – concordou Ürrmhatil – Não podemos parar ainda. Sei que estamos todos cansados, mas existe um lugar alguns quilômetros à frente, onde creio que todo o exército poderá se acomodar. É no topo de uma colina, e nos dará certa proteção. Foi lá um dos locais onde descansei enquanto retornava. Se não me engano, existia uma nascente onde poderemos abastecer nossos odres.

– Vamos em frente. – afirmou a rainha antes de apertar seu passo, seguindo à frente de todos.

Depois de algum tempo de caminhada já podiam sentir o calor dos ventos do deserto, e pensaram nos vermes da areia e no que poderia acontecer se chegassem até lá.

– Parem! – alertou Ürrmhatil – Não deve seguir por nessa direção.

A rainha não deu ouvidos. Ela estava vendo o caminho sob seus pés e não iria ser conduzida por um ninfo.

– Façam-na parar! – insistiu Ürrmhatil – Se continuar nesse caminho sairá da trilha, e não sei o que poderá acontecer.

– Majestade, por favor, pare! – implorou Ishiá – Não ouviu o que Ürrmhatil disse? Não deve se afastar da trilha.

– Esse ninfo não irá comandar meus passos. Estou vendo o caminho sob meus pés.

– Ele é falso – continuou Ürrmhatil – É uma armadilha para os desavisados. O caminho verdadeiro é aqui, contornando essa rocha. Esse que vossa alteza segue a levará para o fim. Se quer seguir seu orgulho e caminhar em direção à morte, que siga. Porém serão dois braços a menos para lutar por sua filha e retirá-la do cativeiro.

Ao dizer isso, se virou e contornou a rocha.

A rainha parou.

– Pare! Eu irei por esse caminho, mas não seguirei atrás de um ninfo.

Com um sorriso esboçado nos lábios, Ürrmhatil parou e abriu espaço para que a rainha passasse.

Depois de seguirem por mais alguns quilômetros, finalmente chegaram ao topo da colina e, aproveitando o tempo que ainda restava de luz, pegaram madeira suficiente para nova fogueira, se preparando para a próxima noite.

As várias sentinelas tinham, além da função de vigia, a obrigação de manter a fogueira acesa por toda a noite.

Ninguém queria se arriscar a dormir e ser novamente pego desprevenido, embora os ruídos vindos de toda parte não permitiam a ninguém um sono tranquilo.

– Narhen, precisamos de notícias dos jovens. – disse Ishiá – Meu coração não está sossegado.

– Também tenho pensado neles. O que quer fazer?

– Pensava em utilizar o espelho de água.

– Não seria melhor em nossas formas astrais? Assim talvez possamos avisá-los que estamos indo e aumentar suas esperanças.

– Essa viagem pode esgotar nossas energias, e acabaremos atrasando a viagem.

– Não se Zarthrus nos der uma pouca mais de sua mistura revitalizante.

– Ouvi meu nome. – disse o gnomo.

– Concorda? – perguntou Narhen à irmã.

– Está bem. Mas devemos evitar utilizar dessa poção. Pode ser que precisemos mais dela em outra ocasião.

– Meu amigo, talvez precisemos de suas habilidades. Eu e Ishiá queremos saber notícias dos filhos da rainha e de Ürrmhatil.

– Querem que eu a prepare agora?

– Sim, mas não queremos desperdiçá-la, porque, como minha irmã disse, poderemos ter maior necessidade dela no futuro. Ainda teremos outros mundos a visitar.

– Prepararei uma pequena dose.

O gnomo se afastou.

– Precisaremos da ajuda de todos. – disse Ishiá – Peguem suas gemas e fiquem à nossa volta.

O grupo observava o gnomo trabalhando.

Ele retirou uma pequena tigela de barro de seu alforje e depois, duas pequenas frutas, algumas flores coloridas, folhas e raízes.

Começou colocando as frutas na vasilha e, com ajuda de um pequeno pilão que também buscou em sua bolsa, as amassou com cuidado, extraindo o suco. Depois acrescentou as flores e folhas e, por fim, parte das raízes. Durante alguns minutos, amassou e misturou até que a mistura se tornasse homogênea. Enquanto fazia isso, recitava algumas palavras em uma língua que apenas ele conhecia. Quando achou que já estava bom, pegou um pequeno odre de dentro de sua bolsa e misturou um pouco de água. Em seguida, guardou tudo o que sobrou e, com a vasilha nas mãos, se aproximou das irmãs.

– Bebam apenas dois goles cada uma. Creio que será suficiente.

Depois tomou seu lugar com suas gemas nas mãos.

Em pouco tempo as irmãs se encontravam voando sobre as árvores do pântano e das areias do deserto, se aproximando das montanhas das aranhas.

Elas flutuaram sobre o local onde se encontravam os jovens e viram várias aberturas protegidas por teias.

Como o metal puxado por um imã, suas formas astrais foram atraídas na direção dos jovens e, dessa forma, conseguiram determinar qual das aberturas da rocha seria o caminho direto à cela onde se encontravam.

Ao entrarem na caverna, logo perceberam o casal de ninfos dormindo em um dos cantos da caverna.

Como da outra vez, as irmãs deram suas mãos, unindo suas formas astrais. Uma leve luminosidade tornou visíveis suas formas no interior da cela.

– Acorde! – chamou Narhen.

– O que? – exclamou o jovem.

Ao abrir os olhos, ele viu as imagens das gêmeas de pé na sua frente.

– Vocês retornaram! Então não foi um sonho.

Ishiá fez sinal para que ele falasse baixo.

– Zhoarrsstriss, acorde! – elas retornaram.

– O que foi, Ürrmhiorr? Deixe-me dormir.

– Não, você tem de ver com seus próprios olhos.

Ao abrir os olhos, a princesa por pouco não gritou, mas o filho de Ürrmhatil conseguiu contê-la a tempo.

– Não façam barulho e escutem. Não poderemos ficar por muito tempo.

– Porém, primeiro nos digam como estão fisicamente. – perguntou Ishiá.

– Estamos bem, mas não sabemos por mais quanto tempo. As aranhas estão se cansando de cuidar de nós. Ainda continuam devido ao temor à sua rainha. Escutamos uma delas dizer que não suportava mais trazer os alimentos para nós e que deveríamos ser bastante saborosos. Acredito que ela tenha morrido, porque escutamos o som de uma luta vinda do salão da rainha e depois um grito estridente. A aranha que falou aquilo nunca mais retornou, e surgiu outra em seu lugar.

– Vocês vieram nos tirar daqui? – perguntou a princesa.

– Ainda não. – disse Narhen – Nessa forma não podemos ajudar com muita coisa. Mas prestem atenção: dois grandes exércitos ninfos estão a caminho e nosso grupo está junto a eles. Ainda estamos um pouco longe, mas chegando. Portanto, devem ser fortes e aguardar. Nunca percam a esperança.

– Você disse dois grandes exércitos ninfos? – perguntou o jovem.

– Sim. Os ninfos e as ninfas se uniram para socorrê-los. – confirmou Ishiá.

– Não acredito que minha mãe tenha permitido que essa união acontecesse!

– Ela não teve muita escolha. – confessou Narhen.

– Agora precisamos retornar. – lembrou Ishiá.

– Espere! – pediu a princesa – Não podem nos abandonar.

– Não vamos abandoná-los. Em breve entraremos aqui e os libertaremos. – explicou Ishiá. – Mas se ficarmos muito mais tempo, perderemos muita energia.”

– Digam a nossos pais que estamos bem, mas que se apressem. – falou Ürrmhiorr – Nossa situação está se tornando mais instável a cada dia.

– Nos apressaremos! – responderam antes de soltar as mãos, fazendo desaparecer suas imagens.

– Esperem, não nos deixem aqui! – disse a princesa em uma voz mais alta.

– Sssss! O que esstar acontecer? Ssssss! Quem esstar aí? Sssss! – perguntou uma aranha que, ouvindo o pedido da princesa, veio correndo com as quelíceras à mostra.

– Não tem ninguém aqui. – respondeu Ürrmhiorr – Apenas nós dois.

– Sssss! Não mentir! Ssssss! Eu ouvir a juvenzinha chamar. Ssssss!

– Ela teve um sonho. E acordou chamando por seus devaneios. Não tem como alguém entrar ou sair daqui sem ser notado.

– Ssssss! Isso ser verdade? Ssssss! Ssse alguém tentar aproximar ssser morto e devorado. Ssssss! Que a juvenzinha controlar ssseus sssonhosss. Ssssss!

A aranha retornou ao local onde estava, enquanto os jovens abraçados oravam para que a ajuda chegasse bem rápido.

Quando retornaram aos seus corpos, viram que um grande número de ninfos estavam ao seu redor, olhando assustados para eles.

Olhando em volta, perceberam a rainha de um lado e Ürrmhatil de outro.

– Temos notícias de seus filhos! – informou Ishiá.

– O que aconteceu à minha filha?

– Nada, por enquanto! – disse Narhen – Ambos estão bem, mas a situação está se tornando tensa entre as aranhas, e isso poderá se tornar um problema.

As gêmeas contaram todos os detalhes da conversa que tiveram com os jovens, e também puderam mostrar qual das aberturas no topo da montanha os levaria até eles.

– Precisamos prosseguir com urgência. – disse a rainha – Minha filha não pode esperar por muito mais tempo.

– Tenha calma, majestade. – pediu Ishiá – Não podemos nos precipitar. Devemos seguir rápido, mas também precisamos estar bem quando chegarmos, para termos condições de lutar.

– Além disso, não podemos sair correndo à noite pelo pântano. – lembrou Ürrmhatil – Poderemos nem mesmo chegar ao nosso destino.

– Não! Devemos seguir imediatamente. Se não liga para o que pode acontecer ao seu filho, para mim não tem importância, mas eu não quero que nada aconteça à minha filha.

– Está enganada quanto ao meu sentimento. Mas de que adiantaria eu correr para salvá-los e perecer antes mesmo de me aproximar?

– Majestade – disse Narhen – Sei dos seus sentimentos quanto à sua filha, mas não deve deixar seu coração controlá-la. Deve usar da razão.

A rainha não disse mais nenhuma palavra e se retirou.

– Obrigado! – agradeceu Ürrmhatil – Obrigado por me darem notícias de meu filho. Rogo aos deuses para que nada lhes aconteça até que os libertemos.

– Vocês estão bem? – perguntou Zarthrus – Não estão cansadas?

– Agora que perguntou... Sim. Estamos bem. Não sinto nenhum cansaço. Sua poção funcionou muito bem.

– É verdade. Sinto que ainda tenho energia suficiente para correr durante boa parte da manhã. – disse Ishiá.

– Ótimo! Agora sabemos que o poderemos fazer quando utilizarem seus poderes.

O grupo se acomodou para passar o restante da noite, mas os pensamentos de Narhen retornaram para a lembrança da visão que teve da rainha após a batalha com as raízes. O que ela estaria planejando?

A noite foi longa e, apesar dos gritos e ruídos que surgiam de tempos em tempos, não houve nenhuma ameaça ao acampamento, e nessa noite foi possível dormir. Quem se manteve acordado pôde ver através de uma noite sem nuvens o movimento das estrelas.

Finalmente o horizonte mostrava os sinais de mais um novo dia.

Uma corneta de chifre soou, mas não com o chamado para a batalha. A movimentação alcançou o auge com os guerreiros em aparente sincronia preparando-se para a jornada daquele dia. Mais alguns minutos, e ouviu-se outro som indicando que se apressassem. Cerca de meia hora mais tarde, junto com os primeiros raios de sol, o exército pôs-se em marcha.

A marcha se mostrou amarga para os seres acostumados a voar. Apesar de caminharem rápido, a pequena estatura dos ninfos tornava a travessia lenta para

Narhen e seus amigos.

– Ürrmhatil, pelo que nos disse, não poderão voar durante toda a travessia do pântano devido à neblina que existe sobre a copa das árvores. Certo? – perguntou Narhen.

– Sim, isso mesmo.

– Você também disse que quando entrou pela primeira vez nessa região, voou abaixo da copa de árvore em árvore até que acidentalmente encontrou o caminho. Correto?

– Sim, é verdade. Em que está pensando?

– Embora estejam em marcha forçada, nosso avanço é lento. Além disso, não são acostumados a caminhar. Pelo que nos falou das inscrições do mapa, não devemos sair da trilha em hipótese alguma, mas creio que se voarem a alguns centímetros do chão, se mantendo nessa altura, ganharemos maior velocidade.

– Tenho receio de que se nos erguermos do solo algo ruim possa acontecer.

– Mas veja: nós somos bem mais altos que vocês, e nem por isso algo ocorreu. Creio que se voar mantendo nossa altura como distância do solo, nada acontecerá.

Ürrmhatil analisava o que a jovem disse, porém a rainha não tinha a mesma paciência: ela se ergueu até a altura de Narhen e aguardou os acontecimentos.

Nada.

– Penso que tem razão! – disse ela – Repasse essa informação aos outros: devem se erguer do solo para ganharmos velocidade, mas não podem voar acima de um metro e meio. Se desobedecerem, sofrerão as consequências pelas criaturas desse lugar ou na ponta de minha espada. Quando todos estiverem informados, soe um aviso.

A rainha se aproximou de Narhen e a olhou nos olhos.

– Espero que sua ideia esteja correta e não nos traga alguma infelicidade.

– Eu também, majestade. – respondeu ela sem desviar os olhos.

Assim que todos os ninfos foram avisados e se ergueram do solo, ouviu-se o sinal.

– Vamos em frente! – ordenou a rainha – Que sejam realmente rápidos como disseram.

Ürrmhatil indicou o caminho e o imenso enxame de seres alados começou a se deslocar. O grupo de viajantes passou então a correr junto aos líderes. Apesar de voarem, não podiam ir muito rápido, pois o voo junto ao solo trazia algumas dificuldades. Além das trilhas que deveriam seguir serem sinuosas, havia muitas árvores e cipós a se desviar. Mas, mesmo com esses obstáculos, a jornada se tornou bem mais rápida, e vários quilômetros foram percorridos antes que o sol chegasse ao topo da abóbada celeste.

Quando finalmente pararam, estavam na beira de um grande cânion, onde havia uma estreita ponte de cordas com uma centena de metros, que se balançava ao vento.



Olhando da margem, era possível perceber que faltavam várias peças do piso de madeira.

- Temos de atravessá-la. – declarou Ürrmhatil – Não existe outro caminho.
- Temo que a ponte não resista ao nosso peso – disse Galler.
- E não poderão voar sobre ela. – apontou Ishiá – Vejam!

As mesmas aves negras que impediram que voassem sobre o lago estavam pousadas sobre as árvores laterais, em grande número.

- Eu vou primeiro e testo as cordas – voluntariou-se Galler.
- Não! – Narhen o impediu – Não pode ser você!
- Por quê? Tenho o mesmo valor que qualquer um dos nossos.

– Não se trata disso. Embora meu coração peça para que não vá, eu sei que para o grupo ninguém é mais importante que o outro. Sei que você é capaz de caminhar sobre uma linha esticada sem que ela arrebente. O fato é que o caminhar leve de um elfo poderia dar a falsa impressão de segurança.

- Então irei eu! – disse Grendhel.
- Não dessa vez!
- Mas sou o mais pesado e, se a corda resistir a mim, todos passarão.
- Você já fez sua parte na travessia da ponte de pedra.
- Então é minha vez! – afirmou Ishiá.

– Não irmã, serei eu quem irá. Sou um pouco maior que você e, apesar de ter vivido com os elfos, seu treinamento foi outro. Eu irei e levarei algumas sacolas comigo, assim meu peso será maior e simulará o de Grendhel.

Enquanto discutiam, Mhirfun caminhou em silêncio até o início da ponte e, fechando os olhos, deu os primeiros passos precipício adentro.

– Creio que já está decidido quem será o primeiro. – declarou Zarthrus ao ouvir o ranger das cordas.

Todos se viraram e Narhen correu para a ponte, mas, antes que ela pusesse um pé para ir atrás dele, Galler a segurou:

– Não pode ir com ele. As cordas podem não aguentar o peso dos dois.

– Mhirfun, volte!

– Não, mestra Narhen. Você e sua irmã são muito importantes para o salvamento de nosso mundo. Embora pequeno, sou tão pesado quanto um bloco de granito. E essas sacolas e a águia estão ajudando a aumentar meu peso. Se eu conseguir chegar do outro lado, poderão ir correndo sem medo.

O anão continuou firme em sua decisão e, apoiando os pés nas laterais das tábuas, foi avançando rumo ao outro lado.

Assim que se afastou um terço da distância, várias das aves negras saltaram de seus poleiros e começaram a voar em círculos ao redor do anão.

– Cuidado com as aves. – gritou Ishiá.

Mas elas não atacaram. Algumas manobras em seus voos, no entanto, passavam muito perto, e a águia começava a ficar nervosa.

Apesar de seu tamanho ser mais de três vezes o das aves menores, não teria muito sucesso em uma batalha aérea, devido ao número de inimigos.

Ishiá, percebendo a inquietação da amiga, tocou sua mente e a acalmou.

Mhirfun caminhava lentamente procurando o melhor lugar de apoio. De repente, enganado por sua visão, pisou em uma tábua podre, que se partiu embaixo de seu pé, lançando-o em direção ao vale no fundo. Por sorte, no último instante, ele conseguiu se segurar na corda que prendia a tábua e ficou pendurado.

A águia, com os pés firmes em seu poleiro, bateu as asas tentando ajudá-lo a se erguer, mas o anão era muito pesado.

– NÃO! – gritou Narhen, dando um passo à frente.

Galler voltou a segurá-la.

– Ele não caiu, e você não pode ir até ele.

– Precisamos ajudá-lo enquanto ainda temos chance.

Os pássaros negros mergulharam na direção do anão, mas não o atacaram.

– Vejam! – mostrou Grendhel – Os pássaros não estão atacando. Creio que seja pelo mesmo motivo da ponte. Ele continua preso ao caminho.

– Mas por quanto tempo? Se não formos rápidos, ele vai cair.

– Preciso de uma corda! – pediu Ürrmhatil.

– Eu tenho! – respondeu Zarthrus, enfiando a mão em sua bolsa.

O ninfo fez sinal para três dos que acompanharam o grupo de Narhen no início da jornada o seguissem e voou depressa por cima das placas de madeira da ponte.

Alguns pássaros saltaram das árvores e voaram de encontro a eles.

– Não voem para fora da ponte! – ordenou Ürrmhatil.

Os pássaros não atacaram.

Os ninfos chegaram até o anão e amarraram a corda em torno de seu corpo e tentaram puxá-lo, mas ele era muito pesado.

Ao ver que os ninfos se esforçavam em vão, uma das generais da rainha, uma ninfa grande para sua raça e que parecia ser bastante forte, chamou outra de suas guerreiras de igual estatura.

– Venham!

Não havia como a rainha impedi-las sem denunciar sua intenção e, portanto, se calou. Mais tarde elas seriam repreendidas. Rapidamente as guerreiras chegaram até os ninfos que, com a ajuda extra, conseguiram finalmente erguer o pesado corpo do anão.

– Obrigado! – agradeceu Mhirfun depois de se agarrar na parte de cima da ponte. Não me dou muito bem com as alturas.

Sem se soltar das cordas, Mhirfun continuou caminhando, auxiliado pelos ninfos. Depois que chegaram do outro lado, ouviram um único grito do exército que ficou do outro lado. Mhirfun deitou-se e beijou o solo aos seus pés. Os ninfos e ninfas sorriram uns para os outros. Em seguida, Ürrmhatil retornou para o outro lado do precipício, levando consigo a corda.

– Aí está a forma de atravessarem.

Suspirando de alívio, Narhen agradeceu e sorriu.

Um a um foram amarrados e auxiliados na travessia.

O outro lado do cânion mostrou um solo mais arenoso e árvores menores e mais afastadas, embora a grande umidade permanecesse.

O caminho sinuoso voltou-se novamente em direção ao deserto e, pouco antes do meio da tarde, Ürmhatil guiou-os por uma subida rochosa, que aos poucos avançou por sobre as areias, se afastando daquela floresta sombria.

Seguir pela trilha de rocha era tão difícil quanto seguir pela floresta úmida. Naquele ponto era impossível para os ninfos voarem. O calor e os ventos secos retiravam as forças daquela raça, e não restava outra opção senão caminhar.

O calor afetava bastante também os humanos, elfos, gnomos e animais. Exceto Mhirfun. Para ele, o calor não trazia nenhum desconforto. Na verdade, ele reavivava a memória do anão acostumado com o calor de Zarhok, o grande deserto que se estendia por centenas de quilômetros ao redor da montanha onde morava.

O caminho, com uma altura aproximada de sete metros por quatro de largura, assemelhava-se a uma imensa serpente de rocha que invadia as areias ziguezagueando entre as dunas. Estava claro para todos que aquela formação não era fruto da natureza.

O sol inclemente castigava a tudo e a todos. O calor não vinha somente do alto, era também refletido das areias e das rochas aos pés de todos. Com algumas horas de caminhada, já não era possível visualizar mais nenhum vestígio da floresta pantanosa, e os efeitos do calor passaram a ameaçar a saúde dos guerreiros. Porém, como a tarde anunciava seu fim, a temperatura começou a baixar e o ânimo a aumentar.

Antes que estivesse completamente escuro, o acampamento foi formado.

– Ürmhatil! – chamou Galler.

– Sim! Alguma coisa a perturba?

– Os guerreiros. Ainda teremos que andar muito até sairmos novamente daqui? O calor no deserto é muito forte e temo que alguns possam não resistir.

– Tenho pensado nisso, mas não existe outra opção. Precisamos seguir pelo caminho indicado pelo mapa.

– Existe algum empecilho para que seu povo viaje à noite? – perguntou Narhen.

– Não, mas estão muito cansados. Não conseguirão caminhar por muito tempo.

– Podíamos descansar por algumas horas e voltar a caminhar enquanto ainda está escuro. O que me diz, Majestade? – perguntou a jovem ao perceber a irritação da monarca por se sentir excluída das decisões.

A intenção da jovem era tentar alguma forma de fazer os líderes se unir.

A rainha foi pega de surpresa por aquela pergunta, mas manteve sua postura.

– Por enquanto façam como acharem melhor. – respondeu ela.

Narhen não gostou do tom da frase, mas havia muito pouco na monarca que a agradava.

– Então, façamos assim. – falou Narhen – Repassem a informação para todo o exército. Eles devem se preparar para continuar nossa jornada dentro de poucas horas, e caminharemos o máximo que pudermos depois que o sol nascer. Não podemos caminhar quando o sol estiver próximo ao seu ponto mais elevado.

– Quem ficará de guarda? – perguntou o ninfo.

– Nós! Nossa resistência ao calor é maior que a de vocês, e estamos mais descansados. – respondeu ela.

– Está bem, se é assim que deseja.

Mhirfun e Zarthrus seguiram para a retaguarda. Grendhel e Ishiá permaneceram na frente e Narhen e Galler se dirigiram para o meio do exército.

A noite foi tranquila e nada de anormal aconteceu, exceto pelo vento gelado que trazia o cheiro do pântano até eles.

Ainda não era madrugada quando foi dado o sinal de despertar.

Em poucos minutos todos estavam prontos, e apenas esperaram que o grupo de Narhen se reunisse para voltarem à marcha.

Sem o calor do sol e com a pouca umidade trazida pelo vento, foi possível aos ninfos levantar voo.

– Ürrmhatil, se, como você disse, só existe esse caminho, penso que devam acelerar sua travessia seguindo em frente o mais rápido que puderem ao invés de nos acompanhar e, quando o calor estiver alto, montem acampamento e se protejam do sol. Nós seguiremos o mais rápido que pudermos. Se conseguirem sair do deserto antes de nos encontrarmos, então nos aguarde.

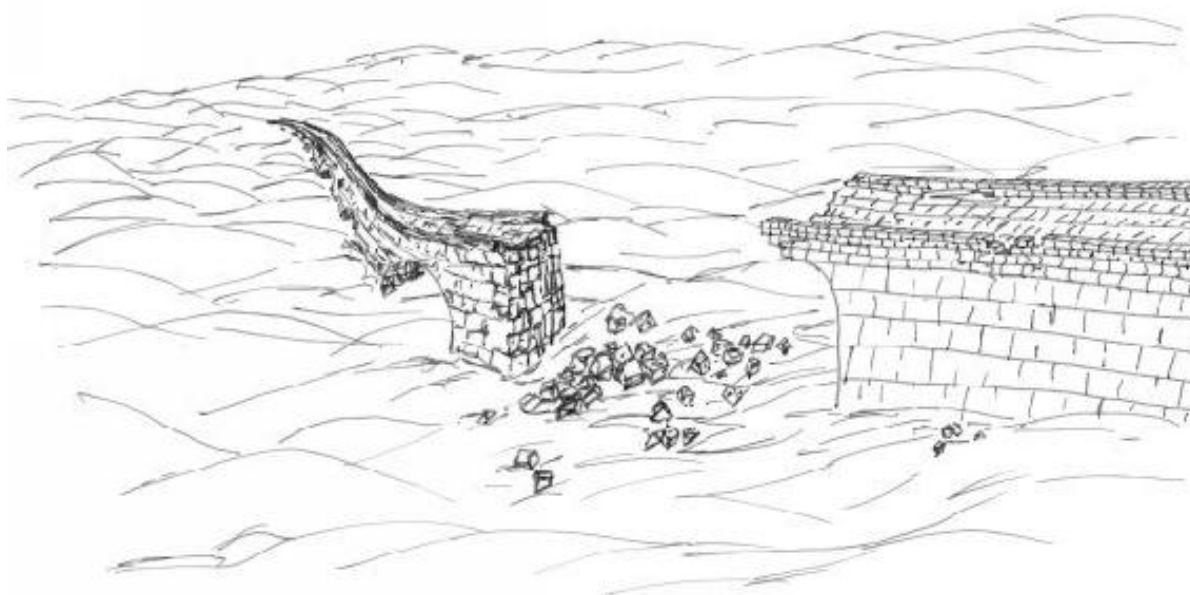
A rainha não questionou, pois sabia que Narhen desconfiava dela e que a jovem poderia atrapalhar seus planos contra o líder dos ninfos. Talvez algo de grave ocorresse ao grupo, eliminando esse problema.

Os guerreiros voavam rápido, e em pouco tempo não se tinha mais vestígios de sua passagem.

O grupo das gêmeas voltou a correr o tão rápido quanto podia. Embora fosse noite, a luz das estrelas cedia alguma luminosidade para os viajantes. Várias horas

se passaram até que o sol surgisse no horizonte. Junto com a luz do sol, veio o calor e a falta de umidade. Persistiram com a corrida o máximo que puderam, mas no fim foram obrigados a diminuir o passo. Depois de um pequeno tempo de descanso, voltaram a caminhar, mas foram novamente interrompidos: havia um desmoronamento com cerca de vinte metros na ponte de pedra, tornando impossível para alguém saltar. Teriam de descer até a areia e caminhar até o outro lado antes de voltarem à viagem. No lado onde estavam, as rochas quebradas auxiliavam na descida, porém não havia apoio no lado seguinte.

– Será que aqui também existem vermes nas areias? – perguntou Ishiá.



– Não sei! – respondeu Narhen – Estamos muito distantes do pântano, portanto creio que não deva existir nenhum.

– Não é bom subestimarmos esses seres. – lembrou Galler – Precisamos ter certeza, porque não será fácil escalar o outro lado.

– Talvez exista uma forma de prender a corda do outro lado para que vocês possam atravessar. – disse Zarthrus – Irei verificar.

Ele chamou a águia que, saltando das costas do anão, voou até ele e o pegou pelos braços, o transportando sem dificuldades até a continuação do caminho.

O gnomo procurou e não encontrou nenhum ponto onde pudesse ser fixada a corda.

– Não existe nenhuma fresta onde prendê-la. – disse ele – Terão de encontrar outro meio para atravessar.

– Vou descer e ver o que encontro. – ofereceu Galler.

O elfo desceu sem dificuldades e saltou entre as partes desabadas da ponte, evitando pisar sobre as areias. A ponte do outro lado não tinha nenhuma saliência onde ele pudesse se segurar, mas existiam algumas fendas onde a rocha havia partido. O espaço da areia até o caminho de pedra no alto era de aproximadamente sete metros, as distâncias entre as fendas eram grandes, tornando impossível se pendurar em uma e alcançar a outra.

Então uma ideia passou pela sua cabeça.

Ele pegou uma flecha e retesou seu arco ao máximo.

– O que pensa em fazer? – perguntou Grendhel – Essa rocha é muito dura para ser perfurada por uma flecha.

– É com isso que estou contando. – respondeu.

Então, utilizando toda a sua destreza com aquela arma, soltou a flecha que rasgou o ar e, em uma fração de segundo, atingiu o objetivo.

Com a pontaria precisa do elfo e com a força que foi arremessada, a flecha acertou uma das fendas e se cravou na rocha.

– Se estiver correto, ela suportará meu peso e assim poderei subir. Quando estiver lá em cima os ajudarei.

Em seguida repetiu o processo mais três vezes, formando uma escada de varetas.

Ele correu e se atirou para a primeira e, com movimentos mais leves que de um felino, saltou para a outra e para a outra.

A terceira flecha não estava tão bem cravada quanto ele queria e se soltou no momento em que se lançou dela para última, reduzindo o impulso, o que fez com que ele tivesse que se esticar ao máximo para alcançá-la.

Com um último movimento rápido, Galler chegou ao piso da ponte antes que a flecha que se soltou atingisse as areias.

– Você conseguiu! – comemorou Zarthrus.

– Por pouco. Vejam.

Todos olharam e viram que, no lugar onde a flecha havia caído, a areia se movimentava em ondas

– Devemos manter nossos pés longe da areia. – concluiu o elfo – Zarthrus, dê-me a corda.

– Quem irá agora serei eu! – disse Ishiá – Sou a mais leve, e poderei ajudar Galler.

– Vá, mas tome cuidado para não sair das rochas.

– Não se preocupe. Isso está muito longe de meus planos.

Ishiá desceu e, como Galler, saltou de rocha em rocha até a base no outro lado.

– Segure e amarre em sua cintura. Disse ele ao jogar a corda.

Depois que ergueu Ishiá, jogou a corda para os outros do outro lado, mantendo uma das pontas consigo.

– Amarrem os pertences no meio, como fizemos na travessia sobre a lava.

Assim fizeram e, aos poucos, transferiram a bagagem, fazendo o mesmo com o lobo. Então, desceram até aos blocos de pedra desmoronados para facilitar a travessia, mas os vermes da areia conseguiram de alguma forma sentir em quais rochas estavam Grendhel, Narhen e Mhirfun, e passaram a se movimentar sob elas.

Aos poucos, o movimento que geravam começou a fazer com que as rochas afundassem.

– Depressa! – Grendhel apressou – Não vai demorar para essas criaturas nos levar até elas. Vá, Narhen, depois iremos.

– Não! Vá você. Será mais fácil para você e Galler nos içar.

– Mas Narhen, você...

– Não discuta! Vá depressa.

Não havia tempo para discussões e Grendhel sabia que não iria convencê-la, então aceitou.

Ele saltou para outra rocha menor, a mais próxima da base. Em seguida, amarrou a corda na cintura e começou a subir enquanto a dupla no alto o puxava para cima. Os vermes sentiram a vibração do jovem na rocha e passaram a circundá-la como faziam com as outras. Por ela ser menor, estava afundando ainda mais rápido.

Em breve não haveria um local de apoio próximo à base.

– Pronto! – ordenou Grendhel – Que o próximo venha depressa.

– Vá, Mhirfun! É a sua vez. – e, pegando a corda jogada por Galler, ajudou o anão a amarrá-la em torno do corpo.

Mhirfun tomou um impulso e pulou para a pequena rocha, que já estava com menos da metade de seu tamanho inicial para fora da areia.

Enquanto Mhirfun era içado para o alto, a pequena rocha diminuía rapidamente.

– Depressa! – gritou Narhen – Essas rochas não vão durar muito.

Mhirfun era ágil, mas não era acostumado a esse tipo de escalada e muito menos com a urgência da manobra, e perdeu o equilíbrio algumas vezes, atrasando o processo.

Narhen foi obrigada a recuar para uma rocha maior, pois aquela onde estava ficava cada vez mais baixa e instável. Os vermes trabalhavam rápido, e devia haver milhares deles sobre o solo.

Quando Mhirfun finalmente alcançou a topo, restava muito pouco da pequena rocha de onde partiu: apenas o suficiente para que uma pessoa ficasse sobre ela apoiada em apenas um dos pés.

Galler se apressou em soltar o anão para jogar novamente a corda para sua amada, mas quando olhou, percebeu que não haveria tempo para que Narhen se amarrasse.

Ele olhou sem saber o que fazer.

Narhen, percebendo que não teria tempo, gritou para que jogassem a corda para baixo e correu, sabendo que poderia ser seu fim.

Ela saltou sobre as rochas e, por fim, tomou impulso na pequena e última rocha, que afundou um pouco mais sobre a pressão de seu pé, lançando-se de braços erguidos o mais alto que podia enquanto a corda descia em sua direção.

Ela alcançou a corda, mas voltou cair. Um erro de cálculo fez que lhe fosse jogada muita corda.

As frações de segundo que a separava da areia abaixo, trouxeram-lhe a sensação de milhares de vermes devorando sua carne ainda viva. Aquela sensação fez surgir um grito de sua alma. Ela não iria se entregar tão fácil.

Ergueu a outra mão e puxou mais uma parte da corda, que se esticou no último instante. A ponta dos pés de Narhen resvalou sobre as areias, e ela os recolheu. Os vermes abaixo dela, sentindo a presença da jovem acima, faziam a areia ferver sob sua sombra. A jovem olhou para cima e encontrou os olhos de Galler e as cordas enroladas em seu braço.

– Segure firme! – o elfo aliviado disse com um sorriso.

Enfim, Narhen foi erguida e recebida por todos.

Depois de descansar e observar o restante das rochas serem levadas ao fundo, começaram a jornada rumo a Thoriuzir.

O trajeto após a área desabada transcorreu sem incidentes e, apesar do sol estar bem quente, o grupo conseguiu caminhar em um passo acelerado, parando poucas vezes para descansar.

Vários quilômetros já haviam passado e, na segunda parte da tarde, começavam a dar sinais de cansaço quando perceberam no horizonte uma estreita linha de coloração diferente.

Nesse momento entenderam que estavam retornando ao pântano.

Apertaram o passo com a intenção de conseguir alcançar as árvores antes que a noite caísse. Conseguiram.

Ürrmhatil os aguardava bem na entrada da região úmida.

– Graças aos deuses vocês chegaram. Pelo visto conseguiram passar pelo desabamento sem dificuldade. Estava aguardando a noite para ir de encontro a vocês.

– Enfrentar os vermes da areia não é dificuldade para você? – perguntou Mhirfun.

– Vocês os enfrentaram? – perguntou com os olhos arregalados.

– Na verdade, não chegamos a enfrentá-los. – disse Narhen – Mas foi por muito pouco.

– E aqui, algum problema? – perguntou Zarthrus.

– O de sempre. A rainha. Esta impaciente com a demora de vocês e queria seguir em frente sem aguardá-los. Mas consegui convencê-la a ficar.

– E como fez isso? – perguntou Ishiá.

– Disse que se ela quisesse, estava livre para seguir em frente, mas estaria por sua própria conta e teria de encontrar o caminho sozinha. Eu iria esperar por vocês. No fim, a razão prevaleceu e ela resolveu ficar.

– O que pretende fazer agora? – perguntou Narhen – Seguir durante a noite?

– Não. Infelizmente os perigos do pântano são muito grandes para avançarmos por ele à noite. Esperaremos até o alvorecer para continuar. Mas venham! Existe uma refeição esperando por vocês, e precisam de descanso.

– Ainda falta muito até as montanhas?

– Na verdade, creio que aqui seja a metade do caminho e, se me lembro bem, o caminho daqui para frente será um pouco mais fácil.

Ao chegarem ao acampamento ouviram:

– Até que enfim chegaram. – disse a rainha – Pensei que teria de esperar pelo resto de minha vida.

– Obrigada por se preocupar, majestade! – respondeu Narhen sem interromper seus passos – Também estamos felizes em encontrá-la.

Pelo olhar da rainha, podia-se perceber sua indignação por aquela resposta.

Ela pensava: “Ainda chegará o dia em que pagará por toda essa sua insolência.”

O grupo se alimentou e descansou durante toda a noite, e, com o alvorecer, começou a segunda parte da jornada até as montanhas da perdição.

O tempo não parava e novamente estavam na segunda metade da tarde.

Ao penetrarem em uma grande clareira, Ürrmhatil fez sinal para que parassem.

– Ürrmhatil – perguntou Narhen –, algum problema?

– Problema? Não. É que estamos nos aproximando de outro caminho sobre as areias do deserto e aqui é um bom lugar para descansar. Pretendo continuar com sua ideia e seguir pela trilha de rocha durante a noite, fugindo do calor do dia. Quando o dia amanhecer, já seremos capazes de vislumbrar Thoriuzir.

Assim que o sol se escondeu, o enxame de ninfos começou a voar em fila um pouco acima do caminho. Logo atrás, correndo, vinha o grupo de viajantes. Durante a noite, auxiliados pelo frescor gerado pelo vento úmido que vinha da direção das árvores e pela falta de obstáculos no caminho, conseguiram percorrer uma grande distância, mas não o suficiente para deixarem o deserto. Ainda teriam muito a caminhar, pois com o retorno do sol, retornavam também o vento seco e o calor. Por os ninfos terem de andar, antes do sol se encontrar a zênite, foram percebidos pela visão privilegiada de Galler e, em seguida, pela de Zarthrus, que se encontravam bem atrás.

Os viajantes mantiveram o passo, então ouviram a voz de Mhirfun.

– O que é aquela mancha à direita?

Todos olharam e viram uma estranha mancha próxima à linha do horizonte.

– Não sei, mas me parece algo conhecido. – respondeu Narhen.

– Pelos deuses! – continuou o anão. Devemos nos apressar e avisá-los para se protegerem. Se não estou enganado aquilo...

– É uma tempestade de areia. – concluíram juntos o anão, Narhen e Grendhel.

Eles estavam certos. Era realmente uma grande tempestade de areia que se aproximava depressa e os ninfos, abatidos pelo calor, não se davam conta do perigo que se aproximava.

O grupo de Narhen correu com todas as suas forças, o mais rápido que podia. Zarthrus bem que tentou correr mais depressa, porém, embora mais resistente que os ninfos, era – como eles – um morador das florestas, e o calor e a falta de umidade daquele deserto retirava suas forças, e não conseguia correr muito mais depressa que seus amigos.

As visões privilegiadas do gnomo e do elfo permitia que enxergassem a longas distâncias e isso significava que vários quilômetros os separavam do exército à frente. Se não conseguissem chegar a tempo, eles poderiam ser pegos desprevenidos e algo grave poderia acontecer.

À medida que corriam, verificavam a mancha da tempestade que se aproximava rápido, então, perceberam que não seriam rápidos o suficiente.

Eles gritaram tentando chamar a atenção dos ninfos, mas a distância era ainda muito longa para que seus gritos os alcançassem.

– Se ao menos eu ainda tivesse a corneta de meu irmão, conseguiríamos avisá-los do perigo. – lamentou Grendhel.

– Você disse corneta? – perguntou Zarthrus. Talvez possamos...

– Você tem uma? – perguntou Narhen – Por que não disse logo?

– Não me recordava dela. A recebi de presente há muitos anos e, como prefiro o silêncio, a mantive guardada por todos eles. Seria um desrespeito ter me desfeito dela. Além disso, não sei tocá-la.

Ao dizer isso, enfiou a mão em seu alforje e retirou uma pequena corneta, confeccionada a partir de um único chifre branco retorcido e ornada com detalhes em ouro, prata e com algumas pedras cravejadas. O ponto de pega era revestido por uma trança de couro de onde se desprendia uma franja e uma alça. Era um trabalho magnífico.

O gnomo corria admirando a peça e se lembrando de quando a ganhou.

– Zarthrus – chamou Grendhel –, poderia apreciá-la mais tarde?

– Oh! Desculpe-me. Ela me traz recordações. – disse antes de entregar a corneta ao amigo.

Grendhel parou de correr para tomar fôlego.

– Continuem! Eu alcanço vocês.

Enquanto o restante corria, ele encheu o peito e soprou o instrumento com toda a força de seus pulmões.

Foi emitido um som puro e vibrante, muito mais alto do que ele suspeitava que seria, e que se espalhou em todas as direções no deserto.

Ele soprou mais duas vezes, e então voltou a correr como se sua vida dependesse disso. E dependia.

Poucos instantes se passaram e outras cornetas foram ouvidas alertando sobre o perigo.

- Não chegaremos a tempo. – disse Narhen – Precisamos nos proteger.
- Os primeiros grãos de areia chegaram junto com o vento seco e quente.
- Abaixem-se e se cubram com suas capas. – gritou a jovem.

Ela retirou sua adaga e a enfiou em uma fenda na rocha e os outros a acompanharam.

Narhen chamou o lobo e o cobriu junto a ela. Galler abaixou-se ao seu lado. Mhirfun fez o mesmo e cobriu a águia.

- Venha, pequenino! – Ishiá gritou para o gnomo.

Grendhel correu depressa e se jogou o chão junto ao grupo e, se não fosse pela ajuda de Galler, teria sido arrastado pelo vento.

- Obrigado, meu amigo! Estou em dívida com você.
- Não me deve nada! Faria o mesmo por mim ou qualquer um de nós.

O vento e areia passavam cortantes, junto com um pó fino e sufocante.

Os minutos pareciam intermináveis, mas gradativamente a tempestade se dissipou, deixando alguns montes de areia sobre o caminho de pedra.

- Acabou! – exclamou Grendhel, aliviado.

Estavam a algumas centenas de metros do exército.

- Venham! – gritou Narhen. Podem precisar de nossa ajuda.

O grupo correu e, ao chegar, viram os ninfos saírem de seus próprios montes de areia.

– Estão bem? – perguntava enquanto caminhava apressada através do exército.

Percebeu alguns ferimentos, mas não viu nada grave. Seu medo maior era o de terem sido arrastados pelo vento e jogados aos vermes. Ao ouvirem o sinal de outra corneta, percebeu que seus medos eram verdadeiros. Vários ninfos foram lançados ao vento e arrastados por algumas centenas de metros. Não havia muito que fazer além de ajudá-los a subir novamente ao caminho, sem se arriscarem a ser também atacados na areia.

Por algum motivo, talvez devido à tempestade, os vermes não se manifestaram, e vários ninfos se ergueram incentivados por seus amigos para seguirem depressa para a ponte. Tentaram voar, mas poucos conseguiam se manter no ar e, mesmo os que conseguiam, não suportavam mais do que poucos metros.

Alguns que haviam caído mais próximo conseguiram chegar à base do caminho e, com o auxílio das cordas de Zarthrus, foram erguidos rapidamente. Outros se arrastavam lentamente pela longa distância a que foram lançados.

De repente, a águia alçou vôo em direção aos mais afastados a pedido de Ishiá, mas infelizmente só conseguia resgatar um por vez. Foi então que se ouviu o primeiro grito de dor.

Os vermes ressurgiram afastados da ponte e fizeram sua primeira vítima. Ao ouvirem os gritos, o medo tomou conta dos outros, que utilizavam do restante de suas forças na tentativa de voar ou andar sobre as areias, mas não eram tão rápidos quanto os vermes, que capturavam os mais desafortunados um a um, se aproximando depressa da passarela de pedra. Os que permaneceram sobre a ponte continuavam a gritar, chamando e dando forças ao outros e cada um que conseguia chegar era socorrido.

Em meio ao desespero nas areias, Narhen percebeu que a grande general da rainha também havia sido arremessada e lutava para se manter no ar e se aproximar, mas quando já estava a poucos metros da base, mas ainda longe das cordas, suas forças se foram e ela caiu novamente. Os vermes se aproximavam rapidamente e ela mal tinha forças para caminhar.

De repente, a jovem viu Jhimëor, um dos ninfos que Ürrmhatil havia destinado para ajudá-los no início da jornada, saltar para as areias e correr até a general. Ele abraçou a ninfa e, utilizando de toda sua força, a ergueu no ar e a levou de volta à segurança. Ao pousarem, era possível perceber os olhares de cumplicidade que brotara entre eles a partir daquele momento.

Poucos foram os ninfos que ainda conseguiram ser salvos. Os que estavam sobre a ponte de pedra já não podiam fazer mais nada para ajudá-los e o sentimento de impotência e tristeza ardia no peito de cada um a cada grito que cessava em meio àquela imensidão de areia. Ficaram ainda por longo período pensando nos amigos que viram morrer, sem forças para reagir.

Com o passar do tempo, também passou o restante do dia e, com o retorno da noite, também voltou a brisa úmida e revigorante, porém mesmo assim se recusavam a deixar aquele lugar, como se estivessem tentando descobrir uma forma de trazer seus amigos de volta.

No meio do silêncio, uma voz se fez ouvir:

– Escutem todos! – bradou Narhen – Devemos nos levantar e seguir nosso destino. Sei que a dor que sentem é imensa. Que a perda de um ente querido é como perder parte de nós mesmos. Mas de que adiantará a morte de seus companheiros se permanecerem aqui? Todos eles que pereceram e vocês chegaram até aqui com um propósito. Precisamos seguir em frente e mostrar que eles não morreram em vão.

As palavras de Narhen tocaram o coração de alguns, e estes também se levantaram e chamaram os outros. E assim, como uma onda, todos se levantaram decididos a continuar a jornada, honrando o espírito dos que dali não saíam mais.

Pouco tempo depois soaram duas cornetas. A primeira soprada por Jhimëor e a outra, por Ahstriarr, a general salva por ele. O som era contagiante, e outras foram tocadas em despedida e honra aos seus mortos. Em seguida, ergueram-se ao

ar, e os ninfos que estavam feridos e voavam com dificuldade foram auxiliados por seus companheiros, e assim retomaram a marcha em direção à Thoriuzir.

– Zarthrus – chamou Grendhel –, tome de volta sua corneta.

O gnomo pegou o instrumento enquanto o jovem retomava sua caminhada.

– Espere! Fique você com ela.

– Mas foi você quem a recebeu de presente.

– E por ser minha, posso dar a quem eu quiser. Comigo não terá utilidade alguma além de um simples adorno, mas tenho certeza que terá muito mais serventia em suas mãos.

– Se pensa assim, muito obrigado, meu pequeno amigo. Saiba que cuidarei dela como se fosse uma parte de mim.

O gnomo deu-lhe um sorriso e fez uma reverência.

– Podemos então voltar ao nosso caminho? – perguntou Narhen com um sorriso. Os ninfos estão com uma grande vantagem.

Os amigos voltaram a correr com toda a energia de seus corpos, com a certeza de que a cada dia os laços entre eles se estreitavam cada vez mais.

Os ninfos, por terem de carregar seus feridos, não puderam se locomover na velocidade costumeira, e foram seguidos de perto pelo grupo das gêmeas.

Durante toda a noite seguiram a trilha de pedra, e no alvorecer se encontravam novamente às portas da área pantanosa.

Chegaram com os primeiros raios de sol e, antes de terem penetrado novamente sob as árvores, puderam vislumbrar no horizonte uma das faces das montanhas da perdição.

Faltava pouco para que a verdadeira batalha tivesse início.

Após breve descanso para se alimentar e tratar dos feridos, voltaram a se locomover, e assim seguiram sem mais nenhum incidente até que as primeiras teias foram avistadas.

– Parem! – disse Ürrmhatil – Daqui para frente, não existe caminho a ser seguido. Estamos livres para seguir qualquer direção à frente, mas agora chegamos ao limiar do território das aranhas. Qualquer movimento em falso e colocaremos as nossas vidas em risco.

– Não! – disse a rainha – Precisamos avançar e pegar esses monstros desprevenidos e acabar com eles com rapidez.

– Majestade! – colocou Narhen – Concordo que devemos pegá-los desprevenidos, mas todos aqui necessitamos de um descanso.

Fizemos uma longa jornada, ao contrário de seus inimigos, que permaneceram quietos em suas terras e conhecem-nas muito melhor que nós.

– Não é apenas isso. – lembrou Ürrmhatil – A partir desse ponto, nosso maior problema não são as grandes aranhas, mas sim as pequenas. No tempo em que vaguei por aqui, consegui entender algumas coisas a respeito delas. Seus filhotes são banidos para as periferias do reino assim que nascem. São eles os responsáveis pela primeira proteção e por alertar os demais sobre invasores. Por serem pequenos, são mais ágeis que seus pais, contudo, não menos venenosos. Conseguem ficar praticamente invisíveis e atacam em completo silêncio. São poucos, pois apenas os mais fortes sobrevivem, disputando entre si quem é o mais vigoroso. Ao perdedor, resta apenas a morte e ser devorado por seu competidor.

– Bobagem! – disse a rainha – Quando utilizarmos de nossa arma, em pouco tempo não restará nenhuma delas para nos ameaçar.

– Vossa majestade fala dessa arma como se ela fosse a solução para todo o conflito, mas que arma é essa que as aranhas tanto temem?

– Eu digo! – falou Ürrmhatil – Trata-se de um fungo.

– Um fungo?

– Sim. Nós o descobrimos há muitos anos, quando as aranhas tentaram invadir nossas vilas na floresta antiga. A batalha contra elas já durava muito tempo e estávamos de certa forma em equilíbrio de forças. Elas vinham em número muito maior, mas com nossas armas conseguíamos mantê-las à distância. Porém, conforme o tempo passava, nosso número começou a decair e elas sempre conseguiam reforços. Tivemos que recuar pela primeira vez, e nos afastamos cada vez mais para o centro da floresta antiga. Se não fosse pela ajuda das árvores, nosso povo teria perecido. Mas então, tivemos um golpe de sorte. Um regimento das aranhas tentou nos emboscar, enquanto outro nos forçava em sua direção.

O grupo que tentava nos emboscar atravessou por uma região da floresta que mesmo nós, que vivíamos na floresta, evitávamos passar. É um local sombrio e muito úmido, mas não como esse pântano. Tinha uma umidade tão densa que parecia que até o vento não conseguia penetrar. Ao atravessarem por esse local, as aranhas sem perceberem se contaminaram com os esporos de um fungo que crescia em árvores mortas. O fungo encontrou no corpo e nas teias das aranhas um local muito melhor do que as árvores mortas para se reproduzir. Enquanto se desenvolve, ele libera uma secreção que penetra o corpo das aranhas. Essa substância, ao se misturar com o sangue, se transforma num poderoso veneno para elas. E não é só isso: assim que a substância se mistura ao sangue das aranhas, elas ficam paralisadas. Na floresta, esses fungos demoram dias para amadurecer, mas em contato com as aranhas, em poucas horas se tornam maduros e lançam novos esporos ao vento. Basta um único esporo encontrar uma aranha ou sua teia que o ciclo se repete. Foi graças a esse fungo que as aranhas se retiraram da floresta antiga.

– Mas não há chances de essa arma se voltar contra vocês? – questionou Galler.

– Não! Nós, ninfos, somos imunes a ele.

– Porém nós podemos não ser! – percebeu Galler.

– É um risco que terão de correr.

Nesse momento, Narhen percebeu quais eram os motivos pelos quais a rainha não contou qual era a arma. Ela tinha a chance de se livrar de vários problemas ao mesmo tempo.

– O que vocês dizem a respeito? – perguntou Ürrmhatil – Vocês têm todo o direito de se recusar a participar desse combate. Participar dele traz um risco duplo para cada um de vocês.

– Talvez tenhamos uma chance! – disse Zarthrus.

– E qual seria? – perguntou Narhen.

– O sangue do dragão! – respondeu o gnomo.

– Como? Não entendo! – perguntou Ishiá.

– Não se lembram do que Oathu nos disse? A seiva da flor da planta Dente de Dragão é um antídoto para qualquer veneno.

– É verdade, mas ele também disse que poderia ser o pior dos venenos. – lembrou Grendhel.

– Sim, ele disse! Porém ele também me disse como identificá-los.

– Bem, só existe uma forma de descobrirmos se somos ou não imunes ao fungo. – disse Narhen – Mostre-me.

– Não, mestra Narhen. Não deve fazer isso. Sou eu quem deve testar.

– Não, meu amigo. Dessa vez todos deveremos passar por essa prova juntos. Zarthrus tem seiva suficiente para todos?

O gnomo enfiou a mão em sua bolsa e retirou um dos três frascos onde guardara as seivas.

O frasco era pequeno, mas estava completamente cheio de um líquido vermelho e viscoso como o sangue.

– Creio que sim! Penso que uma gota deva ser suficiente para curar-nos.

– Ürrmhatil, por favor, mostre-me o fungo.

– Tem mesmo certeza do que me pede?

– Sim. Não temos outra escolha. Porém não poderemos ter contato com o fungo todos ao mesmo tempo.

– Eu farei o contato junto a você, minha irmã.

Ürrmhatil fez um sinal e um de seus companheiros trouxe-lhe uma bolsa com a boca bem amarrada.

– Estão prontas? – perguntou.

Elas se olharam e suspiraram.

– Sim! – responderam.

O bracelete do dragão brilhou e se aqueceu perante o perigo eminente.

Narhen tocou-lhe com a outra mão e mentalmente lhe disse que não havia outro meio.

Em seguida abriu os olhos e viu Ürrmhatil colocar sua mão na bolsa e retirar uma pequena quantidade de um pó muito fino, de coloração marrom-esverdeada.

A seguir ele soprou o pó sobre as irmãs.

Em poucos segundos elas sentiram o corpo coçar, depois a queimar à medida que manchas vermelhas se formavam sobre a pele.

Elas tentaram falar, mas invés disso despencaram ao solo, inertes.

Grendhel e Galler ameaçaram.

– PAREM! – gritou Zarthrus – Nenhum de nós deve tocá-las. Ürrmhatil, precisamos mais uma vez de sua ajuda.

O ninfo fez sinal para uma das ninfas que o acompanhavam e ela se aproximou de Zarthrus.

– Depressa! Coloque uma gota desse líquido na boca de cada uma.

A ninfa fez como ele pedira e se afastou novamente.

Durante alguns instantes que pareciam intermináveis, ficaram olhando as irmãs deitadas no chão. Se não fosse pela respiração, estariam como mortas.

De repente, as gêmeas começaram a se mexer.

Seus rostos mostravam a agonia que sentiam.

Parecia que uma guerra era travada no interior de seus corpos.

Os segundos se tornaram minutos, até que finalmente tomaram controle de seus corpos e soltaram um longo suspiro enquanto fechavam os olhos.

– Narhen! – chamou Galler.

– Ishiá! – ecoou Grendhel.

Eles se abaixavam para tocá-las quando ouviram.

– Esperem! – disse Narhen, fazendo um sinal com a mão – Estamos bem.

Ela virou o rosto para eles e do canto de seus olhos e nariz escorria um líquido vermelho. Sangue.

O suor brotava de cada poro das irmãs e o pó marrom-esverdeado tornou-se cinza como o pó de madeira queimada.

As gêmeas então se sentaram.

– O antídoto funcionou. – falou Ishiá, exausta – Mas é uma sensação que jamais esqueerei.

– Agora é a nossa vez! – declararam o homem e o elfo.

Ambos sentiram o mesmo que as jovens e, depois de se recuperarem, foi a vez de Mhirfun e Zarthrus e, por fim o lobo e a águia, porém os dois últimos não sentiram os efeitos do fungo. Eram tão imunes a ele quanto os próprios ninfos.

Durante o restante da manhã, enquanto se recuperavam do mal a que foram submetidos, discutiam um plano de ataque contra as aranhas: para não levantar suspeitas sobre a presença de ninfos, Ishiá enviou a águia para um voo de reconhecimento. Através da visão aguçada da ave, ela poderia observar detalhes no solo sem ter de caminhar sobre ele.

O voo do pássaro não passou despercebido pelos seres de oito pernas. Ishiá pode ver inúmeras delas nas entradas de suas tocas. Algumas até simularam iscas

na tentativa de atrair a ave para uma armadilha. Depois de um voo demorado, a ave retornou ao encontro dos amigos para um merecido descanso.

Analisando a região, ficou clara a dificuldade que qualquer um sem asas teria para atravessá-la. A área que deveriam atravessar era bastante acidentada, rochosa e sem a presença de árvores. Além disso, existiam inúmeras armadilhas à espera de algum incauto.

Alguns quilômetros a leste de onde estavam havia uma passagem estreita e praticamente sem a presença das teias das aranhas que avançava em direção à montanha dos prisioneiros.

– Não gosto disso! – comentou Galler – Parece-me fácil demais.

– Também não me agrada! – concordou Grendhel – Para mim é uma armadilha à espera de uma presa.

– Também penso assim, mas, como você mesmo disse, elas esperam por uma presa, e não por um exército. – disse a rainha.

– Além disso, podemos lançar os esporos naquela região e qualquer aranha que for alcançada não durará por muito tempo – completou Ürrmhatil.

– Por mim, que vocês fiquem onde estão. – disse a rainha – Eu e minhas guerreiras voaremos diretamente sobre as montanhas e destruiremos cada um desses seres malditos tão rápido que nem saberão o que lhes atingiu.

– Por favor, não se precipite, majestade – pediu Narhen – Compartilhamos seu desejo em socorrer sua filha, mas se a mensagem de sua presença chegar até a rainha das aranhas, é possível que sua filha não chegue a ver o nascimento de mais um dia. Não se esqueça de que estão vivos apenas para serem utilizados como escudos. Se perceberem que algo saiu de seu controle, os jovens serão os primeiros a sofrer as consequências.

A rainha fitou-a por alguns instantes, mas por fim suspirou e disse:

– Infelizmente, dessa vez tenho de concordar com você. Não posso arriscar a vida de minha filha. Sei bem o que aqueles monstros podem fazer com ela. Precisamos pegá-los de surpresa. Em que está pensando?

– Creio que a passagem é a melhor de nossas opções. É o local menos protegido e segue diretamente para a montanha onde estão seus filhos.

– Menos protegido, mas não completamente desguarnecido! – completou Grendhel.

– Eu concordo, mas creio que com os fungos podemos dar um jeito nisso. – falou a rainha.

O fato de a rainha responder diretamente a um homem deixou a todos espantados.

– E como pretende fazer isso, Majestade? – perguntou Ishiá.

– Não podemos voar sobre as linhas inimigas e espalhar os esporos, seríamos descobertos facilmente. Como você mesmo disse, mesmo sendo mais ativos à noite, existem vigias durante o dia. Mas se espalharmos um pouco dos esporos pela floresta, com certeza algumas aranhas serão contaminadas. No local onde vivem não existe alimento suficiente para elas, portanto, devem vir até a floresta para conseguir comida. Se forem contaminadas sem perceberem nossa presença, não darão alarme e, à medida que retornarem para suas tocas, levarão consigo o fungo e elas mesmas o disseminarão através de sua rede de teias.

– Seu plano é muito interessante, mas como descobrir os locais onde elas saem à caça? – perguntou Narhen.

– Isso talvez eu possa descobrir. – falou Zarthrus – Se eu conseguir me comunicar com as árvores daqui.

– Mas não é somente essa a minha dúvida. – continuou a jovem – Conforme nos foi falado, não demora muito para as aranhas contaminadas sofrerem o efeito do veneno dos fungos. Se a aranha se contaminar e demorar muito para conseguir alimento, poderá morrer em meio à floresta e seu plano não dará certo.

– Então devemos descobrir o caminho que utilizam e esperar que passem antes de espalharmos o fungo. – concluiu Ürmhättil.

– Mas poderá ser muito perigoso! Com seus vários olhos, elas podem nos ver mesmo de costas e sabemos que enxergam muito bem.

– Se eu estiver enganado, quero que me corrija. – disse Grendhel – Mas onde foi que não encontramos perigo, desde o início dessa jornada?

Ela olhou séria para ele e em seguida sorriu.

– Tem razão!

– Então, está combinado! – decidiu Zarthrus. Vamos seguir o plano da rainha. Vou tentar me comunicar com as árvores e descobrir o que precisamos. Enquanto isso, procurem se manter invisíveis, para o caso de alguma aranha vir nessa direção.

– Se alguma delas vier até aqui, não retornará para nos delatar. – garantiu Ürmhättil.

– Zarthrus, tome cuidado! – pediu Narhen.

– E não tomo sempre? – respondeu sorrindo.

– Zarthrus – chamou Ürmhättil – Leve esse saco com você. Que os deuses não permitam, mas se for capturado pelas aranhas...

O gnomo entendeu o receio do amigo, agradeceu e aproveitou o horário mais quente do dia seguindo para o meio da floresta.

Com pouco tempo de caminhada, começou a perceber sinais dos aracnídeos. Havia teias espalhadas nos galhos das árvores para capturar os pássaros que ali

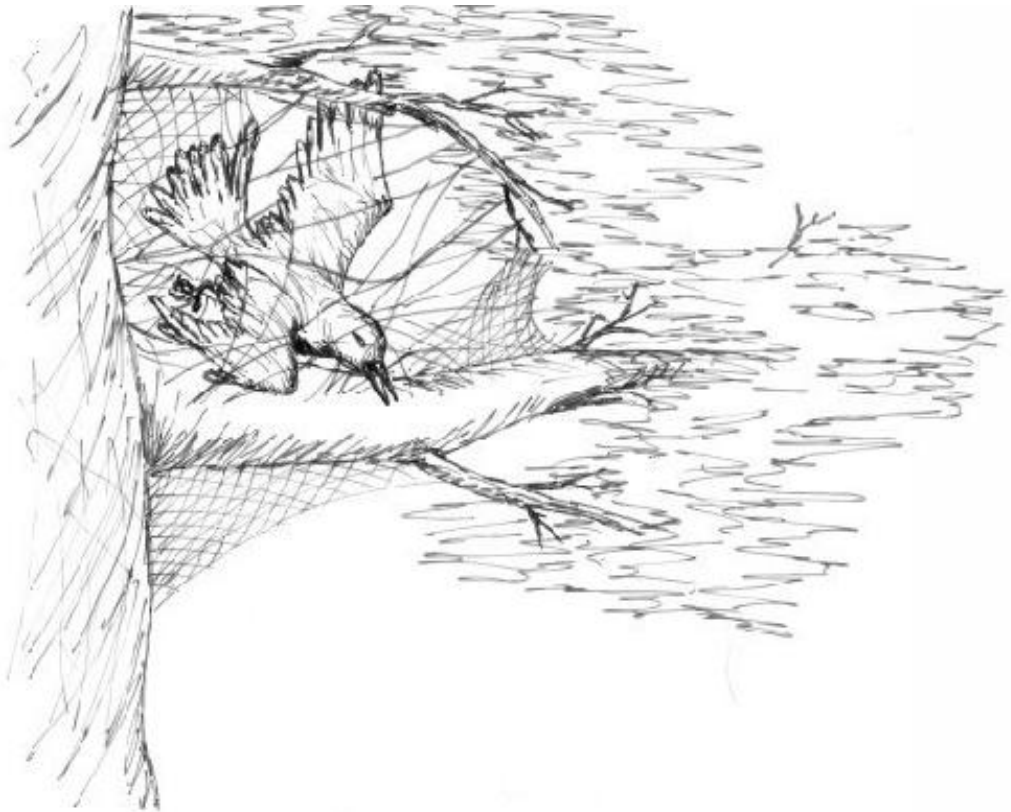
viviam e, em maior número, entre os troncos, próximas ao chão: armadilhas para algum animal desatento.

Ele passou a caminhar com maior atenção, aguçando ainda mais sua audição ao menor dos ruídos, e sua visão, para não ser ele a próxima vítima daquelas redes pegajosas. Depois de vagar por horas pela floresta e sem conseguir qualquer resposta das árvores, desanimado, tomou o caminho de volta. Enquanto caminhava, escutou o pio de um pássaro ao longe e resolveu verificar. Com cautela, se aproximou e viu que a ave ficara presa nas teias e, em sua luta para se libertar, havia se prendido ainda mais. O gnomo olhou à sua volta e não encontrou nenhuma aranha. Então, resolveu aproximar-se.

– Tenha calma, amiguinho, vou soltá-lo.

Mas o pássaro lhe disse em sua própria língua.

– Não faça isso. Não adiantará me libertar. Minha vida não retornará com isso e não demorará para eu partir desse mundo. A seda produzida pelas oito pernas contém um veneno letal para nós. Eu me distraí e acabei caindo nela. Na luta para me soltar, me prendi ainda mais. Não sabia que receberia ajuda, biquei a teia e comi alguns pedaços na esperança de morrer antes que alguma oito pernas me encontrasse vivo.



– Por quê?

– Quando elas encontram algum ser preso em suas armadilhas, elas não o matam depressa. O enrolam ainda mais para que não lutem, e então injetam seu veneno. Elas ficam olhando enquanto o ser morre devagar, apreciando cada gemido

de dor ou convulsão que ele tenha. Somente depois que têm certeza de que sua presa está morta é que elas a retiram da teia e as levam para suas tocas para serem devoradas.

– Mas eu tenho uma forma de curá-lo do veneno da teia.

– Então o guarde. Não deve gastá-lo comigo. Já não sou tão novo e, de qualquer forma, minha vida não durará muito mais. Guarde-o e o utilize com alguém que precise mais do que eu.

– Mesmo assim o libertarei e o levarei para longe daqui, para ter uma morte mais digna.

– Não existe isso. Morte é sempre morte, não importa da forma que ocorra. Meu destino é esse e devo cumpri-lo.

– Mas, então, não há nada que eu possa fazer por você?

– Não!

– Essas aranhas malditas levam destruição a todos os lugares.

– É verdade. Os pais de meus pais, assim como os pais deles, contavam que aqui era um lugar maravilhoso e tranquilo antes do buraco na montanha se abrir e as oito pernas saírem dele. Vários seres se juntaram, mas nenhum teve forças para impedi-las. Agora que estão aqui, não há nada que podemos fazer contra sua força. Elas vão devorar todos os seres vivos, com exceção das árvores.

– Talvez exista uma chance! Você disse que não há dignidade na morte, mas e se sua morte ajudar a destruí-las?

– Continuo a dizer que morte digna não existe, mas se, com meu último ato, eu puder ajudar, pode contar comigo.

– Existe um fungo que é capaz de acabar com todas elas. Em você não causará nem mal, nem bem. Permita que eu coloque um pouco sobre você para contaminar a aranha que vier devorá-lo?

– Eu até comeria o fungo para evitar que ela o percebesse antes da hora.

– Então concorda?

– Sim.

O gnomo enfiou a mão em seu alforje, pegou o pequeno saco e desamarrou o laço.

– Este pó é a forma que o fungo encontrou de se espalhar. Vou colocar uma pequena quantidade dele sobre suas penas, assim...

– Não. Deixe-me comê-lo. Não quero que as oito pernas saibam que foram envenenadas até que seja tarde.

Zarthrus compreendeu e aceitou o que o pássaro pediu.

Após algumas bicadas no interior do saco, a ave falou.

– Agora vá. O dia está acabando e sinto que não viverei para ver as estrelas. As oito pernas devem estar se preparando para verificar suas armadilhas. Vá. Não

será nada bom que elas o encontrem aqui.

– Que os deuses permitam que algum dia possamos nos reencontrar em outra vida. Porém, antes que me vá, diga-me seu nome para que ele seja lembrado por seu sacrifício.

– Goorrgum.

– Adeus, Goorrgum, o mais sábio e valoroso dos pássaros que conheci.

– Adeus!

Zarthrus se virou e, sem olhar para trás, se afastou do pássaro, seguindo de volta para seu acampamento.

À medida que retornava ao acampamento, as evidências da existência das aranhas desapareciam, porém a lembrança da conversa que tivera com Goorrgum não saía de sua cabeça.

Em seu coração sua raiva pelos seres de oito pernas aumentava.

– “Se esses monstros tivessem ficado em seu próprio mundo, nada disso estaria ocorrendo.” – pensava. – “Os seres daqui não se arriscariam a ter uma morte tão miserável. Esse é um belo mundo e tenho certeza de que meu povo deve ter sofrido muito por deixá-lo, da mesma forma que eu sofrerei quando tiver de prosseguir em busca dos outros objetos. Mas antes de deixar esse mundo precisaremos limpá-lo dessas criaturas malditas que não pertencem a ele, que se comprazem com a dor dos outros.”

Caminhando rápido e entretido em seus pensamentos, o gnomo não percebeu quando Goorrgum deu seu último pio, abandonando de vez essa terra. Nem quando o dono da teia onde ele estava preso chegou para levá-lo.

Uma aranha pequena, do tamanho de um cão mediano, aproximou-se depressa de sua teia quando percebeu que um pássaro havia sido capturado. Ela estava feliz e esperava ficar ainda mais depois de picá-lo e vê-lo sofrer até o último suspiro. Quando ela se aproximou, percebeu que o velho pássaro já estava morto e ficou decepcionada por isso.

– Ssssss! Que azar! Ssssss! O pássaro ser muito velho e não resistir. Ssssss! Não poder ver ele ssofrer! Sssssss!

Mas, por fim, se conformou e picou-o assim mesmo, para que seu veneno penetrasse sua carne e a dissolvesse enquanto o levava para sua toca. Ao fazer isso, sem perceber, encostou na cabeça da ave e se contaminou com os esporos do fungo que ficaram no bico do pássaro quando ele comera da bolsa do gnomo.

– Ssssss! Dever voltar depresssa, antes que chegar alguma de minhas irmãs querendo roubar ele de mim! Sssssss!

A jovem aranha procurou voltar o mais rápido e discretamente para sua toca, mas não percebeu que uma aranha maior a observava .

– “Sssssss! Ora! Ssssss! Hoje a sssorte estar comigo! Ssssss! Duas presas de uma só vez. Sssssss!” Pensou ela.

Ela permaneceu imóvel e escondida enquanto a menor se aproximava. No momento que a maior iria atacar, ela foi descoberta, acabando com a surpresa. A maior saltou sobre a menor, que se desviou bem na hora, mas na fuga deixou cair o pássaro.

– Ssssss! Desssgraçada! Ssssss! Conssseguir me localizar no último insstante e consseguir fugir. Ssssss! Ao menos deixar algo para trás. Ssssss! Não ser grande coisa, mas me alimentar até amanhã. Ssssss!

A aranha pegou o embrulho de teias do chão e, com suas quelíceras venenosas, testou a consistência da carne. Já estava um pouco dissolvida, então começou a devorá-la ali mesmo.

Outra aranha ouvira o barulho da tentativa frustrada da caça e se aproximou. Ela viu que a primeira estava comendo e, por serem do mesmo tamanho, foi exigir que o prêmio fosse repartido. Como a primeira não concordou, começaram a lutar por ele.

A luta foi feroz, e vários minutos se passaram até a que a primeira conseguisse acertar um golpe e arrancar uma das patas da segunda. Essa, por sua vez, percebendo que sua chance havia diminuído, resolveu deixar o campo de batalha e fugir.

No ardor da batalha, ambas acabaram por esquecer o motivo da contenda e, assim que a luta terminou, seguiram de volta para suas tocas, deixando o corpo da ave no chão. Durante o restante da noite, aquele pássaro foi encontrado e disputado por várias outras aranhas, até que finalmente foi conquistado por uma aranha enorme que o levou consigo. Todas as aranhas que tiveram contato ou participaram das disputas por ele acabaram, sem saber, contaminadas pelo fungo antes de retornarem às suas moradas, quando a alvorada se anunciava.

Quando Zarthrus finalmente entrou pelo acampamento, foi recebido por seu grupo.

– Pelos deuses! – exclamou Narhen – Retornou a salvo.

– Sim! Estou bem!

– Não. Algo aconteceu. O que foi?

O gnomo contou tudo o que vira por suas caminhadas, do silêncio das árvores e, por fim, de toda sua conversa com Goorrgum até o momento em que o deixou à morte.

– Não fique assim, meu amigo! – disse Grendhel – Nós encontraremos uma forma de vingar a morte de todos os seres que têm sofrido nesse mundo.

– É verdade! – disse Ürrmhatil – Nos livraremos de uma vez por todas dessas aranhas, não deixando a menor que seja para recomeçar com o mal que causaram.

– Não deve pensar dessa forma. – disse Narhen – Foi escolha dele se sacrificar. Devemos acreditar que sua morte não será em vão e que foram os deuses que o colocaram em seu caminho. Que esse era seu destino e que, através dele, começará a verdadeira derrocada das aranhas nesse mundo. Agora, meu amiguinho, deixe esses pensamentos de lado e venha comer alguma coisa.

– É verdade! – disse Ürrmhatil – Venha beber comigo antes da batalha que está prestes a começar.

Ao ouvir a fala de Ürrmhatil, o gnomo lembrou-se do gosto da cerveja que tomara no acampamento do amigo e um sorriso voltou a se formar em seu rosto.

O dia ainda demoraria a chegar novamente e vários preparativos deveriam ser feitos antes do confronto.

No dia seguinte, o exército se levantou e seguiu pela mata acompanhando os passos do gnomo, na intenção de contornarem os locais de caça das aranhas e se aproximarem da passagem que tomariam. Tinham a esperança de não topar com nenhuma delas enquanto se locomovessem. A maior parte do exército ninfo atravessava entre as árvores, enquanto Zarthrus, seus amigos e os líderes daquele povo caminhavam por toda a manhã entre suas raízes. Encontraram poucas armadilhas de seda e nenhuma aranha.

Durante o trajeto receberam uma ajuda inesperada. Um bando de pássaros semelhantes a Goorrgum se aproximaram e cantaram a conversa de Zarthrus com ele, falando de como a ave decidiu se entregar para o bem dos outros habitantes da floresta. Ao ouvir as canções, se o coração do gnomo ainda não tivesse a certeza do que deveria ser feito, daquele momento em diante nenhuma dúvida restou. Ele precisava honrar o amigo alado com quem compartilhou tão pouco tempo. Também teve certeza de que seu nome seria lembrado pelas gerações que se seguissem.

O bando de pássaros se espalhou pelas copas das árvores e, com seus olhos apurados, vasculhavam todos os pontos à procura de qualquer oito pernas que encontrassem, independentemente do seu tamanho. Depois da metade da tarde, eles mudaram de direção, entrando cada vez mais no território dos aracnídeos. A partir daí a ajuda das aves se tornou ainda mais essencial.

Ao perceberem a existência de alguma aranha entocada, os pássaros as atraíam para fora e os ninfos extirpavam-lhes o futuro.

Quando finalmente conseguiram observar o caminho nas montanhas, encontraram uma situação inesperada. As mãos dos deuses agiram novamente, e a última das aranhas que requisitou o corpo sem vida de Goorrgum para si era uma

das guerreiras mais fortes de sua raça, e uma das guardiãs da passagem por onde os ninfos pretendiam atravessar.

Ao se alimentar dos restos da ave, ela ingeriu o fungo e, como Ürrmhatil havia dito, poucas horas foram necessárias para que as toxinas do fungo fizessem efeito e a matassem. O fungo também já tinha florescido e lançado seus esporos ao ar, contaminando outras aranhas e suas teias, desintegrando-as.

Os pássaros cantavam alegres festejando a destruição das aranhas.

Vendo a vibração dos pássaros Zarthrus teve uma ideia:

– E se os pássaros nos ajudassem a espalhar os esporos?

– Não está pensando em mais nenhum sacrifício, está? – perguntou Ishiá, estranhando.

– Não! Nunca! Mas Goorrgum não teve reações ao fungo quando teve contato com seus esporos, por isso, creio que os outros também não terão. Se os espalhássemos sob suas penas, eles poderiam voar por sobre o longo território das aranhas e aspergi-los sem levantar suspeitas sobre nós.

– Talvez. – ponderou Narhen – Mas será que aceitariam fazer isso? Não podemos exigir nada deles.

– Eu conversarei com eles.

– Não! Não podem utilizar os animais como armas de ataque. – esbravejou a rainha – Eu os proíbo.

– Não se trata de nos proibir ou não. – disse Galler – Os pássaros têm todo o direito de lutar por suas vidas, tanto quanto nós queremos lutar pela vida de sua filha. Se eles decidirem por livre escolha lutar, não será a senhora que os impedirá. Sem uma arma poderosa, eles iriam apenas ao encontro da própria morte. Se temos essa arma, por que não compartilhar com eles, para que também participem da busca da própria liberdade?

– Majestade – Ishiá interferiu, tentando chamar a rainha à razão –, és uma rainha de grande conhecimento e sabe que o que Galler diz é verdade. Sem a ajuda dos pássaros, nossa luta será ainda mais difícil. Com a ajuda deles, as aranhas se enfraquecerão.

– Majestade – foi a vez de Narhen tentar novamente por um pouco de juízo na cabeça da rainha ninfa –, poderia responder a apenas uma pergunta? – a rainha apenas a olhou em dúvida, então a jovem continuou – Se estivesse no lugar de uma das aves, e conseguisse uma arma, não lutaria para proteger seus filhos? Não está pronta para fazer exatamente isso por sua filha?

A rainha sentiu franqueza nas perguntas de Narhen. Apesar de não gostar da jovem, tinha de admitir que ela falava a verdade. Ela não tinha o direito de impedir ninguém de lutar por sua liberdade e pelo futuro de seus filhos.

Então respondeu:

– Eles não poderão ser forçados. Deverão decidir por eles mesmos.

– Os deuses não permitiriam de outra forma. – respondeu Narhen, que apesar de não concordar com a arrogância da rainha, aos poucos começou a compreendê-la.

Zarthrus chamou os pássaros e todos ficaram em silêncio ouvindo o que tinha a dizer.

Ao final, um deles disse:

– Devemos pensar no que nos disse. Não há garantias de que esse fungo não nos fará mal.

– Não! Não há! Mas quando Goorrgum o comeu, não sofreu nada mais do que já estava sofrendo após ter comido da seda da oito pernas. Ele não teve dúvidas em relação a lutar por seu povo.

Ao ouvir as últimas palavras do gnomo, um dos pássaros mais afastados aceitou ser portador dos esporos e começou a gritar:

– GOORRGUM! GOORRGUM! GOORRGUM!

O nome da ave que se sacrificou pelos outros soou como um grito de guerra e contagiou um a um dos seus semelhantes.

– Eis a sua resposta amigo de Goorrgum. Nós ajudaremos.

Zarthrus fez-lhes uma reverência e disse:

– Onde quer que ele esteja, sua força está com todos vocês.

O gnomo se retirou para contar a decisão e, pouco tempo depois, o bando de pássaros pousou no chão e arrepiou as penas para que os ninfos colocassem as sementes dos fungos entre elas.

– Vocês devem voar o mais longe que puderem no centro do território das oito pernas e em todas as direções antes de libertarem o fungo. Alguns devem seguir sobre o caminho que leva à montanha maior, para que nossa passagem seja o mais segura possível. Nós devemos ir onde nenhum de vocês conseguirá chegar: na toca da grande rainha oito pernas, para destroná-la.

Assim que Zarthrus terminou de traduzir as palavras de Narhen e Galler, os pássaros levantaram voo e se espalharam em todas as direções.

– Eles estão fazendo a parte deles, agora devemos fazer a nossa. – falou Narhen algumas horas mais tarde.

E, se levantando, pegou seu arco e uma das flechas de sua aljava.

– Quem vem comigo?

Não houve ninguém que não erguesse suas armas.

Finalmente, o grande exército ninfo, os homens, anão, elfo e gnomo penetraram definitivamente nas terras dominadas pelas aranhas.

Assim que puseram os pés na trilha das montanhas, perceberam o quanto aquele fungo era poderoso contra as aranhas e suas teias. Por todos os lados que se voltavam, verificavam junto às rochas e viam, conduzidas pelo vento, nuvens de pó marrom-esverdeado. Ao mesmo tempo, sentiam um cheiro de morte.

A passagem entre as montanhas estava silenciosa. Logo nos primeiros metros, em uma das paredes laterais, encontraram uma grande abertura coberta em parte pelo que ainda restava de teias e pelo mesmo pó que traziam em pequenas bolsas amarradas na cintura. Ao lado da grande abertura estava uma gigantesca aranha, a última que tomou para si o que restava do corpo do velho pássaro. Ela estava morta, com as pernas encolhidas e de cabeça para baixo. De seus apêndices venenosos escorria um líquido viscoso com coloração esverdeada. Todo seu corpo estava coberto pelo pó e, sobre as dobras de seu corpo, havia estruturas semelhantes a minúsculas árvores, onde, nas pontas do que seriam os galhos, pequenas bolas se inflavam e murchavam, expelindo constantemente os esporos ao vento.

Nada que pertencia às aranhas escapava do poder dos fungos. Enquanto se desenvolviam, eles utilizavam as teias como caminho na busca de novos corpos que serviriam de alimento. Inúmeras outras tocas foram alcançadas e seus inquilinos dizimados. Ilhas de teias cercadas por oceanos de fungos em crescimento podiam ser vistas e, no meio delas, encurraladas, estavam aranhas amedrontadas, aguardando o fim.

Algumas tentavam saltar o mais longe que podiam na tentativa de se salvar. Ao atingir o solo, corriam o mais rápido que suas pernas permitiam para se afastar do perigo, mas, apesar de tocar o chão com apenas as pontas de suas patas, se contaminavam, e quanto mais longe e rápido iam, mais longe e rápido espalhavam o seu fim.

Ao subir em uma elevação, puderam ver a real extensão da destruição. Embora alguns ninfos comemorassem, Narhen, Ishiá, seus companheiros e os líderes daquele povo sentiam uma grande dor em seus corações pelas mortes que causaram.

– Nenhum ser vivo deveria ter um fim como esse. – lamentou Galler.

– Não tínhamos opção. – disse Ürrmhatil – É a única maneira de libertar esse mundo.

– Sempre existe uma opção. Infelizmente, não a encontramos a tempo.

Com o passar do tempo, a tristeza por toda aquela devastação chegou ao último dos guerreiros, e a caminhada se tornou pesada.

Os únicos que não se sentiam assim eram os pássaros, que voavam de volta até os poços de esporos e ciscavam, fazendo o pó entrar em suas penas e depois voltavam ao céu para continuar a espalhá-lo.

Do alto, Grendhel percebeu que as aves, antes de seguirem para o interior do território das aranhas, pulverizaram os fungos por todo o perímetro daquela região, impedindo qualquer tentativa de fuga das oito pernas.

Os guerreiros seguiram por todo aquele dia e pelo próximo e não encontraram nenhuma resistência, por menor que fosse. Os pássaros, por fim, depois de terem contaminado todo o território, abandonaram a região retornando para a floresta. A grande marcha dos ninfos estava próxima de seu final. A montanha da rainha de oito pernas estava próxima. A caminhada foi interrompida com a chegada da noite.

– Majestade – chamou Narhen –, eu e Ishiá iremos verificar como estão os jovens.

– Além disso – lembrou Galler –, devem verificar a situação em que se encontram as aranhas. Daqui para frente, ainda não existe sinal de contaminação pelo fungo, e nossas adversárias são perigosas.

Repetindo o ritual que sempre faziam, em pouco tempo suas formas astrais estavam no interior da montanha observando o jovem casal inquieto pela grande movimentação das aranhas. Eles estavam abraçados com medo de que algo grave pudesse lhes acontecer a qualquer minuto.

Narhen e Ishiá os deixaram e seguiram para a câmara da rainha, e ficaram assustadas com o que viram.

A rainha, a maior de todas as aranhas, com seus pelos de ponta dourada, estava no meio de seu salão e à sua volta estava um sem número de aranhas guerreiras de todos os tamanhos, muitas tão grandes quanto pôneis.

Elas batiam suas quelíceras, das quais escorriam veneno, produzindo um ruído medonho.

Elas diziam:

– Ssssss! Ser o povo pequeno. Ssssss! Ser os ninfos que nos atacar. Ssssss! Dever matar ssseus filhotes. Ssssss!.

– Ssssss! Não ser eles. Ssssss! Ser os pássssaros. Ssssss! Eu ver eles ciscar o pó e voar para nossas terras. Ssssss!

– Ssssss! Mas dever ter ssido eles quem dar a arma. Ssssss! Dever matar e devorar ssseus filhos para nos vingar. Ssssss!

– SSSSSS! SSSILÊNCIO! SSSSSS! – gritou a rainha. – Ssssss! Qual ser nossa ss situação? Ssssss!

– Ssssss! Estar cercados pelo pó. Ssssss! Ir todos morrer! Ssssss!

– Ssssss! Ssse ao menos poder reabrir o portal para o nosso mundo, poder fugir. Ssssss!

– Ssssss! Mas a joia não funcionar mais. Ssssssss! Estar condenados. Ssssss! As irmãs se olharam.

– Ela devem estar falando do portal para o seu mundo! – sussurrou Narhen.

– E talvez de mais um dos itens da chave dos mundos. Se conseguíssemos abri-lo, poderíamos evitar mais mortes. – completou Ishiá.

– Venha, irmã. Tenho um plano!

– Narhen, não é melhor discutirmos antes?

– Não há tempo!

As formas astrais se posicionaram bem na frente da grande rainha.

– Dê-me sua mão! É preciso que ela nos veja.

– Mas...

– Confie em mim!

Ishiá concordou.

Assim que se tocaram, um ponto luminoso surgiu acima do solo bem próximo à grande rainha. Algumas aranhas que estavam mais afastadas recuaram para a escuridão dos túneis, enquanto as outras que não tinham com fugir gritavam:

– SSSSSS! VAMOS MORRER! SSSSSSS! SER NOSSO FIM! SSSSSSS! QUE LUZ MALDITA SSSER ESSA QUE NOS CEGAR? SSSSSSS!

A rainha tentou tapar seus muitos olhos com as patas e gemeu pela dor que a luz causou em seus olhos.

– SSSSSSS! ARG! SSSSSSS!

A luz diminuiu e duas formas luminosas surgiram na sua frente!

– Salve, majestade! Rainha das Aranothoias! – disse Narhen.

A rainha aranha afastou as patas e chiou.

– SSSSSS! Quem ou o que ss ser vocês? Sssss!

– Como vocês, não pertencemos a esse mundo. Conhecemos o risco que correm e seu desejo de retornar à sua própria pátria.

As aranhas guerreiras chiavam de raiva daqueles dois seres luminosos, mas não ousavam se aproximar.

– Ssssss! E o que vocês ter haver com isso?

– Não gostamos da morte e nem da destruição. Não é nosso desejo que qualquer de vocês sofra um mal tão grande. Cremos que podemos ajudá-la a abrir o

portal para seu mundo para que possam se salvar.

– Sssssss! Se poder, então nos ajudar! Sssssss!

– Não podemos ajudá-la nessa forma que nos vê. Estamos aqui apenas em espírito e precisamos de nossos corpos para isso.

– SSSSSSSSS! – chiou desconfiada a rainha.

– Não podemos chegar até aqui sem que nos dê permissão e proteção para passarmos sem risco pelo caminho.

– Sssssss! Existir outra coisa, poder sentir! Sssssss! Ninguém oferecer ajuda sem querer algo em troca! Sssss!

– É verdade. Queremos algo!

– Sssssss! E o que ser? Sssss!

– Da mesma forma que queremos que vivam, é também nosso desejo que os jovens ninfas permaneçam vivos. Que nada de mal lhes aconteça. Se nos der sua palavra de que nada lhes acontecerá e nem a nós quando viermos aqui para abrir o portal, então nós viremos para libertar seu povo da destruição.

As aranhas guerreiras gritavam.

– Sssssss! Majestade, não acreditar nela. Sssssss! Elas querer enganar. Sssssss! Elas trazer o pó maldito e matar o ressto de nós. Sssssssss!

– Não é verdade! Queremos ajudar para que mais nenhuma aranha seja morta nesse mundo. Todo ser vivo merece uma chance de viver. – disse Ishiá.

– Sssssss! Ser mentira, majestade. Sssssss! Não acreditar nela! Sssssssss!

– SSSSSSSS! SSSILÊNCIO! SSSSSSSS! PRECISAR PENSSSAR! SSSSSSSS!

As aranhas se calaram perante a força da rainha.

– Sssssss! Como poder ter certeza que não querer nos enganar? Sssss!

– Não temos como provar o que dizemos, mas estamos dispostas a arriscar nossas vidas para ajudá-las. Além disso, é a única chance que vocês têm de retornar ao seu mundo, evitando a morte que se aproxima.

A rainha de oito pernas ficou alguns instantes em silêncio.

– Então, majestade! Qual a resposta? Não poderemos manter essas formas por muito mais tempo. Precisamos saber agora antes de termos de voltar para nossos corpos.

A rainha então disse:

– Sssssss! Estar bem! Sssssss! Permitir que vir e, ssse o que dizer ssse verdade e consseguir abrir o portal para o meu mundo, devolver os jovens ninfas com vida. Sssssss! Mas, ssse mentir e o portal não abrir, morrer vocês e eles antes de nós. Sssssss! Concordar? Sssss!

– Concordamos! – respondeu Narhen – Mas existe outra coisa. Para abriremos o portal, precisaremos da joia que usaram para abrir o portal quando vieram a esse

mundo, sem ela, não poderemos abrir o portal e mantê-lo aberto até que tenham passado.

– Ssssss! Eu lhes entregar a joia quando nos encontrar. Ssssss!

– Então temos um acordo. Em breve chegaremos a sua montanha.

Ao dizer isso as formas astrais soltaram suas mãos e foram atraídas para seus corpos.

Nem bem recuperaram o controle de seus corpos e ouviram:

– Por que demoraram tanto? – perguntou a rainha – Como está a saúde de minha filha? Ela está bem?

– Por favor, tenha calma, majestade. – disse Ishiá – Sua filha e o filho de Ürrmhatil estão bem. Pelo menos por enquanto.

– O que quer dizer com isso?

– Que as aranhas desconfiam que foram vocês que deram o fungo para os pássaros e desejam se vingar em seus filhos. – explicou Narhen.

– Então não podemos mais esperar, precisamos atacá-las agora antes que seja tarde demais. – falou a rainha.

– Não podemos! As aranhas os estão mantendo sob grande vigia, e qualquer ameaça que sintam, os matarão antes de qualquer outra coisa.

– O que sugerem? – perguntou Ürrmhatil.

– Nós duas iremos até lá para socorrê-los. – disse Ishiá.

– Vocês estão malucas? – Grendhel perguntou assustado.

– Não. – respondeu Narhen – Quando vimos o que estavam planejando, entramos em contato com elas e fizemos um acordo.

– Não tinham permissão para fazer acordos. – falou a rainha, com gelo na voz.

– Ou fazíamos o acordo, ou quando chegasse para resgatar sua filha, elas já a teriam devorado.

– E qual é esse acordo? – perguntou Galler.

– As aranhas estavam querendo fugir da morte retornando para o seu mundo, mas não conseguem abrir o portal. Nós nos oferecemos para abri-lo em troca da vida dos jovens.

– E como pretendem fazer isso? – perguntou Zarthrus.

– Com o Uòhrik, a chave dos mundos.

– Mas vocês ainda não sabem como ela funciona.

– Teremos de descobrir, e urgente. Precisamos seguir até a montanha da rainha. Ela nos aguarda e, se não aparecermos, pode achar que a enganamos e descontar nos jovens.

– Iremos com vocês! – falou Galler.

– Isso mesmo. Vocês não irão sozinhas. – continuou Grendhel.

– Não. O trato não inclui nenhuma outra pessoa conosco. Iremos somente nós duas. Além disso, não confio nas aranhas. Vocês devem seguir por outro caminho e chegar até a cela dos jovens enquanto tentamos abrir o portal.

– Seguiremos pela passagem até a base da montanha. A rainha nos garantiu passagem e proteção.

– E acreditaram? – perguntou Grendhel.

– Não, mas não temos escolha. Zarthrus, dê-me o Uòhrik.

– Mas e se não conseguirem abrir o portal?

– Então devem esperar até que o fungo tenha terminado sua destruição e recolher a chave para continuar nossa tarefa.

Ao dizer isso, pegaram a chave e tomaram a direção da montanha.

O lobo e a águia tentaram segui-las, mas Narhen e Ishiá pediam para que não as acompanhassem. Elas não poderiam protegê-los.

Então, inesperadamente, ambos se dirigiram para onde havia uma grande concentração de fungo, e rolaram e ciscaram sobre ele, enchendo seus pelos e penas com os esporos.

– Eles não as abandonarão, não importa o que digam. – falou Galler.

– Nós devíamos fazer o mesmo. – concluiu Grendhel.

Ambos se aproximaram das irmãs e, tomando-as nos braços, beijaram-nas.

Aquela visão deixava a maioria das ninfas inquietas. Como podiam se envolver daquele jeito com seres tidos como inferiores? Porém, para os ninfos e para as ninfas que resolveram segui-los, era um ato de amor.

– Não me abandone novamente. – implorou Galler.

– Nunca mais. – respondeu Narhen.

– Nos reencontraremos em breve. – garantiu Ishiá.

– Não conseguiria mais viver sem você. Tome cuidado. – respondeu Grendhel.

Eles se separaram, e as irmãs, seguidas por seus guardiões, lentamente se afastaram.

As irmãs caminhavam rápido.

No início não avistaram nenhuma aranha. Todas se afastaram para longe da poeira esverdeada que dissolvia suas teias e carregava um cheiro de morte até elas. Procuravam abrigo o mais perto possível da grande montanha da rainha. De repente a águia, que as acompanhava do céu, soltou um piado avisando que o perigo estava à sua frente.

– Não precisa dizer. – falou Narhen – As aranhas estão bem à frente.

Em seguida, o lobo, que caminhava logo atrás, rosnou.

– E ao nosso lado também! – completou Ishiá.

Elas olharam e viram várias aranhas se aproximando.

Não eram tão grandes quanto aquelas que viram na caverna da rainha, mas eram em quantidade.

– Ssssss! Ora! Ssssss! Ter comida antes que o fim nos alcançar. Ssssss!

– Não somos seu alimento! – falou Narhen – Estamos aqui com a permissão de sua rainha, e é até ela que iremos.

– Ssssss! Mentir! Ssssss! Isso ssse desculpa, Estar com medo de morrer. Ssssss! Vocês ssse perder e tentar nos enganar para fugir. Ssssss!

– É verdade. A rainha permitiu que entrássemos em seu reino para abrir o portal que leva ao seu mundo e fugirem do pó da morte que está cada vez mais perto.

– Ssssss! Ninguém conseguir abrir o portal. Ssssss! Nem a rainha conseguir. Sssssss!

– Se não acreditam, venham conosco. – disse Ishiá – Assim, quando o portal se abrir, vocês também poderão passar. Mandem um aviso a todas as aranhas. Devem ir para a grande montanha se quiserem sobreviver.

– Ssssss! Será que dizer verdades? Ssssss!

– Ssssss! Não saber, mas ssse não ser, nós atacar e dividir suas carnes. Ssssss!

– Por que mandou que chamassem todas as aranhas? – perguntou Narhen em sussurro.

– Para as aranhas deixarem o caminho livre para os outros. – respondeu.

O exército ninfos seguiu por outro caminho, dando a volta na base da montanha, na expectativa de chegar por trás.

Como estavam em grande número, revezaram para transportar os outros quatro participantes do grupo das gêmeas.

Dessa forma, conseguiam percorrer grandes distâncias em pouco tempo.

– Majestade – informou uma batedora ninfa –, as aranhas estão fugindo. Elas estão se dirigindo para a passagem das montanhas e deixando o caminho livre para nós.

– Não gosto disso! Me cheira a emboscada!

– Então não seria melhor se as atacássemos pelas costas?

– Não! Devemos seguir com muita cautela. Devemos evitar ao máximo o confronto, pelo menos até termos resgatado minha filha.

As irmãs continuavam seu caminho e, atrás delas, uma nuvem de pernas peludas aumentava a cada instante.

– Nunca pensei que o exército das aranhas fosse tão grande. – disse Ishiá.

– É verdade. Não teríamos a menor chance se tivéssemos de lutar contra elas. Superaram em muito o exército dos ninfos.

Ao se aproximarem da base da montanha, foram recebidas por um grupo de aranhas da guarda da rainha.

– Ssssss! Vocês demonstrar coragem ao entrar em nosso domínio. Ssssss! Nós pensar que não vir. Ssssss! A rainha mandar que nenhuma das duas ser tocada, mas o que esse animal fazer aqui? Ssssss! Ele não ser permitido. Ssssss! Ter de matar. Ssssss!

– Não! – disse Narhen – Ele é nosso companheiro, e sem ele não conseguiremos abrir o portal.

– Ssssss! Ora Sssssss! Não fazer mal ele seguir. Sssss! Ssse elas não conseguir abrir o portal, ter um pouco mais de comida. Sssss! – disse outra aranha.

O cortejo abriu passagem para os três e os seguiram. A partir daquele ponto, não era fácil para nenhum dos três continuar. A trilha era acentuada e estreita. Havia pontas de rochas cortantes em ambos os lados. Em alguns pontos, as irmãs tiveram de ajudar com as mãos para conseguirem subir. As aranhas, com suas oito pernas, subiam com facilidade e ficavam zombando das humanas.

De repente a trilha bifurcou, onde uma continuava em direção à montanha e outra tomava outra direção à direita.

– Ssssss! Vocês dever seguir por aqui! Sssss!

– Mas a rainha está nos aguardando em sua toca.

– Ssssss! A rainha esperar vocês no portal! Ssssss! Ssser para lá que dever ir! Ssssss!

As irmãs se olharam apreensivas.

Não esperavam se afastar da toca da rainha. Queriam estar perto dos jovens ninfas para protegê-los, mas não tinham escolha. A trilha seguinte era um pouco mais tranquila. Ela contornava uma colina lateral. Havia grandes aranhas chiando em toda parte. A colina estava coberta por elas e, assim que as jovens a contornaram, encontraram a rainha das aranhas as aguardando junto a uma parede rochosa.

Ela era gigantesca. Sua aparência era ainda mais assustadora do que quando a viram através de suas formas astrais.

– Sssssss! Ssser vocês que aparecer para mim? Sssssss! Estar diferente! Sssssss!

Antes que pudessem responder, a rainha das aranhas viu o lobo.

– Sssssss! O que esse animal fazer aqui? Sssssss! Não permitir mais ninguém vir. Sssssss! Vocês trair o acordo! Sssssss! Matar! Sssssss!

– Não, majestade! – falou Narhen. Não traímos o acordo – Foi com a ajuda dele e daquele pássaro que nossos espíritos chegaram até vossa alteza. Precisamos da ajuda dos dois para abrir o portal.

– Sssssss! Aquele pássaro atrás de restos de comida e não para ajudar! Sssssss!

– Podemos provar! – falou Ishiá – Ele descera e pousará nessa rocha ao meu lado.

Ishiá chamou seu guardião com o pensamento. A águia emitiu um piado alto, fechou as asas e mergulhou em direção ao solo. Quando estava próxima, abriu novamente as asas e pousou exatamente onde a jovem havia dito.

– Sssssss! Essstar bem, mas esssperar não ter outra surpresa. Sssssss!

– Qual a localização do portal? – perguntou Narhen.

– Sssssss! Vocês essstar bem ao lado! Sssssss!

– Essa parede de rocha?

– Sssss! Sssim. Sssssss!

– Onde está a joia? Precisamos dela para abrir o portal!

A rainha aracnídea se afastou e disse:

– Sssssss! Ali, junto à rocha. Sssssss!

Narhen caminhou até a joia e abaixou-se para pegá-la enquanto as aranhas à sua volta chiavam.

Quando ergueu a mão em direção à peça, o bracelete do dragão brilhou forte e aqueceu, alertando-a de perigo. Instantaneamente ela retraiu o braço e ficou novamente de pé.

– Essa joia está envenenada! Não posso tocá-la.

– Sssssss! O que essstar dizer? Sssssss! Issso ser algum truque? Sssssss! Querer me enganar por ver que não conseguir abrir a passssagem? Sssssss!

– Não, majestade. Existe veneno nessa joia. Veneno de aranha. Se eu tocá-la, serei contaminada e não sobreviverei, mesmo que o portal seja aberto.

– Sssssss! Impossssível! Sssssss! Não haver veneno quando o colocar nesssse local. Sssss!

A rainha virou-se e se aproximou enquanto Narhen se afastava.

– Sssssss! Ssser verdade! Sssssss! Sssintir cheiro do veneno. Sssss!

– Esse era seu desejo, majestade? Matar-nos? Nós viemos por livre vontade para ajudá-la e esse é o tratamento que nos preparou?

A rainha virada para a jovem, erguida ainda mais nas patas, apresentava-se ainda maior.

Ela chiava alto e sua ira era reconhecida pelo seus servos, que afastavam lentamente.

– SSSSSSSSSSSSSSSSSSS! SSSSSSSSSSSSSSSSS!

A rainha girava lentamente em seu próprio eixo, procurando por algo.

Então ela viu.

– SSSSSS! VOCÊ! Sssssss! Por que despejar veneno na jóia? Sssss!

– Sssssss! Não ssser eu, majestade! Sssss! Esse veneno não ssser meu. Sssss!

– Sssssss! Como não ssser seu? Sssss! Sssua função ssser guardar a joia e somente eu poder aproximar! Sssssss!

– Ssssf...

Antes que a aranha continuasse sua frase, outra aranha ainda maior saltou sobre ela e enterrou suas quelíceras em sua cabeça, matando-a instantaneamente.

– SSSSSS! O QUE? Sssssss! Porque fazer isso? Sssss! Ela estar a confessar! Sssssss!

– Sssss! Desculpar, majestade! Sssssss! Eu a esstar vigiando e ela esstar a tramar contra vossaa alteza fazer algum tempo. Sssss! Convencer outras aranhas a ssse juntar para a derrubar. Sssssss!

– SSSSSSSS! Por que a matar? Sssss!

– Sssss! Ssser um acidente! Sssss! Eu querer apenas imobilizar, mas não medir a força de minha picada. Sssss!

–SSSSSSSSSSSSS!

Enquanto ocorria a discussão entre as aranhas, a mente de Narhen foi tocada pela consciência do dragão do bracelete e, através dela, a mente da irmã.

Isso durou apenas alguns instantes, então:

– Majestade! – chamou Narhen – Essa discussão não ajudará em nada, mas creio que temos a solução.

– Sssss! E qual ser? Sssssss!

As irmãs se aproximaram da joia e se abaixaram de mãos dadas.

Elas ergueram a outra mão como se fossem pegá-la, mas as mãos não chegaram a tocá-la. Suas mentes se uniram e os braceletes dos deuses começaram a brilhar e suas energias, como uma névoa azul e âmbar, a envolvê-las.

As aranhas, inclusive a rainha, se afastaram temerosas.

Em seguida, essas energias seguiram em direção à suas mãos e, além delas, até a joia, envolvendo-a. De repente, o veneno incolor tornou-se negro e escorreu pela peça, deixando-a limpa e segura. A energia se dispersou e as irmãs soltaram as mãos.

– Pronto! Já está segura.

Narhen pegou a joia. Ela continha três pontas: duas paralelas, semelhantes às quelíceras das aranhas, e uma terceira, como um ferrão voltado para trás.

– Ssssss! Como fazer isso? Ssssss!

– Não fomos nós, foram os deuses através de nós.

– Ssssss! Deuses? Sssssss! Para nós não existir deuses, mas ssse existir para vocês, que ssse assim. Sssssss! O que pretender fazer agora? Ssssss!

– Já verá!

Narhen pegou a chave dos mundos por uma das extremidades e Ishiá pela outra. Assim que voltaram a se concentrar, a peça brilhou e a tira que a envolvia se soltou e se desenrolou. Ishiá pegou o item do mundo das aranhas e rapidamente encontrou o local de encaixe. Em seguida, se concentraram novamente e a tira voltou a se enrolar.

– Estamos prontas para tentar abrir o portal. falou Ishiá.

– SSSSSSS! TENTAR! SSSSSSS! VOCÊ MENTIR PARA MIM! SSSSSSS! DIZER QUE O ABRIR. SSSSSS! PEGAR TODOS! SSSSS!

– Eu não faria isso se fosse vocês. – disse Narhen – Infelizmente, como vocês, não temos asas e, portanto, tivemos de atravessar por toda a região de morte. Nossos corpos e todos os pelos e penas que os recobrem contêm o pó mortal. Qualquer uma de vocês que nos tocar morrerá.

– SSSSSS! Então estar apenas a trazer a morte até nós! Ssssss!

– Não, majestade. Viemos fazer o que falamos que faríamos. Deixe-nos tentar salvá-los. – disse Ishiá.

– Por favor, majestade! Se permitir que tentemos, tem a chance de manter sua sobrevivência e de seu povo. Se nos matar, terá apenas a morte como futuro.

A rainha as fitou e disse:

– Ssssss! Dar essa chance a vocês. Ssssss! Ssse não conseguir, eu mesma matar e dividir ssseus corpos e dos jovens ninfos com meus súditos. Ssssss!

As irmãs sentaram no chão uma de frente à outra, e seus guardiões se posicionaram próximos a elas. Ambas seguravam o corpo da chave dos mundos e se concentravam. A energia dos braceletes voltou a envolvê-las, juntamente com

seus animais. Elas olhavam para a chave e para a parede de rocha na esperança de conseguir alguma indicação do que deveriam fazer, mas não percebiam nada e nada acontecia. Depois de algum tempo, a energia se dissipou.

– Ssssss! Desistir? Ssssss! – perguntou a rainha batendo as quelíceras.

– Não. Ainda não, majestade. Venha Ishiá, vamos tentar novamente.

Dessa vez as irmãs se dirigiram ao plano astral.

– “Narhen, o que faremos? Não está dando certo.”

– “Precisamos de ajuda!”

Ao dizer isso, o dragão prateado surgiu ao redor e as encarou.

– Dragão, precisamos de sua ajuda! Não sabemos como fazer para abrir o portal. Poderia nos ajudar? O que devemos fazer?

– Antes que a chave dos mundos esteja completa, precisará de um objeto do mundo que pretende abrir. Ele servirá como um elo entre os mundos. O objeto deve ser colocado junto ao portal para que ele se abra.

Em seguida, as irmãs retornaram aos seus corpos.

– Ssssss! Eu ver que nós ssser unidas pela morte. Ssssss!

O veneno escorria pelas presas da rainha.

Todas as outras aranhas chiavam na expectativa de um ataque.

– Majestade, precisamos de outro objeto de seu mundo para que o portal seja aberto. – disse Narhen – Ele servirá de ligação entre esse e o seu mundo. Existe outro objeto?

– Ssssss! Isso parecer algo para ganhar tempo! Ssssss!

– Será nossa última tentativa! – disse Narhen.

– Sssssss! Então, que ser! Ssssss!

A monarca ergueu-se em seis de suas patas, revelando a parte inferior de seu corpo.

Lá, na junção do abdômen, havia uma pequena placa de ouro.

Essa placa, além do sinal de realeza, servia também para proteger a parte mais vulnerável de seu corpo.

– Ssssss! Poder usar issso. Ssssss!

– Depois que o portal for aberto, o objeto poderá ser retirado. Nós manteremos o portal aberto enquanto for necessário.

– Por favor, coloque-a no local do portal. Não queremos que se contamine com o fungo.

A rainha aproximou-se da parede de rocha e pendurou a placa no meio da parede, em uma saliência. As jovens retiraram as gemas dos dragões de suas sacolas e as colocaram unidas bem abaixo da chave dos mundos. Quando voltaram a se concentrar, as gemas brilharam forte. Seus braceletes se acenderam e liberaram as energias. Os olhos dos animais resplandeciam como o fogo.

Uma nevoa cresceu e formou um turbilhão em torno dos quatro. As aranhas recuavam, tremendo e chiando. Apenas a rainha permanecia no mesmo local.

De repente, uma energia prateada emergiu em forma de dragão e, em espiral, se elevou ao céu.

– SSSSSS! TODAS MORRER! SSSSSS! – gritavam as aranhas, mas a rainha, em silêncio, continuava no mesmo local em que estava.

O dragão mergulhou em direção à chave dos mundos e, quando a atingiu, a união de todas as energias gerou uma luz tão forte que iluminou a noite que começava. Em seguida, a luz foi dirigida para a placa na parede de rocha que, ao ser atingida, dividiu a luz, espalhando-a pela pedra. Então, um ruído foi ouvido.

A placa estava caída no chão, e atrás dela havia uma grande passagem que levava a um mundo rochoso e ensolarado. As formas astrais das irmãs surgiram em frente à rainha.

– Cumprimos nossa parte. Agora cumpra a sua e liberte os jovens ninfos e siga de volta a seu mundo. – disse Narhen.

– Sssssss! Sim, vocês cumprir! Sssssss! Agora eu cumprir a minha! Sssssss! Os jovens ssser libertados! Sssssss!

A rainha aranha emitiu um grito muito alto e compassado. Ela repetiu o mesmo som algumas vezes e parou.

Então, outros gritos foram ouvidos na sequência, cada vez mais longe.

– Sssssss! Eu dar sinal para que todos de minha raça vir para o portal. Sssssss! Quando o último passar, poder bussscar em sssuas celas. Sssssss! Nenhum deles ssser molestado. Sssssssss!

De todos os cantos surgiam aranhas de todos os tamanhos, que depressa atravessavam a abertura na rocha de volta ao seu mundo. Quando a multidão de aranhas começou a ralar, a rainha virou-se para as duas e disse:

– Sssssss! Ninguém nos tratar como vocês, e eu as respeitar por isso. Sssssss! Por nos devolver ao nosso mundo, ficar em dívida. Sssssss! Se algum dia precisar, eu retribuir o favor. Sssssss!

Ao dizer isso, a rainha caminhou até a placa, a prendeu novamente em seu abdome, e atravessou a passagem, seguindo seu caminho. Quando já não havia mais aranhas para atravessar, o portal desapareceu, assim como a energia que as envolvia.

Exaustas, as irmãs desmoronaram ao solo, e o mesmo ocorreu com seus guardiões.

De repente ouviram:

– Sssssss! Vocês destruir minha chance de tomar o poder. Sssssssss! Agora pagar. Sssssssss! Eu morrer nesse mundo, mas vocês e aqueles filhotesss de ninfos morrer comigo. Sssssss!

Era a aranha que atacara e matara a que tinha a obrigação de proteger o item do Uòhrik.

Narhen tentou alcançar sua espada, mas o cansaço foi maior e ela apagou.

– Narhen, beba! Você precisa beber um pouco!

Uma frase surgiu em meio ao emaranhado de sons estranhos.

– Vamos! Abra a boca!

A jovem lentamente abriu os olhos e viu Zarthrus e Galler ao seu lado.

– Até que enfim acordou! – disse o gnomo – Pensei que dormiria por mais dois dias! Vamos, abra a boca e beba. Vai renovar suas energias.

Uma bebida muito doce, com um sabor já conhecido, escorreu por sua garganta.

– Isso! Só mais um pouco.

A jovem bebeu e depois empurrou o pote de sua frente.

– Água! Dê-me água. – disse com voz arrastada.

– Água? Está bem! O gnomo fez um sinal ao elfo e ele aproximou o odre dos lábios da jovem, que bebeu bons goles.

– Ei! – disse ele – Vá com calma. Beba devagar.

A jovem olhou para o lado e viu uma grande aranha morta a alguns metros.

– O que aconteceu? Lembro-me do portal se fechando e depois vi essa aranha sobre nós. ... Ishiá. Onde está Ishiá?

– Tenha calma. Ela está bem. E os animais também. Ninguém se feriu.

– Onde está minha irmã?

– Já disse! Ela está bem! Está ali, deitada ao lado de Grendhel.

– Diga-me de uma vez. O que aconteceu? A aranha... Tentei sacar minha espada, mas tudo ficou escuro.

– Nós explicaremos tudo, mas, por hora, deve se recuperar.

– Não consigo entender: por que você tem sempre que nos dar mais trabalho?
– disse o gnomo – Sua irmã já acordou faz tempo.

– Acho que é para ter mais atenção. – respondeu sorrindo.

– E consegue! – concluiu retribuindo o sorriso – Agora descanse um pouco mais. Você gastou muita energia e ainda vai levar algum tempo para se recuperar.

A jovem fechou novamente os olhos e voltou a dormir.

Algumas horas mais tarde ela tornou a acordar. As fogueiras já estavam acesas para a noite que se iniciava. Ela se levantou e se aproximou de seu grupo.

– Irmã – disse Ishiá, que correu para abraçá-la –, está se sentindo bem?

– Tirando o fato de parecer que fui pisoteada, estou.

– Isso vai passar. Venha comer algo.

Narhen se sentou junto ao lobo para acariciá-lo.

– Ora! Vejo que já se recuperou. – falou uma voz conhecida se aproximando.

Era Ürrmhatil que chegava, e com ele, seu filho e a princesa.

– Então essa é sua verdadeira forma. – disse a jovem ninfa.

– Desapontada?

– Me acostumarei. – sorriu.

– Onde está sua mãe, a rainha?

A jovem baixou os olhos.

– Infelizmente, já não está mais entre nós. – respondeu Ürrmhatil.

– Vou contar-lhe o que aconteceu. – disse Galler.

Todos se sentaram em torno da fogueira.

– Depois que nos separamos, contornamos o território das aranhas o mais próximo que podíamos aos pântanos. Os ninfos se revezaram e nos transportaram sobre a zona da morte. Contornamos a base da montanha até podermos subi-la pelo outro lado, que por sorte era bem mais fácil do que pelo qual chegamos. No início não encontramos nenhuma aranha, e achamos estranho, mas não tardou e os batedores as viram saindo de suas tocas e correndo em direção a essa colina. Suspeitamos que devesse ser por vocês e nos apressamos para chegar até os prisioneiros. Alcançamos o topo da montanha e as aberturas e, de acordo com a descrição que deram, não demorou para encontrarmos a correta. Como disseram, estava coberta com teias. Utilizamos os esporos e nossas armas na esperança de abrir depressa o caminho, mas aquelas teias não eram com as outras, e não se cortavam facilmente. Além disso, se grudavam com muito mais facilidade. Vários ninfos ficaram presos, dificultando o trabalho. Resolvemos então atacar pelas outras entradas. Nem bem chegamos a elas e várias aranhas nos atacaram.

– Apesar de estarmos em maior número, elas tinham a vantagem. – continuou Grendhel – A única forma de entramos era pelos túneis, e até uma aranha cega os conhecia melhor que nós. Muitos ninfos pereceram. Eles não podiam voar e as paredes eram cobertas por teias pegajosas.

– Eu e alguns outros ninfos permanecemos no topo da colina, e lentamente conseguimos abrir passagem e entrar. – disse Zarthrus – Porém, assim que alcançamos os jovens, nossa passagem foi lacrada por uma grande aranha. Era impossível voltar pelo mesmo caminho. A aranha deu alerta às guardas internas, próximas da cela. Mesmo elas tinham dificuldade para atravessar, rompendo as teias que a rainha havia colocado para fechar a passagem. Estávamos presos e lutando para que nenhuma delas invadissem o local.

– Pouco a pouco forçamos nossa passagem até a câmara principal. – continuou Galler – Lá estavam várias aranhas nos esperando. Depois de alguma luta, conseguimos derrubá-las. A rainha ninfa, Ürrmhatil e alguns de seus guardas invadiram o túnel que dava acesso à prisão de seus filhos e lutaram bravamente contra as criaturas. Estavam vencendo quando chegamos dando reforços. Uma aranha estava encurralando Ürrmhatil e a rainha se preparava para acertá-la quando ouviu o grito de sua filha no interior da cela. Uma das aranhas ultrapassou o bloqueio e já havia matado dois dos ninfos que lá estavam e ferido outros. Zarthrus havia sido lançado do outro lado da cela e ficou preso nas teias. O objetivo da aranha era destruir os jovens. A rainha não teve escolha quando mudou a direção de sua arma e derrubou a aranha, impedindo que sua filha sofresse. Sem perceber, a rainha se posicionou abaixo de uma toca de aranha e foi atacada pelas costas. Grendhel percebeu e arremessou seu machado, acertando a aranha e matando-a, mas tinha sido tarde demais para rainha.

– Encontramos também, em uma passagem próxima ao salão principal, um grande túnel. – disse Mhirfun – Estava lacrada e não havia aranhas em seu interior. Na verdade, encontramos vestígios do fungo. Creio que deva ser por ele que chegaram até a floresta e capturaram os jovens, sem ter de enfrentar o pântano ou o deserto.

– Por fim, vistoriamos todas as passagens e espalhamos os esporos do fungo por toda parte. – disse Ürrmhatil – Não queremos que nenhuma das que tenham desistido de voltar para seu mundo sobreviva.

A princesa levantou-se da rocha onde estava sentada e se afastou chorando.

– Ela lamenta a morte da mãe. – falou Ürrmhiorr antes de sair atrás dela.

– Depois de vencermos a batalha na montanha, eu, Galler, Mhirfun e Zarthrus viemos depressa em seu auxílio, e chegamos no momento exato, quando a rainha aranha entrou pelo portal e ele se fechou e vocês quatro desabaram. Foi então que percebemos a aranha que estava escondida aguardando para atacá-las. Nós corremos e vimos quando tentou pegar sua espada e desmaiou. A aranha estava de pé sobre vocês, e Galler disparou três flechas seguidas. Isso a fez recuar e se voltar para nós. Eu arremessei meu pequeno machado, que se cravou entre seus agulhões. Galler continuou lançando suas flechas, impedindo-a de fugir. Então nós quatro a atacamos ao mesmo tempo e a matamos.

– Infelizmente, a força do adversário foi subestimada e muitos de meu povo pagaram por isso. Muitos morreram e muitos estão feridos. – lamentou Ürrmhatil – Porém temos a certeza de que uma nova vida está por começar. Meu povo irá florescer novamente. Devem descansar o máximo que puderem, pois amanhã entraremos pela passagem lacrada, na tentativa de fugir dos perigos do deserto e do pântano, assim como fizeram as aranhas.

Ao dizer essas palavras, o ninfo levantou-se e se afastou do grupo.

– Venha, Mhirfun. – chamou o gnomo – Vamos dar um pouco mais de comida para os nossos amigos animais.

Narhen também se levantou e se afastou, pensativa.

Grendhel a seguiu.

– Há algum problema lhe incomodando? – perguntou.

– No fim, fiz mau juízo da rainha. Ela estava tentando ajudar Ürrmhatil e acabou morta.

– Não! Você estava certa.

– O que?

– A rainha não ia disparar sua arma na aranha. Era em Ürrmhatil.

– Como pode dizer isso?

– Foi no momento em que chegamos. Ürrmhatil e vários ninfos lutavam contra a aranha, quando ela o arremessou a alguns metros. A rainha ia aproveitar a chance para atingi-lo. Teria sido um acidente, e ninguém a julgaria. Ürrmhatil percebeu e a fitou nos olhos, aguardando a morte. Eu vi a aranha saindo da toca e se preparando para atacá-la. Por alguns instantes eu hesitei. Foi então que o destino fez a princesa gritar e tudo mudou. O restante você já sabe. Seu julgamento estava correto. Ürrmhatil percebeu que eu tinha presenciado toda a cena e me pediu silêncio. Não queria que a filha guardasse essa mágoa pela mãe.

– Ele é sábio. Mas por que está me contando?

– Apenas para que soubesse que tinha razão, e para que sempre confie em seus sentimentos.

Grendhel se afastou, deixando Narhen absorta em seus pensamentos.

No dia seguinte, bem no alvorecer, o som de uma corneta soou e todos se levantaram, preparando-se para a viagem.

Assim que o sol surgiu no horizonte, Narhen e Ishiá puderam pela primeira vez observar a dimensão do estrago que aquela batalha causou no grande exército ninfo.

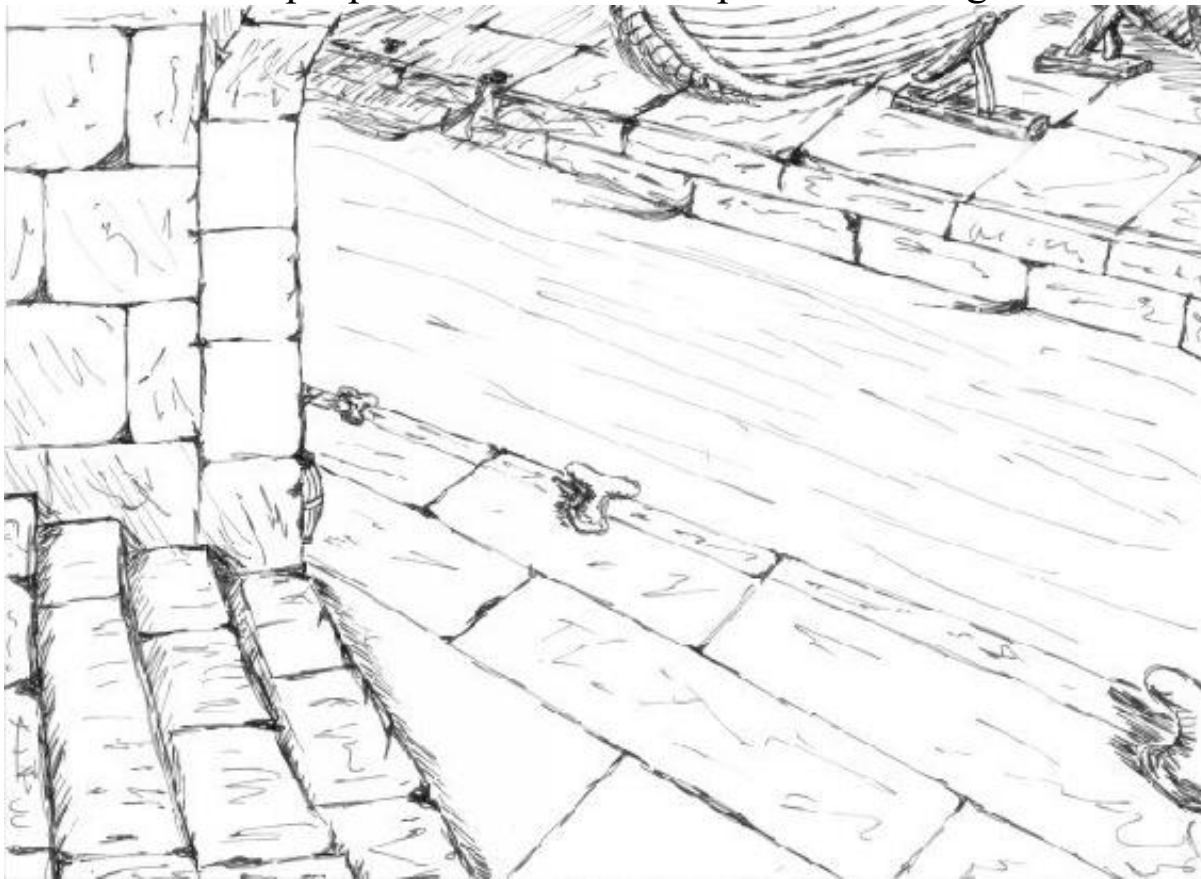
Cerca de um terço havia sido morto e, dentre os guerreiros restantes, uma grande parte estava bastante ferido. Para vários deles, voar deixaria de ser uma realidade.

Se a batalha tivesse ocorrido contra todo o contingente das aranhas, nenhum ninfo sobreviveria.

Enquanto desmontavam o acampamento, Mhirfun retornou de sua pesquisa e comunicou suas descobertas aos líderes dos ninfos e a seu grupo.

– Creio que meu palpite está correto. Durante a noite, efetuei uma investida na passagem lacrada e realmente nenhuma aranha se atreveria a passar por aqueles túneis. O fungo se espalhou por todos os cantos e seguem na direção contrária a

que viemos. Descobri também que essa passagem, no passado, foi utilizada pelos povos que aqui viviam. Existe um rio subterrâneo e alguns barcos que parecem conservados. Acredito que possamos utilizá-los para nossa viagem de volta.



– Mas, se existe um rio, como as aranhas poderiam ter utilizado esse caminho até a floresta? – perguntou Grendhel.

– Parece-me que esse túnel é natural, porém uma de suas margens foi trabalhada. Existe um caminho que acompanha o curso do rio e é largo suficiente para que quatro ou cinco homens caminhem lado a lado.

– Então, o que estamos esperando? – disse Grendhel – Se existem barcos, quero dar uma olhada neles. Podem nos poupar um grande esforço.

Ao toque de outra corneta, o exército tomou direção da montanha amaldiçoada. A simples visão da entrada principal que levava ao salão da aranha monarca fez o coração da princesa disparar.

– Tenha calma, minha amada! Estou com você e já não existem aranhas para nos aprisionar.

– A impressão que tenho é que aqueles monstros estão escondidos, apenas esperando para nos atacar a qualquer momento.

– Não se preocupe. Já não existe mais nenhuma delas viva nesse mundo.

O cortejo entrou pelo túnel principal e, antes de chegar ao salão, tomou uma passagem secundária.

Nas horas após a batalha, o fungo se instalou e se espalhou por todos os locais onde havia algum vestígio das aranhas. O fungo dissolvera as teias que

recobriam os túneis.

Ishiá carregava uma pequena tocha.

– Vejam essas inscrições nas paredes. – disse ela – Essas cavernas tiveram outros moradores antes das aranhas.

– Talvez tenham sido eles quem confeccionaram o mapa que tive durante algum tempo. – teorizou Ürrmhatil.

– Se estiveram aqui quando elas chegaram, é provável que seja esse o motivo de seu desaparecimento. – concluiu Narhen.

Em pouco tempo de caminhada, a passagem se tornou uma rampa suave que descia em curvas.

No final, ela desembocava em uma grande caverna onde o rio corria.

As macas com os feridos foram deitadas ao solo enquanto Grendhel, seus amigos e os líderes dos ninfos foram até as embarcações que Mhirfun havia mencionado.

Eram seis barcos longos, com cerca vinte metros de comprimento por seis de largura. O casco não era profundo, mas tinha dois níveis. Apesar de estarem no interior de uma caverna, havia em cada uma das embarcações um pequeno mastro com uma pequena vela de fibras. Em toda a sua volta existiam lanternas. Em algumas, havia uma lente de cristal transparente voltada para fora do barco.

Nenhum deles entendia o motivo do cristal e nem o motivo de uma estrutura semelhante a um leme em sua proa. A diferença era que, apesar de estar presa ao barco, ela era mais larga e apontava para cima, e não para a água.

Grendhel verificou a madeira e entrou nas embarcações.

– A madeira está bastante seca. Talvez seja por isso que resistiu nesse local por tantos anos. – avaliou Grendhel – Mas precisamos colocá-las na água. Ver se existem vazamentos e se suporta nosso peso.

A primeira embarcação foi empurrada sem sacrifício. Todos se espantaram com seu baixo peso. A madeira na qual fora construída lembrava muito aquela com a qual fizeram a carroça no mundo dos dragões. Era bastante leve.

Grendhel aguardou algum tempo para entrar na embarcação após ela ter entrado na água.

Ele entrou e percorreu cada canto procurando vazamentos.

– Encontrei alguns vazamentos, mas assim que a madeira absorveu água e inchou, eles pararam. Esse barco me parece muito seguro. Creio que poderemos utilizá-lo.

Parte dos feridos e os destinados a cuidá-los foram acomodados no barco, antes que fizessem a mesma operação com os outros.

No final, quatro dos barcos foram suficientes para comportar a todos.

Em cada um dos barcos havia quatro remos, dois de cada lado do convés e, da mesma forma que o barco, eram feitos daquela madeira leve.

Assim que todos estavam acomodados, foi dada a ordem de partir.

Quando acenderam as lanternas, entenderam o motivo do cristal. Embora as chamas fossem pequenas, o cristal ampliava e concentrava sua luz, e com isso conseguiam visualizar um bom trecho em toda a volta das embarcações.

Como Grendhel havia suspeitado, os remos eram suficientes para impulsioná-los, mesmo tendo os ninfos como remadores.

O rio corria tranquilo.

– Estão ouvindo alguma coisa? – perguntou Zarthrus, que seguia no primeiro barco.

– Apenas o barulho do vento! – respondeu Ürrmhatil.

– Não acha estranho? Estamos dentro de uma caverna e, até esse momento, não havia a menor brisa.

De repente, um vento contrário à direção dos barcos começou a soprar inflando as velas e impedindo que a embarcação seguisse seu destino. Ao mesmo tempo, a força das águas aumentou, talvez por terem entrado no leito principal do rio subterrâneo.

O barco ameaçava tombar, pois o vento empurrava em uma direção e a correnteza o arrastava em outra.

– Depressa! Baixem as velas. – gritou Grendhel.

– Estão presas! Não conseguimos soltá-las. – gritaram de volta.

O jovem correu pelo convés e, sacando sua espada, cortou a corda que a sustentava, liberando a passagem do vento e fazendo o barco voltar à sua posição normal.

– Eu estava pensando como seria a forma pela qual os antigos condutores dessas embarcações faziam para trazê-la de volta e agora já sei. – disse ele, respirando aliviado.

Com todas as velas devidamente recolhidas, retomaram o destino.

A correnteza impôs nova velocidade, e a estrutura existente na parte de trás do barco mostrou sua utilidade. Era realmente um leme, mas para o vento. Com ele, era muito fácil manter a direção sem a necessidade de utilizar dos remos.

Era impossível mensurar quanto tempo havia passado dentro daqueles túneis. Parecia uma viagem em uma noite interminável. Começaram a marcar o tempo pelas refeições que faziam e, quando calculavam que aquele deveria ser o terceiro

dia de viagem, algo tornou a mudar. O vento diminuiu, assim como a correnteza, e o barco foi perdendo velocidade.

Deixaram os barcos seguirem sem interferência e, no final, foram recompensados.

Da amurada, avistaram um local para aportar. Era um cais escavado na rocha. Utilizando dos remos, terminaram a aproximação. Após os barcos estarem presos em suas amarras, desceram para explorar o local. O barulho fez com que os morcegos que habitavam a caverna revoassem no seu interior, mas logo se acalmaram. Com tochas nas mãos, Grendhel e Mhirfun seguiram na frente.

Poucos instantes depois, ouviram o anão dizer:

– Aqui! Existe uma escada.

Eles subiram degraus largos em espiral e finalmente chegaram ao fundo de uma caverna, de onde podiam observar alguma luminosidade.

– Não deve ser profunda! – disse Mhirfun.

Havia raízes pendentes do teto, mas não chegava a atrapalhar a passagem.

Assim que contornaram uma parede, viram sua entrada recoberta por folhagens e cipós. Ao atravessarem, encontraram o frescor de uma manhã.

A princesa e o filho de Ürmhatil abriram os braços e respiraram profundamente.

– Cheguei a pensar que nunca mais iria sentir o cheiro das árvores e o calor do sol em meu rosto novamente. – disse ela.

– Mas estamos sentindo. – respondeu Ürmhiorr – Estamos livres e em breve de volta para casa.

Demoraram pouco tempo para readaptar os olhos à claridade do sol.

Saindo da caverna, havia um caminho quase imperceptível, por onde seguiram.

– Conheço esse local! – disse Ürmhatil – Estamos próximos ao vale dos deuses.

A mente de Narhen se lembrou da cena que lhe foi mostrada, onde os jovens ninfos se uniam em frente ao antigo templo de rocha, e de que essa união fazia surgir o item que vieram buscar naquele mundo.

– Então devemos retornar e buscar os outros. – disse a princesa – Precisamos trazê-los e levá-los para casa.

– Assim o faremos. – respondeu Ürmhatil.

Narhen pensou em pedir para irem ao pátio no vale dos deuses, mas Ishiá mentalmente lhe disse.

– “Irmã, sei quais são seus desejos, mas devemos esperar. Existem assuntos mais urgentes e que não podem esperar. Precisamos antes levar os feridos de volta ao seu povo e às suas casas, libertar Zoííster e tornar a princesa rainha. Somente

depois disso ela terá o poder de mudar as leis de seu povo e torná-lo unido novamente.”

– “Você está certa! Tenho de ter paciência.”

Todos retornaram pela trilha e caverna.

Quando desciam as escadas, perceberam uma grande luminosidade vinda de próximo ao rio.

Ao chegarem, se espantaram com tanta luz.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Ürrmhatil.

Foi então que Jhimëor surgiu e respondeu:

– Depois que saíram, fiz uma vistoria aqui e percebi algumas lanternas no alto das paredes, semelhantes às dos barcos. Bastou acendê-las e o dia se fez aqui dentro.

Nesse momento tiveram a verdadeira noção do tamanho daquele lugar.

Sem dúvida, no passado, o local deveria ter sido muito movimentado.

– Quem sabe, no futuro, não voltemos a utilizar esse local. – falou Ürrmhatil

– Ainda existe tanto de nosso mundo que não conhecemos... Podemos fazer daqui nosso ponto de partida.

– E chegada! – concluiu Ürrmhiorr.

– Tem razão, meu filho.

– E, como seu filho disse, precisamos chegar novamente ao restante de nosso povo. – disse a princesa.

– E é o que vamos fazer, majestade.

Recolheram os feridos e seus pertences e se puseram novamente a caminho de seus lares.

O retorno ao povoado ninfos foi lento, pois esse povo, acostumado a atravessar os ares, dessa vez era obrigado a caminhar.

Muitos dos feridos eram transportados em macas, outros, apesar de não estarem tão feridos, haviam perdido a capacidade de voar para sempre, com suas asas arrancadas ou destruídas pelas aranhas.

No final do primeiro dia, após terem emergido da caverna do rio escondido, alcançaram a borda da floresta antiga, onde montaram acampamento.

A princesa Zhoarrsstriss decidiu seguir até o povoado das ninfas acompanhada da general Ahstriarr, enquanto Ürrmhiorr seguiu para o acampamento dos ninfos acompanhado por Jhimëor, com a intenção de buscar reforços para o transporte dos feridos.

No alvorecer do dia seguinte, ambos retornaram com a ajuda.

As árvores se compadeceram por eles e abriram passagem, eliminando a maior parte dos obstáculos. Dessa vez, todo o restante dos rebeldes estava presente, e seguiram de volta ao povoado de onde haviam saído. Com a ajuda extra, chegaram ao destino ao meio dia. Antes de seguir para o palácio, a princesa ajudou a tratar a todos que necessitavam, independentemente de serem ninfas ou ninfos.

Ürrmhatil aproximou-se dela e disse:

– Princesa, Zoííster está mantida prisioneira nas prisões do palácio. Precisa libertá-la.

– Conheço seu pesar, mas no momento não posso fazer nada por ela. Se pudesse, já o teria feito ontem à noite. A magia das prisões é muito forte, e somente a rainha tem poderes para libertá-la além do conselho das ninfas, e no momento não existe uma rainha em nosso povo, e a corte não é a favor dos ninfos. Ela terá de esperar até que a nova rainha seja coroada para sentir novamente a liberdade.

– Entendo! Ao menos posso vê-la?

– A corte não poderá recusar um pedido meu. Pedirei a Ahstriarr para levá-lo, mas não sei se a magia permitirá que a veja.

– Mesmo assim eu agradeço.

A general se aproximou ao sinal da princesa e acompanhou o ninfo até as prisões.

No início da noite, Ürrmhatil retornou e encontrou-se com a princesa.

– Então, como está a sacerdotisa? – perguntou ela.

– Como disse, a magia impediu que me aproximasse muito, e a corte não viu com bons olhos o fato de eu entrar no palácio e voltar a sair. Mas, mesmo à distância, consegui vê-la e ser visto. Ela está feliz por ter voltado a salvo e espera ansiosa para que se torne rainha.

– Amanhã haverá uma reunião na cúpula do conselho onde a nova rainha será escolhida.

– Mas não será você? – perguntou Narhen.

– Existe uma chance disso não ocorrer.

– E qual seria? – perguntou Ishiá.

– Elas podem alegar que, embora eu seja a princesa e sucessora natural, o fato de ter sido mantida prisioneira por tanto tempo pode ter influenciado minha conduta, pondo em risco minha educação para o governo, e eu venha a levar o povo ninfo para a destruição.

– Mas isso é ridículo! – disse Narhen – Você sobreviveu a situações que a maioria delas nem sonharia.

– Eu sei, mas elas não.

– É permitido que alguém fale em seu favor? – perguntou Ishiá.

– O direito de acompanhar e de dizer algo, a favor ou contra, é dado somente aos membros do conselho, aos pretendentes ao trono e às sacerdotisas. Porém, como a sacerdotisa está presa, terei de enfrentá-los sozinha.

– Talvez não. – disse Galler – Existe alguma coisa em sua lei que diga que a sacerdotisa tenha de ser ninfa?

A princesa o olhou sem entender por alguns instantes e disse:

– Não. Mas onde quer chegar?

– Ishiá e Narhen são sacerdotisas e, se não existir nada em sua lei que diga que a sacerdotisa tenha de ser uma ninfa, então elas poderão acompanhá-la durante a reunião.

– Isso é verdade?

– Sim e não! – respondeu Narhen – Ishiá é uma sacerdotisa e recebeu todos os ensinamentos desde sua infância, e se tornou guerreira depois de adulta. Eu, por outro lado, cresci como guerreira, e recebi todos os ensinamentos de uma guerreira. Somente tive contato com alguns dos treinamentos das sacerdotisas depois que nos reencontramos. Portanto, não me considero uma verdadeira sacerdotisa. Além disso, não quero estar presente nessa reunião, quando essas ninfas que nunca

deixaram a proteção desse palácio começarem a dizer asneiras. Não quero colocar tudo a perder.

– Mas eu nunca participei de uma reunião desse tipo – disse Ishiá –, nem mesmo quando vivia entre os elfos. Não sei se terei condições de defendê-la.

– Ishiá – falou Narhen –, se não for, a princesa terá de enfrentar todo o conselho sozinha, e a chance de não se tornar rainha será muito grande. Além disso, podemos manter contato mental.

Todos olhavam para Ishiá, aguardando uma resposta.

Ela suspirou e disse.

– Princesa, se me permitir, gostaria de acompanhá-la nessa reunião.

– Eu não pediria outra coisa. – disse sorrindo.

No dia seguinte, as duas seguiram em direção ao grande palácio das ninfas.

Apesar de ser uma raça pequena, o palácio tinha grandes e largas portas, por onde Ishiá atravessou sem esforço. Para caminhar pelos salões e corredores, bastava que ela abaixasse um pouco a cabeça. Ao se aproximarem das grandes portas do salão do conselho, duas guardas, trajando um uniforme dourado e vermelho, mandaram que parassem.

– Alto! Somente a princesa tem permissão de entrar.

– Ela está comigo. Falará em minha defesa.

– Somente a sacerdotisa pode fazer isso. Ninguém mais.

– Mas é justamente o que ela é. E não existe nada em nossa lei que diga que a sacerdotisa tenha de ser uma ninfa. Ela entrará.

– Mas...

– Recusam-se a respeitar o que diz a lei?

As guardas se olharam e se afastaram, abrindo passagem.

– Desculpe-nos, princesa. Podem passar.

Assim que atravessaram a grande porta, os membros do conselho se levantaram zangadas, dizendo:

– Que ultraje! Isso é um desrespeito! Ela não mais respeita sua própria cultura! E ainda quer se tornar...

– Silêncio! – disse a líder do conselho, a ninfa que aparentava ser a mais velha, devido à quantidade de rugas e por seu lugar entre os outros – O que é isso? Você ousa nos desrespeitar trazendo qualquer pessoa para esse conselho?

– Não se trata de desrespeito. Eu tenho o direito de trazer uma sacerdotisa para falar por mim, e é isso que Ishiá é. Se não fosse, a magia que vocês mesmas colocaram nessa sala a teria impedido de entrar.

– Segundo nossa lei...

– Segundo nossa lei, a qual eu creio que vocês devam conhecer tão bem quanto eu, diz que tenho o direito de ser acompanhada por uma sacerdotisa, e não

diz que essa sacerdotisa tenha de ser uma ninfa.

Os olhos da líder faiscavam enquanto um burburinho se formava ao seu lado.

– Silêncio! – disse ela – Está bem, princesa. Vejo que conhece bem nossas leis. Ela poderá falar em sua defesa. Por favor, tome seu lugar.

A mesa do conselho era elíptica, com seu centro vazado. Virada para os membros do conselho, havia uma cadeira reservada à princesa. Como não havia uma cadeira suficientemente grande para comportar Ishiá, ela se sentou no chão, junto à mesa, também de frente para o conselho e às costas da princesa. Seu contato mental com a irmã mostrava que o julgamento estava por começar.

– “Agora entendo em parte a maneira pela qual a rainha governava.” – disse Narhen.

– “Narhen, por favor, deve manter a calma. Precisarei de sua ajuda!”

– “Esta bem! Vou me acalmar.”

O julgamento começou.

– Princesa – disse a líder do conselho – Tem consciência de que está aqui para ser julgada apta ou não para assumir o trono deixado por sua mãe?

– Tenho!

– E o que tem a dizer sobre isso?

– Fui educada por toda minha vida para assumir esse papel quando chegasse a hora de minha mãe deixá-lo. Tenho o direito natural de assumi-lo.

– Um direito questionável. Você foi educada por uma sacerdotisa que feriu a tradição de nosso povo ao proteger os ninfos quando esses deveriam ser castigados. Foi educada por uma ninfa que traiu suas semelhantes, tanto que foi condenada e morta por isso. Depois de sua morte, seu aprendizado foi destinado à sua filha, que como a mãe, também virou as costas para nossos costumes. Você mesma já virou as costas para nossa cultura ao tentar manter um relacionamento com um inferior.

– “O que essas ninfas pensam? Se não fosse por Zoíísthiar, uma guerra teria ocorrido muito tempo antes e talvez elas nem estivessem mais aqui.”

– “Narhen! Se acalme! Não está me deixando pensar. Preciso ouvir o que o conselho tem a dizer!”

– “Mas não suporto essa arrogância...”

– “Desculpe-me minha irmã, mas preciso bloquear seus pensamentos, caso contrário seria contaminada por sua ira.”

– O que pensam de Zoíísthiar está equivocado e, se não fosse por ela, uma guerra teria se instalado em nosso povo. Mas não é ela quem está sendo julgada, sou eu. Apesar da maneira que ela conduzia sua vida, nunca, em nenhum momento tentou mudar minha opinião a respeito das tradições de nosso povo. Ao contrário, me ensinou boa parte do que aprendi e permitiu que eu visse por meus próprios olhos a vida de nosso povo. Não permitia que eu ficasse presa entre as paredes

desse palácio. Ela dizia que uma rainha devia antes de mais nada conhecer o povo para o qual deveria governar. Depois de sua morte, a sacerdotisa Zoííster, sua filha, tomou seu lugar e também, como sua mãe, nunca ousou tentar dizer o que eu deveria fazer. Sempre me incentivaram a tomar minhas próprias decisões.

– Nega o envolvimento de ambas com os ninfos? Nega?

– Não. Mas o que faziam ou fazem de suas vidas, desde que não traga prejuízo a nosso povo, diz respeito apenas a elas.

– Crê que a maneira como agiam contra nossa cultura não trazia prejuízo a nosso povo? Elas influenciavam nossas guerreiras e faziam com que se rebelassem contra as leis e costumes que deveriam seguir. Isso não caracterizaria um prejuízo?

– Não estariam os nossos costumes errados, seguindo um caminho contrário ao escrito pelos deuses?

– Princesa, lembre-se que é você quem está sendo julgada, e não esse conselho.

– Esperem. – falou Ishiá.

A líder do conselho não gostou de ser interrompida.

– Não conhece os nossos costumes? Não pode falar enquanto não tiver permissão para isso.

– Então, peço permissão para falar.

– Pois então diga o que quer.

– O que a princesa disse faz todo o sentido. Vocês a estão julgando pela conduta de que suas instrutoras tiveram, e não pelas habilidades e capacidades que ela tem para o governo de seu povo. Ela está certa. Não pertenço a esse mundo e já estive em outros, e em nenhum eu vi a lei dos deuses ser tão desrespeitada quanto aqui. Em meu mundo, homens e mulheres, elfos e elfas, anões e anãs, gnomos e gnomas se unem em família para cuidar uns dos outros, para criar seus filhos e dar-lhes educação. Mesmo entre os animais, acompanhei lobos, pássaros e outros seres que construíram famílias respeitando as leis dos deuses. No mundo dos dragões, mesmo entre os Izmhur, seres cruéis que apenas viviam para devorar os outros, se uniam e protegiam suas famílias e crias, ensinando-lhes tudo o que sabiam para sobreviverem. Aqui, em seu próprio mundo, conhecemos uma grande família de pássaros que, embora muito mais fracos que as aranhas, se mantiveram unidos na proteção de seus filhotes e lutaram contra elas. O que vejo no reino das ninfas é um afastamento das leis divinas, onde as ninfas se acham superiores aos deuses e podem fazer suas próprias leis em detrimento das primordiais. Vocês já foram um povo numeroso e forte governados por ninfos e ninfas e, por algum motivo, resolveram se separar, achando-se superiores ao ninfos e os mantendo em um mundo secundário. O fato é que, apesar de se acharem superiores, não sobreviveriam sem eles. Se os ninfos se forem, ambos estarão fadados à extinção,

da mesma forma que as ninfas da água, que, ao se julgarem superiores aos deuses, expulsaram seus ninfos. Depois se arrependeram e buscaram por eles em toda parte, até mesmo em outros mundos, porém era tarde demais. Hoje, para que possam sobreviver, precisam abdicar de seu orgulho e se unir a seres de outras raças, e mesmo assim não sabem por quanto tempo mais o que restou de seu povo resistirá. Vocês julgam a princesa por um ato que vocês mesmas plantaram contra a correnteza divina. E justamente por estar contra essa correnteza é que estão fracos e gradativamente se desintegrando. A princesa que está aí em sua frente tinha a oportunidade de deixar esse local para sempre e formar um novo reino de acordo com as leis celestiais, mas veio por sua própria escolha assumir o lugar de sua mãe. Voltou para governar o povo que ama, pois não julgou justo condenar parte dele ao esquecimento. Com isso ela mostrou o principal de um governante: o amor por seu povo.

Ishiá parou de falar por alguns instantes.

– Isso é tudo que nos tem a dizer? – perguntou a líder.

– No momento sim. Gostaria que refletissem no que eu disse e nas atitudes da princesa e verão que ela é uma verdadeira rainha.

– O que disse vem de encontro com tudo o que nosso povo acredita e construiu durante milhares de anos. Com toda a nossa cultura e maneira de vida.

– Uma maneira de vida baseada na mentira! – disse Ishiá.

– Como se atreve?

– Vocês dizem isso por viverem dentro das paredes desse palácio e não perceberem o quanto é frágil essa cultura que acreditam ser correta. Nunca estiveram tão enganadas. Se não fosse pela união de ninfos e ninfas, a princesa ainda estaria presa ou morta. Muitos guerreiros, independentemente de serem ninfos ou ninfas perderam suas vidas lutando pelo mesmo ideal. Eles se uniram, não pela cultura e tradição, mas pelo amor aos seus filhos e pelo futuro de seu povo.

– Apesar disso, a princesa foi mantida prisioneira por muito tempo, e as suas tomadas de decisão podem ter sido afetadas pela solidão.

– A princesa suportou muito mais de que qualquer uma de vocês suportaria, e até mesmo muitas de suas guerreiras, e isso poderia ter sido verdade se ela tivesse sido mantida sozinha, mas não foi. E foi devido justamente a essa companhia que sua razão se manteve inalterada. Depois de livre, ela mostrou toda a força e convicção pertinentes a uma rainha.

– E quem foi essa companhia?

– A mesma que vocês tentaram afastar, mas que os deuses encontraram uma forma de unir. Foi Ürrmhiorr, filho de Ürrmhatil. Foi justamente o amor que sentiam um pelo outro que os manteve vivos até serem resgatados. Não percebem?

Por mais que tentem ir contra as leis divinas, mais cedo ou mais tarde elas lhes baterão novamente às portas dando-lhes novas oportunidades. Vocês têm uma escolha a fazer: recomeçar e tornar seu povo novamente forte e próspero ou esperar que seu povo defina até desaparecer. Vocês têm a chance de colocar uma rainha que pense em trazer a prosperidade a seu povo. Não pensem que encontrarão outra Zhoarssstriia em qualquer outra ninfa, mas encontrarão muito dela na princesa, sua filha e legítima herdeira do trono.

– Discutiremos o assunto entre nós, e depois diremos nossa decisão.

– Não! Vocês decidirão agora. – disse a princesa – Se não me aceitarem como sua governante, então não aceitarei vocês como parte de meu povo e me retirarei para outro lugar onde possa viver em paz. E saibam que qualquer um de meu povo que quiser me seguir será bem vindo. Reconstruiremos nossa civilização em outro local longe o bastante, deixando para trás todas as lembranças desse povo que um dia também foi nosso.

A noite já ia longa quando Ishiá e a princesa retornaram para junto dos seus amigos e companheiros.

– Pelos deuses! – disse Narhen – Até que enfim retornaram. Nunca mais bloqueie meus pensamentos. Não suportava mais não ter notícias de vocês.

– Foi preciso. Você não se acalmava e não me deixava pensar.

– Então? – perguntou Grendhel – O que ficou decidido?

– O que ficou decidido? – ecoou Ishiá, olhando para a princesa.

– Bem, vocês estão na presença daquela que em breve se tornará a nova rainha das ninfas. – respondeu a princesa.

No dia seguinte à notícia, a princesa e Ürrmhiorr se aproximaram das irmãs.

– Gostaria de agradecer a vocês pela ajuda que nos deram. – disse ela – Se vocês não tivessem vindo a esse mundo, nossas vidas teriam se extinguido em guerras ou solidão e, se não bastasse nos socorrer, livraram esse mundo daquelas terríveis criaturas e me ajudaram a assumir meu posto junto a meu povo.

– Não é necessário agradecer, princesa. – disse Ishiá – Os deuses nos confiaram essa missão e nós é que precisamos agradecê-los por termos conseguido realizá-la.

– Se houver algo que eu possa fazer por vocês, que peçam.

– Talvez haja. – mencionou Narhen.

A princesa a olhou esperando que prosseguisse.

– É realmente sua intenção acabar de uma vez por todas com essa tradição que seu povo insiste em manter? Deseja realmente acabar com essa separação?

– Sim. Este é o ninfo que escolhi como companheiro e que me escolheu como companheira. Juntos, governaremos nosso povo e o faremos crescer novamente.

– Se é assim, então ouça: nosso mundo também sofre com um mal que não pertence a ele, da mesma forma que as aranhas não pertenciam a esse. Fomos separadas ainda bebês sem saber da existência uma da outra, mas o destino, ou melhor, os deuses, fizeram com que nos reencontrássemos. Tivemos treinamentos diferentes e muitas provas antes que isso ocorresse, mas estamos aqui hoje. Juntas. Os deuses colocaram as provas em nossa frente para que nos fortalecêssemos e crescêssemos. A maior delas ainda está longe de ser cumprida, mas estamos trabalhando para isso. E para termos êxito nessa missão, precisamos atravessar os portais dos mundos e em cada mundo conseguir um objeto para compor o Uòhrik, a chave dos mundos. Somente depois de conseguirmos todos os objetos e a chave estiver completa, poderemos retornar e libertar nosso próprio mundo. Gostaria de pedir-lhe esse objeto.

– Mas que objeto é esse? Se souber onde se encontra, tem minha permissão para pegá-lo.

– Não é tão simples! Sabemos onde se encontra esse objeto, mas não podemos simplesmente pegar. Ele está dividido em dois, e mesmo que conseguíssemos ter as partes em nossas mãos, jamais poderíamos uni-las em uma única peça.

– Onde se encontram essas partes? Diga e tentaremos fazer delas apenas uma para vocês.

– Elas estão com vocês dois. – disse Ishiá – Uma parte está com você, princesa, e a outra com Ürrmhiorr.

– Conosco? – perguntou o jovem ninfo – Mas como? Não trago nada comigo além de minhas roupas e dessa corrente que eu mesmo fiz.

O ninfo retirou uma fina corrente com um pingente preso a ela. O pingente tinha a forma de um ninfo de perfil.

– Fiz essa corrente quando percebi que não poderia viver sem Zhoarrsstriss.

A princesa repetiu os movimentos do amado e retirou de debaixo de suas vestes uma corrente com um pingente igual, porém voltado para o outro lado.

– Fiz as duas peças e lhe dei uma, para que nunca esquecêssemos um do outro, não importando o que acontecesse.

– Pois são essas as partes do objeto a que viemos buscar. – falou Narhen.

– Então existe um problema. – disse o ninfo – Mesmo que lhes entreguemos essas peças, não poderão uni-las. Eu as fiz a partir de uma pedra que veio do céu. Precisei de muito calor para derreter e trabalhar o metal, mas depois que se endureceu e esfriou, não consegui derretê-lo novamente. Não existe calor nesse mundo que o derreta outra vez.

– Mas existe uma forma! – falou Narhen – Para isso, vocês deverão mostrar respeito à memória de seus antepassados e retornar à vida antes da separação. Devem se unir no grande pátio no vale dos deuses. Além disso, deverão retomar o trono que foi abandonado nas ruínas do templo palácio de onde seus antepassados governavam.

Os jovens ninfos se olharam e deram as mãos.

– Importa-se que eu entregue a joia que me deu? – perguntou a princesa.

– A única joia que me interessa é a que está em minhas mãos. Perto de você, nenhuma outra tem valor. – respondeu ele.

– Então, assim será. – disse a princesa para as irmãs – Dentro de dois dias será minha coroação, e eu escolho que seja no vale dos deuses.

Poucos instantes depois, a sacerdotisa entrou no acampamento em companhia de Ürrmhatil.

– Vejo que estão felizes. Agradeço aos deuses por isso.

– Zoíísther! – exclamou Ishiá – Então foi finalmente libertada.

– O conselho decidiu me absolver de minhas dívidas com a corte, visto que quem havia me colocado lá já não está mais entre nós, e que a futura rainha não é a favor de tal ato. Creio que o conselho esteja querendo cair nas graças da nova rainha.

– Não importa! – disse a princesa – O importante é que está livre e estará conosco quando formos coroados.

– Formos? – perguntou espantada a sacerdotisa.

– Bem, o conselho ainda não foi informado, mas saberá no momento certo. No momento, devem saber apenas que decidi onde será minha coroação.

A princesa fez-lhes uma referência e se encaminhou em direção ao palácio.

– Vejo que teremos uma grande rainha. – disse a sacerdotisa.

– E um grande rei. – disse Narhen.

Os dois dias se passaram e os preparativos foram todos concluídos.

Todo o povo niffo seguiu em direção ao vale dos deuses, com exceção de alguns que estavam muito feridos e outros que permaneceram para cuidá-los.

Os niffos trabalharam na limpeza do pátio e na organização do banquete da coroação, que aconteceria algumas horas à frente.

Quando a noite finalmente chegou, todo o pátio estava iluminado com tochas e o povo niffo vestidos para a festa da coroação, aguardando o surgimento da futura rainha.

Bem em frente à coluna que as irmãs e seus companheiros reergueram e limparam, havia um palanque com um trono em seu centro, posicionado de forma que ninguém perdesse a coroação. Seria nele que a princesa se sentaria pela primeira vez como a nova rainha niffa.

As quatro conselheiras estavam sentadas, duas de cada lado do trono. Narhen, Ishiá e seus companheiros estavam sentados num lugar privilegiado, ao lado do palanque. De repente, cornetas soaram e, vindo de uma grande tenda situada atrás do trono ao final das colunas do grande pátio, em direção ao templo palácio, surgiu a princesa voando lentamente.

Ela se vestia como a mãe, o traje real em branco e dourado, que a faziam brilhar na noite sob as luzes das tochas. Um pouco atrás, vinham quatro generais e, entre elas, vinha Ahstriarr. Todas vestiam o uniforme vermelho e dourado. Elas portavam estandartes.

O povo se calou e apenas o som das cornetas era ouvido.

A princesa, com olhar altivo, seguiu diretamente para o palanque e pousou bem em frente ao trono. As generais pousaram duas a cada lado do assento real. Então, a líder do conselho se ergueu e deslizou até a princesa, e ambas se olharam com altivez.

– Princesa! – disse a líder – Está aqui com a intenção de servir ao bem de seu povo?

– Estou!

– Jura proteger o seu povo contra qualquer mal que venha infringi-lo, mesmo que isso ponha sua vida em risco?

– Juro!

– Zelaré pelos costumes e tradições de nosso povo?

– Zelarei!

– Fará tudo o que for possível para promover a paz e harmonia entre cada parcela dele?

– Farei!

– Jura manter sua palavra e honra independentemente da situação em que se encontre?

– Juro!

– Então ajoelhe-se!

A princesa ajoelhou-se e manteve seu olhar ereto e altivo enquanto a segunda no conselho se aproximava com uma tiara de ouro incrustada de pedras e brilhantes.

A líder do conselho pegou a tiara entre as mãos e a ergueu para o povo.

– Eu, pelo poder que me foi concedido como líder do conselho das ninfas, venho mostrar-lhes o símbolo de nossa realeza e perguntar: vocês aceitam essa ninfa como sua legítima rainha e prometem amá-la e segui-la por nosso povo e prosperidade?

– SIM! – gritou o povo.

Então, a anciã virou-se para a princesa e disse:

– Eu, pelos poderes a mim conferidos, coroo princesa Zhoarrsstriss, filha de Zhoarrsstriia, como sucessora e rainha do povo ninfo da floresta antiga. Que os deuses guiem seu caminho com sabedoria e determinação para que conduza seu povo para a paz e prosperidade!

A líder do conselho colocou a tiara na cabeça da ninfa e retornou para seu assento.

A nova rainha se ergueu e olhou para todos os lados em silêncio. Assim como ela, em silêncio o povo aguardava suas primeiras palavras. Ela olhou para as irmãs que a reverenciaram e sorriram.

Então ela disse:

– Meu povo, estive presa e afastada de vocês por muito tempo! Durante o tempo de minha prisão, muitas vezes cheguei a pensar em desistir de tudo e me entregar ao esquecimento. Mas, sempre que isso acontecia, o que me fazia erguer novamente foi pensar que, se deixasse que isso acontecesse, estaria privando vocês

de uma nova vida. Uma vida onde tivessem o poder da escolha. Essa esperança foi uma das coisas que me deu forças para resistir e aguardar que fosse resgatada de meu cativeiro. Hoje estou aqui, e como havia jurado para mim mesma, assim o farei. Nossos antepassados, durante milhares de anos, prosperaram e nosso povo cresceu. Vivíamos em harmonia com a floresta e a floresta conosco. Porém criamos uma tradição e lei contrária à vontade dos deuses e da natureza, onde passamos a viver separados como ninfas e ninfos. Hoje, buscando a felicidade e harmonia de nosso povo e com os poderes que me promulgaram, venho dar-lhes novamente o direito de escolha. A partir de hoje, eu ponho fim na lei que impede que ninfos e ninfas se unam em famílias, deixando para vocês o direito de escolher a forma que desejam viver. Ou seja: estão livres para escolher se vivem de acordo com as tradições criadas por nosso povo ou em famílias criadas pelo amor em seus corações.

Grande parte do povo gritou de felicidade em comemoração àquelas palavras, enquanto outra parte não queria acreditar no que ouvia.

– Esperem! – disse a rainha – Tenham calma! Eu ainda tenho algo a dizer!

O povo se silenciou novamente.

– Para reforçar o que acabei de dizer, promulgo a partir desse momento uma nova lei, a qual torno eterna e inviolável: nosso povo jamais deverá ser novamente governado por apenas um único rei. Como nossos antepassados, o trono deverá ser compartilhado por uma ninfa e por um ninfo, havendo somente a exceção de que, na falta de um deles, o poder seja mantido provisoriamente pelo outro até que um novo casal real, unido pelos laços do amor, assuma o trono. E hoje, o povo dirá se aceita ou não seus novos governantes. Devido a isso...

A rainha fez um sinal para Ürrmhiorr, que se ergueu ao ar e deslizou até ela.

Em seguida fez outro sinal para Zoíísther, que também se ergueu ao ar em sua direção, levando consigo uma caixa nas mãos.

A sacerdotisa pousou ao lado da rainha e se abaixou em respeito ao mesmo tempo em que lhe erguia a caixa.

A rainha ergueu a tampa da caixa e retirou uma segunda tiara.

– Assim como a tiara que uso, essa tiara também pertenceu aos monarcas de nosso passado. Como diz nossa nova lei, venho coroar o ninfo que escolhi como companheiro para compartilhar o governo de nosso povo, com igualdade e amor.

Ürrmhiorr se abaixou e a rainha colocou a tiara em sua cabeça.

– Agora eu pergunto: meu povo, vocês nos aceitam como seus governantes?

Um grande sim foi ouvido enquanto o povo explodia em festa.

Os reis se olharam e deram as mãos sorrindo um para outro.

Eles se ergueram ao ar e, quando estavam acima das colunas do pátio, selaram aquela união com um beijo. De repente, de seus corpos, duas luzes

douradas se elevaram acima de suas cabeças. Elas se uniram e, dessa união, surgiu uma luz tão forte que iluminou a todos. Os jovens monarcas voltaram para o palanque observando a luz, que continuava forte. Então, a luz começou a diminuir e a descer.

Enquanto descia um objeto se formou em seu interior e, por fim, pousou entre as mãos dos reis.

As peças feitas pelo jovem niffo a partir de uma pedra celestial estavam agora unidas e com os braços entrelaçados em um eterno beijo. As correntes que as sustentavam também se fundiram, e encaixes se formaram.

Eles olharam admirados.

Ambos, rainha e rei, se ergueram ao ar e se dirigiram para as irmãs.

– Eis aqui o objeto que vieram buscar. – disse a rainha – Agora pertence a vocês.

Narhen o pegou e o mostrou para a irmã.

Em seguida, fez um sinal para Zarthrus, que retirou a chave dos mundos de seu alforje e lhes entregou. As irmãs a seguraram pelas extremidades e o tendão da asa do dragão se desenrolou, mostrando o corpo da peça.

Aproximaram o objeto dos ninfos e ele se encaixou em duas das aberturas deixando a mostra apenas mais uma.

A peça emitiu uma luz azulada e se apagou. O objeto estava em seu lugar.

As irmãs então disseram:

– O que esse tendão de dragão amarrar, jamais se soltará!

Novo brilho ocorreu e a tira estava novamente envolvendo o corpo da peça.

Uma grande energia correu pelo corpo das irmãs e os braceletes dos deuses responderam brilhando.

– Rainha, Rei – disse Ishiá, solenemente –, nós lhes agradecemos!

– Somos nós quem devemos agradecer a vocês pelo bem que proporcionaram a nosso povo. Mas agora devemos festejar essa nova era que está apenas começando.

Ishiá devolveu o Uòhrik ao gnomo, e todos se uniram em uma grande comemoração durante toda a noite.

No alvorecer de um novo dia, as irmãs se aproximaram dos reis.

– Altezas – disse Ishiá –, é chegada a nossa hora de partir.

– Mas ainda temos tanto a conversar...

– Não sabemos como, mas nossos corações nos dizem que é chegada a hora.
– respondeu Narhen.

– Então, que os deuses permitam que possam libertar seu mundo assim como fizeram com o nosso. – disse a rainha.

– Seremos eternamente gratos a vocês pelo que fizeram por nós. – disse o rei
– Se algum dia precisarem de nossa ajuda, estaremos prontos e à sua disposição.

– Obrigada, majestades. Estarão também em nossos corações por toda a eternidade. Esperamos que um dia os deuses permitam que nos reencontremos. – respondeu Narhen.

Então Ürrmhatil e Zoíísther se aproximaram para também se despedir.

– Meu amigo – disse o ninfo para o gnomo – Espero que você e seu povo voltem a esse mundo, que é sua verdadeira pátria.

– Quem sabe um dia possamos retornar. Porém tenho certeza de que vocês zelarão por ele e pela floresta antiga até nossa volta.

– Minhas amigas, que os deuses permitam que nossos caminhos voltem a se cruzar. – falou Zoíísther.

– És uma grande sacerdotisa. – disse Ishiá – Que a luz sempre ilumine seu coração e que possa aconselhar e confortar a todos que necessitem.

Ao dizerem isso, se voltaram em direção ao templo palácio e seguiram acompanhados por seus companheiros.

– Sabem qual caminho devemos seguir? – perguntou o gnomo.

– Não, mas nossos corações dizem que devemos ir nessa direção. – respondeu Ishiá.

Assim que se aproximaram do final do grande pátio, encontraram as duas colunas que formavam um arco, e pararam diante dele.

As gêmeas se olharam.

– Zarthrus – pediu Narhen –, por favor, dê-nos a chave.

As irmãs seguraram o corpo da chave e a ergueram.

Após respirarem fundo disseram:

– Que o portal para o outro mundo se abra!

Os braceletes dos deuses emitiram suas luzes, e estas envolveram suas donas.

A energia correu pelos braços das jovens e chegou à chave, que lançou uma energia dourada em direção ao arco. O vão abaixo das colunas se modificou e o novo mundo surgiu através dele. Sob o olhar de todo o povo ninfo o grupo de viajantes atravessou o espaço e o portal se fechou às suas costas.

Fim do Livro Quatro

(* * *)

O elfo levou o copo à boca.

O Bracelete do dragão esquentou de tal forma que Narhen teve de levar a mão até ele.

O oponente estava bastante próximo a ela.

Ele encheu a boca e, em seguida, soprou seu conteúdo em direção à jovem que, mesmo sendo rápida, acabou sendo parcialmente atingida.

– Por que fez isso? – perguntou enquanto passava a mão no ombro que foi atingido.

– Ora! Você não quis o meu agrado e me ofendeu com sua dúvida. Porém agora estamos quites.

O bracelete do dragão continuava quente.

O perigo ainda não havia passado.

O elfo caminhou lentamente ao redor da jovem sem esboçar qualquer intenção de ataque, apenas a observando.

De repente, a visão de Narhen ficou estranha e os sons já não chegavam tão claros.

– Você me envenenou! – protestou a guerreira.

– Mesmo sendo jovem, você superou o mais experiente de nossos guerreiros e estava certa em não aceitar a água, mas enganou-se ao pensar que se eu bebesse estaria segura. É verdade que eu não poderia ingerir um grande gole, mas o antídoto que tomei é o suficiente para não sentir nenhum dos efeitos. Eu não queria ter de sujar minhas mãos com você, mas infelizmente absorveu apenas uma pequena parte do veneno pela pele e não será o suficiente para matá-la.

Narhen já não conseguia manter o equilíbrio total. Suas pernas começaram a ceder e seus braços a pesar.

– Você trapaceou! Pensava que todos vocês agissem com honra, mas vejo que se comporta como uma serpente.

– Honra? Ora, isso é algo do passado. Somente os fortes e os mais espertos deverão sobreviver. Eu pensava que vocês fossem apenas uma lenda de meu povo, mas no momento em que vi você lutar tive certeza de que é real. Agora que sei que a história é verdade e tenho certeza de que utilizaram uma chave dos mundos para chegar até aqui. Os elfos de Emirthial não tem a mínima ideia de quem sejam. Eu posso me locomover até lá sem levantar suspeitas e, depois que estiverem mortos, pegarei a chave e farei um acordo com Arthimek. Deixaremos esse mundo morto e seguiremos para outro onde subjugaremos seus habitantes e nos tornaremos reis.

– Eu ainda não estou morta e não será um verme como você que me matará!

– Não se engane! Você se esquece de que são os vermes, aquelas criaturinhas pequeninas e silenciosas, que devoram os corpos dos gigantes? É um elogio me comparar a um. Em uma luta direta eu não teria a mínima chance contra você. É muito mais forte e ágil que eu, mas não mais inteligente. E eu prefiro utilizar a mente à força.

Narhen cambaleou e caiu de joelhos, apoiando-se em sua espada.

– Ele está trapaceando! – gritou Zarthrus – Você precisa impedi-lo.

– Não posso fazer mais nada! – respondeu Arwish – Depois que a arena é fechada, somente poderá ser aberta caso haja um vencedor.

– E se ela desistir? Poderá sair?

– Somente sairá com vida se seu adversário permitir. Essa é a lei!

– Então não há nada que possamos fazer?

– Não! Sua amiga deve vencer por suas próprias forças.

– Mas ela está quase sem forças. Será facilmente vencida.

Narhen observava o elfo caminhar à sua volta, porém usava todas as suas forças apenas para se manter consciente.

Enquanto caminhava, o elfo sacou sua adaga.

– Você me chamou de verme! Pois bem, farei como eles e cortarei você lentamente da mesma forma como eles devoram suas presas.

O elfo se aproximou e passou a lâmina em um dos braços de Narhen.

Ela gemeu de dor, mas não conseguiu nem mesmo erguer um dos braços para tentar se defender.

– Vejamos qual é o sabor de seu sangue!

– Maldito! Eu jurei não matar ninguém, a menos que não tivesse escolha, mas farei uma exceção com você. Se eu me recuperar, minha espada atravessará seu peito.

– Infelizmente para você, isso não acontecerá!

Novamente o elfo cortou a carne de Narhen.

O sangue jorrava lentamente.

Por mais que tentasse, não conseguia uma reação.

Seu corpo não podia se mover, mas podia sentir cada um dos cortes que sofria.

O elfo se aproximava, cortava e se afastava, saboreando cada um dos cortes como uma criança que saboreia a fruta mais doce.

(* * *)

Apêndice A

Para facilitar a leitura e o entendimento – principalmente de nomes – criei esse apêndice.

Deixo claro que não sou linguista, historiador ou tenho qualquer outra formação que me dê conhecimento para criar uma língua.

Tudo o que foi escrito veio em forma de inspiração desde a primeira palavra até o último ponto do último livro.

Tenho certeza de que a pronúncia de algumas palavras parecem complicadas, normalmente por tentarmos associá-la a algum idioma que já conhecemos, portanto, abaixo verão algumas orientações sobre a fonética das palavras desse livro.

Então lá vai:

Entendam que a divisão silábica nem sempre estará correta e servirá apenas para ajudar na pronuncia e que a letra maiúscula para indicar a sílaba tônica.

O ‘rr’ causa o efeito de um rosnado ou de um R um pouco mais arrastado que na palavra rato;

O ‘ss’ tem a sonoridade de um sibilo, com o ar sendo soprado entre os dentes de forma um pouco mais prolongada;

Aghor: A-gor – grande pântano venenoso que separa a floresta antiga (Panthok), o deserto (Thuiyri) e as grandes montanhas de (Thoriuzir);

Ahstriarr: as-trI-ar – primeira general ninfa e auxiliar direta da rainha Zhoarrsstriia;

Ashior Zhiü: A-chior zi-U – solo consagrado aos deuses ninfos;

Aranothoias: a-ra-na-tOi-as – aranhas gigantes, enganadas pelo Senhor das Sombras para que levassem destruição aos mundos irmãos;

Bholimmer: bo-lim-mEr – um dos companheiros da primeira jornada de Ürrmhatil em direção a Thoriuzir;

Farthorn: fAr-torn – chamada de Oceano Verde devido a seu tamanho e considerada local de habitação de seres malignos e mágicos, de onde todos os homens se afastavam;

Galler: gA-ler – elfo guerreiro e irmão de leite de Narhen, por quem nutre um grande amor correspondido;

Ghoris: gO-ris – flor do sono;

Grendhel: grEn-del – guerreiro amigo de Narhen. Companheiro de parte da jornada de Narhen e Liohr na busca pelo restante da família;

Goorrgum: gOr-gum – pássaro encontrado por Zarthrus preso em uma teia, que dedicou sua morte a ser o portador da arma dos ninfos contra as aranhas;

Ishiá: i-chi-Á – gêmea de Narhen, criada em Phart Halor (pArt Alor). Depois de ser salva com sua mãe, se tornou sacerdotisa;

Izmhur: iz-mUr – lagarto alado semelhante a um dragão que, apesar de não expelir fogo, utiliza do medo para caçar suas presas;

Jhimëor: ji-me-Or – ninfo amigo e um dos principais colaboradores de Ürrmhatil;

Mhirfun: mir-fUn – anão braço direito do líder de seu clã e dono de um imenso coração, embora tenha a resistência de uma rocha;

Narhen: nA-ren – guerreira criada em Larthimar (lar-ti-mAr), uma cidade élfica, após ser salva com seu pai;

Nhoriak: no-ri-Ac – líder do clã dos anões ao qual pertence Mhirfun;

Oathu: o-a-tU – capitão de caça do povo nativo no mundos dos dragões;

Panthok: pan-tOc – floresta antiga onde habitaram os gnomos e lar dos ninfos da floresta, onde as árvores não se fixam em um determinado local;

Thori Hanün: TO-ri a-nUm – rocha solitária;

Thoriuzir: to-riu-zIr – montanhas da perdição, grandes montanhas rochosas e repletas de cavernas;

Thuiyri: tu-i-I-ri – deserto seco e escaldante, lar de vermes das areias;

Uòhrik: u-Ó-ric – a chave dos mundos. Com ela completa, é possível abrir ou lacrar passagens ligando os mundos irmãos;

Ürrmhatil: ur-ma-tIl – líder dos rebeldes ninfos que lutam pela igualdade entre ninfas e ninfos;

Ürrmhiorr: ur-mi-Or – filho de Ürrmhatil;

Zarthrus: zar-trUs – gnomo salvo por Narhen das mãos dos mercenários;

Zhoarrsstriia: zo-Ars-tria – rainha dos ninfos da floresta;

Zhoarrsstriss: zo-Ars-tris – filha de Zhoarrsstriia e herdeira do trono ninfo;

Zingger: zIn-guer (a pronúncia da segunda sílaba é semelhante à sílaba da palavra alguém, truncando-se o ‘m’ por ‘r’) – nome dado a uma fenda muito profunda no solo, localizada entre Ashior Zhiü e Aghor;

Zoíísther: zo-Ís-ter – sacerdotisa do povo ninfo;

Zoíísthiar: zo-Ís-tiar – antiga sacerdotisa e mãe de Zoíísther.



www.achavedosmundos.com.br
Facebook - A Chave dos Mundos
@ - chavedosmundos@gmail.com
@ - zecmachado@gmail.com